

POLLYANNA JÚNIA FERNANDES MAIA REIS

PAULO FREIRE – ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

Junho

2012

POLLYANNA JÚNIA FERNANDES MAIA REIS

PAULO FREIRE – ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA DE VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientadora: Profa. Dra. Dylia Lysardo-Dias

POLLYANNA JÚNIA FERNANDES MAIA REIS

PAULO FREIRE – ANÁLISE DE UMA HISTÓRIA DE SUA VIDA

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Dylia Lysardo-Dias – Orientadora

Prof. Dr. Agostinho Potenciano - UFG

Prof. Dr. Alberto Ferreira da Rocha Júnior - UFSJ

Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino
Coordenadora do Programa de Mestrado em Letras

São João Del Rei

Junho

2012

Aos meus pais Helvécio e Luísa, pois a conquista é nossa.

A todos aqueles que de alguma forma
contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradecimentos

A realização deste trabalho é a concretização de um sonho e quero, agora, agradecer àqueles que fizeram parte desta conquista:

Primeiro e incontestavelmente a Deus, sem cuja força e luz nada seria possível.

À minha orientadora, professora Dylia Lysardo-Dias, pela confiança depositada em meu trabalho, pela orientação confiante, pelas sugestões, críticas e diálogo e por ampliar meu olhar tanto no âmbito acadêmico quanto profissional.

Aos demais professores do *Promel* pelas importantes sugestões e discussões.

Aos colegas de turma, pelas amizades construídas, pelas leituras, pelas trocas de experiências, pelos sorrisos, aflições e medos compartilhados. O meu “muitíssimo obrigada” à Aline Torres, Hellem Guimarães e David Inácio pelo companheirismo e amizade.

Agradeço especialmente e, sem palavras, à minha mãe Luísa e a meu pai Helvécio e, também, ao meu irmão Juliano por compartilharmos sonhos, preocupações e alegrias, pela paciência que tiveram nos momentos de cansaço, *stress* e até mesmo pela falta de tempo para com a família.

Agradeço à Capes pela bolsa concedida.

Muito obrigada à Viviane Santos pela revisão formal do texto da dissertação.

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia, não há nada mais simples. Tem só duas datas, a da minha nascença e a da minha morte. Entre uma e outra coisa todos os dias são meus. Sou fácil de definir...

Fernando Pessoa

Resumo

O presente trabalho pretende analisar como a figura de Paulo Freire é construída na biografia *Paulo Freire: uma história de vida*, escrita por Ana Maria Freire (2006) e, ao fazê-la, como a biógrafa acaba por construir uma imagem de si mesma. Para tanto, iremos construir nossa análise a partir do exame das vozes presentes ao longo da narrativa, atentando para o efeito provocado por elas na construção do sujeito biografado e, também, da biógrafa. Escolhemos para uma análise mais detalhada, alguns excertos que julgamos ser representativos para compor o *material de análise*, principalmente por serem dialogicamente construídos a partir dos diferentes dizeres que dão contorno à narrativa: a *apresentação* escrita por Ana Arruda Calado, o *prefácio* por Alípio Casali e Vera Barreto, o *discurso de posse* de Paulo Freire e a *introdução* e o capítulo *A gentidade de Paulo (parte VI)* por Ana Maria Freire. A partir da análise dessas vozes discursivas e dos signos verbais e icônicos que antevêm à *apresentação* é que propomos que a obra que está sendo analisada possui uma *dimensão (auto) biográfica*, a partir da hipótese levantada de que a biógrafa, ao construir a imagem do ser biografado, acaba por se revelar, especialmente na última parte do livro, *VI*, fazendo com que não consigamos definir a que gênero pertença a obra em análise. Dessa forma, abrimos espaço para discutirmos a partir das proposições levantadas por Lejeune (2008) e Arfuch (2010) sobre o horizonte interpretativo do espaço *(auto)biográfico* na contemporaneidade.

Abstract

The present work intends to analyze as the figure of Paulo Freire is constructed in the biography *Paulo Freire: a history of life*, written for Ana Maria Freire (2006) e, when making it, as the biographer finishes for constructing a same image of itself. For in such a way, we will go to construct to our analysis from the examination of the voices gifts throughout the narrative, attempting against for the effect provoked for them in the construction of narrated citizen e, also, of the biographer. We choose more for a detailed analysis, some excerpts that we judge to be representative to compose the analysis material, mainly for being dialogicly constructed from the different ones to say that they give con tour to the narrative: the presentation written for Ana Arruda Callado, the preface for Alípio Casali and Vera Barreto, the speech of ownership of Paulo Freire and the introduction and the chapter the gentidade of Paulo (part VI) for Ana Maria Freire. From the analysis of these discursives voices and the verbal and iconic signs that foresee to the presentation it is that we consider especially that the workmanship that is being analyzed it possesss a dimension (auto) biographical, from the hypothesis raised of that the biographer, when constructing the image of the narrated being, finishes for if disclosing, in the last part of the book, VI, making with that let us not obtain to define that sort belongs the workmanship in analysis. Of this form, we open space to argue from the proposals raised for Lejeune (2008) and Arfuch (2010) on the interpretative horizon of the space (auto) biographical in the contemporary.

Lista de Figuras

Figura 1 – Capa da biografia -----	28
Figura 2 – Quarta capa da biografia -----	30
Figura 3 – Folha de antepasto: Ilustração de Paulo Freire por Claudius Cecon -----	32
Figura 4 – Apresentação do título da obra -----	34
Figura 5 – Ficha catalográfica -----	36
Figura 6 – Folha de rosto -----	37
Figura 7 – Foto de Paulo e Ana Maria Freire -----	43
Figura 8 – Dedicatória aos pais de Paulo e Ana Maria Freire-----	44
Figura 9 – Foto exclusiva do biografado -----	45
Figura 10 – Desenho do educador Paulo Freire-----	46
Figura 11 – Foto de Paulo e Elza na Suíça -----	107
Figura 12 - Foto da cerimônia religiosa do casamento entre Paulo e Ana Maria Freire -----	112
Figura 13 - Foto de Paulo e Ana Maria Freire e as cinco dedicatórias de seus livros que ofertou à esposa -----	114
Figura 14 – Foto de Paulo e Ana Maria Freire em uma noite fria paulistana -----	115
Figura 15 - Foto de Paulo Freire cozinhando uma <i>paella</i> em Valência -----	124
Figura 16 – Tabela comparativa: relatos que evidenciam uma imagem heroificada em oposição ao indivíduo comum -----	145
Figura 17 - Ana Maria Freire e Paulo Freire na Escócia -----	137
Figura 18 – Paulo Freire com os amigos em Boston -----	155
Figura 19 - Cartum em homenagem ao educador Paulo Freire -----	168
Figura 20 – Tabela comparativa: todos relatos do capítulo XXII que evidenciam uma imagem heroificada em oposição ao indivíduo comum-----	172

Sumário

Introdução -----	12
Capítulo I: O biografado, o biógrafo e a biografia -----	18
1.1 – Paulo Freire-----	18
1.2 – Os sujeitos discursivos e o <i>contrato de comunicação</i> -----	21
1.3 - Composição da obra -----	27
1.4 – <i>Biografia, autobiografia e metabiografia</i> -----	52
Capítulo II: Analisando a obra	
2.1 – (Auto) Biografia -----	69
2.1.1– Apresentação -----	70
2.1.2 – Prefácio -----	73
2.1.3 – Introdução -----	78
2.1.4 – Algumas considerações -----	88
2.2 – Os múltiplos papéis sociais de Paulo Freire -----	89
2.3 – A <i>gentidade</i> de Paulo -----	103
2.3.1 - As mulheres da vida de Paulo Freire, sua vida íntima com Elza e Nita Freire -----	104
2.3.2 - A recifencidade como <i>loco</i> enunciativo de Paulo Freire-----	116
2.3.3 – <i>Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade: a constituição heroica do ser biografado</i> -----	122
2.3.4 - Paulo Freire: um homem de fé libertadora-----	146

2.3.5 - Extremos: a debilidade física e o auge da consciência crítica do escritor -----	149
2.3.6 – Paulo Freire: seus últimos dias de vida e um legado além-morte -----	154
Considerações finais-----	177
Referências Bibliográficas-----	182
Anexos-----	186

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar como a figura de Paulo Freire é construída na biografia *Paulo Freire: uma história de vida*, escrita por Ana Maria Freire (2006), o que leva a construção da imagem da própria biógrafa. Nosso objetivo é identificarmos as vozes presentes ao longo da narrativa, atentando para o efeito provocado por elas na construção do sujeito biografado e, também, da biógrafa.

Consideramos que as biografias constroem um certo percurso de vida marcado por *nuances culturais* (Vilas Boas, 2008), pois todo biografado é contextualizado em função da época em que viveu e das repercussões de suas ações, assim como em função da época em que sua biografia foi elaborada.

Relatos biográficos, como o empreendido por Ana Maria Freire, resultam de jogos polifônicos que evidenciam tanto a imagem e as percepções construídas acerca do sujeito biografado quanto as que a biógrafa deixa entrever de si.

Conforme Lysardo-Dias (2010), entre a perenização de uma existência que o relato biográfico efetua e a reconstrução de uma vida que ele tece, podemos notar um grau de ficcionalização por meio do qual o factual não é apenas apresentado, mas representado. Dessa forma, qualquer relato, independentemente do gênero, é elaborado a partir de um ponto de vista, o qual irá construir e dar forma ao objeto descrito. Nesse sentido, ¹“revela-se tanto o biógrafo quanto o biografado, além do espaço social no qual estão inscritos e, conseqüentemente, as identidades e subjetividades que se movimentam e, muitas vezes, as que são silenciadas” (Lysardo Dias, 2010, p.3).

O estudo das escritas (auto) biográficas nos permite lançar um olhar mais atento para a voz e o testemunho dos sujeitos discursivos. Os *métodos (auto) biográficos*, os *relatos de vida*, as *autobiografias* e as *entrevistas* delineiam um território bem reconhecível, “uma cartografia da trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos” como atesta Leonor Arfuch (2010, p.15). Assim, essa multiplicidade de gêneros (auto) biográficos faz com que pensemos numa

¹ Todas as citações no corpo do texto serão colocadas entre aspas e o itálico será utilizado para demarcar termos e conceitos que necessitem de destaque.

recepção multifacetária a partir dos mais variados públicos-leitores, interessados nas mais diversas matizes da narrativa vivencial. Arfuch (2010) reitera que essa notável expansão do biográfico e seus deslizamentos para o âmbito da intimidade faz com que pensemos num fenômeno que excede a simples proliferação de formas, para expressar um novo contorno e tonalidade que se dá para a subjetividade contemporânea.

Para analisarmos a obra em estudo, utilizaremos como *referencial teórico*² os conceitos de Stuart Hall (2001) para falarmos sobre o impacto da globalização mundial e dos novos movimentos sociais que fizeram com que as identidades se tornassem fragmentadas, estabelecendo um novo conceito em relação ao *eu*. Valeremo-nos, também, da noção de Peter Burke (2008) acerca do *hibridismo cultural*, da mobilização das fronteiras e do conseqüente desnordeio do sujeito contemporâneo que se vê obrigado a buscar caminhos e alternativas para solucionar os seus conflitos, na maioria das vezes, nas *narrativas de vida*, a partir dos referenciais exemplares que nelas são apresentados.

Discutiremos também a perspectiva adotada por Sigmunt Bauman (2000) acerca do sucesso de *obras de cunho (auto) biográfico* se dever ao interesse que a maioria das pessoas detém em (re) descobrir o passado pelas mãos de alguns personagens mais significativos da história. Já Benito Schmidt (2000) propõe que esse repentino interesse se dá graças “à tendência das pessoas a serem *voyeurs* de suas preferências pelas fofocas e mexericos” (p.47).

Outro conceito que norteará nosso estudo é o de *metabiografia*, proposto por Sérgio Vilas Boas (2008), o qual versa sobre o processo de escritura e os movimentos de *transferência* e *contratransferência* ocorridos entre biógrafo e biografado, os quais exigem reflexão e consciência, sobretudo por aquele que narra.

Utilizaremos a noção de *fatalismo*, também proposta por Vilas Boas (2008), em relação ao fato de muitas biografias, especialmente a de pessoas ilustres, se proporem a construir imagens de homens tidos como pré-destinados a se tornarem vencedores, mártires e líderes. É interessante notarmos que, em alguns

² Vale ressaltar que outros autores serão trazidos à baila ao longo desse estudo, quando se fizer necessário, a fim de complementar as discussões teóricas acerca dos gêneros *biografia*, *autobiografia* e *metabiografia*.

trechos da obra, a figura do biografado ganha um contorno heroificado, como se a história de vida de Paulo Freire representasse um referencial de vida a ser seguido, afastando-o da condição de um indivíduo comum. De acordo com Vilas Boas (2008), “o senso fatalista coloca o biografado em função de sua obra, ao invés de parcela considerável da vida, sua obra se torna a própria vida” (p.85).

Para analisarmos os aspectos concernentes ao gênero e a composição da obra nos valeremos da concepção de Philippe Lejeune (2008) e a de Arfuch (2010) sobre o *espaço (auto) biográfico*. A definição de Lejeune (2008) de um *espaço autobiográfico* como reservatório das formas diversas em que as vidas circulam e se narram, não se torna suficiente para delinear um campo conceitual, por isso nos valeremos das proposições de Arfuch (2010), já que ela enfatiza que os exemplos citados na obra de Lejeune “não são capazes de configurar um horizonte interpretativo capaz de dar conta da ênfase biográfica que caracteriza o momento atual” (p.58).

Para Arfuch (2010), o *espaço biográfico*³ deveria ser entendido como a confluência de múltiplas formas e gêneros, onde a circulação narrativa das vidas públicas e privadas deve abarcar uma dimensão intertextual e interdiscursiva, já que é inconcebível, segundo a autora, a existência de fórmulas e molduras que estatizam o relato biográfico no cenário contemporâneo.

Considerando que o caráter dialógico está presente em discursos que envolvem um contexto de comunicabilidade, os quais instauram um processo de recepção e percepção de um enunciado, depreendemos que tal característica também se faz presente nas constituições biográficas. A partir dessa constatação e após discutirmos as questões relativas ao *espaço (auto) biográfico* e aos *sujeitos discursivos*⁴, interessa-nos averiguar como é construída a figura de Paulo Freire e a da própria biógrafa através da análise das vozes presentes na obra, relacionando-as aos movimentos dialógicos.

Tomaremos o *dialogismo bakhtiniano* como suporte para elucidarmos questões acerca do sujeito que se expressa através de múltiplos discursos,

³ Arfuch (2010) alterna em seu livro as denominações *espaço biográfico* e *autobiográfico*. É mais recorrente a menção ao termo *espaço biográfico* devido ao fato da autora não centrar suas análises em relação ao gênero autobiografia como o fez Lejeune (2008).

⁴ Retornaremos, mais adiante, em momento oportuno, à noção de *espaço (auto) biográfico* e *sujeitos dos discursos*.

levando em consideração o tipo de construção argumentativa que é feita a fim de se construir a figura do ser biografado Paulo Freire. Para analisarmos esse *dialogismo*, utilizaremos a noção de *polifonia* empreendida por Jean Ascombre & Oswald Ducrot (1987).

Dessa forma, ao considerarmos as pressuposições bakhtinianas (1995) de que a formação de um discurso está baseada no princípio dialógico, que eles sempre estão atravessados por outras vozes que o antecederam, ora legitimando, ora confrontando e que se encontram dispersos no tempo e espaço social, tal estudo torna-se plenamente justificável, uma vez que o material de análise nos permite lançar um olhar crítico para as relações de poder, as representações sociais e as subjetividades instauradas pelo/ no discurso na obra que será analisada.

Valeremo-nos também da noção de *contrato de comunicação* de Patrick Charaudeau (2008) em relação aos textos⁵ *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução* da biografia, uma vez que consideramos que neles há o estabelecimento do contrato comunicativo, já que cabe ao autor declarar sua intenção, ou seja, fornecer um quadro de restrições discursivas e um espaço de estratégias que se deve adotar ao ler a obra.

De acordo com Mendonça (2008), “o ato comunicativo envolve uma espécie de pacto, que possibilita o estabelecimento da relação entre as instâncias interlocutivas” (p. 2). A ideia é a de que a comunicação, seja ela midiaticizada ou face-a-face, formal ou informal, escrita ou oral, depende de um acordo tácito que possibilita a própria instauração da interlocução e é atualizada por meio dela. Bastante rica, a perspectiva permite conceber a comunicação para além de um enfoque unilateralizante. Operacionalizável, ela possibilita pensar uma abordagem complexa e relacional dos processos comunicativos, fomentando análises contextualizadas e sensíveis à atuação conjunta dos interlocutores.

Dessa forma, entendemos que o que é dito tanto na *Apresentação*, *Prefácio* e na *Introdução* se revela como fio condutor e estabelece uma espécie de *contrato comunicativo* com o leitor no sentido em que há um direcionamento da leitura. Dessa forma, ocorre uma antecipação prévia dos posicionamentos

⁵ Os textos que compõem o material de análise são *Apresentação*, *Prefácio*, *Introdução*, *Discurso de posse* e *A Gentidade de Paulo*.

adotados pelos que assinam esses textos e os que os leitores devem assumir ao ler a biografia.

Quando nos referimos aos posicionamentos que serão adotados ao longo da biografia, estamos fazendo alusão à última parte, VI, *A gentidade de Paulo*, a qual Ana Maria Freire se faz muito presente, passando explicitamente da condição de biógrafa a biografada também, por isso é muito importante analisarmos como se dá esse processo contratual presentes tanto na *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução*.

Com relação à configuração estrutural de nosso trabalho, optamos, no primeiro capítulo, apresentar Paulo Freire, o *contrato* de comunicação, os sujeitos discursivos que tecem a biografia e a composição do todo biográfico da obra *Paulo Freire: uma história de vida* (2006). Embora a obra se apresente como biográfica, ao analisarmos, percebemos uma dimensão (auto) biográfica já que a biógrafa alterna-se tanto como narradora quanto como personagem. A partir dessa constatação sobre o caráter multifacetado da obra, justifica-se a necessidade de discutirmos, ainda nesse capítulo, os conceitos referentes à *biografia*, *autobiografia*, *metabiografia* e a noção de *espaço (auto) biográfico* na contemporaneidade.

No segundo capítulo, faremos um estudo linguístico-discursivo dos textos que compõem o material de análise a fim de delinear o tipo de retrato que é construído e emoldurado com relação ao biografado, levando-se em consideração a voz do (s) outro (s), a *Apresentação*, sob o ponto de vista de Ana Arruda Calado, o *Prefácio* a partir da ótica de Alípio Casali e Vera Barreto e a *introdução* pela própria visão da biógrafa. Ainda nesse mesmo capítulo, II, analisaremos o *Discurso de Posse de Paulo Freire* quando assumiu o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo. Ao discursar, ele revela vários papéis sociais, o que permite observar a questão da *polifonia* presente no sujeito discursivo Paulo Freire.

Interessa-nos analisar também a voz de Ana Maria Freire em outra instância, na última parte do livro (VI)⁶, *A gentidade de Paulo*, porque ela se

⁶ Ao nos referirmos à última parte do livro, a VI, devemos entendê-lo também como capítulo XXII, já que o autor atribui ao livro designações tanto em *partes* como em *capítulos*.

coloca como biógrafa e, também, como biografada, na medida em que afirma que participou da vida de Paulo Freire a partir de *diversas naturezas relacionais*⁷.

Esse tópico permite entrever os diferentes papéis sociais que Ana Maria Freire assumiu ao longo da vida de Paulo Freire, porque a biógrafa fala dos diversos momentos vividos ao lado do educador. Inicialmente, a autora relata a proximidade com Paulo Freire por ser filha dos padrinhos e dos grandes incentivadores do docente, posteriormente narra os momentos desfrutados como amiga, em seguida, sobre o tempo em que foi orientanda e, por fim, relata o período do casamento e os últimos dias ao lado de Paulo Freire como esposa.

Atendo-nos ainda à análise dessa última parte, *A gentidade de Paulo*, poderemos verificar também como a biógrafa explora a relação pessoal que manteve com o biografado a partir das minúcias do cotidiano, revelando assim, uma dimensão (*auto*) biográfica⁸ da obra que se apresenta como biográfica.

Por fim, ateremos-nos às considerações finais, apresentando os resultados do estudo discursivo dos textos que compõem a biografia *Paulo Freire: uma história de vida* (2006) a partir do exame das vozes que os compõem e da configuração do espaço (*auto*) biográfico na contemporaneidade.

⁷ A autora está se referindo às diversas situações que viveu ao lado do biografado, seja como *filha de seus padrinhos, amiga, orientanda* e, finalmente, *esposa*. Vale destacar que o termo é recorrente ao longo da obra.

⁸ Ao utilizarmos o termo (*auto*) biográfico (*a*), dessa maneira, queremos enfatizar o caráter indefinido quanto ao gênero da obra. Assim, não nos cabe afirmar, aqui, que se trata de uma autobiografia e/ou também de uma biografia, por isso, optamos por esse tipo de escritura mais ampla já que estamos discutindo os dilemas da subjetividade contemporânea dentro do espaço biográfico atual.

CAPÍTULO I

O Biografado, a biógrafa e a biografia

1.1- Paulo Freire

De acordo com José Carlos Maziero (1996), um estudo feito acerca da influência dos pensadores latino-americanos para a consolidação da Comunicação enquanto ciência, não poderia, de forma alguma, deixar de incluir Paulo Freire como um dos maiores pensadores brasileiros contemporâneos.

O pensador é reconhecido no mundo inteiro, principalmente no campo da Educação enquanto *inovador revolucionário da educação de adultos*, nos países em desenvolvimento – sobretudo na América Latina – desde a década de 60 e por sua capacidade de fazer generalizações universais a despeito de sua raiz cultural específica (Maziero, 1996).

Paulo Reglus⁹ Neves Freire, pernambucano, nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921, no bairro de Casa Amarela. Ficou famoso no Brasil como autor do *método Paulo Freire*¹⁰, o qual parte do estudo da realidade do educando e da organização do dado, que é a fala do educador.

Durante o processo de investigação da realidade do educando surgem os temas geradores que, associados aos conteúdos a serem ensinados, resultam numa metodologia dialógica. Para Paulo Freire (1974), cada pessoa envolvida na ação pedagógica dispõe em si própria, ainda que de forma rudimentar, de um conhecimento prévio acerca do que será apreendido. Segundo ele, o importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do

⁹ De acordo com Maziero (1996), o nome de Paulo Freire foi invenção de seu próprio pai. Deveria ser Re-gu-lus, mas houve erro no cartório.

¹⁰ O *método Paulo Freire* tinha como pré-requisito o estudo de palavras geradoras, as quais faziam parte do contexto dos próprios estudantes a fim de que uma alfabetização consciente fosse consolidada, a partir do próprio contexto sócio-histórico dos alfabetizados.

contexto social do educando é considerada um tipo de *invasão cultural* ou de *educação bancária*, na qual o educando só recebe os conhecimentos e não os incorpora em sua prática cotidiana. A *educação bancária* é antidialógica, que “educa” para a passividade, para a acriticidade, e por isso é oposta à educação que pretenda educar para a autonomia.

Ao longo de sua vida, Paulo Freire participou de vários movimentos, inclusive o de Cultura Popular (MCP) do Recife, do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, sendo um dos seus fundadores e primeiro diretor. Destacou-se, principalmente, pelo trabalho realizado em Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1962, onde começaram as suas primeiras experiências de alfabetização com adultos – a partir de seu método.

Em 1963, Paulo Freire é chamado à Brasília para coordenar, no Ministério da Educação e Cultura, a criação do Programa Nacional de Educação. Com o golpe militar de 1964, todos os seus trabalhos de mobilização popular foram reprimidos. O educador ainda foi acusado de subverter a ordem pelo fato de lutar e defender a necessidade de campanhas de alfabetização, as quais visavam a formação crítica e cidadã dos menos favorecidos socialmente. Em decorrência disso, Paulo Freire foi preso e exilado por mais de 15 anos.

Na década de 70, esteve exilado em países como Chile, Bolívia, Suíça, Tanzânia e Guiné-Bissau. Participou de consultorias educacionais e desenvolveu programas de alfabetização em muitos países, através da implementação de seu método, enquanto no Brasil, o *método Mobral*¹¹, programa de alfabetização implantado por Tarso Dutra, em 15/12/1967, se tornava decadente dia após dia.

É interessante refletirmos por que Paulo Freire, ex-professor do SESI, católico, bacharel em direito, foi considerado uma ameaça ao governo brasileiro, se suas atitudes como educador não se ligavam a nenhum partidatismo. Quais massas não poderiam ser alfabetizadas? Por que elas não poderiam *ler o mundo*¹²? Será que alfabetização das massas amedrontava a ditadura ou a

¹¹ De acordo com Cunha & Goes (1985, p. 59-60), a taxa de analfabetismo em 1970 girava em torno de 33,6% para a população acima de 15 anos. Dez anos depois, esse índice tinha baixado para 25,4%, ou seja, uma diferença de apenas 8,2%. Segundo os autores supracitados, para uma barulhenta cruzada alfabetizadora, era esperada uma taxa *residual* de analfabetos em 1980 inferior a 10%, era o fracasso proclamado aos quatro ventos.

consciência que poderia vir a ser adquirida com a leitura e a escrita? E por que algumas pessoas, da chamada própria esquerda, viam o educador como cooperador e colaborador do sistema de governo brasileiro?

Essas perguntas fazem com que relacionemos um pouco da história do Brasil, das oligarquias brasileiras, do regime patrimonialista e cartorial que aqui se desenvolve desde a distribuição de sesmarias no Brasil. De acordo com Maziero (1996), “a consciência popular sempre atemorizou aqueles que dominaram à custa da ignorância a que se relegou o povo. Mas sabe também que o sectarismo, de direita ou esquerda, sempre foi condenado por Paulo Freire” (p.25).

O discurso de Paulo Freire, por ter um forte engajamento político e social, buscou despertar no povo uma ação transformadora a partir do conhecimento formal, através da escrita e da leitura. A grande contribuição do educador foi tratar o ensino como um fato de linguagem, como circunstância política, aliando conhecimento à consciência cidadã.

Somente em 1980, Paulo Freire voltou ao Brasil e assumiu cargos de docência na PUC – SP e na Unicamp. Em 1985, morreu sua primeira esposa, Elza Freire. Paulo ficou extremamente depressivo, mas após dois anos de viuvez casou-se com Ana Maria Freire, sua antiga amiga. Paulo Freire nomeou Ana Maria Freire, legalmente, como sua sucessora intelectual e, a partir disso, ela reuniu uma gama de documentos acerca da vida de seu ex-marido e lançou, em 2006, a biografia *Paulo Freire: uma história de vida*, a qual é nosso objeto de estudo.

Entre 1989 e 1991, na gestão de Luíza Erundina (PT), Paulo Freire trabalhou como secretário da Educação da prefeitura de São Paulo. Ele é autor de uma vasta¹³ obra traduzida em várias línguas. Dentre os livros mais conhecidos estão a *Educação como prática da Liberdade* e a *Pedagogia do*

¹² Esta expressão era utilizada por Paulo Freire quando ele dizia que uma pessoa sendo alfabetizada a partir da utilização de palavras do seu contexto de origem, elas poderiam *ler o mundo*, de fato, caso contrário, seriam apenas letradas e não seriam capazes de atuar no meio social.

¹³ Ver anexos, p. 187.

Oprimido. Em vida, recebeu 39 títulos *Doutor Honoris Causa* devido a sua grande importância como educador nacional e também, mundial.

Em 1997, tanto o Brasil quanto o mundo perdem uma importante figura histórica no cenário da Educação. Paulo Freire morreu em 2 de maio de 1997, em São Paulo, de infarto agudo do miocárdio.

1.2 – Os sujeitos discursivos e o contrato de comunicação

O sujeito na visão bakhtiniana (1970) é um ser histórico inserido em um conjunto das relações sociais e a enunciação deve ser entendida como produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados, o locutor e o alocutário.

Mikhail Bakhtin (1995), ao tratar das relações existentes entre linguagem e sociedade, irá conceber o signo ideológico como elemento centralizador de suas discussões, haja vista que o mesmo é tido como efeito das estruturas sociais. Ele também discute a natureza social do signo e da enunciação (enunciado), sendo que, para o autor, a enunciação é vista como unidade de base da língua, existente apenas dentro de um contexto social, compreendida como uma réplica do diálogo societário, adquirindo assim, um caráter ideológico.

O autor supracitado também busca compreender em que medida a ideologia é fator determinante para a linguagem, uma vez que ele afirma que o “signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados” (p.16). Ainda de acordo com Bakhtin (1995), todos os sistemas semióticos que exprimem uma ideologia podem ser considerados um tipo de signo, ressaltando a ideia de que “a palavra é o signo ideológico por excelência” (p.31).

Ingedore Kock (2002), ao se referir sobre o caráter dialógico e ideológico da linguagem, afirma que:

Do ponto de vista da construção dos sentidos, todo texto - discurso - é perpassado por vozes de diferentes enunciadores, ora concordantes, ora dissonantes, o que faz com que se caracterize o fenômeno da linguagem humana como essencialmente dialógico e, portanto, polifônico (p.57).

Ainda com relação à dimensão dialógica da linguagem, Bakhtin (1995) reitera que, um enunciado ao ser isolado de seu processo de enunciação e transformado numa abstração linguística, perderá o que tem de essencial, a sua natureza dialógica, pois a realidade fundamental da linguagem é o *dialogismo*.

Bakhtin (1992) norteia o conceito de *dialogismo* a partir do caráter e da dimensão dupla da palavra. Ele a concebe no sentido de unidade lexical e a vê também como encadeamento de ideias como unidade de enunciação. Para o autor, as palavras são unidades da língua, enquanto os enunciados são unidades reais de comunicação.

Cada enunciado é, para Bakhtin (2003), “pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (p.297). O autor propõe que cada enunciado deve ser entendido como uma resposta aos outros enunciados precedentes de variados campos, confirmando ou rejeitando-os.

Assim, o *dialogismo* é a característica do funcionamento discursivo em que se encontram presentes várias instâncias e é a partir da presença dessas que a dimensão polifônica do discurso se constitui.

Para Bakhtin (1995), o caráter polifônico do discurso também se liga ao *dialogismo*. O autor nos faz atentar para a impossibilidade de conceber as palavras como signos neutros, transparentes, já que elas são perpassadas por conflitos históricos e sociais, constituindo-se, portanto, em signos polifônicos. Dessa forma, os falantes de uma língua acabam por impregnar suas vozes, valores, ideologias e desejos ao proferirem as palavras. Assim, quando nos referirmos à *polifonia*¹⁴, sempre estaremos aludindo às outras vozes que condicionam o discurso do sujeito.

Tomando como necessária essa breve exposição feita acerca do caráter dialógico da biografia, faz-se necessário situarmos os sujeitos discursivos que a tecem, especialmente os que compõem os textos a serem analisados.

¹⁴ Desenvolveremos mais detalhadamente a noção de *polifonia* quando formos analisar, no segundo capítulo, um dos textos que compõem a obra, *O discurso de posse de Paulo Freire*, o qual versará sobre o caráter argumentativo e polifônico dos enunciados.

O nome que estampa a capa da biografia é o de Ana Maria Freire, segunda esposa e agora, viúva do educador Paulo Freire. Esse nome, ao estampar a capa da obra, estabelece um efeito de *contrato*, o de autoria.

Quando fazemos referência à noção de *contrato*, estamos nos valendo do conceito de Charaudeau (2008), o qual pressupõe que todo ato de linguagem surge através de circunstâncias específicas discursivas. Segundo o autor, para que se estabeleça um *contrato* é necessário que haja o reconhecimento recíproco dos sujeitos, a fim de que os mesmos partilhem referências comuns que irão permear o estabelecimento do laço comunicativo. Assim, cada *contrato* irá se definir em termos e em função da *situação comunicativa*.

A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico (CHARAUDEAU, 2008, p.67).

Essas restrições dizem respeito às normas e convenções que possibilitam a interlocução. De acordo com Mendonça (2008), “nem a produção e a recepção se dão à revelia de restrições” (p. 5). Os *contratos* nunca podem ser vistos como objetos de cerceamento dos sujeitos, mas também como campos de possibilidades que regularão o espaço de manobra dos sujeitos comunicantes a partir da dimensão espaço-temporal.

A fim de deixar mais clara a noção de *contrato comunicativo* para Charaudeau (2008), fundamental na Teoria Semiolinguística, iremos nos valer também da apreensão do termo feita por Machado (2001):

O que caracteriza um *contrato* é a recorrência de determinadas modalidades discursivas, que podem delinear uma configuração mais ou menos coerente de uma publicação ou de suporte. Configuração essa que afeta a leitura feita pelas pessoas. São os *contratos* que estabelecem o liame entre a materialidade simbólica e o leitor. Nesse sentido, para que uma publicação seja bem sucedida, ela deve dialogar com as expectativas, motivações e interesses compartilhados pelo público (p.3).

Como bem afirma Machado (2001), os *contratos* estabelecem o liame entre a materialidade e o leitor e é a partir do *nome próprio* da biógrafa, Ana Maria Freire, que ela irá assumir, publicamente, a função de autoria e passa a ser responsável por tudo que está escrito e inscrito na biografia. Dessa forma, o

sujeito discursivo principal que tece a obra é a própria biógrafa, tornando-se assim, uma instância enunciadora maior.

O primeiro texto a ser analisado é a *Apresentação*, escrita por Ana Arruda Callado, esposa de Antônio Callado e prima da biógrafa. Acreditamos que Ana Maria Freire a tenha escolhido para fazer a apresentação de seu livro pelo fato de sua prima ter partilhado muitos momentos da vida da biógrafa e de Paulo Freire e, também, por ser uma prestigiada jornalista e docente.

Outra hipótese que levantamos é a de que o fato de já ter escrito *quatro biografias*¹⁵ faz com que Ana Arruda Calado se torne alguém autorizado a falar, já que seu discurso adquire um *status* de *poder* como Foucault (2008) propõe.

Os conhecimentos de Ana Callado acerca da vida íntima, profissional e dos pressupostos teóricos do educador Paulo Freire farão com que seu discurso adquira maior relevância a partir da condição de conhecedora desses diversos âmbitos da vida do biografado, tanto pela sua proximidade, o que estaria ligado ao *saber*, quanto por sua profissão, relacionada ao *poder*, o que faz com que seu dizer legitime-se e adquira força.

O outro texto a ser analisado é o *Prefácio*, o qual traz a assinatura de Alípio Casali e Vera Barreto. Ambos mantiveram com o biografado relações de trabalho, sendo que o primeiro trabalhou com Paulo Freire na Universidade Católica de São Paulo por sete anos enquanto Barreto coordenou um Programa de Formação de Educadores utilizando a *metodologia Paulo Freire* fora do nordeste brasileiro em 1963.

O *prefácio* não é necessariamente de responsabilidade do autor da obra, em sua maioria, são textos assinados como é o caso da biografia em análise. Sendo de autoria variável, o *prefácio* assume, sobretudo, uma função de

¹⁵ Ana Arruda Calado é jornalista e doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Iniciou sua carreira acadêmica na década de 70 e trabalhou como professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante 14 anos, além de ter lecionado também na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Publicou quatro biografias: *Dona Maria José* (1995), sobre Maria José Barboza Lima; *Jenny, amazona, valquíria e vitória-régia* (1996), sobre a romancista e jornalista Jenny Pimentel Borba; *Adalgisa Nery*, sobre essa poetisa, jornalista e política e *Maria Martins*, lançado pela Gryphus em 2004.

apresentação/comentário da obra para o leitor do texto principal, mantendo-se, tradicionalmente, à parte da estrutura interna desse texto.

Para Lejeune (2008), o *prefácio* ainda exerce a função de induzir efeitos de leitura, explicitando antecipadamente o sentido do que é expresso na obra, corrigindo possíveis desvios no entendimento da leitura. De acordo com o autor, “o texto é lido antecipadamente, numa espécie de programação e autopublicidade que visa apreender a atenção do leitor” (p. 182).

Prefaciar uma obra biográfica cujo ser biografado fora alvo de admiração e respeito implica, a nosso ver, em julgamentos de valor que tendem a exaltar tanto a obra quanto a figura do biografado. Assumimos tal posição a partir do princípio de que a imparcialidade é algo impossível de obtermos em qualquer relato, especialmente pela própria natureza da linguagem, já que o signo sempre é perpassado por ideologias e é por meio dele que nos expressamos e constituímos histórica e socialmente.

Alípio Casali e Vera Barreto, ao apreciarem a obra, enriquece-a de elogios e a qualifica como “uma biografia originalíssima, autorizada, densa, de incomensurável valor histórico, cultural e educacional e de prazerosa fruição literária” (2006, p.21), induzindo os leitores a examinarem se o que é afirmado por eles irá coincidir na obra como um todo.

Uma das possíveis estratégias utilizadas pela autora da biografia a fim de dar maior credibilidade à obra foi ter escolhido a figura de dois especialistas da área educacional para fazerem a apreciação. Ambos partilharam os mesmos métodos que Paulo Freire utilizava e mantiveram contato com o educador. Acreditamos que a autora, ao proceder de tal forma, quis dar maior credibilidade e autenticidade à obra, na medida em que esses autores só tecem elogios e ressaltam que “trata-se da mais completa e autorizada biografia de Paulo Freire até hoje escrita” (Casali & Barreto, 2006, p.21).

A *Introdução* é assinada por Ana Maria Freire. Nela, a biógrafa justifica o porquê de biografar a figura de Paulo Freire, afirmando que, ao rememorar os sessenta anos de contato que teve com o educador poderia amenizar a dor através da satisfação de, “como viúva e conhecedora de quem foi

verdadeiramente Paulo Freire, perpetuá-lo para os que o conheceram ou com ele trabalharam pessoalmente” (FREIRE, A., 2006, p.23).

Ao afirmar que possuiu anos de contato com o biografado, a biógrafa se coloca como alguém autorizada a falar, principalmente por conhecê-lo desde a infância, ter sido amiga, orientanda e, finalmente, esposa. A *estratégia discursiva*¹⁶ utilizada é a do contato entre as duas instâncias, biógrafa e biografado.

Ainda na *introdução*, a autora se questiona como poderia guardar a memória de alguém que se admira, “correndo o risco de não ser fiel ao retrato nem à moldura de quem se propõe” (p.24). Ao aceitar esse desafio, a biógrafa se exime de críticas, já que ao lermos a biografia, percebemos que a obra possui uma dimensão autobiográfica, bastante subjetiva, contrariando o que se espera de obras biográficas, uma maior neutralidade. Assim, ao falar também de si, Ana Maria Freire abre espaço para a construção de uma obra que não se atém a amarras quanto a sua definição, adquirindo assim, um caráter (auto) biográfico.

É claro que sabemos que a neutralidade não existe, uma vez que já reiteramos o pressuposto bakhtiniano (1995) de que todo signo é ideológico, portanto, todas as palavras ao serem enunciadas são perpassadas por conflitos históricos e sociais, constituindo-se, portanto, em signos polifônicos.

Na *introdução*, portanto, firma-se o *contrato de comunicação* proposto pela autora, o de que irá construir a figura do biografado sem ter que se ater à objetividade científica, geralmente encontrada em outras biografias. Ainda na *introdução*, ao afirmar que partilhou de vários momentos da vida do biografado, um leitor, mais atento, já consegue entrever que a obra possuirá uma dimensão

¹⁶ Não é nosso interesse discutirmos o conceito de *estratégias discursivas* proposto por Charaudeau (2008). Entendemos esse termo como uma manobra que o sujeito comunicante concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos de persuasão ou de sedução sobre o sujeito interpretante, para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal construído por um sujeito comunicante. As *estratégias*, portanto, dizem respeito à credibilidade do ato de linguagem, remetendo à possibilidade de comprovação de que o que é enunciado pelo informante possa ser passível de ser confirmado como verdade. Assim, o sujeito informante deve fornecer a prova do que afirma, através de *estratégias discursivas* que provoquem efeitos de verdade e/ou de autenticidade, que podem ser conseguidos através de procedimentos diversos, tais como: i) o detalhe, a precisão, a concretização dos fatos; apresentação de fotos ou documentos; ii) o testemunho de alguém, preferencialmente de um especialista; iii) o contato (ou a ilusão do) direto entre as duas instâncias (COURA-SOUBRINHO, 2003, p. 273).

(auto) biográfica, a qual poderá ser comprovada mais tarde com o decorrer da leitura.

O livro é dividido em partes I, II, III, IV, V e VI. Essas são compostas por cartas, documentos, fotos, entrevistas, matérias jornalísticas, fichas funcionais, inquéritos, relatórios, documentos, discursos, lista de medalhas, convites, todos esses elementos são intercalados em meio às discussões que a própria biógrafa propõe, ou seja, é a partir da voz de Ana Maria Freire que tais partes são construídas, embora a mesma alterne tais dados a fim de dar contorno a sua narrativa.

Na parte III, analisaremos o *Discurso de posse* que Paulo Freire proferiu quando assumiu o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo, onde a voz do próprio biografado assume relevância.

Ainda com relação às partes, a parte VI, *A Gentidade de Paulo*, constituirá um dos textos a serem analisados, já que nele a biógrafa deixa-se revelar. Além de Ana Maria Freire assumir o papel de narradora, ela também assume o de personagem, passando da condição de biógrafa à biografada.

Temos, portanto, os seguintes autores que assinam os textos a serem analisados: Ana Arruda Calado (*Apresentação*), Alípio Casali e Vera Barreto (*Prefácio*), Paulo Freire (*Discurso de posse*) e Ana Maria Freire (*Introdução e A Gentidade de Paulo*). É sob a ótica dessa multiplicidade de sujeitos discursivos que reiteramos o caráter dialógico da obra *Paulo Freire: uma história de vida*.

1.3 – Composição da obra

O livro foi editado em 2006, pela companhia *Villa das Letras* e apresenta 658 páginas.

A capa do livro é composta pela foto de Paulo Freire, vestido com roupas sóbrias, na cor preta, sentado em uma cadeira com olhos voltados para frente, como se travasse um diálogo visual com o provável leitor de sua biografia. Acima da imagem do educador aparece o nome da biógrafa Ana Maria Araújo Freire, no centro a foto do educador e, um pouco abaixo, o título da obra, *Paulo Freire: Uma*

história de vida. O nome *Paulo Freire* encontra-se destacado na capa, em cor azul e, os demais, na cor branca.

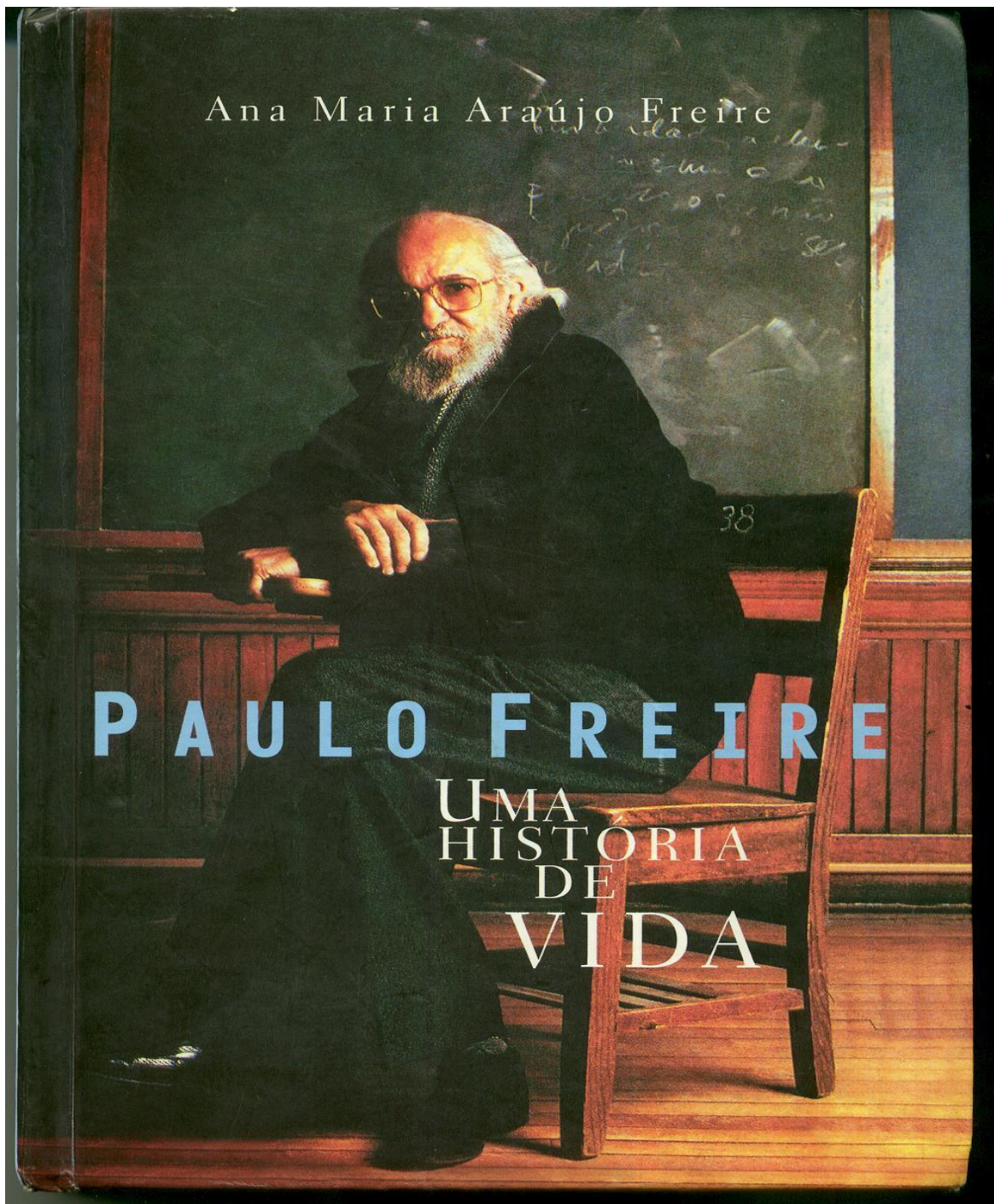


Figura 1- Capa da biografia. Salientamos que a capa e a quarta capa do livro são as únicas imagens coloridas na obra, todas as outras são em tons de preto e branco.

Há na quarta capa, uma foto que mostra a biógrafa e o biografado em um momento mais íntimo, de descontração. Acima da foto aparece em letras garrafais o adjetivo *conhecedora*, o qual inicia uma descrição sobre a biógrafa.

Conhecedora profunda da obra de Paulo Freire, pois com ele partilhou como educadora em inúmeras oportunidades mundo afora dos debates e desafios sobre a educação, trabalhando na publicação *post-mortem* de alguns de seus últimos escritos, a autora, além de trazer novas visões e contribuições ao debate e à compreensão da obra freireana, acrescenta um componente especial. Especial é o que teremos nestas páginas de contribuição de Ana Maria Araújo Freire para conhecermos um pouco mais da vida de Paulo Freire. Além de compartilhar os sonhos de construir um mundo mais justo e humano, de buscar realizá-los juntos no compromisso de vida comum com a educação, a autora teve o privilégio de compartilhar o cotidiano de vida de Freire. Eles que tiveram vários encontros e reencontros pela vida. A educação, de variadas formas, lhes aproximou na vida desde o Recife. É a paixão comum pela educação que inúmeras vezes lhe faz reencontrar os caminhos e lhes constrói o caminho de uma paixão para que Paulo Freire será a última. É essa condição de convivência cotidiana e paixão comum pela educação, vivendo um amor de maturidade, que nas palavras da autora “ao carinho, à amizade e a um mútuo fascínio de longa data sentido somavam-se agora a paixão e o amor”, que permite a Nita Freire uma condição singular de apresentar-nos a vida de Paulo Freire de forma muito especial (Jacques Pena – itálicos e aspas do autor).

A grande maioria dos livros apresenta comentários na quarta capa, mas a maior parte desses são relativos à obra e à história e não ao autor, como ocorre no livro em análise. Levantamos a hipótese de que muitos leitores podem não conhecer quem é Ana Maria Freire e os atributos que a condicionam como alguém capaz de ser biógrafa da estimada figura de Paulo Freire, fazendo com que a editora tivesse que optar por lançar mão das considerações, no mínimo, elogiosas, tecidas por Jacques Pena, atribuindo a ele a responsabilidade pelo locus enunciativo.

Da mesma forma que consideramos que muitos leitores podem não conhecer quem é Ana Maria Freire, o inverso também pode acontecer. Segundo Lejeune (2008), é comum termos sinopses (em relação ao conteúdo da obra) ilustradas com a foto do autor, especialmente quando esse provoca, indiretamente, à *ilusão biográfica*¹⁷. Tal ilusão se deve, a nosso ver, pelo fato de

¹⁷ O termo *ilusão biográfica* faz referência à ideia de falso ordenamento coerente relativo à totalidade de uma trajetória de uma vida, mesmo quando essa história é contada por alguém muito

alguns leitores conhecerem quem é Ana Maria Freire, a condição de ex-mulher e, agora, viúva de Paulo Freire, considerando-a como alguém capaz de solucionar como ninguém os mistérios envolvidos na vida do biografado. Nesse sentido, podemos afirmar que o papel do autor é pré-construído pela expectativa do público visado.

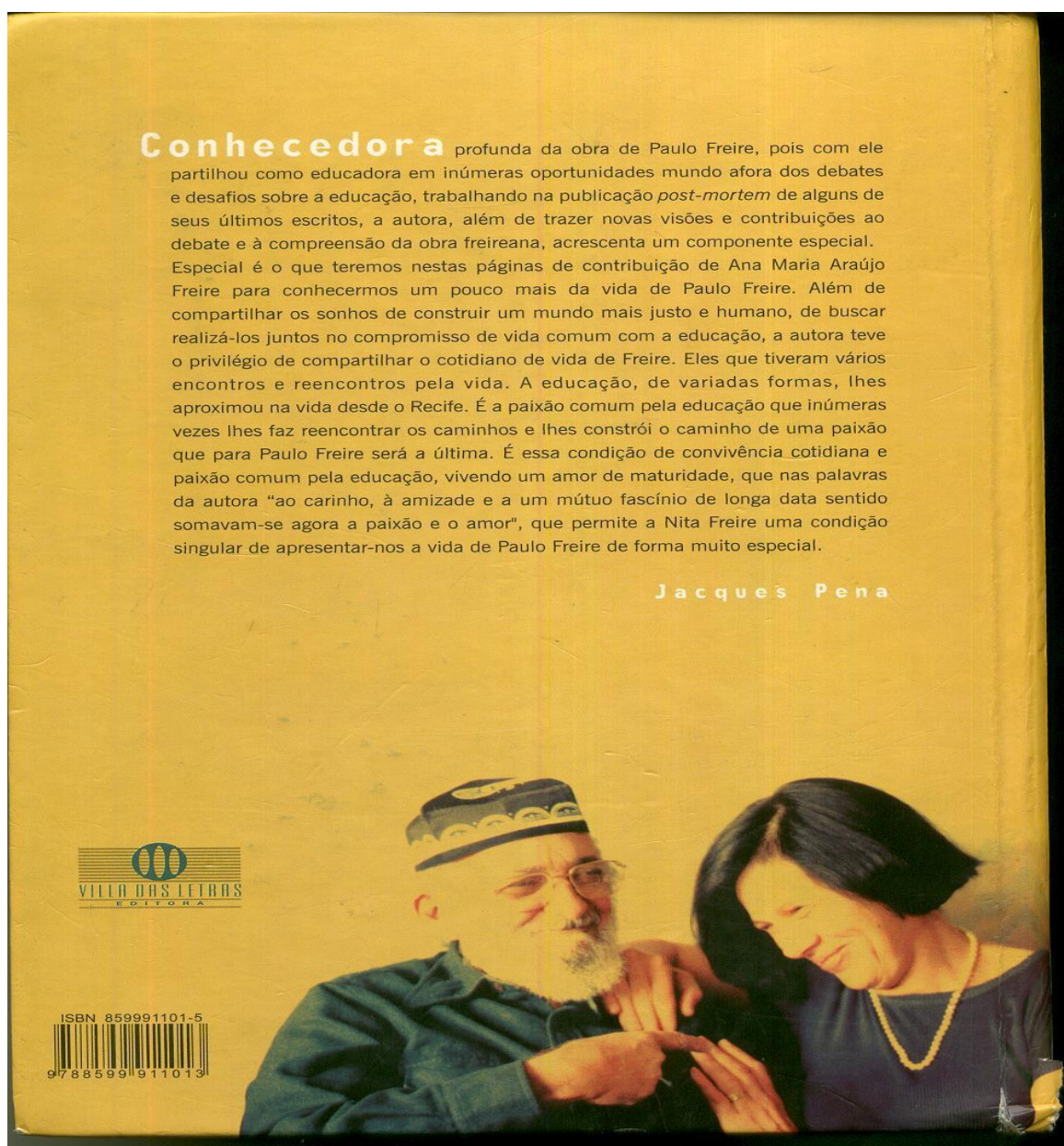


Figura 2 – Tal imagem se refere à quarta capa da obra em análise.

próximo como Ana Maria Freire ou até mesmo pela própria pessoa que a vivenciou. O que há, são representações do real.

Acreditamos que essas considerações sejam muito mais em função de legitimar a figura da biógrafa, colocando-a como alguém que detém o saber e o *poder*¹⁸ para (re) criar a história de vida do biografado. Muitas vezes, tal fato se constitui como uma poderosa estratégia de *marketing* do mercado editorial porque irá reforçar o *contrato de comunicação* expresso na *apresentação*, *prefácio* e na própria *introdução* da obra.

Tais características fazem com que a biógrafa se coloque na condição de porta voz de uma verdade que assume um valor quase que, dogmático, a partir das diversas *naturezas relacionais*¹⁹ que manteve com o biografado.

Já com relação ao miolo da obra, há, no verso da capa, uma citação de um trecho de um livro do próprio Paulo Freire, o qual faz referência ao sujeito e à história e sua posição frente ao mundo, vejam:

Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar (FREIRE, Paulo, 2000).

Tal excerto é o mesmo que aparece no verso da quarta capa, ao final do livro e, a nosso ver, ele reaparece com vistas a afirmar a importância de Paulo Freire frente à história. O educador é visto no cenário nacional quanto internacional como partícipe e agente modificador da história política e cultural da educação para os menos favorecidos socialmente.

Reproduzir esse mesmo fragmento, nos versos da capa e da quarta capa, revela-se como uma tentativa de ratificar a proposta que alicerçou toda a vida de Paulo Freire, a luta pela educação dos povos oprimidos e marginalizados, temática, quase que, soberana, na constituição da obra.

Afirmamos isso, até mesmo pela disposição espacial de tal fragmento, na hora em que abrimos o livro, ele aparece ao lado esquerdo e à direita há uma ilustração de Paulo Freire, uma espécie de charge com a figura do educador.

¹⁸ Usamos a palavra *poder* tanto na acepção de Foucault (2008), entendendo-a como discurso capaz de adquirir *poder* a partir do *saber*, do conhecimento. E o outro sentido diz respeito ao fato da biógrafa ter sido nomeada em documento de estatura jurídico-legal como sucessora/intelectual no que se refere à organização de todas as suas obras inéditas, além de ser a responsável pelos escritos de Paulo Freire a partir do casamento de ambos em 27/03/1988.

¹⁹ Vide nota de rodapé n° 5.

Quando o fechamos, ao final, há a mesma disposição, o mesmo fragmento e a mesma figura, porém, em lados contrários.

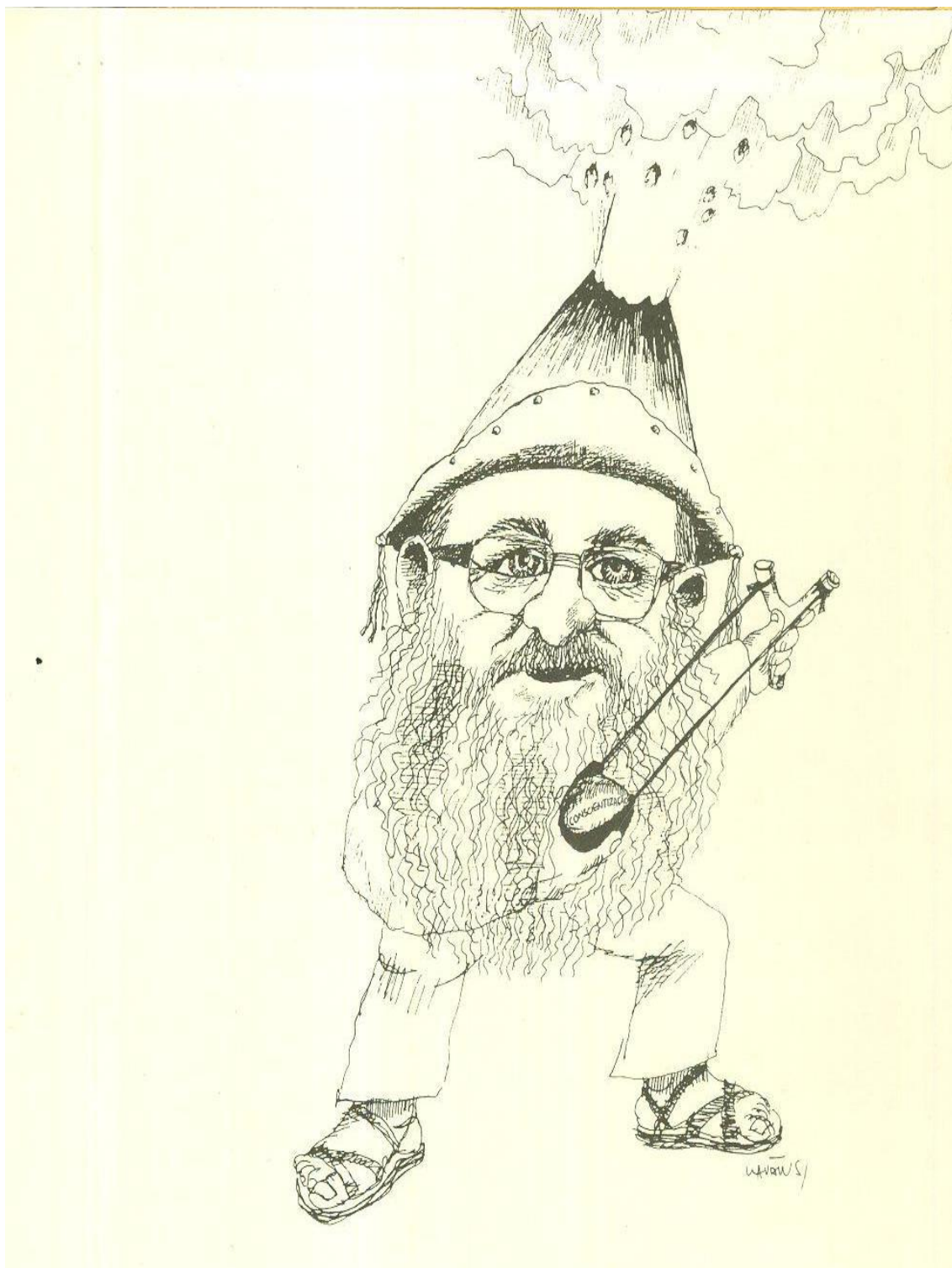


Figura 3 – Ilustração do amigo e colaborador Claudius Cecon – folha de anterosto.

A figura acima, presente na folha de anterrosto, é intitulada como *ilustração do amigo e colaborador Claudius Ceccon*. A gravura mostra um homem, mais velho, de barbas, com um chapéu na cabeça, tipicamente nordestino.

Se observarmos bem, o fato de Paulo Freire ser um cidadão nordestino é algo bastante explorado, haja vista que as referências feitas a ele, na figura, são construídas em cima do referencial que se tem acerca das pessoas que vivem na região nordeste, nesse caso, materializada através do uso do chapéu e das sandálias de couro, comuns ao povo dessa região do Brasil.

O chapéu usado por Paulo Freire possui uma abertura, o qual se parece com um vulcão em erupção. Tal adereço sugere uma explosão e o fervilhar de ideias, aludindo à genialidade e magnitude das ideias e do pensamento freireano.

Em suas mãos há um estilingue, brinquedo comum da época, manuseado especialmente por crianças pobres assim como foi Paulo Freire. Dentro de tal brinquedo há uma pedra que está sendo lançada e nela está escrito *conscientização*, em letras garrafais, fazendo referência à proposta que o educador engendrou durante toda a sua vida: a necessidade de se aprender a ler e a escrever para despertar a consciência dos desiguais e excluídos que ficam à margem da sociedade.

Na folha seguinte à de anterrosto, deparamo-nos com uma folha parcialmente em branco, constando apenas o título da obra, ao centro, *Paulo Freire: uma história de vida*.

PAULO FREIRE
UMA
HISTÓRIA
DE
VIDA

Figura 4 – Apresentação do título da obra – página 01.

A apresentação do título na primeira página reforça o caráter biográfico da obra apresentada. A autora, ao colocar o nome *Paulo Freire*, em destaque, mostra o realce que se dará à figura do biografado. Para Lejeune (2008), “o nome próprio utilizado como título coloca em primeiro plano o interesse pela forma individual e concreta de uma vida” (p.188).

A segunda parte do título, *uma história de vida*, “explicita o valor dessa vida, o que tem de típico e o que a tira da banalidade” (p.188). Essa parte pode ser entendida como uma vida que mereceu ser biografada por vários fatores que a edificam tanto quanto pode ser uma das muitas *histórias de vida* do educador. Afirmamos tal fato, tendo como noção a ideia de que nenhuma biografia é capaz de apreender o *real*, apenas representá-lo, portanto, essa poderia ser mais uma história de Paulo Freire a ser contada.

Na página 02, encontra-se a ficha catalográfica do livro, na qual consta o nome da Editora *Villa das Letras* bem como da autora, dos organizadores da capa e do projeto gráfico, dos criadores da guarda, dos fotógrafos responsáveis pela capa, os editores de texto e os diagramadores.

© 2005 Ana Maria Araújo Freire
 Direitos de publicação reservados à Editora Villa das Letras

Capa e projeto gráfico: Lula Ricardi
 Criação da guarda: Claudius Ceccon
 Foto da capa: Tom Zimberoff
 Edição de texto: Nelson Luís Barbosa
 Diagramação: Sidnei Simonelli
 Imagens: Arquivo de Ana Maria Araújo Freire

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Freire, Ana Maria Araújo

Paulo Freire: uma história de vida / Ana Maria Araújo Freire.
 – Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006.

Bibliografia.

ISBN 85-99911-01-5

1. Educação – Brasil 2. Freire, Paulo, 1921-1997 Bibliografia.

I. Título

06-1447

CDD-370.92

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Índice para catálogo sistemático:

1. Educadores: Biografia e obra 370.92

Está rigorosamente proibida qualquer utilização, reprodução e/ou comercialização desta obra, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, sem a prévia e expressa autorização da autora e da editora.

Direitos para esta edição
 VILLA DAS LETRAS EDITORA
 www.villadasletras.com.br
 editora@villadasletras.com.br
 Indaiatuba – SP
 Tel.: 19 3816-5538

Primeira edição, junho de 2006

Figura 5 – Ficha catalográfica – página 02.

Como vimos, muitos são os colaboradores que empreenderam essa empreitada biográfica, mas seus nomes só aparecem, em letras miúdas, na ficha catalográfica. Segundo Lejeune (2008), “os colaboradores podem ser

mencionados nos créditos, ainda de forma pudica” (p.127), mas nunca alcançarão o *status* resguardado à figura do autor. Há de se ressaltar que, na visão de Lejeune (2008), só se torna *autor* a partir da assinatura estampada na capa de uma obra.

Na página seguinte à ficha catalográfica, temos a folha de rosto, a qual apresenta o título da obra, o nome da autora e a logomarca da editora Villa das Letras.

PAULO FREIRE
UMA
HISTÓRIA
DE
VIDA

Ana Maria Araújo Freire



Figura 6 - Folha de rosto - página 03.

Ao estampar o nome de Ana Maria Araújo Freire, novamente após o título da obra, atribui-se toda uma existência a partir desse *nome*, resumindo toda a existência do que se convencionou chamar de *autor*.

Para Lejeune (2008),

O autor de um texto é, na maioria das vezes, aquele que o escreveu: mas o fato de escrever não é suficiente para ser declarado *autor*. Segundo ele, não se é autor incondicionalmente. Trata-se de algo relativo e convencional: só se torna autor quando alguém lhe atribui, a responsabilidade da emissão de uma mensagem (emissão que implica sua produção) no circuito de comunicação (p.124).

A determinação do autor depende tanto das leis desse circuito quanto da materialidade dos fatos. Para Lejeune (2008), “a questão se complica pelo fato da noção de *autor* remeter tanto à ideia de *iniciativa* quanto à de *produção*,” já que essa última pode ser ela própria dividida, igualmente ou de maneira hierarquizada, entre várias pessoas (p. 124), o que o autor convencionou chamar de *escrita em colaboração*. Ainda segundo Lejeune (2008),

O estatuto de *autor* tem diferentes aspectos, suscetíveis de serem dissociados, e eventualmente compartilhados: a responsabilidade jurídica, o direito moral e intelectual, a propriedade literária (e os direitos financeiros a ela vinculados), e a assinatura que, simultaneamente, remete ao problema jurídico e faz parte de um dispositivo textual (capa, título, prefácio etc), através do qual o contrato de leitura é estabelecido (p.124).

No que diz respeito à questão do *nome próprio*, Lejeune (2008) tece algumas considerações e, segundo ele:

O *autor* torna-se a única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito (LEJEUNE, 2008, p.21 – itálicos do autor).

A presença do *autor* no texto não se reduz, como afirma Lejeune (2008), a esse *nome próprio*. Há de se dar a devida importância ao lugar concedido a esse nome, o qual está ligado por uma convenção social “e também ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real, ou seja, de uma pessoa cuja existência é atestada pelo registro em cartório, passível de ser verificável” (p.23).

Se para Lejeune (2008), uma das possibilidades que o *anonimato*²⁰ oferece é um caminho para a fuga da verdade, a recorrência do *nome próprio* de Ana Maria Araújo Freire, na página 03, passa a adquirir uma função referencial. Para o autor, esse caráter referencial faz com que o texto adquira uma espécie de efeito de real, uma vez que essa alcunha pode ser atestada e verificada.

Assim, o nome Ana Maria Araújo Freire converte-se na assinatura do enunciador, aquele que atesta a veracidade do dizer e acaba por travar um *pacto* com o leitor a partir de seu *nome próprio*, aquele que consta na capa do livro.

Lejeune (2008) afirma ainda que um das problemáticas que giram em torno do *nome próprio* é o estigma:

de que talvez só se seja verdadeiramente autor a partir de um segundo livro, quando o nome próprio inscrito na capa se torna um denominador comum de pelo menos dois textos diferentes, dando assim a ideia de uma pessoa que não é redutível a nenhum desses textos em particular e que, podendo produzir um terceiro, vai além de todos eles (p.23).

O que é necessário que fique claro, de acordo com Lejeune (2008), que um *autor* não é uma pessoa. Conforme ele diz, é uma pessoa que escreve e publica. Inscrito, a um só tempo, no texto e no extratexto, ele é a linha de contato entre eles. O autor, para Lejeune (2008), “se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e o produtor de um discurso” (p.23).

Dessa forma, podemos afirmar que Ana Maria Freire é quem assume a responsabilidade do lócus enunciativo a partir do fato de sua assinatura torná-la ainda mais responsável pelas informações alocadas na narrativa biográfica e, especialmente, por ter convivido desde a juventude com Paulo Freire, assumindo *várias naturezas relacionais*²¹ com o biografado.

Lejeune (2008), ao propor a substituição entre *autor*, *narrador*, *personagem*, estabelece o chamado *pacto autobiográfico*. Para que esse pacto se estabeleça é necessário que a figura do *autor* seja substituída pelo *nome próprio*, estampado na capa do livro, resguardando também a coincidência entre narrador e personagem.

²⁰ O anonimato pode permitir que alguém se exprima, dizendo toda a verdade como pode parecer, em sentido inverso, uma fuga covarde de alguém que não teria dito a verdade.

²¹ Vide referência nº 5.

Embora a obra, em análise, trate da vida do educador Paulo Freire, não podemos negar que ela possua uma dimensão (auto) biográfica na medida em que a biógrafa, ao narrar a vida do biografado, acaba por se revelar. Nesse sentido, afirmamos que, de certa forma, há a instauração do *pacto autobiográfico* no livro, especialmente na *parte VI, capítulo XXII*²², onde a biógrafa assume dois papéis: narradora e também personagem.

Lejeune (2008) parece acreditar que, a partir da designação de um *nome próprio* na capa, especifica-se quem é o ser, no sentido da *autobiografia*. Algumas questões que se fazem presentes na contemporaneidade são aquelas que dizem respeito ao *autor*, se realmente quem escreve (autor) corresponde realmente ao indivíduo que escreveu ou se o nome não é fictício. De qualquer forma, o que Lejeune (2008) propõe é um tipo de leitura que se atenha às pistas deixadas pelo *autor* de como o texto deverá ser lido, como uma *biografia*, uma *autobiografia*, um *romance autobiográfico*, no sentido do *pacto* estabelecido entre *escritor* e *autor*, sendo assim, é o gênero do texto que define as figuras autor/leitor.

Para Lejeune (2008), quando há a coincidência entre o *narrador* e o *personagem principal*, trata-se de uma *autobiografia*. Embora, na obra em análise, não haja essa coincidência entre *narrador* (Ana Maria Freire) e *personagem principal* (Paulo Freire), podemos afirmar que a biografia possui uma dimensão (auto) biográfica.

A obra adquire esse caráter porque, em muitos trechos, há a presença do pronome pessoal *eu* - narrativa do tipo *homodiegética*²³ - como propõe Lejeune (2008), relato no qual o autor deixa claro que pode haver narrativa em primeira pessoa sem que o narrador seja a mesma pessoa que o personagem principal, como ocorre em algumas partes do livro.

Lejeune (2008) acredita que, seja através do uso de pronomes em primeira, em segunda ou em terceira pessoa, ao se enunciar um discurso a pessoa deve permitir sua identificação, atentando para a dificuldade de tal fato na circunstância escrita, enquanto que, na fala, geralmente o *eu* é quem pronuncia.

²² A referência que se faz diz respeito ao último texto que será analisado, no capítulo II, dessa dissertação.

²³ Homodiegética: o narrador é personagem, mas não protagonista.

Sabemos que em um texto escrito é mais difícil identificar quem é o *autor*, *narrador*, *personagem principal* e *secundário*, principalmente se levarmos em consideração a intenção do autor do texto, do *pacto* com que ele estabelece.

O termo *pacto*, para Lejeune (2008), é como se fosse uma espécie de *contrato*. Entendemos a noção de *pacto* do autor supracitado a partir da mesma acepção que Charaudeau (2008) entende *contrato comunicativo*, no sentido de que certos compromissos estão sendo assumidos entre leitor e autor, sendo que é o autor quem direciona o sentido que sua obra deverá ser lida, valendo-se, caso necessário, de *estratégias discursivas*.

Ainda de acordo com Lejeune (2008), “o termo *pacto* ao fazer referência a *contrato*, sugere que esse trata de regras explícitas, fixas e reconhecidas de comum acordo pelos autores e leitores” (p.56).

Dessa forma, Ana Maria Freire ao usar o pronome *eu* rompe com o *pacto autobiográfico* estabelecido com seus leitores uma vez que propõe uma obra biográfica e não autobiográfica.

Lejeune (2008) retoma as ideias de Benveniste (1995) e afirma que os pronomes sempre remeterão a um nome, de que o conceito *eu* não existe e nem *ele*, porque de maneira geral, nenhum pronome *pessoal*, *possessivo* ou *demonstrativo* remete a um conceito, mas exerce simplesmente uma função, a qual consiste em remeter a uma alcunha ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome.

O pronome pessoal *eu* remete ao enunciador da instância de discurso na qual está presente o *eu*, mas o enunciador pode também ser designado por um nome, substantivo comum ou até mesmo um *nome próprio*, como o da autora Ana Maria Freire.

Salientamos que embora Lejeune (2008) tenha proposto, inicialmente, definições acerca do que seja uma *biografia* e *autobiografia*, ele reconhece, a posteriori, que “toda definição abre margem para muitas ambiguidades” (p.55), sendo assim, ele cria a noção de *espaço autobiográfico*. Para o autor, esse espaço seria uma espécie de reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam.

Para Lejeune (2008), “essa definição foi útil a fim de que se desfizesse uma espécie de nó górdio que se instalou para qualquer pessoa que discorra sobre autobiografia ou outro gênero literário que enfrente o problema da definição” (p.50). O autor explica que, quando se trabalha com gêneros (auto) biográficos, a experiência tem demonstrado que é preferível começar pela análise de um *corpus* ao invés de se propor imediatamente uma definição, o que valida ainda mais, a sua noção de *espaço autobiográfico*.

Para Arfuch (2010), mesmo com o estabelecimento desse *espaço autobiográfico*, a abertura à multiplicidade e o abandono da intenção taxionômica, Lejeune não conseguiu escapar à vontade acumulativa que reside em cada tipo de relato que viria se constituir como exemplo. Assim, os estudos de casos particulares (a biografia /testemunhos de Victor Hugo, a autobiografia falada de Sartre, diversos relatos de vida) “não configuram um horizonte interpretativo capaz de dar conta da ênfase biográfica que caracteriza o momento atual” (p. 58).

Para tanto, decidimos nos valer das proposições de Arfuch (2010) acerca de uma nova noção que ela instaura a respeito desse espaço. Para a autora, o *espaço biográfico* trata-se da disseminação atual de gêneros discursivos que focalizam com maior ou menor intensidade a narrativa vivencial, na tentativa de “ir além da busca de exemplos ilustres ou emblemáticos, para propor relações de presença e ausência, entre formas com grau diverso de proximidade, relações nem necessárias nem hierárquicas, mas que adquirem seu sentido precisamente num espaço/temporização” (p.59).

Assim, para Arfuch (2010), é possível:

Estudar a circulação narrativa das vidas públicas e privadas, particularizando os diferentes gêneros, na dupla dimensão de uma intertextualidade e de uma interdiscursividade (p.59).

Dessa forma, deveremos entender a noção de *espaço biográfico* não como um local que prime pela validação de regras universais, nem para a identificação de um estado dado do discurso social, mas antes “para a definição de tendências e regularidades cuja primazia as torna suscetíveis de caracterizarem certo cenário cultural” (ARFUCH, 2010, p.60). Assim, toda a análise da obra em estudo será

feita tomando como base a premissa do *espaço biográfico* sugerido por Arfuch (2010), especialmente o postulado de *relações de presença e ausência*.

Retomando à parte inicial do livro, no verso da folha de rosto, figura 7, visualizamos a primeira foto da obra, a do casal Paulo e Ana Maria Freire. Por ser uma obra que se apresenta como biográfica, a nosso ver, apenas a foto de Paulo Freire fazia-se necessária.

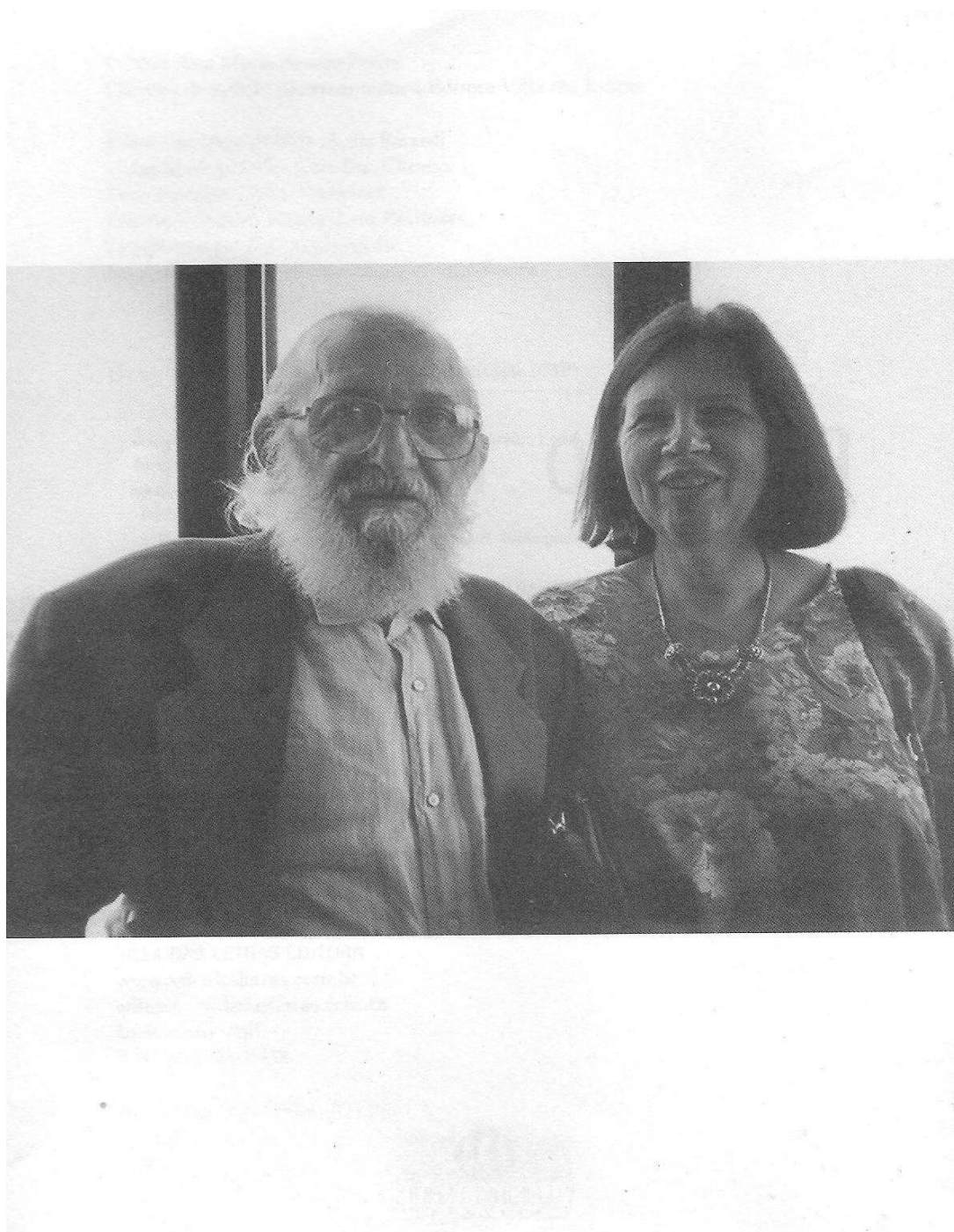


Figura 7: Paulo e Ana Maria Freire – página 04.

A obra, que se apresenta como biográfica, mostra seu primeiro indício de tratar-se de uma autobiografia, a partir da foto apresentada acima (figura 07), na medida em que a presença da esposa é tão marcada quanto a de Paulo Freire no livro, inclusive por meio do uso de signos icônicos como a imagem mostrada.

Essa *dimensão (auto) biográfica* da obra, como já dissemos, ocorre tanto nas páginas iniciais, que estão sendo expostas ao longo da biografia, quanto no último excerto que será analisado, a parte VI, capítulo XXII.

À direita da foto de Ana Maria e Paulo Freire, deparamo-nos com uma dedicatória feita aos pais de Paulo Freire, Joaquim Themístocles e Tudinha e aos pais de Ana Maria Freire, Aluizio e Genove, enfatizando que todos eles se fizeram presentes como educadores tanto na vida do escritor quanto da autora. A biógrafa ainda destaca que tanto os pais do educador quanto os de Ana Maria Freire foram essenciais para que Paulo Freire pudesse aprender coisas fundamentais da vida, as quais possibilitaram que ele se tornasse o homem que foi.

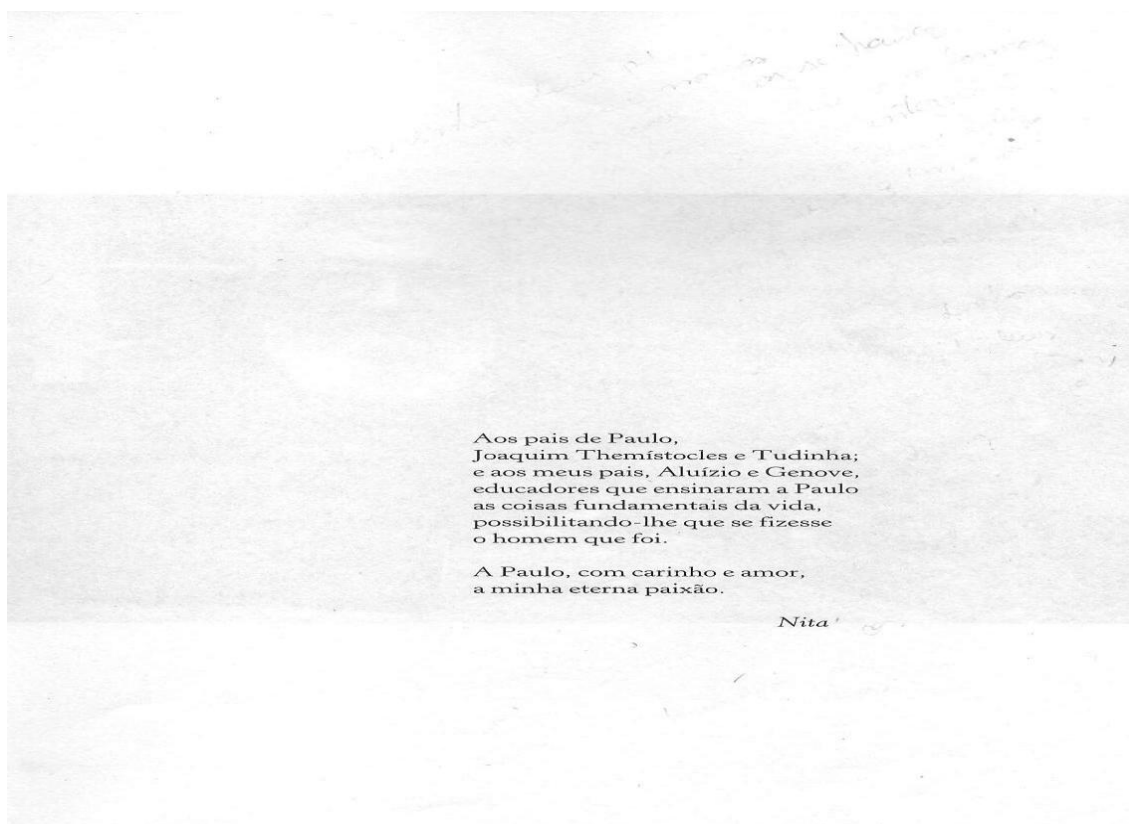


Figura 8 – Dedicatória aos pais de Paulo e Ana Maria Freire e, sobretudo, ao educador Paulo Freire – página 05.

Ao longo desta *dedicatória*, Ana Maria Freire dedica sua obra “com carinho e amor” a Paulo Freire e o chama, carinhosamente, de “eterna paixão” e assume a alcunha Nita. Para Lejeune (2008), a revelação do apelido de infância remete às *dobras do passado* e serve como elemento clareador para testemunhar o presente. *Nita* era como Paulo Freire chamava a biógrafa em momentos de intimidade, configurando-se assim, mais um sinal da dimensão autobiográfica da obra, na medida em que detalhes acerca da vida de Ana Maria Freire são revelados dá se mais contorno à figura do biografado.

Há na página 06, uma foto do biografado que é ambientada numa sala com lareira, remetendo a um ambiente acolhedor. O mesmo enfoque e enquadramento que aparece na foto de capa do livro ocorre também na figura 09, onde Paulo Freire parece lançar seu olhar em direção ao leitor.

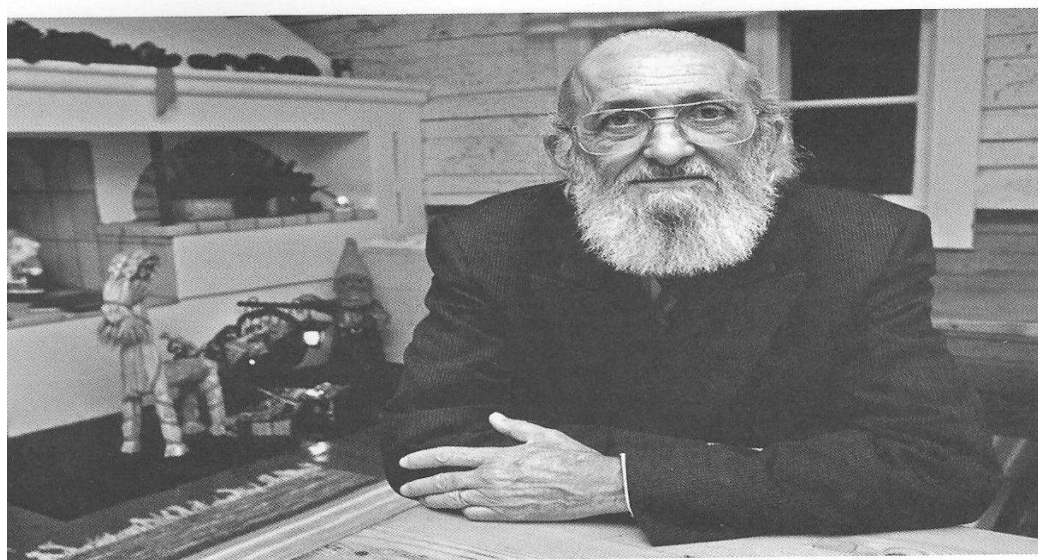


Figura 09: Primeira foto, exclusiva, do biografado – página 06.

Um agradecimento é feito, na página 07, aos colaboradores do livro que, segundo a autora, se empenharam de diferentes formas para que a obra pudesse se tornar realidade:

O meu muito obrigada a Alípio Casali, Ana Arruda Callado, Claudius Ceccon, Cyro Lavieri Júnior, Lula Ricardi, Maria Marliy de Oliveira, Nelson Luís Barbosa, Ricardo Araújo Hasche, Sidnei Simonelli, Tom Zimberoff e Vera Barreto; e de uma maneira especial a Jacques de Oliveira Pena, Luís Fumio Iwata e Maria Helena Langoni Stein, que de formas diferentes se empenharam, com carinho e cuidado, para que este livro se tornasse realidade.

Nita

Na página seguinte, há um desenho de Paulo Freire, em tons de branco e preto, seu olhar está voltado para o longe. É como se a partir daquela altura do livro, fosse se dar destaque e contorno aos vários perfis assumidos por Paulo Freire no decurso de seu viver. Ao fazermos uma alusão à palavra *perfil*, entendemos que se trata dos diversos papéis sociais assumidos pelo educador em cada momento de sua vida, os quais serão explorados ao longo da análise dos excertos.



Figura 10 – Desenho do educador Paulo Freire – página 08.

Na página 09, há o sumário da obra contendo a *Apresentação*, assinada por Ana Arruda Calado, o *Prefácio* por Alípio Casali e Vera Barreto e, a *Introdução*, pela própria Ana Maria Freire. O livro é dividido em 22 capítulos, agrupados em seis partes.

A primeira parte do livro, Parte I, denomina-se *O seu mais autêntico contexto de origem*, e possui 6 capítulos. O primeiro capítulo versa sobre a infância e a adolescência de Paulo Freire, sua família, a alfabetização, a importância de ter estudado no Colégio Osvaldo Cruz para o seu desenvolvimento humanístico e a sua formação em nível superior, Bacharel em Direito.

No segundo capítulo, Ana Maria Freire irá abordar as primeiras experiências profissionais e o gosto pela profissão, a docência. Inicialmente, a autora fala do trabalho de Paulo Freire, em Recife, como educador. Posteriormente ela relata sobre as atribuições do escritor, no SESI de Pernambuco e algumas de suas contribuições pedagógicas que se tornaram relevantes, incluindo o trabalho de técnico do Serviço de Extensão Cultural na Universidade de Recife.

A temática do terceiro capítulo diz respeito ao educador revolucionário que foi Paulo Freire e a promoção do II Congresso Nacional de Educação de Adultos e Adolescentes, ocorrido no ano de 1958, ano em que Juscelino Kubitschek se afirmava com força no poder e mostrava-se politicamente preocupado com as misérias do povo brasileiro. Há um destaque especial nesse capítulo devido ao fato do então presidente valer-se do discurso e das práticas desenvolvidas por Paulo Freire no SESI de Pernambuco.

O quarto capítulo aborda aspectos concernentes ao educador político, ao sujeito-agente e promotor dos movimentos socioeducacionais no Brasil, tendo como destaque a participação do Movimento de Cultura Popular (MCP), o relato da experiência de alfabetização com adultos realizada em Angicos, no Rio Grande do Norte e, por fim, a adesão de Paulo Freire ao Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Tal programa foi financiado pelo governo federal e tinha por objetivo realizar uma campanha, de âmbito nacional, com vistas à alfabetização das massas, favorecendo assim, aos pobres e excluídos da sociedade.

O quinto capítulo apresenta uma exposição acerca do conflito ideológico brasileiro dos anos 60, o qual foi subsidiado nas matérias veiculadas pela imprensa, sobretudo pelo jornal paulistano *O Estado de São Paulo*. Tal veículo era francamente de direita, ou seja, partidário do governo, e nele, através de suas matérias, ecoava o reacionarismo da época contra o ideal de construção de um Brasil mais justo e democrático, do qual Paulo Freire era um dos líderes por meio do processo educativo segundo a própria Ana Maria Freire. Ainda de acordo com a autora, esse conflito findou-se com a derrota do sonho político do educador e a consequente vitória do golpe militar ao conseguir implantar um Estado ditatorial que perdurou de 1964 a 1985.

O sexto e último capítulo, da parte I, diz respeito à prisão de Paulo Freire, aos três inquéritos a que foi submetido, sendo o primeiro instaurado pela Universidade do Recife, o segundo tendo caráter policial-militar no Quartel da segunda companhia de Guardas do Recife e, por fim, um último inquérito que se daria na cidade do Rio de Janeiro.

A Parte II do livro, intitulada *O seu contexto de empréstimo*, abarca os capítulos sétimo e oitavo. No primeiro são feitas referências ao exílio, época bastante difícil e sofrida por Paulo Freire, mas que fez com que suas ideias ganhassem relevância dentro do contexto do cenário internacional. No ano de 1964, o educador se exilou após várias perseguições sofridas com o advento da ditadura e da repressão militar, tendo a Bolívia como seu primeiro país de asilo político a partir da mediação de Tristão de Ataíde²⁴.

De acordo com Ana Maria Freire, Tristão de Ataíde era um homem religioso e de integridade moral acima de qualquer suspeita que, pessoalmente, vinha mediando um asilo na embaixada boliviana para Paulo Freire em consideração à figura e à contribuição dele para a educação brasileira, em

²⁴ Tristão de Ataíde foi um pensador católico e intelectual com uma das mais longas carreiras jornalísticas na imprensa brasileira (cerca de 4.000 artigos publicados). Em 1941, Tristão de Ataíde dá uma grande contribuição à universalização do ensino brasileiro, ao participar da fundação da Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na instituição, dá aulas de literatura brasileira até a sua aposentadoria, em 1963. Depois do golpe militar, amparado por seu grande prestígio intelectual, escreve artigos semanais para a "Folha de São Paulo" e para o "Jornal do Brasil". Ele também foi um crítico implacável dos movimentos de esquerda que surgiram no Brasil nos anos 60, como forma de combater a ditadura.

especial, para os menos favorecidos. Ainda nesse capítulo é relatado o exílios nos seguintes países: Chile, Estados Unidos, Suíça e África.

No oitavo capítulo, a autora se detém a narrar o sonho da volta de Paulo Freire ao seu *contexto de origem*. Nesse capítulo há a reprodução do pedido de *habeas corpus*²⁵, entrevistas que foram dadas por ele na Suíça antes da vinda ao Brasil, época em que qualquer veículo de comunicação de massa do país era proibido de mencionar o nome do escritor.

Consta ainda a reprodução da cópia da carta que Henfil enviou ao general Geisel, em protesto, renegando o passaporte concedido a si próprio, porque segundo ele, uma vez que partilha dos mesmos princípios e ideais freireanos não poderia se valer de uma regalia que seu partidário não tinha. Tal fato se deve em função das declarações do governo brasileiro de que o educador seria uma *persona non grata* ao seu país, sendo assim, jamais obteria um passaporte brasileiro.

Ainda nesse capítulo, é apresentada também a descrição sobre a luta pela *Anistia ampla, geral e irrestrita* quando os sindicatos dirigidos por trabalhadores progressistas, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o povo tomaram as ruas num grande movimento que envolveu toda a nação. A partir da Lei da Anistia²⁶, Paulo Freire obteve passaporte e pôde regressar ao Brasil em 1980, ao seu *contexto de origem*, como afirma Ana Maria Freire.

A terceira parte do livro, intitulada *O retorno ao seu contexto de origem*, inclui três capítulos. No nono, Ana Maria Freire irá se deter a detalhar a volta de Paulo Freire para o Brasil, a visita a São Paulo, ao Rio de Janeiro, a Recife e o seu retorno definitivo ao Brasil, em 16 de junho de 1980.

No décimo capítulo, a autora aborda a volta do educador político, como assim descreve Ana Maria Freire e o seu reingresso na academia brasileira. Paulo Freire, inicialmente, começa a lecionar na PUC – SP (Pontifícia

²⁵ *Habeas corpus*, etimologicamente, significa "Que tenhas o teu corpo" e trata de uma garantia constitucional em favor de quem sofre violência ou ameaça de constrangimento ilegal na sua liberdade de locomoção, por parte de autoridade legítima.

²⁶ A lei da Anistia (Lei n.6.683, de 28 de agosto de 1979) facultou a volta ou retorno dos exilados e foi sancionada pelo presidente da República João Baptista de Figueiredo e mais 23 ministros de Estado.

Universidade Católica de São Paulo) como professor-titular, posteriormente são descritas as contribuições do educador dentro da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e algumas outras atividades acadêmicas desenvolvidas em outras instituições de ensino superior brasileiras.

No décimo primeiro, serão feitas descrições acerca dos trabalhos desenvolvidos por Paulo Freire a partir do viés político do educador, suas proposições e medidas relacionadas à educação. Nesse capítulo são apresentados detalhes relativos ao trabalho como secretário Municipal de Educação de São Paulo, no governo de Luísa Erundina. E também nesse capítulo que se encontra um dos textos que compõem o nosso *material de análise*, o *Discurso de Posse de Paulo Freire*, cuja importância deve-se à possibilidade de ouvirmos e analisarmos a voz do próprio biografado.

Ainda nesse mesmo capítulo, Ana Maria Freire disserta sobre a inserção de Paulo Freire no Partido dos Trabalhadores (PT), à possibilidade de se tornar ministro da educação pelo PT, sua participação no instituto Cajamar (INCA) e na Unesco.

Na parte IV, Ana Maria Freire se detém a falar sobre o fazer teórico de Paulo Freire. O décimo segundo, intitulado *O Método Paulo Freire de alfabetização da palavra e do mundo dentro da sua compreensão de educação* irá abordar a constituição do Método bem como a proposta ético-político-epistemológica e os passos cognitivos acerca do mesmo.

O décimo terceiro capítulo irá se deter sobre e nas influências que Paulo Freire sofreu durante sua vida e obra, enquanto que o décimo quarto tratará da compreensão do ato de ler e escrever e o modo como o educador escrevia.

Encontramos no décimo quinto capítulo aspectos concernentes à obra teórica de Paulo Freire, destacando aspectos sobre seus livros, o diálogo estabelecido com outros autores e as temáticas relacionadas a partir de uma abordagem epistemológico-humanista, tudo isso, com vistas a analisar as relações e as condições de opressão e de exclusão dentro da sociedade.

Os capítulos décimo sexto e décimo sétimo apresentam os prefácios escritos por Paulo Freire bem como as cartas importantes que foram enviadas e

recebidas por ele. O décimo oitavo trata das influências, repercussões e atualidade da obra do educador e sua práxis pelo mundo.

Na penúltima parte do livro – Parte V – o décimo nono capítulo se destina a reportar e descrever as homenagens recebidas por Paulo Freire durante sua vida, seja através de sua atuação como educador, seja por meio de seu posicionamento como homem e sujeito revolucionário que foi em função dos pobres e excluídos.

No vigésimo e vigésimo primeiro capítulos, constituintes da Parte V do livro, encontramos o relato sobre a indicação para o Prêmio Nobel da Paz e ao também Prêmio Príncipe de Astúrias. No vigésimo segundo capítulo são reproduzidos os convites recebidos por Paulo Freire para lecionar em universidades pelo mundo, tendo um caráter mais descritivo.

A última parte do livro, intitulada *A gentidade de Paulo* aborda a vida de Paulo Freire com Elza e Ana Maria Freire, a recifencidade do educador, suas virtudes e personalidade, sua fé religiosa e a Teologia da libertação, sua saúde e seus limites físicos bem como seus últimos de vida e morte. Esse capítulo, desde a primeira leitura, nos chamou a atenção, inicialmente, pelo título e pelo neologismo criado pela autora, a palavra *gentidade*, a qual, no título, funciona como substantivo.

A biógrafa, ao fazer referência ao termo *gentidade* o faz no sentido de destacar as diversas características que o educador assume e que o tornam, segundo Ana Maria Freire, “o mais autêntico homem nordestino” (FREIRE, Ana. M., 2006, p. 541).

Em seguida, a autora apresenta a produção bibliográfica de Paulo Freire, seus livros e aqueles feitos em coautoria. Posteriormente, é apresentada a bibliografia citada pela autora ao longo do livro. Para encerrar a obra, três apêndices são expostos. O primeiro trata das escolas inauguradas por Paulo Freire como secretário Municipal de Educação do estado de São Paulo. O segundo traz uma relação dos estabelecimentos de ensino no Brasil, por unidades federativas, com o nome de Paulo Freire e o terceiro elenca praças, avenidas, ruas e conjuntos habitacionais com o nome do educador.

Após a página 655, a mesma citação inicial, retirada de um trecho do livro *Pedagogia da Indignação* (2000), é retomada ao final da obra assim como, na página seguinte, reaparece a ilustração feita por Claudius Ceccon (figura 03), a qual caracteriza o educador como homem nordestino cuja cabeça fervilha e anseia por ideias inovadoras.

Acreditamos que tanto a repetição da citação quanto a da ilustração tenha a função de confirmação da proposta inicial da autora, a de reafirmar tanto os pressupostos epistemológicos empreendidos por Paulo Freire quanto à visão que se tem acerca do biografado.

A biógrafa, ao se valer de uma mesma referência, em momentos diferentes, início e fim da obra, reforça a ideia de que Paulo Freire não foi um mero objeto da história, enquanto sujeito, agiu com vistas à mudança do mundo, especialmente, o dos menos favorecidos socialmente. O mesmo ocorre com a imagem, ratifica-se a mesma representação em torno da figura do biografado: um homem simples, nordestino, cuja cabeça almejou por ideais inovadores que foram capazes de revolucionar o mundo.

1.4 - *Biografia, autobiografia e metabiografia*

Vivemos em um mundo fluido e inconstante, onde as relações sociais são marcadas pelo descentramento do sujeito. Se tomarmos como verdadeiras as pressuposições assumidas por Burke (2008), de que vivemos em um mundo híbrido culturalmente e, conseqüentemente, os sujeitos são descentrados e fragmentados política, cultural, econômico e socialmente, podemos afirmar também que as identidades existentes dos sujeitos sofreram mudanças significativas com o advento da globalização.

De acordo com Hall (2001), a partir do impacto do estabelecimento da globalização mundial, novos movimentos sociais fizeram com que as identidades se tornassem fragmentadas e que o conceito de unidade em torno de um *eu* fosse deslocado, partindo da premissa de que nada é fixo e perene.

A partir desse novo panorama que se instala na sociedade, consolida-se um novo arquétipo em relação ao homem pós-moderno, inseguro e perdido por pertencer a um mundo marcado por *fronteiras híbridas*²⁷, como afirma Burke (2008), especialmente a fronteira cultural que se estabelece na sociedade contemporânea. Dessa forma, cheio de responsabilidade e constantemente correndo riscos, o sujeito, muitas vezes, não sabe o que fazer nem como agir e assim, se vê necessitado de sinalizações que norteiem suas ações, a fim de evitar tantas agonias em meio a tanta mobilidade de identificações.

O que percebemos, na contemporaneidade, é que o homem pós-moderno vem tentando buscar caminhos e alternativas para solucionar os seus conflitos e, na maioria das vezes, a solução para seus problemas pode ser encontrada em exemplos de indivíduos bem sucedidos conforme afirma Tereza Lima (2010).

Esses referenciais exemplares passam a ser ofertados tanto em forma de livros quanto como personagens de programas de televisão através de *biografias* e *autobiografias*, sejam elas escritas ou televisivas.

Para Bauman (2000), o sucesso desses tipos de narrativas se dá, especialmente, pelo destaque dado às questões de foro íntimo dos biografados e autobiografados. Já Schmidt (2000) atribui esse *boom*²⁸ das *narrativas de vida* ao fato que a grande maioria das pessoas possui interesse em redescobrir o passado pelas mãos de alguns dos personagens mais significativos da história. Ainda segundo o autor, outras possibilidades podem estar relacionadas à ascensão crescente desses gêneros, tal como o fato da sociedade atual ser fruto do individualismo contemporâneo ou ser também resultado da privatização da esfera pública.

Outra suposição adotada por Schmidt (2000) diz respeito “à tendência das pessoas a serem *voyeurs*²⁹, de suas preferências pelas fofocas e mexericos”

²⁷ De acordo com Peter Burke, *fronteiras híbridas* diz respeito à globalização das fronteiras, os limites físicos não são suficientes para limitar a transferência de informações, cultura e religiosidade, o mundo é interconectado em todos os sentidos.

²⁸ Entendemos por *boom* uma tendência, repentina, por certos gêneros textuais.

²⁹ *Voyeurismo* é a tendência das pessoas quererem ser expectadores da vida íntima de outros indivíduos. Tal fato é facilmente percebido diante do sucesso dos programas de televisão (os chamados *Reality Shows*) e das revistas especializadas em fofocas de celebridades (*Isto é Gente*, *Caras* e outras) por mostrarem os estratos mais íntimos da vida humana, revelando o que comem, vestem e o que pensam acerca de alguns fatos.

(p.47). De qualquer forma, para o autor, muitos serão os diagnósticos que poderão explicar o sucesso desses novos gêneros que despontam na atualidade.

Em livrarias e bibliotecas, é comum depararmos com o gênero *biografia* e também *autobiografia* sob a etiqueta denominada *literatura íntima*³⁰. Mas de acordo com a concepção de Vilas Boas (2008), a *biografia* trata-se de um *gênero literário não-ficcional*³¹. Ainda segundo o autor supracitado, a *biografia* também obedeceu a estilos de época diferentes, que passam pelo caráter romantizado, naturalista, moderno e também pós-moderno.

Segundo Vilas Boas (2008), muitos autores tentaram definir e conceituar o termo *biografia*, tentativas que foram em vão, porque de acordo com ele, “todas as formas apontadas para o termo são lícitas, mas cada uma deve ser avaliada com um compasso diferente”. Ainda segundo o autor, “a biografia deve nos proporcionar uma descrição detalhada acerca de uma existência, da vida de uma pessoa” (p. 22).

A individualidade, para Vilas Boas (2008), é algo que deve ser aderente à biografia, dentro da qual se pode procurar conhecer como um ser humano viveu em seu tempo; como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois segundo ele, “nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, sem ser tocado por essa experiência” (p.24).

Em termos de compreensão do que seja uma *biografia*, adotaremos a concepção de Luiz Viana Filho (1945) por ser bastante abrangente, sem restrições das possibilidades que o conceito oferece:

³⁰ Atualmente, a chamada *literatura íntima* ou *literatura autobiográfica* está na moda. Integrando múltiplos gêneros e registros (carta, diário, autobiografia, memórias). Este tipo de literatura parece seduzir leitores e estudiosos, sobretudo pela componente de historicidade que comporta; mas também pelo caráter híbrido da sua funcionalidade comunicacional – informativa, reflexiva, estética, confessional, amorosa, analítica e polêmica.

Ora chamamos *biografia* a simples enumeração cronológica de fatos relativos à vida de alguém; ora usamos a mesma expressão para trabalhos de crítica nos quais a vida do biografado surge apenas incidentalmente; ora a empregamos em relação a estudos históricos em que as informações sobre certa época se sobrepõem às que se referem ao próprio biografado; ora a emprestamos às chamadas *biografias* modernas ou romanceadas. E até obras em que a fantasia constitui o elemento essencial da narrativa parecem com rótulo idêntico (VIANA FILHO, 1945. p. 11).

No que concerne à *autobiografia*, Lejeune, em 1975, a define pela primeira vez. Para o autor:

A autobiografia seria uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Como foi exposto, o autor define as características inerentes a um texto *autobiográfico* a partir do caráter narrativo e retrospectivo do relato, no qual o assunto se centre na vida individual e na gênese da personalidade.

Percebemos também que, no decorrer da discussão teórica implementada por Lejeune (2008), surgiu a necessidade de romper as amarras de sua definição, ampliando assim, o significado das palavras *narrativa*, *retrospectiva* e *individual*. Ao longo do livro constatamos que a questão da narrativa é ampliada no sentido do caráter discursivo, sugerindo a mobilidade que perpassa as questões de um enunciado e de uma enunciação.

Em relação à palavra retrospectiva, há uma ampliação de seu sentido, não se referindo somente ao passado, mas podendo aludir também ao presente contemporâneo. Lejeune (2008) também relativiza a questão da individualidade de uma narrativa, atentando para o fato de que tantos os aspectos sociais, políticos e culturais são capazes de preencher lacunas e ocupar espaços nos textos de dimensão *(auto) biográfica*.

Lejeune (2008) também faz uma diferenciação com relação à *autobiografia clássica*, por sua não adequação à definição inicial, aos seguintes gêneros: *memórias*, *biografia*, *romance pessoal*, o *poema-autobiográfico*, *diário*, *autorretrato* e o *ensaio*. Na visão de Andreia Bahiense (2010):

As *memórias* não dão ênfase à vida individual do narrador, à história de sua personalidade, na *biografia*, não há identidade entre narrador e personagem principal; no *romance pessoal*, o que falta é a identidade entre autor e narrador; já o *poema autobiográfico* peca por sua forma; o *diário*, por não apresentar uma visão retrospectiva da história; finalmente o *autorretrato* e o *ensaio* não oferecem nem a forma narrativa nem a perspectiva retrospectiva (p.14 – itálicos da autora).

Lejeune (2008), posteriormente, admite que sua primeira definição é limitadora e exclusiva:

Para mim, a definição seria um ponto de partida para fazer uma desconstrução analítica dos fatores que entram na percepção do gênero. Mas, isolada de seu contexto, citada como uma “autoridade”, ela poderia parecer sectária e dogmática, leito de Procusto derrisório, fórmula falsamente mágica que bloqueava a reflexão ao invés de estimulá-la. (...) Meu ponto de partida tinha-se transformado em ponto de chegada (p.50 – aspas do autor).

Esta definição de autobiografia é utilizada por muitos teóricos, ao lado da definição do *pacto autobiográfico*, como ponto de partida para reflexões para as escritas de si. Como já foi dito, o *pacto autobiográfico* é um tipo de *contrato* firmado entre o autobiógrafo e o leitor, que concordam em tratar o texto em questão como uma *autobiografia*, isto é, como uma história real. É como uma *pacto* de verdade em que o autor declara sua intenção de dizer a verdade sobre ele mesmo e o leitor pode aceitar ou não essa condição de ler o texto como tal.

Para Lejeune (2008):

O pacto autobiográfico é o engajamento do autor em contar diretamente sua vida (uma parte, ou um aspecto de sua vida) em um espírito de verdade. (...) O autobiógrafo promete que o que ele vai contar é verdadeiro, ou pelo menos é o que ele acredita. Ele se comporta como um historiador ou um jornalista, com a diferença que o sujeito sobre quem ele promete dar uma informação verdadeira é ele mesmo (p.31).

Vimos que, para Lejeune (2008), o mais importante é o compromisso do autor com a verdade, sem o qual a *autobiografia* não existiria. As regras do *pacto* devem ser explicitadas na parte inicial do texto lido, como *capa*, *prefácio* ou *introdução* da narrativa. Nos textos iniciais da obra em estudo (*Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução*), percebemos que os autores a tratam como pertencente ao gênero biográfico, principalmente por não haver, inicialmente, coincidência entre autor e personagem principal estampado na capa do livro.

Essa coincidência só irá ocorrer na última parte do livro, *VI*³², já que a biógrafa, ao relatar vida e obra do biografado, acaba por se revelar também, inclusive, deixando a posição de narradora e assumindo, também, o papel de personagem. Vilas Boas (2008) compreende esse processo, o biográfico, como sendo de natureza reflexiva, onde tanto o biógrafo quanto o biografado se interpretam e compreendem:

Interpretação é o ato de interpretar para dar sentido a alguém ou a alguma coisa. A interpretação cria as condições para a compreensão, que envolve ser capaz de manejar os significados de uma experiência interpretada em nome de um indivíduo (um "outro"). Já a compreensão é um processo intersubjetivo, ou seja, que envolve múltiplas consciências individuais. O propósito, nesse caso, é construir, com as experiências de outra pessoa, significados compartilháveis (VILAS BOAS, 2008, p. 29).

Se o processo biográfico é de natureza reflexiva, ele implica que haja uma troca de experiência e de identificações entre biógrafo e biografado. Para Elizabeth Rondelli & Micael Herchmann (2000), há, na contemporaneidade, uma tendência do passado a balizar a experiência cotidiana, por isso, as *narrativas de vida* têm ganhado tanta relevância na sociedade pós-moderna, porque:

Estabeleceu-se uma oposição entre o velho e o novo, embora as novas tecnologias de comunicação, aliadas ao processo de globalização, têm feito com que alarguemos nossas experiências para além das fronteiras territoriais que definem nossas comunidades de pertencimento, provocando o que alguns teóricos têm denominado a compreensão espaço-temporal, fazendo com que busquemos novos horizontes de experiência e novas identificações (RONDELLI, E. & HERCHMANN, M., 2000, p.280).

Para Burke (2008), a necessidade eminente que as pessoas têm de se situarem está relacionada ao despertar de um sentimento de pertença, embora existam alguns focos e formas de resistência quanto à inserção da globalização, notamos que as mudanças que se desencadeiam, na atualidade, dizem respeito à tecnologia e à economia.

Nesse sentido, percebemos que a necessidade de identificação e de pertença de um povo, especialmente pelas fronteiras terem se tornado mais fluidas, gira em torno da ameaça da perda das identidades tradicionais.

³² É o último texto a ser analisado, no capítulo II.

Ainda com relação ao sentimento de pertença, percebemos que, de forma geral, há um clima e uma tendência mundial de todos os cidadãos se sentirem imigrantes como propõe Burke (2008), até mesmo em seu próprio lugar, tudo isso, em função de estarmos vivendo a emergência de uma nova ordem cultural global.

Para o autor supracitado, as formas híbridas da atualidade, não são, necessariamente, um estágio a fim de caminhar para o estabelecimento de uma cultura global homogênea. Isso faz com que novas ordens culturais surjam, com distintos ecótipos, tendo em vista, um cenário que tende à reconfiguração de culturas.

Tudo isso, inicialmente, parece ser algo promissor e atraente, mas que se revela, ao longo do tempo, como obscuro e distante, pelo simples fato de não termos mais a noção de referência e de estatização, que de certa forma, com fronteiras menos fluidas, política, econômica, social e culturalmente, nos norteava e até mesmo, confortava.

Talvez uma pergunta que o leitor pode estar se fazendo mediante ao que foi exposto sobre *fronteiras híbridas* deve ser sobre qual é a relação que se pode estabelecer entre tal fato e o panorama contemporâneo das escritas *biográficas*. Tal relação é bastante estreita, por tomarmos como verdadeira a pressuposição de que uma *biografia*, ao (re) contar a vida de um outro alguém, serve como paradigma anterior ao tempo presente, no qual se narra a vida do biografado.

Em tempos de fronteiras fluidas e instáveis, nas quais a identidade do indivíduo toma os mais variados contornos com o estabelecimento de uma nova ordem cultural, conceito que validamos de Burke (2008), as *biografias* surgem como elementos capazes de nortear o homem contemporâneo, principalmente se tomarmos como verdadeira a pressuposição de Casali & Barreto (2006), a de que “as obras biográficas escritas na atualidade, em sua maioria, destinam-se a consagrar o caráter heroico do sujeito biografado, em muitos casos, confeccionada em estilo *épico*³³” (p.19), a fim de que essas vidas possam ser ofertadas aos homens, tidos como comuns, servindo assim, como exemplares referenciais a serem seguidos.

³³ O gênero *épico* é aquele que narra ações humanas ou divinas, heróicas, fabulosas ou lendárias.

Percebemos então que, nesse novo tempo que se instaura, faz-se necessário o estabelecimento de coordenadas territoriais, espaciais e identificatórias, no sentido de que já não existem mais fronteiras fixas, frente à emergência dessa *nova ordem cultural global*³⁴ como a proposta por Burke (2008).

Diante da necessidade de se criar *âncoras temporais*³⁵ como norteadores desse presente fluido e móvel, as narrativas *(auto) biográficas* surgem como elementos balizadores da cultura contemporânea. Sendo assim, a sociedade moderna vem desenvolvendo um enorme interesse e consumo por produtos de cunho *(auto) biográfico*, sinalizando então, a proliferação desses gêneros na sociedade moderna.

Já de acordo com Gilberto Velho (1994), em sociedades como a nossa, de ideologias individualistas, a noção de *biografia* passa a ter um papel constitutivo nas sociedades contemporâneas, onde o indivíduo biografado ou autobiografado passa a ser referência para os outros indivíduos, fazendo com que *carreira*, *biografia* e *trajetória* acabem por se constituir em noções que se transformarão em valor básico dentro de uma sociedade moderna.

Tanto as narrativas *biográficas* como as *autobiográficas* irão oferecer um enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida, articulando memórias, aspirações e motivações dos indivíduos, dotando-as de significado e conferindo sequência às etapas de uma trajetória pessoal. Embora possamos articular memórias tanto de uma *biografia* quanto de uma *autobiografia*, é preciso que tenhamos consciência que se tratam de fragmentos e suas (re) interpretações ou leituras podem sugerir perspectivas um pouco contraditórias do que de fato aconteceu.

³⁴ Para o historiador inglês Peter Burke, a globalização cultural envolve hibridização. Em 'Hibridismo cultural', Burke apresenta o debate sobre a globalização da cultura a partir de uma perspectiva histórica. O livro é dividido em cinco partes - a variedade de objetos que são hibridizados, a variedade de termos e teorias inventadas para se discutir a interação cultural, a variedade de situações nas quais os encontros acontecem, a variedade de possíveis reações a itens culturais não familiares e a variedade de possíveis resultados ou conseqüências da hibridização a longo prazo. O objetivo não é aprofundar ou esgotar o tema, mas apresentar uma visão panorâmica de um território que Burke considera imenso, variado e disputado.

³⁵ Conceito apresentado por Rondelli & Herschamnn (2000) no texto *Os Media e a construção do biográfico: A morte em cena*.

Se considerarmos o caso da biografia de Paulo Freire, por mais que a biógrafa, Ana Maria Freire, seja conhecedora da vida do biografado, ela irá ordenar a vida dele a partir de fatos e episódios que julgam importantes, o olhar é a partir do todo e não dos aspectos relacionados à natureza íntima e pessoal do escritor. Portanto, as *narrativas biográficas*, de maneira geral, são fruto de um ordenamento coerente e da falsa apreensão da totalidade de uma trajetória de uma vida, constituindo assim, um tipo de *ilusão biográfica*, como propõe Pierre Bourdieu (1996).

Ilusão biográfica é, de acordo com o autor citado acima, uma espécie de tentativa de se produzir uma história de vida como relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, conformando-se assim, com um tipo de ilusão que é produzida através da retórica oral ou escrita.

Vilas Boas (2008) afirma que por mais que o biógrafo tenha um conhecimento muito preciso acerca da vida do sujeito biografado, ele nunca conseguirá representar o *real*, propriamente dito, ou seja, “ele sempre terá que se valer das lembranças, das recordações, sejam as próprias ou de outrem” (p.40). Nesse sentido, vale a pena reiterarmos a concepção de Ecléa Bosi (1998) acerca do trabalho da *memória*, o qual pode nos ser muito útil e, de certa forma, corroborará, a nosso ver, a justificativa de aplicação do conceito de *ilusão biográfica* com relação às escritas (*auto*) *biográficas*.

Para Bosi (1998), “lidar com lembranças é essencial. Mas lembrar não é reviver e, sim, refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências recentes ou remotas” (p.55). Portanto, percebemos que o artefato da memória, vale-se dos elementos que estão a nossa disposição na atualidade, criando assim, representações acerca do que é real e também do que perpassa o nosso imaginário. A fim de validarmos nossa hipótese, valemo-nos de Vilas Boas (2008) para que reiteremos nossa pressuposição essencial, porque de acordo com o autor, “por mais nítida que pareça a lembrança de um episódio antigo, ela é diferente conforme a época, o entrevistado e as circunstâncias” (p.40).

“O filtro da memória impede a objetividade tanto no relato (auto) biográfico oral quanto no escrito, em função das fronteiras entre imaginação e memória serem difíceis de se determinar” como aponta Vilas Boas (2008, p. 40). Ainda

segundo tal autor, “as (auto) biografias e livros de memórias funcionam como espelho, autoconhecimento, reinvenção e até autodefesa”, tudo isso se justifica pelo fato de que “ninguém pode falar de si mesmo sem estar consciente da quantidade de ficção que existe na percepção do eu” (p. 40).

Tendo em vista todo o exposto, nos valeremos de um dos conceitos de Vilas Boas (2008) acerca do processo biográfico, chamado de *metabiografia*. Para o autor, a pesquisa biográfica exige do biógrafo inúmeras condições, dentre elas, a aceitação e visualização da complexidade da arte de biografar, com destaque especial para a necessidade da natureza criativa do processo que deve coadunar com as demandas de tempo, paciência e compromisso exigidas, tanto em relação aos momentos vividos, muitas vezes, caótico, entre biógrafo e biografado. Para ele, portanto, a *metabiografia* seria:

Um modo de narração biográfico que dá atenção também aos exames e autoexames do biógrafo sobre o biografar e sobre si mesmo. Mas por que pensar nisso? Porque análise e autoanálise são partes constitutivas do processo de construção de uma vida pela escrita. Esse processo é do biógrafo, do biografado e de ambos, juntos, harmônicos em um mesmo cenário volátil; metabiografia porque qualquer processo biográfico extravasa e consagra o relacionamento sujeito-sujeito (VILAS BOAS, 2008, p.41).

Portanto, a consolidação do *espaço (auto) biográfico* na contemporaneidade surge com o advento da globalização, do estabelecimento de uma nova ordem cultural, de um sujeito entrecortado e sem identidades fixas, fragmentado (Hall, 2001) e da incipiente necessidade que a sociedade tem de criar *âncoras temporais*.

É devido a essa necessidade que, nas últimas décadas do século XX, muitos *estudos memorialistas* despontaram bem como a produção de *biografias*, *autobiografias* e *memórias* intelectuais que acabaram por contribuir a seu modo com a preservação da memória literária e cultural brasileira. Segundo Andréas Huyssen:

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX (HUYSSSEN, 2000, p.9).

Há, conforme o autor, nessa tendência de aprisionar o passado, nessa obsessão pela memória, uma musealização do mundo, lembrando-se que “nunca antes o presente esteve tão obcecado com o passado como agora”. (HUYSSSEN, 2000, p.27).

De certa forma, todos nós temos um papel a desempenhar nessa tentativa utópica de se conseguir uma recordação total, por isso estamos constantemente nos arquivando e contribuindo para a constituição de *arquivos*³⁶, tanto nossos quanto de terceiros, como é o caso da biografia de Paulo Freire.

Nesse sentido, Ana Maria Freire, ao escrever a biografia, realizou uma triagem nos arquivos do educador. Ao fazer essa seleção do que deve e pode ser dito, ela acaba por se revelar, até mesmo porque nenhuma seleção é feita de maneira aleatória, é fruto de uma escolha, principalmente se considerarmos o fato de que ela foi esposa de Paulo Freire e conviveu com ele por mais de sessenta anos.

A biógrafa, na obra em estudo, coloca-se como alguém habilitada a narrar quem foi Paulo Freire, tendo como legitimação de seus pontos de vista, os documentos historiográficos de vida e obra do educador que são dispostos ao longo do livro, dando contorno e um tom mais verídico a partir do que se enuncia. Além de se valer de materiais relacionados ao biografado, a autora mescla arquivos próprios para compor a biografia e, ao proceder de tal forma, ela acaba por impregnar suas marcas no todo biográfico.

Escrever a biografia de Paulo Freire após sua morte tem para um mim um significado muito profundo (...) Vou, então, pelas minhas lembranças dos tempos vividos paralelamente, mas sobretudo daqueles vividos com ele – juntando a elas as suas envolventes histórias contadas a mim nas nossas conversas; com a extensa documentação sobre fatos de sua vida, de escritos seus e de diversas pessoas que se relacionaram de alguma maneira com ele e em torno dele -, escrever esta história de vida (FREIRE, Ana M., 2006, p.23 – grifos nossos).

³⁶ Entedemos como *arquivo* todos os materiais que expressam ou guardam algum tipo de recordação, seja através de papéis, documentos, cartas, diários, fotos, objetos, qualquer coisa que seja representativa de um certo momento ou de dada (s) pessoa (s).

Ao fazer o registro biográfico da vida de Paulo Freire, Ana Maria Freire acaba por se arquivar porque ela considera que a tarefa de escrever sobre Paulo Freire é essencial e fundamental para os dois.

Particpei como pessoa privilegiada da vida de Paulo em várias e diferentes instâncias que o relacionamento humano pode possibilitar. Vivi cada um desses momentos com respeito, admiração e fascinação por ele. Agora que ele partiu, ficando, entretanto, para sempre em mim, tomo essa tarefa de escrever sobre sua vida, como fundamental para nós dois (FREIRE, Ana M., 2006, p.23 – grifo nosso).

A autora, ao afirmar que irá reconstituir a vida e os feitos de Paulo Freire “com amor, com verdade histórica e com a proximidade de mulher” (FREIRE, Ana M., 2006, p.23), ela deixa entrever que o viés que será contemplado em seu relato passará muito mais por sua subjetividade, com destaque para aquilo que ela julgar ser merecedor de ser contado, constituindo assim, uma narrativa biográfica com vários traços de arquivamento do *eu* de Ana Maria Freire, arraigados à biografia de Paulo Freire. Ela ainda atesta que:

A essa tarefa estou me entregando com todo o empenho, cuidado e seriedade, de uma maneira similar, porque não poderia ser igual, à que dediquei a ele mesmo quando dividimos o cotidiano da vida. Espero cumprir mais esse dever e esse direito, tal como ele desejava que o fizesse: reconstituir com amor, com verdade histórica e com a proximidade de mulher, estudiosa e sucessora de sua obra, detalhadamente, a sua vida e seus feitos (FREIRE, Ana M., 2006, p.23-24 – grifo nosso).

Ana Maria Freire ao afirmar que durante o percurso da busca empreendida para apresentar o *retrato e moldura*³⁷ que envolveram Paulo Freire, o fez sem inverdades, ambiguidades e engodos, especialmente com lealdade aos fatos, é como se a biografia propusesse-se a ter um caráter mantenedor e de perpetuação do sujeito biografado. Principalmente, se considerarmos que a biógrafa passou sessenta anos de sua vida ao lado de Paulo Freire a partir dos mais variados tipos de relações, seja como filha de seu padrinho, amiga, orientanda, por fim, como esposa.

Numa coisa os leitores e leitoras devem acreditar: procurei nessa busca do “retrato” de Paulo e da “moldura” que o envolveu o mais autêntico que

³⁷ Os termos *retrato* e *moldura* aparecem no texto da *Introdução*, portanto, é Ana Maria Freire quem os enuncia.

habitou nesse extraordinário homem do Nordeste brasileiro. Sem inverdades, sem ambiguidades, sem engodos. Com verdade e lealdade aos fatos e a Paulo (FREIRE, Ana M., 2006, p. 25 – aspas da autora).

Pensamos também que, Paulo Freire, ao nomear Ana Maria Freire, legalmente, como sua sucessora intelectual, queria que sua vida e obra fossem arquivadas, que não se perdessem ao longo do tempo e espaço. É importante salientar que não estamos afirmando que Paulo Freire já tivesse consciência que seria objeto de uma biografia, mas levantamos a hipótese de que ele queria que sua identidade e a de suas obras fossem mantidas intactas e ninguém melhor que Ana Maria Freire, esposa e amiga, como ele a intitula em várias de suas cartas dispostas ao longo da biografia, para arquivar sua história, a partir da confiança e competência que detinha nela.

Algumas vezes Paulo me disse, insinuando – porque jamais pediu a qualquer pessoa uma “distinção especial” para si: “Sei que vais escrever sobre minha vida, tu sabes muito sobre ela, não só pelo tempo que nos conhecemos e pelas diferentes naturezas das relações que mantivemos, mas, sobretudo, por tua capacidade de historiadora, de saberes observar e dizeres o que eu venho sendo enquanto homem e militante político na educação” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 24 – aspas da autora – grifo nosso).

Dessa forma, ao considerarmos o conhecimento acerca da vida e obra de Paulo Freire juntamente com os arquivos que Ana Maria Freire detinha em mãos, podemos afirmar que isso fez com que ela adquirisse autoridade, legitimando o seu posicionamento de *biógrafa autorizada*³⁸. Assim, podemos pensar também que no processo de escrita não há um controle do arquivo, mas da memória que será reconstruída por meio de uma narrativa biográfica.

Ao lançarmos um olhar para as obras biográficas devemos nos atentar para um fator importante que diz respeito à questão da intencionalidade no ato de confeccionar tal obra. As biografias, por mais que a denominemos *definitivas*³⁹, não registram todas as experiências vividas pelos seres biografados, mas apenas

³⁸ *Biografias autorizadas* são aquelas em que o autor (a) tem a permissão de publicação por parte do biografado (a), como se retificasse o que está escrito e inscrito na obra, atestando a veracidade do dizer do relato.

³⁹ Na atualidade, muitos autores de biografias colocam no título de suas narrativas o termo *definitiva* a fim de legitimarem suas vozes e verdades, mas é fato que todo relato descritivo passa pelo crivo de quem escreveu, sendo, portanto, fruto de uma perspectiva e não de um objeto definitivo.

certas passagens, àquelas consideradas mais significativas, além do fato de certas circunstâncias serem omitidas por *inúmeros fatores*⁴⁰, principalmente porque “não há coincidência entre a experiência vivencial e a totalidade artística” (ARFUCH, L, 2010, p.55). A esse fenômeno dá-se o nome de *ilusão de totalidade*.

Na tentativa de se apreender o *real* tal como o foi, muitas obras (auto) biográficas sofrem com esse fenômeno. Na busca de querermos enxergar o todo, de se aproximar da globalidade dos fatos, corremos o risco de atribuir valores exagerados a verdades limitadas, prejudicando a compreensão de um fato geral. Essa visão é sempre provisória, nunca se alcança uma etapa definitiva e acabada. A realidade sempre está assumindo novas formas e, assim, os conhecimentos precisam aprender a ser mais fluidos, por isso, tanto a *biografia* quanto a *autobiografia* sempre serão representações do *real*, permanentemente permeadas pelo crivo e a ótica do biografado ou autobiógrafo.

Dessa forma, a construção de uma identidade por uma outra pessoa, por mais próxima que ela o seja de alguém, exige, segundo Vilas Boas (2008), uma capacidade do biógrafo em ser reflexivo em sua pesquisa. O autor afirma que ser reflexivo implica que os pesquisadores se coloquem na posição do *outro* em uma pesquisa, estendendo seus entendimentos vivenciais do que significa ser pesquisado.

Ainda segundo o autor, “o processo biográfico envolve uma questão de *transferência e contratransferência*” (p.30). Como se trata de uma ação recíproca entre biógrafo e biografado, podemos afirmar que tanto na obra, em análise, quanto em outras, também, do tipo homodiegética, sempre haverá uma *dimensão autobiográfica* porque, nesse sentido,

(...) tanto a vida e a obra do biógrafo e do biografado, em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura – a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias (VILAS BOAS, 2008, p. 29-30).

⁴⁰ Não é nosso interesse detalharmos os fatores que não mereçam ser relatados em uma biografia ou autobiografia, o foco é mostrar que o relato obedece a uma intenção prévia, a uma espécie de *contrato* e, nada que o fira, torna-se um assunto digno de ser relatado.

Vilas Boas (2008) ainda reitera seu posicionamento com relação à consciência sobre as interpretações e compreensões acerca do processo da escrita biográfica, ressaltando que,

O biógrafo deveria, comedidamente, explicitar sua consciência sobre interpretações e compreensões: os limites e possibilidades da escrita biográfica; suas autorreflexões; seus significados e os significados do outro cuja vida será sempre mais importante que a do biógrafo, evidentemente (VILAS BOAS, 2008, p. 40-41).

Esta concepção adotada pelo autor supracitado, como já mencionamos, é chamada de *metabiografia*, a qual pressupõe que a vida do biografado não pode ser uma simples explicação ou justaposição de dados entre sua vida e obra. Vale ressaltar que é, também, um modo de narração biográfica que dá atenção também aos exames e autoexames do biógrafo sobre o biografar e sobre si mesmo, haja vista que devemos partir do pressuposto que todo relato é parcial, especialmente quando se trata de uma biografia, porque é o olhar e a validação das concepções do *outro* sobre uma vida, que por mais próxima que seja não é a sua.

Vilas Boas (2008) ainda ressalta como princípio fundamental que as relações motivacionais entre a vida do biografado e suas obras se imbriquem também nas relações motivacionais do biógrafo-autor, porque segundo ele, “pesquisar é também um ato autobiográfico” (p.34). Dessa forma, entendemos que ao contar a vida de Paulo Freire, Ana Maria Freire também conta sobre si, especialmente por participar como narradora-personagem.

A partir dessa constatação, nos questionamos em que medida e a partir de quais aspectos o livro *Paulo Freire: uma história de vida* (2006) se coloca apenas como biográfico. Levantamos essa hipótese a partir da premissa de que, quando um narrador fala do outro, ele acaba por se revelar e nesse sentido, a biografia também possui uma dimensão (auto) biográfica.

Assim, como vimos, tanto pelos pressupostos de Vilas Boas (2008) acerca do processo biográfico de *transferência* e *contratransferência* quanto os de Arfuch (2010) em relação ao *espaço biográfico*, podemos validar a nossa hipótese inicial, a da dimensão (auto) biográfica da obra. Encontramos nela, o que Arfuch (2010) convencionou chamar de *relações* que estabelecem a *presença* de marcas

biográficas quanto autobiográficas, mas há também *ausências* em determinados momentos de uma em relação à outra.

Ao nos valermos das proposições de Arfuch (2010) para refletirmos sobre o modo narrativo, as subjetividades envolvidas e a concepção dialógica presente nas (auto) biografias, especialmente sobre o postulado de *relações de presença e ausência*, poderemos entender melhor como se dá a consolidação desse *espaço biográfico* entendido por ela, o qual se centra na complexa relação estabelecida entre sujeito, linguagem, sociedade, discursos representativos do biográfico e as formas narrativas que se constituem na contemporaneidade

De acordo com Arfuch (2010), a sumária definição de Lejeune de um espaço biográfico “como reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam, embora sugestiva, não é suficiente para delinear um campo conceitual” (p.58). Dessa maneira, a autora propõe que o *espaço biográfico contemporâneo*⁴¹ seja entendido a partir da proposição de relações que não sejam necessariamente hierárquicas, mas que adquiram seu sentido considerando a primazia do diálogo intertextual, levando-se em consideração a temporização da narrativa e das possíveis articulações que se engendram a fim de termos “uma leitura mais compreensiva no âmbito mais amplo de um clima de época” (Arfuch, 2010, p. 58).

Nesse sentido, o *espaço biográfico* na contemporaneidade pode ser pensado a partir de uma adoção mais ampla do caráter intertextual e interdiscursivo das narrativas a fim de que se analisem os procedimentos de ficcionalização, os pontos de vista e esquemas enunciativos “para que se aponte para uma definição de tendências e regularidades das narrativas (auto) biográficas no cenário cultural” como propõe Arfuch (2010, p. 59).

É necessário que concebamos tal espaço como fruto da heterogeneidade constitutiva dos gêneros discursivos, haja vista que não existem formas puras de

⁴¹ De acordo com Arfuch (2010), o *espaço biográfico contemporâneo* é aquele que dá vazão às múltiplas formas e gêneros, sem que uma determinada obra fique presa às suas amarras definidoras, que ela possa ter seu sentido e valor atribuídos de maneira diferentes ao longo das gerações e que não haja a necessidade da confluência entre o mundo do texto e o horizonte de expectativas do leitor.

relatos, mas constantes misturas e hibridizações, as quais proporcionam apenas uma estabilidade relativa aos relatos .

Vimos, portanto que, escrever (*auto*) *biografias*, pode ser vista como uma espécie de releitura de um tempo ou como forma de reafirmar ou constituir uma identidade nacional ou individual. Tal fato tornou-se um tema constante entre os escritores nas últimas décadas do século XX, sejam eles consagrados ou não pelo cânone literário. Assim, tais décadas representaram um terreno fértil no que diz respeito ao desenvolvimento de estudos memorialistas e ao aumento da produção de *biografias*, *autobiografias* e *memórias* intelectuais que contribuem, de certa forma, para a preservação da memória literária e cultural brasileira, tendo em vista a inserção de lembranças que fazem uma espécie de retrospectiva da cultura de um certo espaço e tempo.

A escrita memorialista, que também passa pela escrita biográfica, procura percorrer um caminho delineado através dos recortes histórico-culturais de uma sociedade refletida pelas considerações dos autores, pelo olhar lançado pelos mesmos ao mundo a que pertenciam, pelo cotidiano dos personagens. Os autores auxiliam, desse modo, em uma reflexão crítica da memória cultural brasileira referente às épocas vivenciadas por eles no ato da confecção destas obras, uma vez que fazem de suas anotações uma espécie de livro de efemérides culturais, transpondo para o papel acontecimentos relacionados com a cultura, a política, a história.

Sabemos que na constituição de uma biografia, o objetivo do biógrafo é criar uma imagem inteira e definitiva do biografado porque se cria a ilusão de ter apreendido o *real*. Dessa forma, os fatos se tornam frutos de um relato mais próximo da imparcialidade, porém, na construção e constituição de um texto, seja ele de qualquer gênero, sempre estará expressa a subjetividade do escritor, mesmo que este a faça inconscientemente, suas marcas estarão continuamente impressas no tecido textual.

CAPÍTULO II

Analizando a obra

2.1 – (Auto) Biografia

O estudo discursivo a seguir contempla as três partes iniciais da biografia: *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução*. Consideramos que nesses textos se dá o estabelecimento da noção de *contrato de comunicação* como Charaudeau (2008) propõe.

Quando fazemos referência à noção de *contrato de comunicação*, conforme o tópico 1.2, acreditamos que é tanto na *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução* da biografia que o estabelecimento desse *contrato* se dá, já que neles os autores declararam sua intenção, ou seja, são nesses textos que se fornece um quadro de restrições discursivas e um espaço de estratégias que se deve adotar ao ler a obra.

Para que um *contrato* se firme, é necessário que haja o reconhecimento recíproco dos sujeitos, a fim de que os mesmos partilhem referências comuns que irão permear o estabelecimento do laço comunicativo. Esses *contratos comunicativos* funcionam como parâmetros, códigos implícitos, expectativas compartilhadas e mais ou menos institucionalizadas sobre o modo de funcionamento dessas situações de comunicação e sobre os prováveis discursos que podem ser encontrados, nesse caso, os que serão expressos nos textos supracitados.

Após analisarmos os *contratos comunicativos* que são estabelecidos nos textos mencionados, teremos uma dimensão maior do todo biográfico e poderemos corroborar ainda mais a nossa hipótese inicial, a de que essa obra possui uma forte dimensão (auto) biográfica, se levarmos em consideração a partir de uma análise discursiva o que é expresso tanto na *apresentação*, *prefácio* e *introdução*.

Como já foi dito, sabemos que o processo biográfico envolve uma ação recíproca entre o biógrafo e o biografado, assim “tanto a vida e a obra de um e outro estão imbricadas” (VILAS BOAS, 2008, p. 29-30). Dessa maneira, instaura-se o processo, já mencionado, *metabiografia*, que é, segundo o autor supracitado, um modo de narração biográfica que dá atenção aos exames e autoexames do biógrafo sobre o biografar e sobre si mesmo, proporcionando às narrativas biográficas uma dimensão autobiográfica a partir de sua própria constituição.

2.1.1 – Apresentação

A *Apresentação* foi feita por Ana Arruda Calado, nas páginas 15 a 17. Nela percebemos uma tônica altamente valorativa e até mesmo elogiosa à obra escrita por Ana Maria Freire. Quando ela afirma que a biógrafa venceu um grande desafio, a coloca numa condição superior, fazendo referência à capacidade da mesma em construir uma obra *sui generis*, fruto de uma história de amor, ao mesmo tempo em que é também um produto bem elaborado que narra, minuciosamente, o processo do pensamento de Paulo Freire:

⁴²(...) enfrentou e venceu um grande desafio para escrever esta biografia, que resultou em obra *sui generis*. Porque é ao mesmo tempo a biografia do homem que ela admirou desde menina, por quem se apaixonou mulher madura, de quem é viúva, mas de quem é também herdeira intelectual. E aí está a peculiaridade deste livro: a autora conseguiu ser ao mesmo tempo a amada/amante – esta biografia pode ser lida em grande parte como uma história de amor – e a pedagoga rigorosa, ao narrar minuciosamente o processo do pensamento de Paulo Freire, o encadeamento de suas reflexões/ ações/ novas teorizações (CALADO, Ana Arruda, 2006, p. 15 – Apresentação – itálico da autora - grifo nosso).

A partir dos apontamentos feitos por Ana Arruda Calado, na *apresentação*, verificamos que ela atesta a riqueza de documentos da obra biográfica escrita por Ana Maria Freire:

⁴² A *Apresentação* faz parte do livro, mas foi escrita por Ana Arruda Calado. A referência do excerto acima se faz em relação à autora da *apresentação* e não a da obra, mesmo que essa se encontre dentro da mesma. Optamos por esse tipo de referência para esclarecer a autoria dos proferimentos.

(...) parecer uma obra de referência, de consulta; a maneira carinhosa com que é desenvolvido prende o leitor como uma narrativa de ficção. É um livro em que o biografado está inteiro, mas a biógrafa não se esconde; está sempre ali, ao lado (CALADO, Ana Arruda, 2006, p. 15 – Apresentação).

Ainda nos atendo à *apresentação* feita por Ana Arruda Calado, prima de Ana Maria Freire e casada com Antônio Callado, notamos certa identificação entre a história de ambas, no sentido de terem sido casadas com homens que lutavam pela classe pobre e oprimida e por terem sido perseguidos politicamente também. Ana Arruda Calado se valeu de um dos trechos do romance *Quarup*, escrito por Antônio Calado, em 1967, para fazer referência ao sentimento de admiração de Antônio Calado por Paulo Freire, embora não se conhecessem pessoalmente:

E eu tive mais essa sorte na vida: fui casada com um homem que, como Freire, fez a opção pelo exílio, mas sofreu várias prisões e teve uma cassação toda especial: além dos direitos políticos, perdeu por um bom tempo o direito de escrever livros, colaborar em jornais e dar aulas. Foi cassado e amordaçado (CALADO, Ana Arruda, 2006, p. 17 – Apresentação).

Embora a autora da *apresentação* afirme não se tratar de uma apreciação com um olhar viciado ou, como ela mesma diz, ser uma apresentação do tipo *ação entre amigos* ou entre parentes, notamos que só há considerações elogiosas à biógrafa e, em momento algum, fala-se sobre a difícil arte de biografar e a impossibilidade da construção de um relato imparcial, ainda mais quando se viveu tão próximo ao biografado:

Essas circunstâncias, além de tantas outras mencionadas aqui ou não, fazem que este livro me pareça algo muito vivo, muito próximo, muito querido. Mas não estou fazendo uma apresentação do tipo *ação entre amigos* ou entre parentes. A biografia de Paulo Freire por Ana Maria Araújo Freire vem trazer novas luzes a um período importante da história do Brasil, período esse que, se Callado sem dúvida retratou com muita competência em vários de seus livros, Paulo Freire também a enriqueceu com sua vida e sua obra. Vida e obra que ninguém conhece melhor do que Nita Freire, pois ela as conhece na carne e na mente, como o leitor poderá confirmar (CALADO, Ana Arruda, 2006, p. 17 – Apresentação - itálicos da autora - grifos nossos).

Portanto, a *apresentação* da obra se atém à apresentação da biógrafa, assim qualificada por Ana Arruda Calado (2006):

- a) Ana Maria Araújo Freire, ou melhor, Nita Freire, enfrentou e venceu um grande desafio para escrever esta biografia, que resultou em obra *sui generis* (p.15).
- b) E aí está a peculiaridade deste livro: a autora conseguiu ser ao mesmo tempo a amada/amante - esta biografia pode ser lida em grande parte como uma história de amor – e a pedagoga rigorosa, ao narrar minuciosamente o processo de pensamento de Paulo Freire, o encadeamento de suas reflexões/ ações/ novas teorizações (p.15).
- c) A riqueza de documentos faz este texto parecer uma obra de referência, de consulta; a maneira carinhosa com que é desenvolvido prende o leitor como uma narrativa de ficção (p.15).
- d) Recentemente, tive o prazer de escrever um texto sobre Paulo Freire para a revista (pernambucana) *Continente Multicultural*. Para executar a honrosa, mas difícil, tarefa, obtive importante ajuda de Nita, que generosamente me deu acesso a este livro, ainda não totalmente acabado (p.17)
- e) Fiquei tão tocada com o tom intimista usado pela autora em várias passagens da biografia que, como um dos textos complementares do artigo encomendado, não resisti, pus de lado um certo pudor de usar o talento do marido, e escolhi um trecho do romance *Quarup* (p.17).
- f) Essas circunstâncias, além de tantas outras mencionadas aqui ou não, fazem que este livro me pareça algo muito vivo, muito próximo, muito querido (p.17).
- g) Mas não estou fazendo uma apresentação do tipo “ação entre amigos” ou entre parentes. A biografia de Paulo Freire por Ana Maria Araújo Freire vem trazer novas luzes a um período importante da história (p.17).

- h) Vida e obra que ninguém conhece melhor do que Nita Freire, pois ela as conhece na carne e na mente, como o leitor poderá confirmar (p.17).

2.1.2 – Prefácio

O *prefácio* foi escrito por Alípio Casali⁴³ e Vera Barreto⁴⁴. Eles o iniciam, afirmando que “as biografias de grandes figuras dificilmente escapam de deslizes num certo estilo épico a fim de se obter um tipo de consagração do caráter heróico do sujeito” (p.19). Segundo os autores, tal fato é inteiramente previsível porque parte-se do pressuposto que, em geral, não se relata a vida de pessoas comuns nesse tipo de gênero. Apesar da afirmação proposta inicialmente, da consagração e heroificação dos biografados, os prefaciadores atestam que esse tipo de roteiro peculiar das biografias não se aplicou à obra escrita por Ana Maria Freire porque ela conta com uma espécie de trunfo à medida que:

⁴⁵(...) a revelação da identidade da autora, Nita Freire, esposa de Paulo Freire, opera como uma promessa especial ao leitor: a de ser arrebatado a uma descrição de acontecimentos exclusivos, incapazes de serem descritos por qualquer outro biógrafo. O leitor sabe que adentrará com certeza numa história envolvente, levado pelas mãos de quem percorreu muitos dos labirintos da vida profissional e pessoal de Freire. Precisamente os dos últimos dez anos de sua vida. (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 19 – Prefácio - grifo nosso).

Outra característica também atribuída à autora pelos prefaciadores é a *modéstia* ao biografar um renomado ícone da educação brasileira e mundial. Eles

⁴³ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação/Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e trabalhou com Paulo Freire ao longo dos últimos sete anos de vida do educador.

⁴⁴ Coordenadora do Programa de Formação de Educadores, do Vereda – Centro de Estudos em Educação, fundado por Paulo Freire, em 1983. Participou da primeira experiência de alfabetização com a metodologia de Paulo Freire fora do Nordeste Brasileiro em 1963.

⁴⁵ O *Prefácio* faz parte do livro, mas foi escrito por Alípio Casali e Vera Barreto. A referência do excerto acima se faz em relação aos prefaciadores e não à autora do livro, mesmo que esse se encontre dentro do mesmo. Optamos por esse tipo de referência para esclarecer a autoria dos proferimentos.

ainda destacam a condição de Ana Maria Freire ser a biógrafa autorizada⁴⁶ nomeada por Paulo Freire:

A modéstia da autora, porém, não revelou ao leitor que sua condição de biógrafa é autorizada não apenas por ter sido esposa do biografado, mas também por ser ela própria uma intelectual profissional madura, uma acadêmica, doutora em educação, pesquisadora e autora de vários livros (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 19 – Prefácio).

Os prefaciadores afirmam, também, que o livro apresenta-se como uma narrativa intensa, desde o início, e ainda salientam a amplitude da obra, considerando- a arriscada, haja vista a própria extensão. Segundo Casali e Barreto,

(...) a biografia abrange dois extremos: de um lado, testemunhos de máxima identidade (as rotinas do dia-a-dia, os caprichos, até os momentos finais da vida de Freire, na UTI do hospital); de outro, a pesada fonte histórica: o manejo de uma vasta coleção de documentos, a maior parte deles inéditos, de valor histórico extraordinário (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 20 – Prefácio - grifo nosso).

Com relação aos tipos de documentação utilizados na composição da obra biográfica, os prefaciadores chamam a atenção para o “discreto equilíbrio” (p.20) que a autora utiliza com relação à coleção de fotos dispostas ao longo do texto. Segundo eles:

Outro tipo de documentação, utilizada com discreto equilíbrio, é a coleção de fotos que ilustra o texto. A autora tem guardadas fotos em abundância. No livro, elas aparecem na medida certa, para ilustrar apropriadamente os acontecimentos e corroborar seus testemunhos (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 20 – Prefácio - grifo nosso).

Outro tópico levantado por Casali e Barreto diz respeito ao aparecimento de alguns poemas⁴⁷ ao longo da biografia. De acordo com eles, tal inserção irá permitir ao leitor “uma experiência preciosa no sentido de que irá fazer com que o leitor adentre no campo da sensibilidade poética de Paulo Freire” (p.20).

⁴⁶ Ana Maria Freire foi nomeada em documento de estatura jurídico-legal, em testamento, como sucessora legal/intelectual no que se refere à organização de todas as obras inéditas de Paulo Freire, além de ser responsável pelos escritos do educador a partir da data em que se casaram, em 27/03/1988.

⁴⁷ Deixaremos, então, para fazermos alusão a tais elementos quando formos falar sobre a parte VI, pertencente ao capítulo XXII, onde aparecem e, assim, faremos uma análise dos mesmos. É importante ressaltar que adotamos tal postura por uma simples questão de rigor metodológico.

Com relação à linguagem, os prefaciadores alertam para o fato da autora mesclar o seu discurso pessoal e o de Paulo Freire. Os neologismos eram uma marca do discurso do educador e quase que, simbioticamente, segundo Casali e Barreto, “Ana Maria Freire também se vale dessa estratégia e segue um caminho similar a fim de recriar o ambiente freireano ao longo de todo o texto” (p.20).

Outro aspecto que abordam é que “toda biografia requer o alinhamento de uma certa ordem cronológica para a descrição dos acontecimentos”, mas não impede escapes dessa ordem dos acontecimentos sucessivos para se explorar uma abordagem temática (p.20). Para eles, o alinhamento dessa sequência cronológica irá acontecer nas partes I, II, III, IV e V, mas será rompido na parte VI, quando os aspectos e traços psicológicos do autor serão trabalhados e discutidos. Nessa parte, percebemos que emerge a subjetividade da autora, embora ela se valha também de documentos historiográficos, fotos, poemas e até cartas pessoais de Paulo Freire.

Após discutirem a composição biográfica da narrativa, Casali e Barreto tocam num ponto bastante importante, que é a questão da *memória* e a conseqüente construção do *mito*. Segundo os prefaciadores, a obra biográfica prefaciada jamais pode ser considerada uma alusão ao mito, já que a condição de mito é incompatível com a de educador. Eles ainda se valem de uma das proposições freireanas para destacar o absurdo de se cultivar uma “memória fetichizada” (p.21):

Não se faz educação com fetiche. Ao contrário, toda educação é ação desfetichizadora por excelência: desveladora do mundo e dos sujeitos em comunidade. Desvelamento, esse, que se faz não por passe surpreendente de mágica, mas por lenta e árdua construção cotidiana. Enquanto descobridora e construtora, a educação é desencantadora do mundo (Max Weber) tal como ele nos apresenta imediatamente, recoberto de elaborações tradicionais, culturais, ideológicas. Requer esforço e, não raro, algum sofrimento, olhar de frente para a realidade desromantizada, desidealizada, com uma consciência não mais ingênua. Não obstante isso, não dizemos freireanamente ser “encantadora” essa experiência paradoxal da consciência crítica ao desencantar o mundo? (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 21 – Prefácio - grifo nosso).

Para Casali e Barreto, tanto a vida quanto a obra de Paulo Freire são questões que envolvem um fenômeno de forte apelo mítico. Segundo eles, tal fato

se dá, devido “a sua condição de patriota vitimado, que arriscou sua vida para abrir as portas do mundo, da história e da cultura aos analfabetos, oprimidos e aos excluídos” (p. 21). Ainda conforme os prefaciadores, esse acontecimento custou o exílio ao educador, mas em contrapartida, “lhe deu acesso ao mundo e acesso do mundo a ele” (p.21).

Podemos verificar que a qualidade da obra é assim evidenciada pelos prefaciadores:

Os leitores e leitoras deste livro vão encontrar nele um Paulo Freire por inteiro: o nordestino apaixonado por sua terra e sua gente, o professor reconhecido por universidades de todo o mundo, o educador popular em diálogo com os excluídos onde quer que eles estivessem (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 21 – Prefácio - grifo nosso).

Nota-se um tom e caráter altamente elogiosos para a situação exigida em relação ao gênero *prefácio*⁴⁸.

Conforme Casali e Barreto, a publicação desta biografia torna realidade uma previsão que Paulo Freire fez com relação ao trabalho que Ana Maria Freire poderia desenvolver ao nomeá-la como tutora legal e intelectual de seus pertences, obras e escritos, conforme consta no trecho:

Em vários momentos, ouvimos dele comentários entusiasmados em relação ao constante trabalho de Nita, de coletar e guardar cuidadosamente suas numerosas falas, escritos, participações em encontros, congressos, pelo mundo afora. Paulo dizia saber que um dia todo esse material se transformaria em alguma obra que mostraria a professores e estudiosos as questões vividas na educação e o ponto de vista de quem *andou pelo mundo* pensando o significado da prática educativa a partir dessa realidade (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 21 – Prefácio – itálicos dos autores - grifo nosso).

E com vistas a salientar o trabalho da biógrafa, os prefaciadores afirmam que a obra escrita por Ana Maria Freire conseguiu alcançar seu expoente máximo, corroborando, certamente, as expectativas do educador Paulo Freire caso estivesse vivo:

⁴⁸ Já discutimos no subtópico 1.2, Os sujeitos discursivos e o *contrato de comunicação*, as particularidades inerentes à composição de um *prefácio*.

Por tudo isso, encontramos-nos diante de uma biografia originalíssima, autorizada, densa, de incomensurável valor histórico, cultural e educacional, e de prazerosa fruição literária. Como se não bastasse, é de longe a mais completa e autorizada biografia de Paulo Freire até hoje escrita⁴⁹ (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p. 21 – Prefácio - grifo nosso).

Ao final, os prefaciadores afirmam, veemente, a partir de uma rica e forte adjetivação conferida à obra, não terem dúvidas acerca da narrativa se constituir em:

Uma fonte inesgotável de estudos e pesquisas, pela fartura e pertinência de materiais, documentos, testemunhos e pistas de novas pesquisas que ela oferece. Essas qualidades farão dela, certamente, uma obra de interesse não apenas para educadores e historiadores, mas para um vasto público de leitores e leitoras interessados (e que com ela mais estimulados ficarão) em explorar a memória cultural do Brasil e dos países onde Freire trabalhou, e reconhecer os caminhos da educação humanizadora e libertadora, de Paulo Freire (CASALI, Alípio & BARRETO, Vera, 2006, p.22 – grifos nossos).

Portanto, o *prefácio* ressalta as qualidades da biógrafa, primeiramente, ao negar que ela tenha heroificado a figura do biografado. Posteriormente, afirma-se que a identidade de Nita Freire opera como uma promessa especial ao leitor, a de ser arrebatado a uma descrição de acontecimentos exclusivos que só poderiam ser contados por ela.

Em seguida, os prefaciadores chamam a atenção para o equilíbrio encontrado pela biógrafa ao narrar aspectos do âmbito íntimo com uma historicidade bastante precisa. Eles ainda destacam a sensatez da autora diante da parcimônia com que utiliza as fotos e os poemas ao se trabalhar com o texto.

Há também um forte destaque dado à linguagem, que é caracterizada como fiel ao discurso pessoal da biógrafa e ao mesmo tempo com o do biografado, proporcionando fluência para os leitores não-familiarizados.

⁴⁹ Inúmeras biografias são encontradas na Internet sobre Paulo Freire, mas a que se destaca junto a essa que está sendo analisada, é a de Moacir Gadotti, lançada em 1989, que se intitula, *Convite à leitura de Paulo Freire*. O livro, em pauta, constitui uma iniciação à vida e à obra de Paulo Freire. Foi produzido a partir dos textos do próprio educador, o que facilita o entendimento do método de alfabetização de adultos que o tornou famoso. O autor destaca o contexto social que motivou a pedagogia de Freire: a infância, a precoce alfabetização pelos pais, a adolescência pobre, as dificuldades de aprendizado motivadas pela desnutrição. Seguem-se o início como professor e o casamento com Elza, sua grande incentivadora, a relação com os filhos e o seu pioneirismo no pensar a questão escolar dos adultos das camadas populares.

Os prefaciadores ainda atribuem, à autora, a responsabilidade por construir uma narrativa que permite aos leitores encontrar um Paulo Freire por inteiro e consideram esse relato, segundo palavras dos próprios, como “uma biografia originalíssima, autorizada, densa, de incomensurável valor histórico, cultural e educacional e de prazerosa fruição literária” (p.21).

É inegável, como vimos, o caráter elogioso e edificante da biografia por parte dos prefaciadores.

2.1.3 – Introdução

Iremos nos ater, agora, à descrição e análise da introdução da *biografia escrita por Ana Maria Freire*⁵⁰.

No parágrafo inicial desse texto, percebemos um tom bastante intimista, esperado pelos sessenta anos dos mais variados tipos de convivência que Ana Maria teve com Paulo Freire, amiga, orientanda e, finalmente, esposa. Um dos trechos que chamam atenção no primeiro parágrafo é o fato de ela afirmar, veemente, que conheceu “verdadeiramente quem foi o educador e pela possibilidade que ela oferece através da biografia que escreve, de perpetuá-lo para os que conheceram ou com ele trabalharam pessoalmente” (FREIRE, Ana M., 2006, p.23).

Ana Maria Freire ainda salienta que a biografia poderá servir para “apresentar e perenizar vida e obra do educador para as gerações mais jovens e futuras, para aqueles que não o conheceram e até mesmo para seus contemporâneos” (p.23).

Ela afirma que irá se deter nas lembranças dos tempos vividos paralelamente junto a Paulo Freire, mas sobretudo:

⁵⁰ A *Introdução* foi escrita por Ana Maria Freire e todas as referências que serão feitas a partir de agora se equivalerão com as do miolo da obra, já que o texto *Introdução* e a biografia são escritas pela mesma pessoa. O que distinguirá o todo biográfico do excerto a ser analisado é somente o número da página, sendo que as referências que têm por base as páginas 23 a 29 fazem parte da *Introdução*.

Daqueles vividos com ele – juntando a elas as suas envolventes histórias contadas a mim nas nossas conversas; com a extensa documentação sobre fatos de sua vida, de escritos seus e de diversas pessoas que se relacionaram de alguma maneira com ele e em torno dele -, escrever esta história de vida (FREIRE, Ana M., 2006, p. 23).

É interessante notarmos que é feita uma alusão a um tipo especial e singular de história, como se a trajetória de Paulo Freire representasse um referencial de vida a ser seguido, desconstruindo assim, qualquer possibilidade de erro ou fracasso. Assim, a figura do biografado se afasta dos moldes da condição humana, desviando-o da possibilidade de acometimento por falhas.

Tal fato não é incomum em biografias de pessoas ilustres que pretendem construir a imagem de homens tidos como pré-destinados a se tornarem vencedores, mártires e líderes. De acordo com Vilas Boas (2008), é como se a partir da genialidade das ideias e do pensamento do biografado, ele já estivesse fadado a se tornar um homem de sucesso, fazendo com que existam e se reafirmam até os dias atuais muito mais por causa de suas obras do que em função de si próprios como seres biografados, como é o caso da obra que estamos analisando.

Ao aspecto discutido anteriormente, Vilas Boas (2008) convencionou chamar esse traço que é bastante comum às narrativas biográficas contemporâneas de *fatalismo*. Para ele, o *fatalismo* aparece com frequência em *narrativas biográficas* contemporâneas e “o senso fatalista coloca o biografado em função de sua obra, ao invés de parcela considerável da vida, sua obra se torna a própria vida” (p.85).

De acordo com Rondelli e Herschmann (2000), essa tendência fatalista do biógrafo em mitificar a figura do biografado se justifica a partir da convergência que a mídia atual tem de buscar ou “criar heróis a fim de que possam ser ofertados como referenciais exemplares na construção de outras vidas” (p.281).

Ana Maria Freire destacou no início da *introdução* que se propunha a escrever a história de Paulo Freire a partir de suas lembranças, dos fatos contados a ela, das conversas e de documentos historiográficos, mais que isso, ela se propõe a narrar uma estória que se apresenta como digna de ser contada, porque de acordo com as palavras da própria autora, ela irá escrever “esta

história de vida a fim de apresentá-lo e perenizá-lo para as gerações mais jovens e futuras”, fazendo com que a obra assuma também um caráter *fatalista* (FREIRE, Ana M., 2006, p.23 – grifo da autora).

Ao longo da *introdução*, Ana Maria Freire diz ter participado como pessoa privilegiada da vida de Paulo Freire em várias e diferentes instâncias que o relacionamento humano pode possibilitar e descreve como viveu esses momentos:

Vivi cada um desses momentos com respeito, admiração e fascinação por ele. Agora que ele partiu, ficando, entretanto, para sempre em mim, tomo essa tarefa de escrever sobre sua vida, como fundamental para nós dois. A essa tarefa estou me entregando com todo o empenho, cuidado e seriedade, de uma maneira similar, porque não poderia ser igual, à que dediquei a ele mesmo quando dividimos o cotidiano da vida (FREIRE, Ana M., 2006, p. 23-24).

Na página 24, fica evidente a vontade de Ana Maria Freire em ser a autora de uma biografia que diz respeito a Paulo Freire, mas esclarece que se trata, também, de um pedido do marido que, como tal, a nomeou como sua sucessora, por acreditar que ela:

Cumpriria mais esse dever e esse direito, tal como ele desejava que eu o fizesse: reconstituir com amor, com verdade histórica e com a proximidade de mulher, estudiosa e sucessora de sua obra, detalhadamente, a sua vida e os seus feitos (FREIRE, Ana M., 2006, p. 24).

Um outro aspecto interessante e que poderá servir para ela se eximir de futuras críticas é o fato de que Ana Maria Freire questiona a si mesma sobre a arte de (re) contar a vida de alguém, especialmente se essa pessoa é objeto de admiração e amor por quem o retrata.

Ao perenizar sua figura de homem público, seu legado de educador, seus feitos por mais de cinquenta anos de luta e trabalhos, esforços e dedicação, corro o risco – como correm todos e todas que tomam para si esse dever de perenizar homens ou mulheres exemplares – de não ser fiel nem ao retrato nem à “moldura” de quem se propõe – eu me proponho – falar. Mais ainda quando o “retratado” foi e continua sendo objeto de admiração, fascinação e amor por parte de quem o retrata, por mim (FREIRE, Ana M., 2006, p. 24 – Introdução – aspas da autora).

Dessa forma, a obra que se apresenta como biográfica, irá apresentar traços romantizados, uma vez que a autora indica como a obra deverá ser lida, estabelecendo uma espécie de *contrato*:

Como autora desta biografia decidirei o que dizer, como dizer, onde dizer, por que dizer, por que não dizer, consciente de que aquele que é lembrado nem tem chance de escolher a moldura nem o retrato emoldurado (FREIRE, Ana M., 2006, p.24 – grifo nosso).

Na condição de autora, Ana Maria Freire, ao posicionar-se da maneira acima explicitada parece sentir-se mais à vontade para escrever uma biografia mais romanesca, mesmo que esse tipo de tônica não seja a mais pleiteada pela biógrafa já que ela se exime de realizar uma biografia estritamente baseada em fatos e documentos historiográficos que possam comprovar a veracidade de seus dizeres.

A autora ainda faz algumas reflexões acerca da *memória*, da construção de um retrato pelo outro e da impossibilidade da total imparcialidade, principalmente quando o biografado é alguém que se admira e ama:

*Como guardar a memória de alguém sem trair sua vida? Guardar os tempos vividos com Paulo na minha memória, no córtex de meu cérebro, no meu *corpo consciente*, é fácil: foram tempos intensamente vividos, profundamente sentidos. Apaixonados. Impossíveis de serem esquecidos. Ao perenizar sua figura de homem público, seu legado de educador, seus feitos por mais de cinquenta anos de luta e trabalhos, esforços e dedicação, corro o risco – como correm todos e todas que tomam para si esse dever de perenizar homens ou mulheres exemplares – de não se fiel nem ao retrato nem à moldura de que se propõe – e eu me proponho – falar. Mais ainda quando o *retratado* foi e continua sendo objeto de admiração, fascinação e amor por parte de quem o retrata, por mim. Há, sempre, em qualquer caso, o perigo de arbítrio quando escrevemos sobre alguém, porque a total imparcialidade de quem escreve não existe (FREIRE, Ana M., 2006, p. 24 – itálicos da autora - grifo nosso).*

Após discutir essas questões acerca da moldura e do retrato de Paulo Freire, a biógrafa afirma sentir-se livre para escolhê-los porque afirma tê-lo conhecido realmente:

Sinto-me livre para escolher a “moldura” e o “retrato” de Paulo porque o conheci, realmente. Conheci o seu corpo e sua alma, seus desejos e vontades, suas aspirações e necessidades, sua obra e sua práxis, sua

inteligência e *gentidade*⁵¹ (FREIRE, Ana M., 2006, p.24 – aspas e itálicos da autora - grifo nosso).

Outra asserção feita pela autora diz respeito ao fato de ela se autojustificar por ter sido a responsável pela biografia:

Algumas vezes Paulo me disse, insinuando – porque jamais pediu a qualquer pessoa uma *distinção especial* para si: “Sei que vais escrever sobre minha vida, tu sabes muito sobre ela, não só pelo tempo que nos conhecemos e pelas diferentes naturezas das relações que mantivemos, mas, sobretudo por tua capacidade historiadora, de saberes observar e dizeres o que eu venho sendo enquanto homem e militante político na educação” (FREIRE, Ana M., 2006, p.24 – aspas e itálicos da autora).

Essa afirmação produz o efeito de uma espécie de autopromoção por parte da biógrafa, porque a legitima e a coloca na condição de alguém realmente habilitada a narrar a vida do educador.

Outro fato peculiar é o de que a autora se vale das aspas para marcar a fala de Paulo Freire, como se o que fosse ali expresso, tivesse sido registrado e/ou anotado, embora não tenha sido feita nenhuma referência ao suporte de enunciação. A autora se vale das palavras do biografado para justificar a proposição de uma biografia escrita por ela, mesmo já sendo sucessora legal e intelectual das obras do educador após 1988.

Ana Maria Freire afirma que os leitores e leitoras da biografia que escreve não irão encontrar “uma biografia desencarnada, angelicalizada ou caricata de seu marido” (p.25), ressaltando que:

Escreverei uma história de vida, a de Paulo Freire – a que ele viveu antes de nos casarmos, a que vivi com ele e ele comigo - como venho vivendo a minha vida sem ele: com os sentimentos e as emoções, sem perder, entretanto, a capacidade da transparência lógico-pedagógica e do compromisso ético-político. Tomarei esse caminho claramente consciente porque tenho certeza de que me empenharei em dizer tudo aquilo que eu sei sobre Paulo, tudo o que lhe faça justiça, tudo o que é verdadeiro sobre ele, e tudo sobre o que ele gostaria que eu dissesse, tudo que me está sendo possível dizer de sua vida. Registrar num discurso a sua vida sem me furtar, portanto, do que, vi, observei, estudei e vivi junto, com ou sem ele, porque fui protagonista e testemunha privilegiada de sua vida e obra (FREIRE, Ana M., 2006, p. 25 – grifos nossos).

⁵¹ Com relação ao termo *gentidade*, ele não existe no dicionário e a partir das interpretações feitas junto ao livro, trata-se de um neologismo criado pela autora que diz respeito aos aspectos humanos e característicos de um homem bom, honesto e justo como foi Paulo Freire a partir da visão de Ana Maria Freire

A partir dessa afirmação, percebemos que a biógrafa instaura uma espécie de *biografia* quase que, romantizada, marcada por um tom saudosista e bastante elogioso à figura do biografado. No trecho acima, observamos uma alusão a um tipo de *narrativa de vida* que deve e merece ser contada, como se funcionasse como uma espécie de alerta aos leitores para que se dêem conta de que há muitas histórias de vida, mas a de Paulo Freire se apresenta de maneira peculiar, especial.

Podemos perceber, ainda no fragmento acima, a evidência de que a biógrafa irá escrever tudo aquilo que não a comprometa e, de certa forma, desestabilize a imagem heroificada e, até mesmo, a condição de mito de Paulo Freire. Afirmamos isso, em função do que Ana Maria Freire (2006) atesta, a de que o que será falado na biografia “tem que fazer jus ao homem que foi Paulo Freire, a tudo que lhe faça justiça, tudo o que é verdadeiro sobre ele, e tudo sobre o que ele gostaria e se orgulhava de ter feito e/ou pensado e dito” (p.25).

Podemos correlacionar o trecho supracitado a um *procedimento*⁵² que Foucault (2008) convencionou chamar de *interdição*. Segundo o autor, o discurso não diz respeito somente à materialidade do texto verbal ou oral, não é simplesmente aquilo que é capaz de traduzir as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o discurso se revela como uma espécie de *poder* sobre o qual podemos nos apoderar. Foucault ainda salienta o perigo dos discursos se proliferarem porque esses são produzidos em certos lugares e, de certa forma, são controlados, selecionados, organizados e redistribuídos através de certos procedimentos os quais são capazes de conjugar poderes e perigos.

A *interdição* está ligada ao fato de não poder dizer tudo o que se quer, estando sujeito a sanções. No caso da biógrafa, dependendo do que se relata, como, por exemplo, fatos que não edifiquem a figura do biografado, poderá haver até uma possível desconstrução acerca do merecimento do educador enquanto sujeito biografável.

⁵² Foucault (2008) listou alguns procedimentos que são capazes de controlar e delimitar o discurso, os quais chamou de *procedimentos exteriores de controle e delimitação do discurso* que formam três grandes sistemas de exclusão. Só faremos referência, nesse trabalho, ao procedimento da *interdição*, o qual nos interessa.

Tal fato mostra a não-linearidade da narrativa, uma vez que se espera das obras de cunho (auto) biográfico a narração de todas as partes que engendram e compõem a vida do biografado sem a omissão e restrição de fatos, mesmo que esses não sejam tão edificantes, assim como Vilas Boas (2008) propõe, tomando de empréstimo o seu conceito de *biografia*⁵³.

Embora a autora assuma que os relatos biográficos, muitas vezes, correm o risco de não serem *fiéis*⁵⁴, porque o biografado não tem controle sobre o contorno que é dado ao *retrato* e à *moldura*, a biógrafa ressalta que sua paixão e amorosidade também farão parte do relato que ela empreende:

Escreverei, portanto, este texto encharcado de minha paixão por ele como homem companheiro e amigo, como cidadão, como educador, mesmo porque não haveria motivo de negar os meus sentimentos por ele (FREIRE, Ana M., 2006, p. 25 – Introdução).

Em seguida, após afirmar que sua narrativa será encharcada de paixão, a biógrafa introduz uma ressalva quanto à subjetividade que ela diz estar inscrita em sua obra:

Estarei cuidando todo o tempo para que a minha amorosidade subjetiva não mate a objetividade da minha consciência crítica acerca de quem foi, de quem continua sendo Paulo Freire. Numa coisa os leitores e leitoras devem acreditar: procurei nessa busca do *retrato* de Paulo e da *moldura* que o envolveu o mais autêntico que habitou nesse extraordinário homem do Nordeste brasileiro. Sem inverdades, sem ambiguidades, sem engodos. (FREIRE, Ana M., 2006, p. 25 – itálicos da autora - grifo nosso).

Outra questão que nos chama a atenção é o fato da própria Ana Maria Freire legitimar-se como alguém capaz e autorizado a escrever com verdade e veemência sobre a figura do educador Paulo Freire. Não estamos discutindo a capacidade da biógrafa, mas a circunstância que assume, a de ter que atestá-la em todos os momentos, como se devêssemos tomar tudo que está empreendido na obra, como uma verdade única e inquestionável, embora ela diga, ao final da citação, que dirá o que pode e sabe e como pode e sabe dizer:

⁵³ Para Vilas Boas (2008), “a *biografia* deve nos proporcionar uma descrição detalhada acerca de uma existência, da vida de uma pessoa” (p. 22).

⁵⁴ Sabemos que a fidelidade não existe, o que há é uma representação próxima ou distante desse *real*.

Se Paulo não falou por mim, não precisou dizer o que eu pensava ou tinha feito, enquanto fomos casados, porque ele sabia me respeitar e também porque sabia que eu tinha minha voz própria, pois já a exercia ao seu lado, agora, por um acaso do destino, por uma fatalidade que não queria e não esperava – sempre pensei que morreríamos juntos numa dessas inúmeras viagens que fazíamos – sou eu quem falo sobre esse homem que tinha o pleno domínio da palavra e de si. Sobre o educador que sabia o que queria e precisava dizer e sabia como dizer. Minha voz, contudo, não fica embargada, amedrontada ou inibida fazendo comparações. Direi o que posso e sei e como posso e sei dizer (FREIRE, Ana M., 2006, p.26 – grifos nossos).

Em um outro fragmento, a autora da biografia se coloca como agente perpetuador das ideias de Paulo Freire a partir do momento em que afirma assumir a função de esclarecer e divulgar sua obra:

Devo confessar que escrever a vida e obra de Paulo Freire tem uma outra dimensão, a de dificuldade de acesso a tudo que ele fez e escreveu ou dele se disse e escreveu. Difícil, porque Paulo foi pródigo em produzir e magnânimo em distribuir os seus trabalhos e praticar sua práxis transformadora. Assim, recolhê-los não vem sendo tarefa fácil, mesmo que venha recebendo algum material, cartas, documentos e outros escritos de pessoas que entendem que para perpetuá-lo como um agente de transformação da sociedade é preciso conhecê-lo melhor, divulgando a sua obra (FREIRE, Ana M., 2006, p. 26 – grifo nosso).

Ao final da *introdução*, Ana Maria Freire reafirma a importância de Paulo Freire diante da contemporaneidade, graças à abrangência de seu pensamento e pela primazia que adotara ao despertar a consciência ético-político-crítica em práticas da vida cotidiana das pessoas menos favorecidas socialmente.

Não há dúvidas, portanto, de que Paulo Freire tem e terá sempre um papel de destaque na história das ideias, tal a profundidade e abrangência de seu pensamento, enquanto educador da consciência ético-político-crítica, mesmo que o mundo transforme os sonhos, as atuais utopias, em práticas da vida cotidiana. Nesse caso, certamente, ele será estudado e lembrado com um dos pensadores que nos levou à concretização das utopias por milênios sonhadas por milhões de seres humanos (FREIRE, Ana M., 2006, p.27 – grifo nosso).

Há também, na *introdução*, uma referência à questão da *gentidade amorosa* de Paulo Freire como salienta Ana Maria Freire. A autora não faz nenhuma referência literal do que viria ser esse neologismo *gentidade*, mas de acordo com nossas interpretações, percebemos que se trata de um tipo de postura, caráter e compromisso assumidos por Paulo Freire diante da vida.

Paulo também será sempre conhecido por sua *gentidade amorosa*. Como um educador crítico que amou apaixonadamente os homens e mulheres e esses e essas esteve a serviço, dedicando toda a sua vida

pela sua proposta de educação dialógica, questionadora, esperançosa, denunciadora e anunciadora, problematizadora e libertadora, portanto embrenhada na amorosidade. Paulo vai ser sempre lembrado como o homem que, ao amar tão intensamente os outros e as outras, estabeleceu uma nova ética, a *ética da vida* através de sua compreensão de educação tendo sido por isso chamado pelo filósofo Enrique Dussel como o pedagogo da *consciência ético crítica* (FREIRE, Ana M., 2006, p.27 – itálicos da autora - grifo nosso).

Ana Maria Freire, a fim de destacar o propósito da biografia escrita por ela, faz uma espécie de resumo acerca do que será encontrado na obra que está sendo estudada e salienta que “os leitores e leitoras encontrarão informações as mais diversas, extenuadamente procuradas e seriamente estudadas por ela” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 28).

De acordo com autora, na biografia se encontrarão dados da vida de Paulo Freire que abrangem desde fotografias, citações, transcrições e ou fac-símiles de documentos, títulos, processos jurídicos, ou de cartas e textos de Paulo ou a ele dirigidos bem como narração de vivências de suas emoções e sentimentos decorrentes de seu trabalho e das relações que estabeleceu com diferentes pessoas pelo mundo.

Ana Maria Freire cita a expressão de Paulo Freire, *ler o mundo*, e apregoa a necessidade de uma leitura do educador voltada para o despertar da consciência crítico-político dos menos favorecidos social e economicamente. Valendo-se desse termo, Ana Maria Freire propõe que cada um de nós o conheçamos melhor para darmos continuidade à tarefa empreendida por ele a fim de construir uma sociedade mais justa e democrática, como podemos ver a partir da citação abaixo:

Ler o mundo nos espaços/tempos de cada um dentro de nós, de cada um de nós em relação com as nossas sociedades, como Paulo nos ensinou, continuará a ser a tarefa dos que querem construir um mundo mais justo, mais bonito e verdadeiramente democrático. Essa utopia não foi encerrada com sua morte, enfatizo; devemos ter isso bem claro. Nem com a queda do Muro de Berlim. Os eventos e as instituições que nos dias de hoje o recriam e que se espalham cada dia mais pelo planeta Terra atestam isso. Conhecê-lo melhor é fundamental para reinventá-lo, como ele tanto desejava, porque sempre teve a preocupação de não ter seguidores ou discípulos, mas re-criadores, sujeitos curiosos que não possam dizer coisas sobre as coisas que ele disse fazer, coisas sobre as coisas que ele fez, renovando-o, atualizando-o, reinventando-o histórica, política e

epistemologicamente, com seriedade ética. Sobretudo com seriedade ética (FREIRE, Ana M., 2006, p. 28-29 – grifos nossos).

Pudemos depreender, portanto, a partir do texto *introdução*, que o principal motivo que levou a biógrafa a ter escrito a biografia foi o pedido feito, indiretamente, pelo biografado, devido, principalmente, ao tempo de convívio com ele e à capacidade historiográfica de Ana Maria Freire.

Vimos, também, que a biógrafa justifica em várias partes do texto o porquê, de muitas vezes, se abster de alguns fatos, atestando que durante o processo de perenização de homens e mulheres exemplares corre-se o risco de não ser fiel ao *retrato* nem à *moldura*, especialmente quando esses seres são objetos de admiração. Ela também afirma que irá escrever tudo o que sabe e pode dizer a fim de que não se desestabilize a imagem heroificada e, até mesmo, a condição de mito de Paulo Freire.

Dessa maneira, percebemos que a biógrafa instaura uma espécie de *biografia* quase que, romantizada, marcada por um tom saudosista e bastante elogioso à figura do biografado.

A autora também propõe aos leitores da biografia que a história de Paulo Freire se apresente de maneira peculiar, especial, digna de ser contada, colocando-se assim, como agente perpetuador das ideias de Paulo Freire a partir do momento em que se torna proponente de uma obra referente à vida e os feitos do educador.

Ao final da *introdução*, Ana Maria Freire reitera a importância do educador frente ao mundo, destacando a abrangência de seu pensamento e a relevância assumida por ele perante as pessoas menos favorecidas socialmente. A biógrafa finaliza o texto, propondo uma espécie de convite, a de que os leitores conheçam melhor quem foi Paulo Freire a fim de que os mesmos deem continuidade à tarefa empreendida por ele a fim de construir uma sociedade mais justa e democrática.

2.1.4 – Algumas considerações

Tanto na *apresentação*, *prefácio* quanto na *introdução*, a obra é apresentada como pertencente ao gênero *biográfico*, embora a biógrafa ao narrar vida e obra do biografado, acaba por se revelar ao falar de si, transitando entre o espaço do *biográfico* e *autobiográfico*.

Como vimos, não podemos atribuir hoje, na contemporaneidade, categorias fixas e imutáveis aos *relatos de vida*, as *biografias*, as *autobiografias* e as *entrevistas* porque todas elas possuem seus acentos coletivos, no sentido de que durante o processo de escrita, irá sempre haver uma relação de *transferência* e *contratransferência* entre quem escreve e aquele de quem se escreve.

Dessa forma, podemos afirmar que a obra, em análise, insere-se dentro do espaço *biográfico* proposto por Arfuch (2010), aquele que apregoa que pode se conceber *relações de presença e ausência* em uma mesma narrativa, de aspectos concernentes tanto a um gênero quanto ao outro, nesse caso, traços tanto da *autobiografia* quanto da *biografia*

Pudemos depreender, também, a partir desses três textos analisados, a imagem que acabou por se revelar de Ana Maria Freire. Dá-se contorno à figura de uma acadêmica, intelectual e profissional madura, que conseguiu desenvolver uma obra *sui generis* como bem afirmou Ana Callado, especialmente por sua capacidade historiográfica como pesquisadora.

Além disso, revelou-se a imagem da figura feminina Ana Maria Freire, a qual amou intensamente o homem Paulo Freire e que, além de amá-lo enquanto mulher, devotou imenso carinho e amor à proposta epistemológica que o educador empreendeu em função dos menos favorecidos socialmente.

Vimos ainda que, a autora, ao afirmar que ‘só irá dizer o que sabe e pode’ (p.24) acerca da figura do biografado, tende para a construção e sacralização de uma imagem heroificada do educador, aproximando-o da figura de um herói. Ressaltamos que, nesses três textos analisados, é o que conseguimos depreender, somente a partir da análise do último texto⁵⁵ é que poderemos

⁵⁵ O último texto a ser analisado é a parte VI, intitulada, *A Gentidade de Paulo*.

corroborar se a biógrafa continua a descrever o biografado e suas ações a partir de uma perspectiva heroica.

Finalmente, a biógrafa se apresenta como agente perpetuador das ideias de Paulo Freire a partir do momento em que se torna proponente de uma obra referente à vida e os feitos do educador, assumindo assim, uma posição enunciativa comum à do educador, o despertar da consciência crítica dos pobres e oprimidos.

2.2- Os múltiplos papéis sociais de Paulo Freire

O texto *discurso de posse* que, constitui um dos componentes do nosso *material de análise*, faz referência ao proferimento que Paulo Freire fez quando assumiu o cargo de Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no governo de Luísa Erundina, em 1989.

Ele apresenta uma multiplicidade de vozes, na medida em que, o sujeito Paulo Freire, ao discursar, acaba por assumir vários *papéis sociais*⁵⁶ e assim, inicia-se um processo de desvelamento.

A relevância e o destaque que se deu à questão do sujeito vêm sendo marcada nos últimos anos e também está sendo objeto de estudos linguísticos que marcaram os rumos da história das Ciências da Linguagem, principalmente com a Teoria da Enunciação, a qual evidenciou a questão do sujeito, a fim de que ele retomasse o seu lugar, diferentemente do Estruturalismo, o qual privilegiava a estrutura em detrimento do sujeito. De acordo com Mello (2003), “a linguagem, na perspectiva dos estudos enunciativos, deixa de ser vista apenas como elemento de comunicação e informação e passa a ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso” (p.34).

Bakhtin (1970) não concebe a língua como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva, que parte de um diálogo cumulativo entre o *eu* e o *outro*.

⁵⁶ Ao concebermos a linguagem como um local de encenação, os indivíduos, ao atuarem, assumem papéis socialmente delimitados.

Para o autor, o *eu* não é autônomo, somente existe em diálogo com outros *eus*. Assim, a enunciação torna-se fruto da interação entre dois sujeitos socialmente organizados, produto da interação do locutor e do ouvinte. Assim, todo enunciado proferido terá um caráter dialógico, porque a linguagem é por si dialogal.

Tomando como válidas as pressuposições descritas acima, situaremos para fins de análise com relação ao *discurso de posse* de Paulo Freire que o educador, dentro das concepções da teoria enunciativa, assume o papel de indivíduo social e também o de locutor de um discurso/proferimento o qual se dirige a alocutários, nesse caso, o público presente na cerimônia de posse dos secretários do governo municipal da cidade de São Paulo, em 1989.

Ao situarmos os papéis sociais que os indivíduos ocupam dentro da *situação de comunicação*⁵⁷ (Charaudeau, 2008), é preciso levar em conta que o *eu* só existe numa relação que se processa com o *outro*. Ainda segundo Charaudeau (2008), o sentido de um discurso depende das circunstâncias da enunciação e dos destinatários aos quais esse discurso é dirigido, lembrando que todo ato de linguagem resulta de um jogo entre o implícito e o explícito e, por isso nasce das “(i) circunstâncias de discursos específicas, (ii) no ponto de encontro dos processos de produção e interpretação e (iii) na encenação realizada por duas identidades as quais se desdobram em sujeito de fala e sujeito agente” (Charaudeau, 2008, p. 52).

Paulo Freire, ao enunciar seu discurso, na cerimônia de posse, assume o papel social de *secretário de educação* e todos seus proferimentos serão construídos com vistas a convencer, argumentativamente, sobre as premissas e prerrogativas que constituirão a base de seu governo. Ele é locutor de seu discurso, o público e os partícipes do evento da cerimônia assumem a função de destinatários do mesmo.

Porém, ao discursar, Paulo Freire acaba por desvelar, por meio da linguagem, os diversos papéis sociais assumidos por ele no decorrer de sua vida, o de *sujeito-educador, secretário de educação, revolucionário, professor-*

⁵⁷ A noção de *situação de comunicação* proposta por Charaudeau (2008) já foi desenvolvida no subtópico 1.2, *Sujeitos do discurso e contrato de comunicação*.

universitário, professor do ensino fundamental, avô e educador-progressista. A partir desse desvelamento, utilizaremos a noção de dialogismo proposta por Bakhtin (1995) para analisá-los.

Ao assumir os mais variados papéis sociais, Paulo Freire acaba por revelar as múltiplas identificações adotadas ao longo de sua vida, materializada na figura de apenas um sujeito, entrecortado e fragmentado, mas marcado pela performatividade de cada papel. Para Souza (2003), “todo discurso será marcado por uma certa performatividade, desde que o ator social que está na sua origem enunciativa, seja reconhecido em seu estatuto: não é mais o que é dito que conta, mas a origem enunciativa externa do que é dito” (p. 66).

A análise que iremos fazer acerca do *discurso de posse* de Paulo Freire irá permitir depreender algumas considerações, inclusive a de que todo sujeito é cindido, entrecortado e clivado e que, na maioria das vezes, o discurso de um mesmo ator social é constituído por várias vozes sociais diferentes, especialmente pela própria constituição do sujeito contemporâneo. Para Barros (1999), a concepção *dialógica* de Bakhtin deve ser entendida a partir da noção interacional, especialmente pela noção de deslocamento do conceito de sujeito, no qual ele perde o papel central e é substituído por diferentes (ainda que duas) vozes sociais, que fazem dele um sujeito histórico e ideológico, sempre no estabelecimento da relação entre o *eu* e o *outro* (p.2-3).

Nos valeremos, também, da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), formulada por Oswald Ducrot e Jean Ascombre (1987), para explicitar que a argumentação tem como foco as escolhas linguísticas, pois o potencial argumentativo dos discursos está inscrito na língua. Do ponto de vista da TAL, argumentar consiste em apresentar um enunciado E1 (ou um conjunto de enunciados) como destinado a fazer admitir um outro (ou um conjunto de outros).

Dessa forma, a tese defendida pelos criadores da TAL, Jean Ascombre & Oswald Ducrot é de que, há na língua, imposições que regem a apresentação dos enunciados e as conclusões a que eles conduzem. Para eles, os encadeamentos argumentativos possíveis no discurso estão ligados à estrutura linguística dos enunciados e não apenas às informações que eles veiculam; desse ponto de

vista, um enunciado pode ser considerado um argumento que visa não apenas a uma conclusão, mas a uma série de conclusões.

Conforme a TAL, a argumentação é um traço constitutivo de numerosos enunciados, de tal forma que são eles que orientam os interlocutores em direção a certo tipo de conclusão. No que se refere à *Polifonia*, Ducrot e Ascombre (1987), apresentam *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*, no qual se apropriam do conceito de *polifonia*⁵⁸ de Bakhtin a partir de uma perspectiva linguística.

De acordo com Ascombre e Ducrot (1987), a *polifonia* deve ser entendida como as diversas vozes presentes em enunciados de naturezas distintas, contestando a unicidade do sujeito falante, já que a *polifonia* pode ser entendida como o fenômeno pelo qual, num mesmo discurso ou enunciado, é possível reconhecer várias vozes.

Para eles, a *polifonia* remete à existência de várias vozes que falam simultaneamente sem que haja uma preponderante. Dessa forma, o autor propõe que a teoria polifônica não seja aplicada a apenas textos literários, mas a enunciados isolados também. Diante disso, o autor sugere que a sua noção do conceito de *polifonia* seja uma extensão à linguística a partir dos trabalhos de Bakhtin (2008).

Para Moraes (2001), a *polifonia* se inscreve, portanto,

Nesse ambiente de afirmação do heterogêneo, do diferente, do outro, das várias vozes que são parte integrante do projeto de fala do sujeito comunicante que, utilizando-se da cena enunciativa proposta por ele, argumenta, faz com que os actantes do processo de enunciação movam-se, dando vida aos conteúdos discursivos, palavra, esse material privilegiado da comunicação (p.3).

Com vistas a embasar a análise que iremos proceder, é relevante que discutamos os tipos de *polifonia* que Ascombre & Ducrot (1987) propõem. Segundo os autores, existem dois tipos de *polifonia*, a primeira delas diz respeito à *polifonia no nível dos locutores*, em que num mesmo enunciado apresentam-se

⁵⁸ Esta ideia foi introduzida, inicialmente, nas ciências da linguagem por Mikhail Bakhtin, no livro *Problemas da poética de Dostoiévski* (2008), e desenvolvida por Oswald Ducrot & Jean Ascombre (1987).

locutores diferentes, sujeitos físicos diversos a partir da presença da citação em discurso direto.

E a *polifonia no nível dos enunciadores* é quando num mesmo enunciado aparecem perspectivas enunciativas diferentes, sem que apareça a voz do locutor através do discurso direto, mas a partir do ponto de vista enunciativo apresentado de forma indireta, sem que apareça a citação em discurso direto do produtor físico do enunciado.

Levando em consideração que tanto na visão de Bakhtin (2008) quanto na de Ascombre e Ducrot (1987), o termo *polifonia* constitui vozes do *eu* e do *outro* no processo de constituição do enunciado, acreditamos que num *discurso de posse*, a *polifonia* se faz presente por poder ser utilizada como estratégia linguística a fim de facultar e possibilitar ao locutor de um enunciado, nesse caso, Paulo Freire, as possibilidades de se expressar através de uma ou outras vozes quando assume papéis sociais diferentes para que possa atenuar, caso seja necessário, o impacto de seus argumentos, considerando a relevância social que um *discurso de posse* assume.

Antes de nos atermos à análise, é preciso reiterarmos que o sujeito Paulo Freire é polifônico na medida em que ao assumir esses vários papéis sociais, ele dá voz a diversos enunciadores. Essas várias vozes sociais perpassam o discurso de Paulo Freire enquanto ele enuncia o seu discurso, investido do papel social de *secretário de educação*, na figura de apenas um locutor, embora veicule várias posições enunciativas diferentes.

Nos trechos *a*, *b*, *c*, *d* e *e*, do discurso de *posse*⁵⁹, que se seguem, Paulo Freire assume a posição de *secretário*:

a) *Eu tenho a impressão que se espera de quem toma posse de qualquer coisa um discurso que, de modo geral, se volta muito para o sujeito que toma*

⁵⁹ O texto *discurso de posse* que está sendo analisado encontra-se na parte II, décimo primeiro capítulo, localizado nas páginas 289 a 294. Esse texto constitui um dos componentes do nosso *material de análise* e faz referência ao proferimento que Paulo Freire fez quando assumiu o cargo de Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, no governo de Luísa Erundina, em 1989.

posse de uma coisa qualquer e faz um discurso dando uma série de explicações, defendendo-se, também, antes do tempo (l.1-4 – grifo nosso).

Ao enunciar seu *discurso de posse*, Paulo Freire assume a posição de *secretário de educação* enquanto locutor do discurso, o que configuraria a *polifonia no nível dos locutores* e, também, enquanto enunciador do seu ponto de vista, a *polifonia no nível dos enunciadores*, a partir do cargo que assume, o de *secretário*.

Percebemos que o sujeito Paulo Freire, ao relatar que assume o cargo, utiliza a asserção, colocando em cena dois enunciadores E1 (que implica uma tomada de posição do sujeito que toma posse de algo), tida como verdadeira, e E2 que poderia supor a *negação*⁶⁰ desse enunciado (a de que não se espera posicionamentos de quem toma posse de algo).

b) *E, afinal, ele não fala para quem veio, eu diria que ele não fala para o mundo inteiro que justifica diretamente o seu discurso, ele fala para outro mundo que também não pode ser de maneira nenhuma, desprezado (l.4 -7 – grifo nosso).*

No trecho *b*, o operador conclusivo *afinal*, traz para o enunciado dois pontos de vista, expressos por dois enunciadores. O enunciador E1, expresso pelo sujeito, autor de um discurso, que fala para os que vieram à cerimônia de posse e um E2 para aqueles que não vieram, caracterizando um tipo de *polifonia no nível dos enunciadores*.

c) (...) *Por isso, então, essa minha fala não vai ser muito metódica, muito didática, muito cheia de análises seguidas de propostas, não (l.22-24 – grifo nosso).g*

⁶⁰ De acordo com Ascombre e Ducrot (1987), o fenômeno da *negação* diz respeito ao fato de que ‘toda vez que aparece um enunciado positivo E1, é imputado ao outro uma recusa desse, instaurando-se assim, o E2’ (p.202). Trata-se de uma lei do discurso, segundo a qual, toda vez que se diz algo, imagina-se alguém que pensaria o contrário e ao qual se opõe.

No trecho acima, há uma ideia pressuposta, na medida em que Paulo Freire, ao negar que sua fala não terá um caráter metódico (E1), instaura um novo enunciado, a existência de falas metódicas (E2), configurando-se mais uma vez em um tipo de *polifonia no nível dos enunciadores*.

d) *Uma fala que sendo afetiva como toda fala séria, também se faz rigorosa (l.24-25 – grifo nosso).*

No trecho *d*, tem-se como posto que toda fala séria é também afetiva e se faz rigorosa e o pressuposto de que existem falas que não são sérias e rigorosas.

Em seguida, há um indicador de avaliação. O advérbio *humildemente* ressalta o tipo de atitude que o locutor irá apresentar, contribuindo para a construção de uma dada imagem dele.

e) *Nós chegamos aqui e estamos chegando aqui, nessa casa, para humildemente cumprir com gosto um dever que nos fascina, um dever de educadores e, por isso, de políticos, com uma certa opção, é claro, porque não há educador neutro, porque não há educação neutra (l.37-40 – grifo nosso).*

Os trechos que analisaremos a partir daqui são referentes ao papel social assumido por Paulo Freire enquanto *educador*. Ei-los:

f) *Evidentemente que nós chegamos com nossas opções, nós chegamos a esta casa com uma certa clareza e fases de nossos sonhos (l.44-45 – grifos nossos).*

O uso de *evidentemente*, pode sinalizar o estado psicológico do locutor, expondo que ele e sua equipe chegaram à Secretaria de Educação com opções próprias, o que pressupõe que outros já chegaram ou irão chegar com opções que não se constituem de tal forma.

g) Isto é uma coisa que eu gostaria de insistir, às vezes a gente vê e se sente *em certos intelectuais, até bons, um medo horrível em falar em sonho*. Nós não temos esse medo. Nós estamos absolutamente convencidos de que a transformação da sociedade implica sonhar (l.45 -47 – grifos nossos).

O pronome *nós* enuncia uma coletividade, várias vezes que, juntas, ganham corpo em um só locutor, Paulo Freire. Ao proferir o enunciado *nós não temos medo* coloca-se em cena um enunciado E1 que se contrapõe com um E2 que toma como pressuposto que existe outra coletividade que tem medo ao falar de sonho.

A seguir, encontram-se os pronunciamentos do educador, assumindo a condição de *partícipe revolucionário*:

h) *Eu nunca esqueço a advertência de um grande líder africano, revolucionário, assassinado um pouco antes de que o seu povo ganhasse a luta, Amílcar Cabral, quando um dia falando a seus guerrilheiros, e às suas guerrilheiras, a seus companheiros de luta na floresta, num dos seminários que ele costumava fazer, de avaliações do trabalho, da luta, ele falou em sonho e um companheiro seu perguntou assustado se na verdade era possível pensar ou falar em sonho e revolução, sonho e transformação, sonho e libertação. E ele disse: “Ai das revoluções que não sonham porque estas estão fadadas a não fazer-se”* (l. 48-55 – aspas da autora – grifos nossos).

No excerto acima, há uma identificação do sujeito Paulo Freire com Amílcar Cabral, revelando assim, o lado revolucionário do educador. Paulo Freire com vistas a enfatizar o caráter da revolução a partir dos sonhos, vale-se do discurso direto, mas exime-se de dizer, explicitamente, a partir de suas próprias palavras, a importância revolucionária na transformação da sociedade, usando para isso, a citação direta, o que se configura num tipo *de polifonia no nível dos locutores*.

Seja o seguinte excerto:

i) É isso mesmo, a transformação, o que ela tem de resposta a direitos negados de retificação das estruturas da sociedade, isto em si é um sonho a ser feito, por ser vivido, por ser realizado. A questão que se coloca a nós, os ideais com que sonhamos, é de só sonharmos os sonhos possíveis, e alguns que são agora impossíveis, para por eles lutar a tal ponto que ele se viabilizem. Então eu queria falar de alguns sonhos com que temos sonhado de imediato, por sonhos que temos sonhado neste mês em que nos reunimos, nos preparamos para chegar aqui hoje (l.48-55 – grifo nosso).

A estrutura “é isso mesmo” retoma o dizer de Amílcar Cabral, a de que as revoluções que não sonham estão fadadas a não fazer-se (E1) através da voz líder africano e o outro enunciado é o mesmo, favorável aos sonhos das revoluções, mas é assumido por outra voz, a do locutor Paulo Freire, a partir da utilização da estrutura supracitada. Aqui, se configura a *polifonia no nível dos enunciadores*.

j) (...) Claro que vamos continuar falando de Emília, falando de Ester, que inclusive é hoje Secretária de Educação do PT em Porto Alegre. Eu estou tentando inclusive trazer para dentro desta equipe uma ex-orientanda minha, da Universidade de Campinas, que escreveu um tese muito bonita de doutoramento sobre isso (l.123 – 127 – grifo nosso).

No trecho *j*, o ponto de vista de Paulo Freire se dá a partir da investidura do papel social de *professor universitário*, enunciando assim, um ponto de vista diferente, seria um tipo de *polifonia no nível dos enunciadores*.

O excerto *k* diz respeito ao educador, ao assumir o papel social de *professor de Ensino Fundamental*:

k) Mas a formação, para mim, melhor está em sentar, por exemplo, com as professoras que estão dando-se a uma experiência de alfabetização em uma certa área, para que cada uma fale dos obstáculos que está encontrando, como vem respondendo aos obstáculos e aí então se discute o que há de teórico no próprio processo de buscar a explicação do problema, e isso pode se dar em todos os ramos da atividade didática (l. 128 – 132 – grifo nosso).

Observamos aqui a presença da *polifonia* quando Paulo Freire assume-se, também, no papel social de *professor de Ensino Fundamental*, através da presença do marcador *para mim*, já que ele pressupõe que o processo a ser seguido é exatamente esse, sentar-se junto às professoras para que cada uma fale dos obstáculos que estão encontrando. Afirmamos também que há a presença de um outro enunciador porque, como já havíamos lido a biografia como um todo, estamos cientes que os primeiros trabalhos do educador se fizeram como professor de Ensino Fundamental, por isso, podemos afirmar que esse enunciado é também polifônico.

O dizer abaixo revela o papel social de Paulo Freire enquanto avô:

l) Então, o que eu dizia é que a sintaxe, quer dizer, a estrutura de pensamento do menino, da menina popular, não é a mesma, a sua linguagem não é a mesma linguagem de minhas netas – quatro das quais estão aqui e eu até mando um beijo para elas que agora vão se acostumando a ver o avô diferente (l.168 – 171 – grifo nosso).

No enunciado acima, o próprio Paulo Freire enuncia que assume um papel social diferente, ou seja, no discurso supracitado ele deixa escapar outro ponto de vista, o de avô, o que seria um exemplo de *polifonia* também *no nível dos enunciadores*.

Aqui, no trecho *m*, nos deparamos com os proferimentos de Paulo Freire como *educador progressista*:

m) (...) Nós optamos por criar em nós essas virtudes, que dizer, nós precisamos ser humildes não para agradar aos outros, mas porque esta é a forma fundamental de ser um educador progressista (l.233-235 – grifo nosso).

Percebemos que, nesse trecho, Paulo Freire se coloca como um sujeito coletivo no campo de secretário da educação, logo, polifônico, que parte do posto que é necessário se ter humildade, fator fundamental para ser um educador progressista e, ao assumir essa coletividade, enuncia sua identificação como educador também progressista.

Ao final, Paulo Freire enuncia-se, assumindo o papel social de *cidadão/marido*:

n) Agora para terminar, de forma um pouco diferente, eu gostaria de trazer a vocês a minha robusta indignação diante da irresponsabilidade ou de uma irresponsabilidade a mais neste país, que resultou nesse assassinato no Rio de Janeiro anteontem. Minha mulher dizia a mim isto hoje, esse país todinho devia ficar de pé, protestando contra essa irresponsabilidade total, absoluta. Quer dizer, nosso país alcançou níveis de irresponsabilidade política, social e pública. O

descaso da coisa pública é contra quem nós precisamos na verdade lutar. Muito obrigado, era isso que eu queria dizer como começo de conversa (l.248 – 255 – grifo nosso).

Percebemos, no fragmento acima, pontos de vista diferentes à medida que Paulo Freire se revolta como cidadão e também insere dentro desse discurso o ponto de vista de sua mulher, Ana Maria Freire, fazendo com que esse discurso se torne polifônico. Vale destacar um ponto importante, ao final, a inacabada frase que ele usa para fechar o seu discurso: *Muito obrigado, era isso que eu queria dizer como começo de conversa* (l.254-255), o que ele convencionou chamar de *começo de conversa* seria o início das diversas falas/conversas, que se pressupõe, que ele irá ter como *secretário de Educação*, voltando a assumir o ponto de vista de secretário.

Como se pode notar, ao longo da análise, depreendemos que o sujeito Paulo Freire não é uno em seus pontos de vista e o seu dizer se constitui polifônico à medida que assume os diversos papéis sociais ao proferir seu discurso.

No discurso, Paulo Freire assume o papel social de *Secretário de Educação* e ao fechá-lo, também volta a assumir tal papel, fazendo com que remetamos essa ideia ao fato de que embora possamos assumir diversas identificações ao longo de nossa vida, somos seres polifônicos e também dialógicos, que nos constituímos a partir da interação do próprio *eu* com relação ao *outro*.

É necessário salientar que, embora assumamos diferentes papéis sociais ao longo de nossa vida não nos tornamos sujeitos sociais diferentes, mas revela que somos seres cindidos, entrecortados e clivados pelos discursos que nos constituem.

À medida que conseguimos identificar esses diversos papéis sociais que constituem o sujeito Paulo Freire (*secretário de educação, educador, revolucionário, professor-universitário, professor do ensino fundamental, avô,*

educador-progressista, cidadão e marido), uma questão se delineia, a de que tipo de *ethos discursivo* é construído acerca desse sujeito a partir do seu próprio dizer.

Se correlacionarmos os papéis sociais assumidos à noção de *ethos discursivo* proposta por Amossy (2005), verificamos que é a partir dos enunciados proferidos que se constrói uma imagem. Tomando como válido o dito anterior, podemos afirmar, portanto, que ao discursar, Paulo Freire acaba por delinear e traçar seu perfil, construindo uma imagem de si via discurso.

Ao discursar, Paulo Freire deixou entrever que, embora estivesse assumindo ali a condição de *secretário de educação*, todos os outros papéis sociais que o constituem também farão parte do *secretário*. Ele não consegue conceber a adoção de um Paulo Freire apenas enquanto político, porque todas as outras vozes⁶¹ que o entrecortam são inerentes e constituintes do sujeito Paulo Freire, *secretário de educação*.

Depreendemos, portanto, que Paulo Freire embora seja um sujeito uno, ele assume variadas identificações ao longo de sua vida, o que convencionamos chamar nesse estudo de *papéis sociais*.

Entretanto, apesar de termos afirmado que é via discurso que construímos um *ethos discursivo* a respeito de um sujeito social não podemos negar a importância de um *ethos pré-discursivo* ou *prévio*, especialmente quando analisamos um *discurso de posse* de uma pessoa como Paulo Freire.

Segundo Amossy (2005), o *ethos pré-discursivo* diz respeito:

A uma instalação prévia de uma imagem de si que corresponde a uma distribuição dos papéis preexistentes e se funda nos lugares comuns do auditório ou, ao menos, nos que o locutor lhe atribui. No discurso, elabora-se, assim, uma imagem verbal que o leitor pode recompor ao reunir um conjunto de elementos frequentemente esparsos e lacunares em uma representação familiar (o intelectual engajado, o humanista, o homem rude do campo etc). Esse estereótipo se deixa apreender tanto no nível da enunciação (um modo de dizer) quanto no do enunciado (conteúdos, temas). A imagem de si construída no discurso é constitutiva da interação verbal e determina, em grande parte, a capacidade de o locutor agir sobre seus alocutários (p.137).

⁶¹ Entendemos por vozes, aqui, as posições enunciativas assumidas a partir dos papéis sociais desempenhados.

Ao enunciar, Paulo Freire constrói uma imagem de si, mas não podemos deixar de reconhecer que ele já possui um *ethos pré-discursivo*. Acreditamos, que qualquer imagem que o auditório construa acerca de Paulo Freire advém do fato dele já ter sido exilado e perseguido por acreditar na educação para os oprimidos e marginalizados, fato que o favorece e dá credibilidade ao seu discurso.

De acordo com Ducrot (1987), a imagem que se delineia do orador é designada como *ethos*, mas é necessário que se tenha uma compreensão mais ampla, “entendendo que o caráter que o orador atribui a si mesmo se dá pelo modo como exerce sua atividade oratória” (p.188-189). Ainda de acordo com o autor,

o *ethos* não se constitui a partir de afirmações autoelogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo do seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos (o fato de escolher ou negligenciar tal argumento pode parecer sintomática de tal qualidade ou de tal defeito moral). O *ethos* está ligado a L, o locutor enquanto tal: é enquanto fonte da enunciação que ele se vê dotado de certos caracteres que, por contraponto, torna esta enunciação aceitável ou desagradável (DUCROT, 1987, p. 189).

Dessa forma, o discurso de Paulo Freire é historicamente inscrito, primeiramente ao assumir um cargo no PT (Partido dos Trabalhadores), partido pelo qual lutou na ditadura militar e ainda mais ao tomar posse de um cargo tão relevante, o de Secretário Municipal da Educação da maior cidade do país, São Paulo. Ao longo do discurso percebemos que Paulo Freire procura reafirmar esse *ethos pré-discursivo*, o qual já faz parte do imaginário social, o de homem inovador, revolucionário, cidadão crítico e bastante humano.

Vale salientar também que um *ethos pré-discursivo* é, muitas vezes, negado, mas ao analisarmos o discurso, detalhadamente, não conseguimos depreender nenhum tipo de refutação à figura de Paulo Freire que, a nosso ver, já tínhamos como consolidada (tomando como válidas as características supracitadas) à medida que seus papéis sociais foram desvelados ao longo de seu *discurso de posse*.

2.3- A gentidade de Paulo

Esse subtópico se propõe a discutir a última parte do livro, VI, capítulo XXII, intitulada *A gentidade*⁶² de Paulo, que se subdivide-se em seis subcapítulos⁶³. Eles versam sobre a vida de Paulo Freire com Elza e Nita Freire, a recifencidade nata do escritor, as virtudes, os traços de gente e a personalidade bem como a fé religiosa e a Teologia da Libertação de Paulo Freire, a saúde e os limites físicos do escritor e também os últimos dias de vida e a morte do educador.

Esta última parte do livro que analisaremos é composta por uma multiplicidade de gêneros arquivísticos, dentre eles, fotos, entrevistas, dedicatórias, poesias, cartas de recomendação, convites, charges, matérias de jornais e até a reprodução da lápide da finada Elza Freire. Interessa-nos percebermos como é trabalhada a inserção de tantos arquivos de caráter híbrido e a função deles na construção do todo (auto) biográfico.

A maioria das fotografias que ilustram os fatos contados aparece a imagem da biógrafa de forma a atestar a veracidade dos fatos narrados, reforçando a presença de Ana Maria Freire, na narrativa, também como personagem. O ato de expor fotos da biógrafa representa a exposição de um arquivo próprio e pessoal.

Outro motivo que nos levou a empreender essa análise advém do fato de que a biógrafa figura, na maior parte do tempo, como personagem e não só como narradora, fazendo com que a obra, nesse último capítulo, XXII, parte VI, adquira uma dimensão autobiográfica mais evidente. A narradora, ao falar do biografado, acaba por falar de si e, assim, relata as mais variadas situações vividas junto ao escritor.

Se voltarmos nossa atenção para o que Lejeune (2008) convencionou chamar de *pacto autobiográfico*, veremos que as condições para o seu

⁶² ⁶² *Gentidade de Paulo* é o título da última parte do livro. Dentro dessa, encontramos o capítulo XXII, intitulado, *O mais autêntico deste homem nordestino*, e seus subtópicos, os quais estão sendo analisados aqui.

⁶³ Nos anexos, encontra-se uma cópia de todo o *sumário*, onde é possível ver com detalhes a divisão da obra tanto em partes, capítulos e em subpartes. Os subcapítulos dessa parte são: a) Sua vida com Elza e com Nita; b) Sua recifencidade; c) Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade; d) Sua fé religiosa e a Teologia da Libertação; e) Sua saúde e seus limites físicos; f) Seus últimos dias e sua morte.

estabelecimento ocorre, há a coincidência entre *autor* e *personagem* e é o nome de Ana Maria Freire que estampa a capa. Porém, não podemos afirmar que se trata de uma autobiografia, já que são instâncias diferentes, uma vez que a biógrafa se propõe a narrar a vida de uma outra pessoa, a de Paulo Freire, mas ao mesmo tempo revela a sua história no momento em que se faz personagem também, especialmente na última parte do livro, é como se olhasse sua própria vida com outros olhos, com um certo distanciamento, fazendo com que a obra adquira assim, uma dimensão (auto) biográfica.

2.3.1 – As mulheres da vida de Paulo Freire, sua vida íntima com Elza e Nita Freire

No subtópico do capítulo XXII, intitulado, *Sua vida com Elza e com Nita*, Ana Maria Freire é bastante descritiva e minuciosa no que concerne ao relato do casamento de Paulo Freire e Elza Maia Costa Oliveira⁶⁴. A biógrafa conta como eles se conheceram, a não satisfação dos pais de Elza Freire com o genro devido à condição social de Paulo Freire, um homem de poucas posses, e o desejo que tinham que a filha se casasse com um marido mais abastado. A biógrafa se vale de um trecho da revista *Educação na cidade*⁶⁵ para descrever a posição e o sentimento de Paulo Freire quanto à primeira esposa.

Fui seu professor de sintaxe. Foi assim que a conheci. Teria ela de fazer um concurso de cujo resultado dependeria um degrau a galgar em sua carreira profissional e me procurou para lhe dar umas aulas em torno da matéria. Por causa daquele concurso de sintaxe eu sou hoje avô de oito netos... (FREIRE, Ana M., 2006, p. 543 – grifo nosso).

⁶⁴ Esse era o nome de Elza Freire antes de se casar com o educador. Após o casamento, inseriu o sobrenome *Freire*, tornando-se Elza Maia Costa Oliveira Freire. A partir dessa especificação, sempre iremos nos remeter a ela como Elza Freire.

⁶⁵ Segundo a biógrafa, tal trecho foi retirado da entrevista que Paulo Freire concedeu à revista *Educação na cidade*, nas páginas 101 -102, mas não há, na obra, referência do ano bem como do número da edição da mesma.

Um aspecto considerável na narrativa é o fato que todos os julgamentos de valor atribuídos à primeira esposa, Elza Freire, se constroem a partir de falas do próprio Paulo Freire. A biógrafa se vale de depoimentos concedidos pelo próprio biografado em algumas entrevistas realizadas, como a que se segue:

⁶⁶ Foi exatamente neste período (re-democratização do Brasil) que eu encontro Elza, que foi um dos encontros mais criadores na minha vida. Encontro Elza como professor particular dela e disso deu aí cinco filhos e alguns netos. Nós estamos com 33 anos de casados e a cada dia a gente descobre uma coisa nova.

Claudius - Como é que era a Elza?

Freire – A Elza era fabulosa, e contínua. É uma presença permanente na minha vida, de estímulo. Por exemplo, quando eu estava preso no Brasil, depois de 64, Elza me visitava levando, às vezes, panelas de comida, para todos os companheiros da cela. Ela jamais disse para mim: “Puxa, se tu tivesses meditado um pouco... se tu tivesses evitado certas coisas, não estarias aqui”. Jamais. A sua solidariedade comigo foi total e continua a ser (FREIRE, Ana M., 2006, p. 543 – aspas da autora - grifos nossos).

A biógrafa, ao falar sobre o primeiro casamento, o faz de maneira minuciosa, sem omitir o carinho dispensado por Paulo Freire à antiga companheira, mesmo ele já estando casado com a própria biógrafa. Ela não se furta aos detalhes e vale-se de *cartas, telegramas, dedicatórias de capítulos, artigos e livros* e, principalmente, de *entrevistas*, utilizando-as como uma espécie de arquivo, o testemunhal.

Para Arfuch (2010), a *entrevista* apresenta um tom confessional revelado para o exame público, onde se buscam sentidos para a vida, mas que “não é só significativo o que o que se diz – e melhor ainda, o que se revela, mas também as histórias não contadas, o recalcado, o censurado e o segredo” (p. 188). Portanto, através das *entrevistas*, podemos depreender o modo como o biografado constitui a si e a Elza Freire, na tentativa de atualizar quem e como continua sendo esse alguém que se apresenta publicamente.

Segundo a biógrafa:

⁶⁶ Reprodução de um trecho da entrevista de Paulo Freire concedida aos amigos Claudius Ceccon e Miguel Darcy de Oliveira para *O Pasquim* (ano IX - 1978 – n.462 – Rio, 05 a 11/5).

Elza teve papel muito importante na vida de Paulo, dando amor e cuidando dele com afeto, acompanhando-o em seus trabalhos com o povo desde o início das atividades dele na Paróquia de Casa Amarela e no SESI-PE. Ela foi uma mulher forte, muito forte, mas ao mesmo tempo calma, mansa e solidária, fortalecendo as ideias de Paulo e lhe dando o sustentáculo familiar e os subsídios profissionais para que ele se desenvolvesse como pessoa, como intelectual e como militante social. Quando Elza acompanhava Paulo era para satisfazer o gosto dele de ter o mais possível a mulher junto a si – atitude, aliás, que preservou até o fim de sua vida -, mas sobretudo para que ela participasse como observadora atenta dos trabalhos do marido. Assim, com a prática de professora da escola primária, Elza observava atentamente as ações de Paulo e alertava-o para o que ela considerava ser alguma falha ou algo inovador dele, aconselhando-o ou elogiando-o.

(...) Enfim, foi ela, com seu gosto muito especial pela alfabetização de crianças, que contribuiu grandemente com suas experiências para fomentar, elucidar e estimular Paulo no campo da educação dos adultos. Creio com convicção que a aceitação pacífica e solidária de Elza, que acatou desde o primeiro momento a decisão de Paulo de se tornar um educador e não um advogado, foi a sua maior contribuição para que ele se firmasse como um grande educador que foi, seu velho e antigo sonho de criança. Na época, é preciso enfatizar, a profissão de professor lhe dava um certo prestígio, mas não como a de um advogado. Ademais, ir trabalhar num órgão novo como o SESI, que apesar dos prognósticos ainda não tinha assegurado sua importância na cena nacional, era um risco para ambos. Apesar disso, Elza o endossou na sua decisão de optar por ser um educador. A ela, sobretudo, temos que agradecer isso. Nesse gesto de apoio de Elza à decisão de Paulo estão implícitos o respeito e o entendimento de que Este era o seu “destino”, a sua vontade mais íntima, autêntica e legítima. A vocação de Paulo, construída por ele mesmo desde os tempos primeiros de sua meninice e adolescência, foram assim, felizmente preservados pela compreensão de Elza (FREIRE, Ana M., 2006, p.544-545 – aspas da autora - grifos nossos).

Este trecho ressalta a importância que Elza Freire teve perante à vida de Paulo Freire, o quanto foi cuidadosa com o educador, apoiando suas ideias, dando a ele sustentáculo familiar e os subsídios profissionais necessários para que ele se desenvolvesse tanto como pessoa, intelectual e militante social. A biógrafa ainda ressalta que foi a partir do gosto especial de Elza Freire pela alfabetização de crianças que Paulo Freire sentiu-se estimulado a adentrar no campo da educação dos adultos, fazendo a opção por se tornar um educador.

A biógrafa, após ter descrito, minuciosamente, a importância da presença de Elza Freire na vida do educador, insere uma foto do casal, na Suíça, reiterando o companheirismo e o amor de Elza Freire até o fim de seus dias.



Figura 11: Paulo e Elza na Suíça, em 1995 – página 545.

Após descrever a presença de Elza Freire na vida de Paulo Freire, a biógrafa se dedica a contar como se deu seu convívio com o educador. Ana Maria Freire relata que voltou a estudar após a morte do primeiro marido, concluindo o curso de *Pedagogia* na extinta Faculdade de Moema, em São Paulo. Após terminar a graduação, pelo mesmo instituto que se formara, recebeu um convite para lecionar, mas para isso, era necessário que ela obtivesse o grau de mestre. Diante dessa necessidade, ela foi designada para ser orientanda do já amigo, Paulo Freire.

Após o período de luto pela morte da esposa, Paulo e Ana Maria Freire foram se aproximando e, de acordo com a biógrafa, “o carinho e a amizade e um mútuo fascínio, de longa data, somaram-se, agora, à paixão e amor” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 548). A relação de ambos ganhou um novo significado e, ainda

segundo Ana Maria Freire, “mudaram a natureza da relação entre ambos” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 548).

Ao descrever a nova condição estabelecida entre eles, a biógrafa afirma ter proposto que ambos esquecessem suas antigas relações e se voltassem para o momento atual, utilizando para isso o termo *enterrar*, bastante forte:

Eu que o conhecera antes dos meus quatro anos de idade, quando ele se iniciava como estudante do colégio de meu pai, e sempre por ele tive uma enorme fascinação, resolvi aceitar, no mesmo dia em que ele me falou, dividir com ele a vida. Construir uma nova relação “enterrando” simbolicamente minha anterior relação com Raul. Dias depois de nossa vida em comum, propus a Paulo – após ele ter me comparado algumas vezes com Elza, em circunstâncias favoráveis a ela ou a mim – que era de fundamental importância para a nossa felicidade que nós dois nos “afastássemos”, profunda e verdadeiramente, das nossas relações anteriores, Paulo-Elza, Nita-Raul, porque os nossos ex-parceiros não deveriam nem poderiam continuar nem serem substituídos⁶⁷ na nossa vida que começávamos a construir (FREIRE, Ana M., 2006, p.548- 549 – grifo nosso).

Ressaltamos que, embora a biógrafa utilize a palavra *enterro* para as outras relações que tanto ela quanto Paulo Freire mantiveram, faz jus dizermos que a descrição sobre a presença de Elza Freire na vida do educador foi feita com uma riqueza de detalhes muito grande, respeitosa, a partir, também, de um tom altamente valoroso à pessoa da primeira mulher do biografado.

Ana Maria Freire destaca que tanto ela quanto Paulo Freire fizeram uma opção pela vida, mas sem negar a importância dos primeiros parceiros e sem tê-los como padrões a serem seguidos, afirmando que, de fato, eles conseguiram por direito, enterrar os antigos cônjuges. Validando sua afirmação, a biógrafa insere uma poesia de amor que Paulo Freire fez à Elza Freire, mostrando o amor e o valor que ela teve em sua vida:

⁶⁷ Na obra, há uma nota de referência oriunda a partir da palavra *substituído*, que faço jus reproduzi-la: “Fui eu que falei isso a Paulo logo no início de nossa união, e sabiamente ele incorporou como um princípio também dele, porque sabia da veracidade dessa minha afirmação. Ele chegou a escrever isso em livro (cf. *Pedagogia da tolerância*, p. 291), mas citarei o que me escreveu no próprio convite para as festividades de seu doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Barcelona: “Querida Nita, menina minha, estou certo, absolutamente certo, da importância de Elza na minha vida. Na vida do homem que venho sendo e do educador, se é que podemos fazer uma tal separação. Gostaria de dizer-te que vem cabendo a ti, agora, outro papel junto a mim. Não o de seres simples substituta de Elza, como não sou de Raul, mas o papel de trazer-me de novo à vida, com alegria, o de fazer-me amar do modo como te amo. Penso em ti no momento em que recebo esta homenagem. Paulo. Barcelona, 1-2-88”.

Seria mentira, Nita, dizer-te que jamais havia
 amado como te quero ou que jamais havia querido como te amo.
 Seria mentira,
 também,
 se me disseses que só agora comesças a amar, comigo.
 A verdade é que amamos antes, doidamente amamos. E é
 porque tão fundo amamos que
 hoje tão meigamente
 Nos queremos.
 Amar é bonito,
 Nita, Nitae.
 Querer bem de forma
 especial, da forma como te quero,
 é bonito, Nita, Nitae.
 Te quero
 Te re-quero
 Te espero,
 porque te encontrei.
 Volta com teu riso.
 Estarei aqui, repousado,
 terno e maduro, como quer o nosso amor.

Paulo. Dezembro, 87.

No trecho que se segue, verificamos um tom intimista na construção do relato que se revela autobiográfico, pois a figura do biografado se funde com a da biógrafa:

Desde que ficamos juntos, a felicidade de Paulo se constituía na minha felicidade, assim como a minha na realização da dele, como quer todo amor verdadeiro. Isso não significa que vivemos uma vida de anjos, serafins ou querubins. Isso não significa tampouco que cada um de nós se abandonou de si mesmo, que deixamos de existir para nós mesmos, de termos negado nossos sentimentos e vida própria para viver em função do outro ou só pelo outro. Vivemos verdadeiramente uma relação de homem/mulher, com respeito e admiração recíprocos, mas também sem nunca nos impedirmos de dizer o que considerávamos errado na atitude do outro (FREIRE, Ana M., 2006, p.550 – grifos nossos).

Em outra parte, Ana Maria Freire tenta negar o carácter heroico de Paulo Freire, apesar de afirmar que se trata de um “homem quase perfeito”, um “ser admirado por todo o mundo”, “um ser intocável”, um “sábio com alto espírito de justiça” (FREIRE, Ana M., 2006, p.550), mas ao dizer que preferiu abnegar dessas ideias a fim de se ter uma relação mais saudável com o biografado, ela acaba por confirmar as pressuposições descritas acima, uma vez que para manter uma relação respeitosa e sadia com Paulo Freire é preciso negá-las:

Não tenho receio de afirmar que esse comportamento – sobretudo o meu de não considerá-lo um mito, “um homem quase perfeito”, “um ser admirado por todo o mundo”, “um ser intocável”, “um sábio com alto espírito de justiça” – foi decisivo para uma relação extremamente saudável, amiga e fraterna, na qual coube com mais força a sensualidade, a amorosidade e o entendimento pautado pela cumplicidade em todos os momentos e circunstâncias, a verdadeira crença e confiança no/a outro/a (FREIRE, Ana M., 2006, p. 550 – aspas da autora).

Com relação à heroificação de um ser biografado, Campbell (1999) atesta que:

Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião, uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da ideia-semente, a ideia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo (p. 144).

Se tomarmos como válida a pressuposição de Campbell (1999) acerca da figura do *herói*, podemos afirmar que a biógrafa, muitas vezes, constrói uma imagem heroificada de Paulo Freire a partir dos feitos e do método de alfabetização implementado pelo educador, o qual fez com que muitas pessoas socialmente oprimidas pudessem alfabetizar-se e tornarem-se mais críticas perante à sociedade em que vivem.

Ainda neste subcapítulo, a biógrafa relata as diversas mudanças de natureza existentes entre Paulo e ela, inclusive, valendo-se do discurso direto, nesse caso, expresso por meio das aspas, como um tipo de estratégia discursiva a fim de enfatizar a veracidade de seu relato, como se o mesmo tivesse sido registrado, gravado ou escrito em seu momento enunciativo. O uso das aspas marca a introdução de uma outra voz, literalmente retomada, o que produz o efeito de veracidade aos fatos e não, necessariamente, pela captação *in loco* da cena enunciativa.

Pouco depois de ter sido rendida por Paulo e de termos estabelecido uma nova etapa de nova natureza em nossas relações, Paulo teve medo de não viver muitos anos. Argumentava que a diferença de idade entre ele e mim era grande (de apenas doze anos) e que eu já sofrera uma vividez. Propôs terminarmos. Respondi-lhe que não renunciaria a ele, que se ele quisesse que acabasse a nossa relação de amor. “E se eu só vivesse mais dois anos, Nita?” “Se você, Paulo, fosse um cabra marcado para morrer daqui a dois anos, ficaria esses dois anos com você. Não me peça, Paulo, para renunciar a você. Se você não quiser continuar a nossa relação, eu aceito e não irei lhe molestar. Mas, eu renunciar, Não!

Nunca! Ficou feliz, muito feliz, pois no fundo do seu ser, a sua vontade era essa mais nordestina e profunda prova de amor! Abraçamo-nos. O assunto foi encerrado (FREIRE, Ana M., 2006, p. 551 – aspas da autora – grifo nosso).

No trecho que se segue, há uma inversão de papéis entre biógrafo e biografado. Ana Maria Freire, quando começa a se lembrar do pedido de casamento feito por Paulo Freire e da dificuldade que teve na aceitação da troca de seu sobrenome de Araújo Hasche para Araújo Freire, assume também a condição de biografada.

Passados alguns meses de nosso “encontro no amor”, Paulo queria muito se casar comigo. Inicialmente relutei. Pensava, ingenuamente, ser possível uma vida de “cada um em sua casa”, mas ele me disse: “Ou casamos ou acabamos esse romance”. “Belo jeito de dialogar, não é?” “É isso, de vez em quando preciso ser incoerente para sentir-me coerente.” “Conhecendo você como estou conhecendo, não vou abrir mão de você, de jeito nenhum. Já lhe disse que não renunciaria a ter você...caso, com alegria e amor com você! Quando você quiser!”. Depois relutei também em aceitar trocar meu sobrenome para Araújo Freire. Argumentei que no curso da minha vida tinha tido vários nomes: de Margarida por algumas horas ao nascer para Ana Maria, por interferência de meu avô “Padrinho Miguel”, pai de meu pai, que sugeriu o meu nome a partir da junção de Ana – de minha vó paterna – e Maria – de minha vó materna. Chamada de Nita por apelido posto por minha madrinha, uma prima muito jovem, desde muito cedo, troquei de sobrenome ao me casar com Raul: de Albuquerque Araújo para Araújo Hasche (FREIRE, Ana M., 2006, p. 551 – aspas da autora).

Após esse relato, Ana Maria Freire insere uma foto do casal, um momento de carinho entre os dois, após a cerimônia religiosa do casamento, em Recife, em 27/03/1988:



Figura 12: Paulo beijando-me após a cerimônia religiosa de nosso casamento, em Recife, em 27-03-88 – página 552.

A biógrafa relata o conflito por ela vivenciado com relação ao *nome próprio*, a falta de vontade da autora em querer assumir outra alcunha que não fosse a que já tinha e que, por muitas vezes, já tinha sido mudada. Somente após muita insistência por parte de Paulo Freire, a biógrafa percebeu a importância da aceitação do sobrenome *Freire* e da importância que adquiriria ao assumi-lo.

A alcunha que estampa a capa da biografia é a de Ana Maria Araújo Freire, responsável pela autoria do livro. É a partir do sobrenome do educador que a biografia adquire maior credibilidade devido ao fato da autora, como viúva do educador, ser capaz de representar, de forma satisfatória, quem foi Paulo Freire, devido à condição por ela assumida.

Para os estudos (auto) biográficos, a *assinatura*, no discurso escrito, funciona como uma forma de designação do enunciador. Assim, o nome que

estampa a capa do livro, o de Ana Maria Araújo Freire, é aquele a quem se atribui a responsabilidade do que está escrito e inscrito na biografia, uma alcunha que remete a um *eu*, a um locutor real.

A biógrafa também afirma que, ao assumir esse novo sobrenome, *Freire*, o educador quis garantir-lhe um futuro melhor porque tinha consciência da relevância que tinha assumido no cenário tanto nacional quanto mundial:

Entretanto senti a questão da vontade da oferta, da doação de uma parte de Paulo para mim. Entendi que ficaria mais completa a minha relação com ele se aceitasse incorporar essa parte dele a mim. Entendi como a palavra – que para Paulo tem força de ação – o nome, com enorme simbolismo, teria, pois, a força de consagrar mais profundamente a nossa união, a nossa aliança. No decorrer do tempo fui percebendo mais e mais a importância fundamental na identificação de um casal que se ama, receber a mulher o sobrenome do homem, quando ele quer dar-lhe, mesmo que digam o contrário as feministas. Hoje entendo que o nome Freire que Paulo quis tanto me dar foi uma forma importante de selar nossa relação amorosa de marido-mulher, e, tinha também, intencionalmente, por parte dele, uma vontade enorme de me garantir coisas para o meu futuro, como vem sendo. Paulo, também nisso, foi adivinho, profético. (FREIRE, Ana M., 2006, p. 551-552 – grifos nossos).

Percebermos também que, nessa última parte do livro, a autora conta fatos de sua vida junto a Paulo Freire que reforçam sua importância na vida do escritor, atribuindo mais valor a si mesma. Assim, aumenta-se a legitimidade e credibilidade do relato biográfico:

Também eu contei sobre a ternura, amor e paixão que senti por ele no livro que escrevi sobre nossa vida cotidiana: *Nita e Paulo: crônicas de amor*⁶⁸... Em reconhecimento à minha presença na sua vida e obra, Paulo dedicou a mim cinco dos sete livros que ele escreveu durante o nosso casamento (FREIRE, Ana M., 2006, p. 554).

Ana Maria Freire afirma ainda que, em reconhecimento à presença dela na vida e na obra de Paulo Freire, o educador dedica à biógrafa cinco dos sete livros que escreveu durante o casamento e os lista⁶⁹. Junto aos mesmos, a autora coloca uma foto do casal, onde Paulo Freire a toma nos braços, em sinal de

⁶⁸ 'Nita e Paulo' reúne 50 crônicas e casos em que a viúva de Paulo Freire, Nita, revela detalhes da personalidade do educador brasileiro. Os textos abordam desde a crise de Paulo Freire após a morte de sua primeira mulher, Elza, até seu enamoramento e a reconstrução de sua vida com a autora, Ana Maria, apelidada carinhosamente de Nita. O livro termina com um encontro no céu, entre seu marido e o 'ateu' Darcy Ribeiro, eminente educador, logo após ambos apresentarem com humor suas concepções sobre a religião.

⁶⁹ As dedicatórias encontram-se no quadro acima, figura 13.

descanso, após um almoço entre amigos e amigas, em Valência, Espanha, em março de 1995.



Eu e Paulo descansando após termos almoçado uma *paella*, entre amigos e amigas, em Valência, Espanha, em março de 1995.

“A Ana Maria, Nita, que me devolveu o gosto bom de viver, quando a vida me parecia tão longe e, quase sem esperança, a olhava! Paulo.”, dedicatória da *Pedagogia da Esperança*.

“Gostaria ainda de expressar meus agradecimentos a Ana Maria Freire, de quem sou marido, pelas excelentes notas que aclaram e amarram aspectos importantes de meu texto”, ainda na *Pedagogia da Esperança*.

“A Nita, minha mulher”, dedicatória do *Política e Educação*.

“A Ana Maria, minha mulher, não apenas com o meu agradecimento pelas notas, com as quais, pela segunda vez, melhora livro meu, mas também com a minha admiração pela maneira séria e rigorosa com que sempre trabalha.”, dedicatória das *Cartas a Cristina*.

“A Ana Maria, Nita, minha mulher, com meu agradecimento, mais uma vez, pelas notas cuidadosamente trabalhadas com que vem melhorando meus livros”, dedicatória do *À sombra desta mangueira*.

“A Ana Maria, minha mulher, com alegria e amor. Paulo”, dedicatória da *Pedagogia da autonomia*. (FREIRE, Ana M., 2006, p. 555 – aspas da autora).

Figura 13: Foto de Paulo e Ana Maria Freire e as cinco dedicatórias de seus livros que ofertou à esposa – página 555.

Esta foto é um exemplo de arquivo na medida em que a biógrafa ao expor a sua intimidade e a de Paulo por meio desse signo icônico, acaba deixando revelar a incipiente necessidade que ela tem de atestar o carinho e a consideração dispensadas a ela por parte do escritor.

Outra fotografia que também faz parte dessa última parte do livro e desse subtópico é a que retrata Paulo e Ana Maria Freire, em uma noite fria paulistana, sem fazer alusão a nenhum tipo de evento que o educador fosse requerido a participar, como se tivesse a função de apenas mostrar e partilhar a intimidade do casal, revelando mais uma vez, por meio da legenda, que se trata de uma obra de caráter (auto) biográfico:

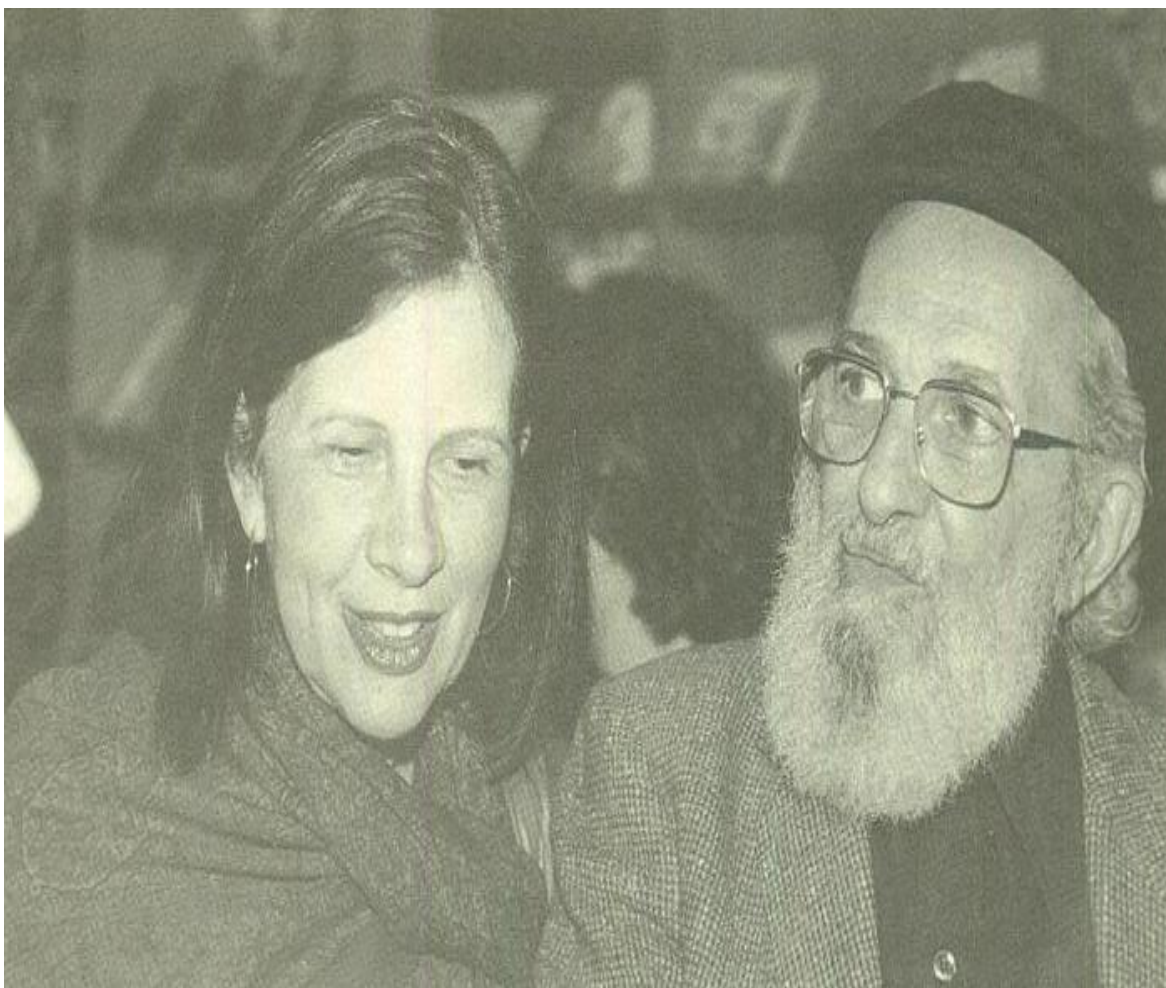


Figura 14: Eu e Paulo em noite fria paulistana, de 1989 – página 556.

Com vistas a finalizar esse primeiro subtópico da última parte do livro, *Sua vida com Elza e com Nita*, a autora destaca o amor e o apreço de Paulo Freire com relação à pessoa dela, fazendo com que os leitores, ao se depararem com tal relato, acreditem e deem mais credibilidade à figura de qualquer biógrafo a partir de um tipo de exposição como essa, contada com tantos detalhes.

Essas coisas mesmas que me impingiram cruamente me vêm dando a possibilidade de crítica de ter muito mais certeza hoje da que tive ontem, da profundidade com que fui amada, muito amada por ele. Disso decorre que não tenho o direito de queixar-me dos dissabores da vida – eles existem independentemente de nossas vontades ou da vontade dos outros e outras -, porque experimentei a forma mais profunda e mais plena possível do amor. Do amor de gente com Paulo, de Paulo. Não posso esquecer o olhar firme, doce, profundo, vindo de sua alma, deitado na cama do hospital de onde não mais saiu para a vida, ao me dizer: “Nita, amo-te muito. Amo-te o mais que se pode amar!!!” Depois silenciou e continuou a me olhar, a me olhar com a profundidade de olhar que jamais vi em nenhuma outra pessoa nem mesmo nele. Continuou a me olhar despedindo-se de mim. Sei hoje que naquele momento Paulo pressentiu que estava muito perto da morte (FREIRE, Ana M., 2006, p. 556 – aspas da autora).

2.3.2- A recifencidade como *loco* enunciativo de Paulo Freire

No segundo subtópico do capítulo XXI, intitulado *Sua recifencidade*, a biógrafa se dedica a tratar do amor que Paulo Freire sentia por sua terra natal. Ela relata que, no exílio, o escritor sempre falava da *volta para casa*. Esse voltar, não se restringia unicamente ao Brasil, mas sim a Pernambuco, especificamente, a Recife. Voltar, para ele, tinha o gosto do resgate de um tempo perdido, das amizades adormecidas, do que já se fora, como se estar em terras recifenses fosse trazer à tona a materialização de seu passado:

No exílio tinha esse desejo como um dos maiores anseios. Mas o seu “voltar para casa” era, na verdade, voltar para o Recife. Voltar para ele tinha o gosto do resgate do “tempo perdido”, de relações quase desfeitas, de amizades adormecidas, mas também do reencontro com pessoas que de alguma forma estiveram presentes na sua vida de menino, de jovem e de adulto, e dos lugares que não se apagaram de sua memória. De pessoas, de tempos e de espaços que vivam na sua imaginação e vontade, e no seu querer bem à cidade onde nasceu (FREIRE, Ana M., 2006, p. 557 – aspas da autora).

Vimos, portanto, que o aspecto mais evidente não é a cidade como lugar geográfico, mas como espaço afetivo, ligado às pessoas e às emoções.

A biógrafa, ao descrever a postura e as atitudes de Paulo Freire diante da vida, as explica atribuindo apenas uma característica à forma de ser do educador,

a fibra que pessoas autenticamente nordestinas como ele tem e que, com seu modo de agir, conseguiram encantar o mundo:

Paulo escreveu e disse publicamente muitas vezes: “A minha mundialidade se explica por minha brasilidade, a minha brasilidade se explica por minha pernambucanidade, a minha pernambucanidade se explica por minha recifencidade”. Esta sua afirmativa, se é certa do ponto de vista geográfico-epistemológico, o é, sobretudo, do ponto de vista cultural, político e afetivo (FREIRE, Ana M., 2006, p. 558 – aspas da autora).

Percebemos, no trecho abaixo, que Ana Maria Freire tenta edificar e consagrar o escritor a partir de sua naturalidade, o fato de ser recifense. A maior parte das construções em torno da natureza e da essência humana de Paulo Freire são erigidas em função do contexto de nascimento do escritor e é contraposta a outros pensadores e escritores que não pertenceram a essa conjuntura local nordestina, tanto ao sul/sudeste do Brasil quanto a outro país e/ou hemisfério. Reforçando a relação estreita que Paulo Freire mantinha com Recife, a biógrafa afirma:

Paulo carregou a sua recifencidade por todos os lados e a todos os instantes de sua vida. Sua natureza humana expirava e aspirava a sua essência de homem genuinamente recifense, nordestino. Pensar e agir como Paulo pensou e agiu por toda a sua vida são formas de se pôr no mundo, de comportamentos que só podem ser gerados e fazer parte do patrimônio de pessoas autenticamente nordestinas. Sua compreensão epistemológica e antropológica não poderia ser tal qual é se Paulo fosse um homem do sudeste brasileiro. Mais ainda se tivesse nascido e vivido no Norte gelado cujas relações quase sempre são de pouco afeto e muita pouca alegria (FREIRE, Ana M., 2006, p. 558 – grifos nossos).

No trecho abaixo, fica estabelecida uma associação entre o contexto de nascimento de Paulo Freire com algumas características inerentes ao povo nordestino brasileiro. Ana Maria Freire constrói essas associações a partir de um tom poético, especialmente a conjuntura que permeou o tempo em que o educador viveu em solos recifenses, utilizando-se de frases de ícones como Josué de Castro e o poeta João Cabral de Melo Neto:

Só pensa e só age como Paulo pensou e agiu quem nasce na terra dos mangues, dos alagados de gente que vive de “caranguejos e com sua

carne de lama fazem a carne de seu corpo e a do corpo de seus filhos”⁷⁰. Na terra quente dos coqueiros e mangueiras, da brisa fresca da beira dos rios e do mar morno. Só quem nasceu na cultura da cidade do Recife – que já viu nascer milhares de homens e de mulheres de “vida Severina”,⁷¹ de “destino Severina” – os que trabalhavam descalços e morriam, tantas vezes, de fome e ou tuberculose; que mendigavam ao pé da Ponte da Boa Vista porque não tinham condições de levar um simples pão para sustentar a si e a sua família, pode pensar como Paulo pensou. Ele presenciou o tempo em que a sobrevivência das gentes dependia mais da solidariedade e da cumplicidade “dos que podiam”, dos “ricos” do que do direito e da vontade de trabalhar e da ousadia de lutar (FREIRE, Ana M., 2006, p. 559 – aspas da autora – grifos nossos).

A biógrafa cita uma das conversas que teve com o escritor, na capital de Pernambuco, sobre a questão da morte. Tal passagem, na obra, tem o caráter de reforçar e justificar até mesmo, a presença do subcapítulo *Sua recifencidade*, tamanha a importância do *contexto de origem* para o escritor:

Uma vez caminhávamos pelo Cais José Mariano, no Recife, de repente, ele me disse: “Nita, ainda bem que eu não morri na Suíça”. “O que você quer dizer com isso, Paulo?”, perguntei-lhe. “Que as águas de nosso Rio Capibaribe estão tão carregadas de lixo, que teria sido terrível ter sido jogado nele...”. Contou-me, então, que, no exílio, temendo morrer antes de “voltar para casa”, para o seu contexto de origem, pedira a Elza para que não o enterrasse na Suíça. Queria que as suas cinzas fossem jogadas no Rio Capibaribe, bem no centro do Recife, ali onde estávamos vendo a Casa da Cultura e as Pontes 1º de Março e da Imperatriz. Se ela mesma não as pudesse trazer e cumprir o desejo dele que as mandasse por alguém, por algum amigo, de preferência um recifense que pudesse entender o seu gesto (FREIRE, Ana M., 2006, p. 559-560 – aspas da autora).

No trecho que segue, mais uma vez a biógrafa deixa transparecer essa tendência que o biografado tem de manter laços com sua terra natal, de como as heranças culturais que o formaram estão incutidas dentro de sua personalidade:

Entendo isso como o testemunho maior de amor de quem se sente profundamente preso às suas heranças culturais, profundamente ligado à sua terra e para a qual desejava voltar mesmo que só pudesse ser após a sua morte. Paulo amou São Paulo, Santiago, Cambridge, Genebra, cidades onde morou e que o acolheram de maneira generosa, mas amou o Recife como se uma pessoa fosse, seu solo-mãe, terra quente da brisa fresca de todas as tardes (FREIRE, Ana M., 2006, p.560).

⁷⁰ Transcrição da nota de rodapé da própria obra – pág. 559: “Compreensão e frase do cientista pernambucano Josué de Castro sobre a fome e a condição de vida dos recifenses”.

⁷¹ Transcrição da nota de rodapé da própria obra – pág. 559: “Faço uma alusão agora à criação do, também pernambucano, poeta João Cabral de Melo Neto”.

A biógrafa também dispõe, ao longo da biografia, uma poesia que contempla o canto de Paulo Freire à cidade de Recife que, segundo palavras do próprio educador, era ela quem traduzia a essência de seu ser e constituía assim, a sua identidade como homem, escritor, pai e cidadão nordestino.

Recife sempre⁷²

Cidade bonita
 Cidade discreta
 Díficil cidade
 Cidade mulher.
 Nunca te dás de uma vez.
 Só aos pouquinhos te entregas
 Hoje um olhar.
 Amanhã um sorriso.
 Cidade manhosa.
 Cidade mulher.
 Podias chamar-te Maria
 Maria da Graça
 Maria da Penha
 Maria Betânia
 Maria Dolores.

Serias sempre Recife,
 Com suas ruas de nomes tão doces:
 Rua da União
 Que Manuel Bandeira tinha “medo que se chamasse Rua Dr.
 Fulano de tal”
 E que hoje eu temo que se passe a chamar Rua Coronel fulano de tal.
 Rua das Creoulas
 Rua da Aurora
 Rua da Amizade
 Rua dos sete pecados.
 Podias chamar-te Maria
 Maria da Esperança
 Maria do Socorro
 Maria da Conceição
 Maria da Soledade.

Para nós, meninos da mesma rua
 Aquele homem
 Que andava apressado
 Quase correndo
 Gritando, gritando:

⁷² Transcrição da nota de rodapé: “Essa poesia foi publicada em 1987 no livro *Aprendendo com a própria história*, v. I, livro de Paulo com Sérgio Guimarães (p.153-60). Na versão manuscrita de Paulo, com uma linguagem mais emotiva e sensual, ele trata o Recife como se fora uma mulher amada. Transcrevo nesta biografia, do manuscrito de próprio punho de Paulo, a mim presenteado, apenas as partes dela que são diferentes da publicada, anteriormente. A versão publicada em 1987 foi emocionada e belamente declamada por José Mário Austregésilo, na homenagem que Pernambuco fez a Paulo quando ele completou setenta anos de idade, por diligência e vontade de Paulo Rosas, então presidente do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 561).

Doce de banana e goiaba,
 Aquele homem era um brinquedo também.
 Recife, onde tive fome
 Onde tive dor
 Sem saber por que
 Onde hoje ainda
 Milhares de Paulos
 Sem saber porque (sic),
 Têm a mesma fome
 Têm a mesma dor,
 Raiva de ti não posso ter.

No ventre ainda, ajudando a mãe
 a pedir esmolas
 a receber migalhas.
 Pior ainda:
 a receber descaso de olhares frios.
 Recife, raiva de ti não posso ter.

Recife, cidade minha,
 Já homem feito
 Teus cárceres experimentei.
 Neles, fui objeto
 Fui coisa
 Fui estranheza. Quarta feira. 4 horas da tarde.
 O portão de ferro se abria.
 Hoje é dia de visita.
 Sem fila.

O relógio de minha casa também dizia
 Um, dois, três, quatro,
 Quatro, três, dois, um,
 Mas sua cantiga era diferente.
 Assim, cantando,
 O tempo dos homens
 Apenas marcava.
 Recife, cidade minha,
 Em ti vivi infância triste
 Adolescência amarga em ti vivi.

Não me entendem
 Se não te entendem
 Minha gulodice de amor
 Minhas esperanças de lutar
 Minha confiança nos homens
 Tudo isto se forjou em ti
 Na infância triste
 Na adolescência amarga
 O que penso
 O que digo
 O que escrevo
 O que faço
 Tudo está marcado por ti.
 Sou ainda o menino
 Que teve fome
 Que teve dor
 Sem saber porque
 só uma diferença existe

entre o menino de ontem
e o menino de hoje,
que ainda sou:
Sei agora por que tive fome
Sei agora por que tive dor.

Recife, cidade minha.
Se alguém me ama
Que a ti me ame
Se alguém me quer
Que a ti te queira.
Se alguém me busca
Que em ti me encontre
Nas tuas noites
Nos teus dias
Nas tuas ruas
Nos teus rios
No teu mar
No teu sol
Na tua gente
No teu calor
Nos teus morros
Nos teus córregos
Na tua inquietação
No teu silêncio
Na amorosidade de quem lutou
E de quem luta.
De quem se expôs
E de quem se expõe
De quem morreu
E de quem pode morrer
Buscando apenas
Cada vez mais
Que menos meninos
Tenham fome e
Tenham dor
Sem saber por que
Por isto disse:
Não me entendem
Se não te entendem.
O que penso,
O que digo,
O que escrevo,
O que faço,
Tudo está marcado por ti.
Recife, cidade minha,
Te quero muito, te quero muito.
Santiago, fevereiro 69.
Paulo Freire.

(FREIRE, Ana M., 2006, p.561-564).

Corroborando o amor de Paulo Freire pela sua cidade natal, a biógrafa encerra o subcapítulo transcrevendo uma conversa ocorrida entre o educador e

Darcy Ribeiro, a qual mostra que o amor a Recife conseguiu ser maior do que o desejo e a vontade de lecionar na renomada Universidade de Brasília (UnB).

Já em Brasília, Darcy convidou-o então, insistentemente, para que Paulo “fizesse” com ele e outros/as intelectuais progressistas essa Universidade modelo participando de sua direção. Convidou-o também para ser seu professor ensinado que matéria se sentisse mais capacitado ensinar, ao que Paulo respondeu: “Darcy, parabéns e sucesso! Essa coisa é uma maravilha! Participo no que puder ajudá-lo, participarei com você nesse troço formidável, mas à distância. Vir morar aqui?!...Ser professor dela?!...não posso!”. “Por quê?” “Porque não posso viver fora do Recife. Sem a minha cidade... eu nem sei se sei pensar!” (FREIRE, Ana M., 2006, p.565 – aspas da autora – grifo nosso).

Como se pode notar, Paulo Freire é descrito como alguém que amava sua cidade de origem, que se identificava com ela não apenas em relação ao seu espaço geográfico, mas com os laços afetivos lá estabelecidos. A identidade do educador também é construída em função do contexto de origem, a sua procedência nordestina.

2.3.3 – *Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade*⁷³: a constituição heroica do ser biografado

Percebemos que nesse subcapítulo intitulado *Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade*, a autora faz uma análise referente aos aspectos relevantes que tratam das qualidades e do inteligir de Paulo Freire.

Ao descrever características inerentes ao jeito de ser de Paulo Freire, Ana Maria Freire destaca qualidades como generosidade, amorosidade, fé, esperança, simplicidade, lealdade e ética. A esses traços, a biógrafa convencionou chamar de *gentidade*, virtudes que, segundo a autora, fazem com que o educador assuma uma condição de destaque enquanto ser humano.

Quero sublinhar aqui alguns traços de gente, as qualidades maiores de Paulo que faziam parte intrínseca da radicalidade de seu ser, de seu inteligir e do seu viver: sua generosidade; sua amorosidade; sua fé e crença nos homens e nas mulheres; sua esperança; sua simplicidade;

⁷³ Referência ao título do terceiro subcapítulo, da parte VI, capítulo XXII.

sua curiosidade e ousadia no pensar; no fazer e no agir; seu constante bom humor e senso de justiça; sua capacidade de ser leal com tudo e com todos e a si próprio, sem se afastar do comportamento radicalmente ético; sua mansidão e forma respeitosa de estabelecer as relações de horizontalidade e de “brincar” com outro e a outra. A esses traços de gente; às suas virtudes; às inúmeras, autênticas e profundas maneiras de ser e de portar-se diante do mundo e com o mundo e as pessoas, no fundo a humanidade de Paulo; ao seu desejo imenso de que todos e todas pudessem ser *seres mais*, que eu chamo de a *gentidade* de Paulo (FREIRE, Ana M., 2006, p.565-566 – itálicos da autora).

Mais adiante, a autora detalha o que chamou de *gentidade*, escrevendo um longo trecho ressaltando sobre o amor e a dedicação que Paulo Freire devotava aos mais próximos, especialmente aos pais da biógrafa.

Desde quando estudou e trabalhou no extinto Colégio Osvaldo Cruz, do Recife, Paulo entendeu, mais além do que já tinha aprendido com seus pais, a importância da generosidade de Aluizio e Genove Araújo através da gratuidade do ensino e do afeto dados por meus pais e do despojamento deles diante das coisas materiais, qualidades que passaram a ser buscadas e construídas em Paulo mesmo, para fazer-se *gente*, para se tornar verdadeiramente um educador e um homem público (FREIRE, Ana M., 2006, p.567 – itálicos da autora).

Vimos, a partir dos trechos supracitados, que o envolvimento de Paulo Freire com as pessoas que estavam ao seu entorno era muito forte, mas ele também devotava amor e carinho aos que não se faziam tão presentes em sua vida, aos menos favorecidos e necessitados que o pediam ajuda:

Quem conhecia minimamente Paulo podia perceber, imediatamente, sua capacidade de escutar com atenção, tocando e olhando o outro ou a outra pessoa que o procurasse, a qual ele acolhia com um nível de envolvimento tal que, ao assim fazer, ensinava e aprendia ao mesmo tempo. Respeitava e era respeitado, aceitando e valorizando o dizer, a ideia, as intuições, os sentimentos, a voz do outro e da outra. Fez-se assim um mestre dos sonhos, dos desejos, dos anseios e dos interesses legítimos dos outros e das outras porque esses ressoavam o seu próprio sentir, desejar, entender, refletir, agir e escrever tudo isso sistematicamente. Ressoavam em todo o seu corpo, no seu *corpo consciente*. Esses toques no corpo do outro e da outra foram trocas afetivas intensas, que se proliferaram em outras formas de comunicação que, assim, quase sempre, se fizeram epistemológicas e antropológicas. Isso no fundo denota a coerência de Paulo, pois ele não dicotomizou jamais o saber do sentir. A razão da emoção. O ser do dizer. O conhecimento da sensibilidade. A generosidade da esperança. A esperança da amorosidade, porque a sua era generosidade esperançosa e não generosidade farisaica (FREIRE, Ana M., 2006, p. 567 – itálicos da autora - grifos nossos).

Esse lado humano apresentado pela biógrafa completa as competências profissionais do biografado. A foto que se segue contempla uma outra faceta de Paulo Freire:

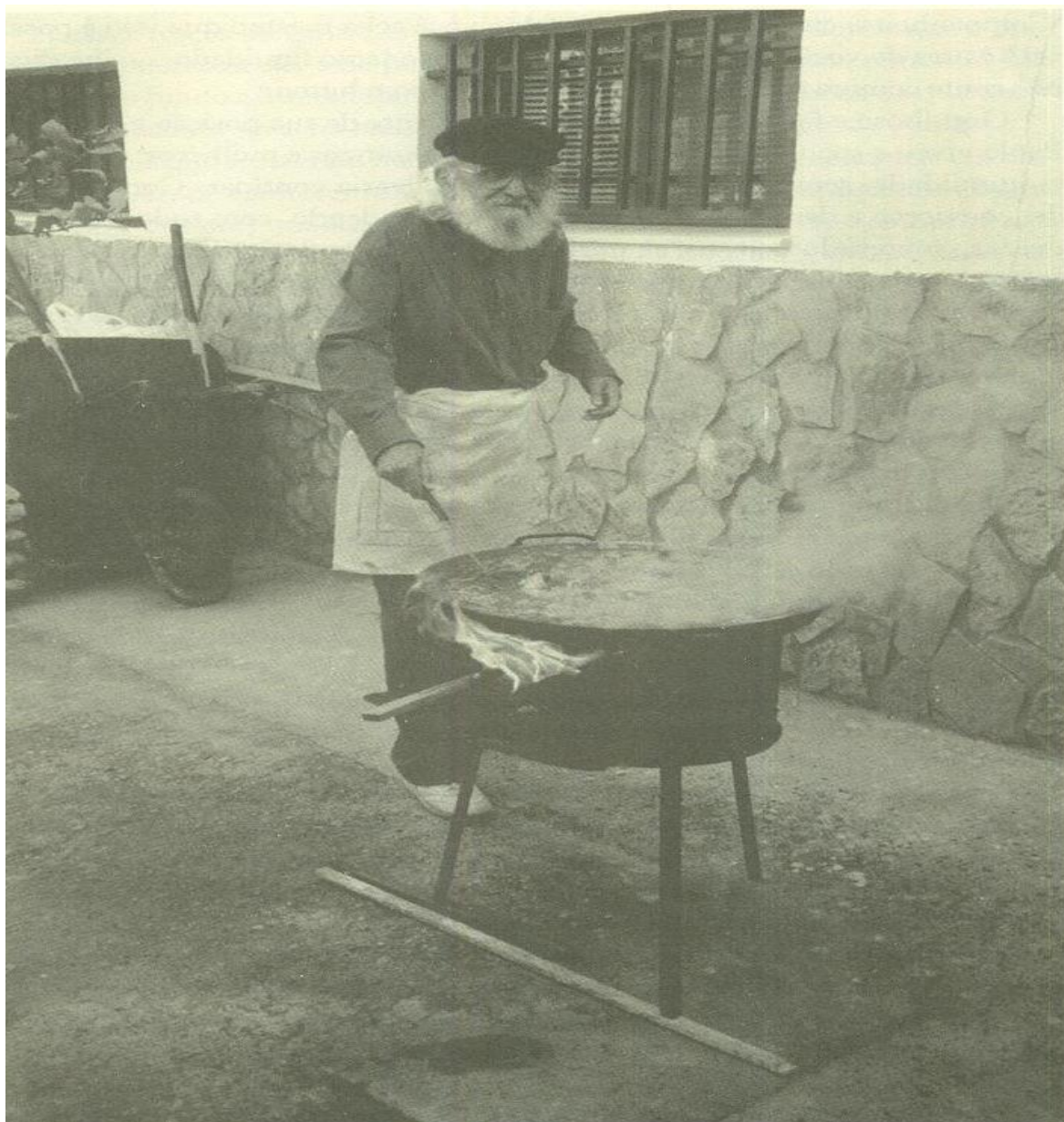


Figura 15: Paulo brincando de cozinheiro, fazendo a *paella*, em Valência, Espanha, em março de 1995 – página 568.

A foto ilustra o lado simples da vida cotidiana do escritor, realçando suas *virtudes, traços de gente e personalidade*; é como se essa imagem servisse como comprovação de que pessoas comuns também poderiam agir no mundo, de

alguma forma, tal como o educador o fez, ao implantar um método de alfabetização em função dos menos favorecidos social e economicamente.

Por outro lado, essa fotografia desconstrói uma suposta condição de mito de Paulo Freire, na medida em que ele é mostrado em uma situação comum, a de um homem que se dedica aos dotes culinários. Essa desconstrução também ocorre porque a *paella*, prato típico da Espanha, é preparada ao ar livre assim como fazem os brasileiros com o churrasco, peculiar ao Brasil, gerando assim, uma espécie de identificação nos leitores da biografia.

Mas de acordo com Vilas Boas (2008), as biografias de nosso tempo, do início do século XXI, são épicos velados que negam o ideal democrático do herói cotidiano, tendendo a realizar uma idolatria implícita nesses superlativos biográficos que desumanizam em vez de trazer para a Terra o universal/ singular imbricados na existência do ser biografado. Apesar da autora inserir a foto de uma cena comum, percebemos que, no decorrer da narrativa, há outros relatos que contribuem para a construção de um herói velado do que para a construção de um homem tido como comum.

Embora usemos a expressão *homem comum*, na acepção de *simples mortal*, não podemos nos furtar ao que diz Campbell (2003) sobre o termo:

Não creio que exista isso de “simples mortal”. Cada um de nós tem a possibilidade do êxtase em sua experiência de vida. O que é preciso fazer é reconhecê-lo, cultivá-lo e seguir em frente. Sempre me sinto incomodado quando as pessoas falam em “simples mortais”, porque jamais conheci um homem, ou uma mulher, ou uma criança “simples” (p. 173 – aspas do autor).

A biógrafa, com essa foto e outras que mostram o lado comum do educador, aproximam Paulo Freire da condição de homem simples, iniciando uma série de descrições acerca do lado humano do educador. Ela também aponta e descreve as sensações que ele sentia ao estar perto de pessoas das classes populares:

Sentia-se à vontade falando com as pessoas das classes populares. Valorizava suas ideias, falas, costumes e crenças. Essas coisas tinham provocado nele o sentimento de solidariedade, compaixão e cooperação, e permitiram-lhe entender mais dialeticamente, com elas e a partir delas o seu peculiar ato de escutar a filosofia, a política, a ciência e a própria vida (FREIRE, Ana M., 2006, p. 569).

A autora aborda o engajamento social e reitera que foi a partir da capacidade de Paulo Freire de escutar o povo, as pessoas simples com quem conviveu desde a infância que o educador conseguiu elaborar a sua teoria do conhecimento, de forma concreta, engajada e, até mesmo, revolucionária, mas, sobretudo, científica.

Assim, foi dessa capacidade invulgar de *escutar* o povo, isto é, ouvir, acolher e elaborar as ideias, as razões, as necessidades, as aspirações, as dores e as alegrias dos homens e das mulheres comuns, que Paulo criou uma teoria do conhecimento tão concreta e engajada e tão revolucionária e rigorosamente científica. Sua teoria do conhecimento tem, pois, concretude porque partiu da sua relação de abertura para escutar, sentir, emocionar-se com as camadas populares (FREIRE, Ana M., 2006, p. 569-570 - itálicos da autora).

No trecho que se segue, a autora se torna novamente e de forma explícita, personagem e biógrafa de si. Podemos depreender, tudo isso, a partir das marcas de primeira pessoa:

Presenciei uma única vez Paulo ser vaiado em público, certamente a única em sua vida. Foi numa reunião com educadores e educadoras da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no Parque Anhembi. Sem se constranger, Paulo não teve nenhuma reação negativa. Entendia que a platéia geralmente vai quando não concorda com o que ouve ou com a situação criada pelo orador ou oradora. Ou ainda quando esta pessoa se expõe ao prestigiar outra ou outro de quem o público não gosta e não aceita. Esse foi o caso: Paulo tinha nomeado uma funcionária da rede em reconhecimento por sua luta organizada e com destemida bravura contra o governo autoritário do prefeito Jânio Quadros, mas os e as educadoras da rede municipal não endossaram nem a escolha de Paulo nem a atuação da nomeada (FREIRE, Ana M., 2006, p. 570 – grifo nosso).

A autora, ao destacar a generosidade de Paulo Freire, no trecho abaixo, destaca a generosidade de Paulo Freire e, conseqüentemente, acaba por revelar as perseguições sofridas pelo educador enquanto militante político, em plena ditadura militar:

No nosso último verão em Pernambuco, estávamos no centro de Recife, na Av. Guararapes. Comprávamos alguns CDs de músicas clássicas. Fazia muito calor e Paulo saiu da loja e portou-se bem em frente, esperando-me. Ouvi um homem que, falando em voz altíssima, dizia: “Filho, este é um monumento nacional! Olhe bem para ele, é o famoso Paulo Freire”. Saí para “acudir” Paulo desse discurso que sabia o estava inibindo. Os dois se foram depois de a mim apresentados, mas Paulo permanecia imóvel, impactado. Depois conseguiu falar: “Nita, aquele

homem ali que corre entre carros e ônibus foi uma das pessoas que eu ajudei nos anos 60. Ele era funcionário da Universidade do Recife e me pediu para ir trabalhar no SEC. Conseguiu transferência dele, e na verdade ele se esforçou para dar conta das novas tarefas. Enfim, veio o golpe de 1964, eu sofrendo as perseguições em minha casa ou na prisão quando um caminhão do Exército foi até o espaço do SEC, onde sistematizávamos o “Método de Alfabetização” para recolher todo o “material subversivo” com o qual diziam estávamos preparando uma revolução bolchevista/nazista. Durante horas cataram tudo, tudo mesmo o que lhes dava a impressão de ser “material a serviço do comunismo”. Insatisfeito com a devassa já feita, aquele homem, um jovem na época, correu a o encontro do grupo militar que zarpava e disse maldosa e submissamente: “Coronel, o mais subversivo de tudo não foi recolhido!” Paulo tomou fôlego, respirou fundo e não parava de suar. Depois continuou: “Os soldados voltaram ao interior do prédio e o rapaz apontou os quadros do famoso artista Francisco Brennand, pintados especialmente para o trabalho de codificação/decodificação do “Método de Alfabetização”, daí para a conscientização dos alfabetizando/as, que estavam dependurados nas paredes. Jamais estes quadros (mais de dez) doados a mim e que eu considerava pertencerem ao grupo do SEC, ao povo, foram vistos!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 570-571 – aspas da autora – grifos nossos).

Após esse relato, a autora inicia sua descrição acerca das percepções que tinha sobre a *personalidade*⁷⁴ de Paulo Freire e justifica alguns posicionamentos tomados pelo educador a partir de sua individualidade e das *virtudes* que o compunham.

Para exemplificar, a autora relata a emoção sentida pelo educador após ter reencontrado o homem que tinha lhe traído e delatado ao grupo militar:

Paulo jamais desculpou aquele homem por sua capacidade de trair o povo, de se submeter ao poder, por considerá-lo covarde e maledicente, porque sei o quanto Paulo sabia amar, por isso mesmo mergulhar fundo na raiva. Na justa raiva, dizia. Esta é uma emoção que mobiliza, o ódio, pelo contrário, engessa e imobiliza as pessoas (FREIRE, Ana M., 2006, p. 571).

A biógrafa, ao afirmar que Paulo Freire “mergulhou fundo na raiva”, justifica esse sentimento valendo-se das próprias palavras do educador, a de que esse é um tipo de sentimento que “engessa e imobiliza as pessoas”, mostrando que ele estava ciente o quão prejudicial é a raiva (FREIRE, Ana M., 2006, p. 571).

Após relatar o sentimento de raiva vivenciado por Paulo Freire, a biógrafa afirma que, embora o educador fosse muito consciente de si e de seus

⁷⁴ Faz-se necessário destacarmos que os trechos que dizem respeito à *personalidade* de Paulo são relevantes para a nossa discussão já que o terceiro subcapítulo menciona esse tópico.

sentimentos, ele não conseguiu perdoar ao homem que o delatou e àqueles que negaram os ideais utópicos de justiça e democracia:

A reação do corpo de Paulo naquela tarde quente do Recife, em janeiro de 1997, me deu a certeza de que ele não tinha desculpado aquele homem. Paulo viveu as contradições humanas no seu *corpo consciente*, assim nunca as negou. Creio que a (sic) mais duas pessoas Paulo nunca entendeu nem desculpou, a sua enorme capacidade de amar e respeitar não foi suficiente para isso. Não desculpou nunca os que foram para o “outro lado do rio”, expressão que usava para dizer dos que tinham negado os sonhos utópicos de justiça e democracia (FREIRE, Ana M., 2006, p. 571 – aspas da autora).

Ana Maria Freire, ao falar das virtudes do educador, acaba por delinear os aspectos constitutivos da *personalidade* de Paulo Freire, a de um homem generoso, bom, honesto e justo, mas que, por poucas vezes, sentiu raiva, mas que podem ser justificadas, por se tratarem de situações que iam contra ideais sólidos de toda uma vida, lealdade ao próximo e os sonhos utópicos de justiça e democracia.

A biógrafa também afirma que esse estado de discernimento ético de Paulo também sempre se fez constante em sua teoria e práxis, desvelando o aspecto político, social e crítico do educador:

Esse estado de discernimento ético de Paulo alongou-se na sua teoria e práxis, marcando-as com seu *corpo consciente* e com sua alma dadivosa e lúcida. De outro modo, até porque não só pensou e escreveu dialeticamente, mas sobretudo por ter corporificado a dialética das contradições, ele abominou com todas as suas forças os invejosos, os vingativos e os que se prevalecem de suas posições para prevaricar de qualquer forma e em qualquer situação. Paulo marcou sua posição no mundo também por ter tido uma compaixão enorme por aqueles e aquelas que não sabem ser firmes em suas posições, de quaisquer naturezas que fossem elas; respeitosos com as escolhas e decisões alheias ou leais aos seus companheiros e companheiros de luta. Quero dizer que em Paulo não há neutralidade. Há o favor de que e de quem, o contra quê e contra quem, o por quê? O quando? O porquê!. E sabemos: ele esteve sempre a favor dos explorados, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, dos que necessitam de justiça e liberdade. Dos que querem viver plenamente os seus sonhos legítimos, quer no nível pessoal quer no nível social (FREIRE, Ana M., 2006, p. 572 – itálicos da autora - grifos nossos).

A autora, ao descrever a velhice de Paulo Freire, atribui ao biografado características voltadas para o lado humano do educador, realçando o fato dele

ser um homem com ideias geniais, mas possuidor de debilidades físicas. O trecho que se segue, trata da senilidade do educador:

Trabalhou intensamente desde muito jovem e dormia muito pouco até a sua maturidade. Na sua “velhice” sentiu necessidade de descansar, de diminuir, nunca de abandonar, o seu ritmo de trabalho. O período de sono era bem maior e para recuperar-se durante o dia não fazia sestas, optava por “passear de carro” para ver gente, paisagens verdes e prédios perfilados pela beleza. Gostava do dinamismo da vida urbana e do sol quente brasileiro, das noites calmas e claras para sentir a vida, na contemplação mansa da lua e das estrelas. (FREIRE, Ana M., 2006, p. 572 – aspas da autora – grifo nosso).

Podemos depreender a partir do trecho que se segue, os detalhes, a rotina e os prazeres vividos por Paulo Freire e pela biógrafa, marcadas pela recifencidade tanto da biógrafa quanto do biografado:

Caminhávamos muito nas manhãs das areias da praia de Piedade ou pelo calçadão que nos levava de nosso apartamento até ao “Terminal de Boa Viagem”, sempre no fim da tarde, o sol se pondo, calor nos deixando... Na “feirinha” sempre cheia de turistas e de gente local, admirávamos e algumas vezes comprávamos artesanatos nordestinos de bordados, de renda renascença, de cerâmicas, de madeiras talhadas, de redes para descansar ou para dormir cada vez mais coloridas e com “varandas” mais trançadas, de bijuterias feitas da casca do coco e de mariscos coloridos do mar, e de iguarias de toda sorte para deleite de quem não quer perder suas raízes: buchada de bode, sarapatel, pé-de-moleque (um bolo feito com açúcar mascavo e aromas diversos, recheado de castanhas de caju), bolo Souza Leão (famoso, preparado pela família que lhe deu nome, receita escondida por anos a fio, hoje de domínio público), mungunzá, pamonha e canjica autênticos: que têm como um dos ingredientes o leite de coco que destaca o gosto do milho. Milho cozido e milho assado. Amendoim cozido ou assado. Passas de caju e de carambola. E tantas outras coisas gostosas que dão água na boca de quem gosta de comer... Comíamos todas as vezes uma tapioca quentinha com coco ralado na hora. A de Paulo, absolutamente tradicional, sem queijo. “Essas são invencionices que não quero aderir”, dizia quando eu pedia a minha com queijo de coalho assado (FREIRE, Ana M., 2006, p. 573 – aspas da autora - grifos nossos).

Em outro trecho, a autora continua a falar sobre as predileções gastronômicas do escritor, sempre fazendo referência à *autenticidade nordestina* de Paulo Freire:

Assim, a comida típica do Nordeste, cujo sabor guardava na memória, era quase exclusiva em seu cardápio. Não trocava por nada uma “galinha de cabidela” servida com feijão ou um “peixe ao leite de coco” servido com feijão temperado com coentro e leite-de-coco”. Saboreava buchada de bode, sarapatel, cozido pernambucano e feijoada paulista, esta uma exceção da qual tinha um certo prurido em admitir. Sorvetes? Só os de “frutas tropicais”: pitanga, cajá, graviola, mangaba... Nunca

tomava um sorvete de creme, de chocolate, de nozes... Doces? De jaca e de goiaba, acima de todos. Frutas? Manga, jaca, mamão, sapoti, araçá, banana, sobretudo a banana maçã, abacaxi, carambola, pinha, graviola, caju... (FREIRE, Ana M., 2006, p. 573 – aspas da autora).

Como se pode notar, os hábitos de Paulo Freire eram simples, apesar do educador ter conhecido o mundo todo e, conseqüente, as iguarias gastronômicas mundiais. Mesmo assim, ele ainda preferia deleitar-se com as comidas típicas do seu contexto de origem, o nordeste brasileiro.

No fragmento que se segue, observamos mais um traço do homem comum, não apenas o nordestino, mas o brasileiro em geral, a quem o senso comum atribui o gosto pelo álcool.

Gostava de uma “cachacinha”, sobretudo da mineira, amarelinha; de um bom uísque e de uma maneira muito especial dos vinhos tintos que aprendera a beber e a apreciar nos tempos do Chile, mas tinha um enorme controle sobre si no que se referia às bebidas alcoólicas: “Só exagerei quando Elza morreu e me sentia vazio, oco... sem perspectivas de vida. Somente por alguns meses...”, dizia com uma certa dose de censura a si próprio (FREIRE, Ana M., 2006, p.573 – aspas da autora).

A biógrafa volta a edificar e erigir a figura do escritor ao expor o medo que Paulo Freire sentia de andar de avião, o qual foi superado em prol de um bem maior, o de levar conhecimento aos necessitados, a fim de que eles, segundo palavras do próprio biografado, *lessem o mundo*⁷⁵, mesmo que, para isso, o educador tivesse que sobrepujar a si mesmo:

Ousado e forte, tinha medo de viajar de avião, mas isso não o impediu de voar pelos cinco continentes falando de sua obra, de seus sonhos democráticos, de que todos e todas fossem verdadeiros cidadãos de sua cidade e de seu país, de sua vontade de mudar o mundo..., enfatizando que mudar é difícil, mas é possível (FREIRE, Ana M., 2006, p. 574).

Os termos *ousado* e *forte* são qualificações que compõem o perfil de um *herói*, aquele que enfrenta seus medos. Campbell (1999), ao discutir o conceito de *herói*, argumenta que há duas espécies de heróis mitológicos, onde alguns escolhem realizar certa empreitada, outros não. Segundo o autor:

⁷⁵ De acordo com Paulo Freire, *ler o mundo* significa muito mais que alfabetizar os analfabetos, mas é possibilitar que eles que tenham voz, que participem como cidadãos da vida social com dignidade. Para o educador, a alfabetização conscientizadora possibilita aos indivíduos se constituírem como sujeitos a fim de que não sejam apenas objetos da incidência dos que detêm o poder, exploram e submetem os menos favorecidos socialmente.

Em um tipo de aventura, o herói se prepara responsável e intencionalmente para realizar a tarefa. É uma escolha consciente, fruto de uma profunda reflexão interior. Há também as aventuras nas quais somos lançados de repente. Não era nossa intenção, mas de repente estamos na jornada. “A aventura para a qual o herói está pronto é aquela que ele de fato realiza” (CAMPBELL, J., 1999, p. 144).

De acordo com a conceituação de Campbell (1999), poderíamos atribuir a Paulo Freire essa etiqueta de *herói* a partir do que o autor nos diz, a de que somos lançados, muitas vezes e repentinamente, a certos tipos de aventuras que não são intencionais, mas que em função de uma causa, a assumimos. Porém, optamos por dizer que há trechos na narrativa que tendem a heroificar o ser biografado, como exemplo, podemos citar o medo que Paulo Freire sentia ao andar de avião, mas, mesmo assim, correu o mundo em favor da divulgação de sua causa, a alfabetização dos oprimidos para o despertar de uma consciência crítica.

Ao optarmos pela não atribuição da etiqueta *herói* ao ser biografado, o fizemos por acreditarmos que em nenhum relato, especialmente os biográficos, o ser é estático, assume apenas uma condição. Vimos, também, que a biógrafa relata fatos que aproximam Paulo Freire de um ser comum, passível de temores e fraquezas, a de um homem como os outros, como podemos ver no quadro que se segue:

IMAGEM HEROIFICADA	INDIVÍDUO COMUM
<ol style="list-style-type: none"> 1) Quero sublinhar aqui alguns traços de gente, as qualidades maiores de Paulo que faziam parte intrínseca da radicalidade de seu ser, de seu inteligir e do seu viver: sua generosidade; sua amorosidade; sua fé e crença nos homens e nas mulheres; sua esperança; sua simplicidade; sua curiosidade e ousadia no pensar; no fazer e no agir; seu constante bom humor e senso de justiça; sua capacidade de ser leal com tudo e com todos e a si próprio, sem se afastar do comportamento radicalmente ético; sua mansidão e forma respeitosa de estabelecer as relações de horizontalidade e de “brincar” com outro e a outra (p.565). 2) Assim, foi dessa capacidade invulgar de <i>escutar</i> o povo, isto é, ouvir, acolher e elaborar as ideias, as razões, as necessidades, as aspirações, as dores e as alegrias dos homens e das mulheres comuns, que Paulo criou uma teoria do conhecimento tão concreta e engajada e tão revolucionária e rigorosamente científica (p.569-570). 3) Esse estado de discernimento ético de Paulo alongou-se na sua teoria e práxis, marcando-as com seu <i>corpo consciente</i> e com sua alma dadivosa e lúcida (p.572). 4) “Só exagerei quando Elza morreu e me sentia vazio, oco...sem perspectivas de vida. Somente por alguns meses...”, dizia com uma certa dose de censura a si próprio (p. 573). 5) Ousado e forte, tinha medo de viajar de avião, mas isso não o impediu de voar pelos cinco continentes falando de sua obra, de seus sonhos democráticos, de que todos e todas fossem verdadeiros cidadãos de sua cidade e de seu país, de sua vontade de mudar o mundo..., enfatizando que mudar é difícil, mas é possível (p.574). 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Presenciei uma única vez Paulo ser vaiado em público, certamente a única em sua vida. Foi numa reunião com educadores e educadoras da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no Parque Anhembi (p.570). 2) Paulo jamais desculpou aquele homem por sua capacidade de trair o povo, de se submeter ao poder, por considerá-lo covarde e maledicente, porque sei o quanto Paulo sabia amar, por isso mesmo mergulhar fundo na raiva (p.571). 3) Não desculpou nunca os que foram para o “outro lado do rio”, expressão que usava para dizer dos que tinham negado os sonhos utópicos de justiça e democracia (p.571). 4) Trabalhou intensamente desde muito jovem e dormia muito pouco até a sua maturidade. Na sua “velhice” sentiu necessidade de descansar, de diminuir, nunca de abandonar, o seu ritmo de trabalho (p.572). 5) Assim, a comida típica do Nordeste, cujo sabor guardava na memória, era quase exclusiva em seu cardápio. Não trocava por nada uma “galinha de cabidela” servida com feijão ou um “peixe ao leite de coco” servido com feijão temperado com coentro e leite-de-coco” (p.573) 6) Gostava de uma “cachacinha”, sobretudo da mineira, amarelinha; de um bom uísque e de uma maneira muito especial dos vinhos tintos que aprendera a beber e a apreciar nos tempos do Chile (p.573).

⁷⁶ **Figura 16:** Tabela comparativa acerca dos relatos que aproximam Paulo Freire de uma imagem heroificada em oposição ao indivíduo comum.

⁷⁶ Tanto as características de Paulo Freire que tendem para uma *imagem heroificada* quanto as que se voltam para o *indivíduo comum* estão listadas até onde se deu a inserção da tabela. O que for averiguado, depois, será complementado, posteriormente, em momento oportuno, em outra tabela com o mesmo fim.

Novamente, é apresentada, abaixo, a figura de um Paulo Freire engajado, a de um educador crítico, que observa tudo ao seu entorno, sendo atribuído a ele o *status* de *profeta*, aquele que vivem sabiamente o hoje, podendo antever o que lhes é resguardado para o amanhã:

... “Nita, veja...nós somos um corpo que fala...! o único ser que fala...”. Nunca tinha pensado nisso... ele me falava mansamente e pensava profundamente sobre esse fato porque esteve sempre atento às obviedades... às coisas que vemos, mas não nos atemos sobre elas a fazer reflexões. Ele o fazia sempre. Fez-se por isso o pedagogo do óbvio. Paulo foi um homem que se debruçou, refletindo, sobre as coisas óbvias que observava onde vivia e por onde andava. E tomou-as como ponto de partida de reflexões para compor, entre outros fundamentos, a sua teoria. Tornou-se, por isso, verdadeiramente o “andareiro do óbvio”, o “caminhante da esperança”. Poderíamos considerá-lo um profeta, um “advinho” do amanhã, porque como ele mesmo dizia “profeta não é o homem de barbas brancas que vagueia pelas ruas com o seu cajado na mão, profeta é todo homem ou toda mulher que, porque vivendo radicalmente o hoje, pode prever o amanhã”. Paulo foi sempre o homem do hoje, daí ter se antecipado em ver a realidade ocultada pelas ideologias, ter podido muitas vezes ver tão bem o que a história nos estava reservando. Por isso sua obra, desde os seus primeiros escritos, continua, absolutamente, atual (FREIRE, Ana M., 2006, p. 574 – aspas da autora – grifos nossos).

Para Vilas Boas (2008), o “herói é aquele que participa corajosamente e decentemente da vida, no rumo da natureza e não segundo o rancor, a frustração e a vingança pessoais” (p.145). Assim, podemos entrever que, Paulo Freire, ao ser qualificado como *profeta*, adquire uma imagem heroificada tanto pela conceituação de Campbell (1999), no sentido de “aquele que se prepara responsável e intencionalmente para realizar uma tarefa” (p.144) quanto pela de Vilas Boas (2008), daquele que “participa corajosamente e decentemente da vida” (p.145).

Vilas Boas ainda (2008) reitera que, “mesmo quando o herói age pensando em algum benefício próprio, o *herói real* empurra e é empurrado para frente por muitas pessoas, próximas ou distantes, pessoas de seu tempo ou de tempos vindouros” (p. 145). Ainda conforme o autor, a concepção contemporânea ainda não aceita o *herói subjetivo*⁷⁷, mas “o tipo de *herói concreto*, com atributos padrão como vigor, determinação e agilidade” (VILAS BOAS, 2008, p. 145), características que a biógrafa enumera e atribui, ao longo de toda a obra, em

⁷⁷ *Herói subjetivo* é aquele contrário ao que Campbell (1999) conceituou chamar de *herói concreto*. Esse, possui “atributos padrão como vigor, determinação e agilidade” (p.145).

função da figura do educador Paulo Freire, tais como generosidade, amorosidade, ousadia, bom senso, humor, ética e respeito para com os menos favorecidos socialmente, conforme pudemos ver na tabela 16.

Com relação às experiências diárias, Paulo Freire considerava-se um ser privilegiado por ter podido acompanhar tantos eventos históricos, fatos que, segundo a biógrafa, acabaram por constituir a figura do biografado:

Considerava-se um ser privilegiado por ter podido acompanhar tantos eventos históricos importantes: a Revolução de 1930; a emersão das massas populares e os movimentos de educação popular; a viagem e chegada do homem à Lua; a velocidade e eficiência dos meios de comunicação; a luta de emancipação da mulher e seu novo espaço conquistado; as “proezas” dos aviões grandes e velozes, dos computadores e do fax; a volta do povo às ruas do Brasil pedindo eleições “diretas já” e depois repudiando a corrupção e exigindo, ao mesmo tempo, a ética na política e o “impeachment” do presidente corrupto – eleito pela “inexperiência democrática” do nosso povo. Assim, comoveu-se com a participação alegre e decidida dos jovens “cara pintada”, aos milhões pelas ruas e praças do país nos anos 90. Viveu tudo isso emocionada e criticamente (FREIRE, Ana M., 2006. p. 574-575 – aspas da autora).

Paulo Freire foi, portanto, testemunha de importantes momentos da história do Brasil, assistiu à Revolução de 1930, a emersão das massas populares, os movimentos de educação popular, a velocidade e a eficiência dos meios de comunicação, a luta de emancipação da mulher e seu novo espaço conquistado, a informatização, as eleições diretas, o *impeachment* do presidente bem como à chegada do homem à Lua.

Ana Maria Freire destaca, também, que o escritor se comoveria, sobremaneira, diante da posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva e imagina algumas atitudes do educador perante essa conquista de um homem do povo como ele o era:

Posso imaginar a comoção de Paulo se ele estivesse conosco vendo um homem do povo, Luís Inácio Lula da Silva, ser eleito presidente da República. Com mais de 53 milhões de votos! Ter tomado posse com a festa mais bonita e comovente entre todas as que empossaram os nossos presidentes. Brasília lotada de gente de todas as partes deste país. Explosão de alegria jamais vista na nossa vida pública. Não sei se Paulo estaria novamente sendo convidado para ser o ministro da Educação desse governo, ou se ele julgaria ser mais prudente dedicar-se somente à educação de adultos/educação popular. Ou mesmo ter deliberado ficar fora do governo. Sei que Paulo tampouco diria: “Fui eu que instiguei desde os anos 50 do século passado o povo a ir para as

ruas lutar por seus direitos, pela democratização de nosso país”. Por que nunca se outorgou o direito de trazer para si as conquistas políticas de nosso país. Nunca colocou a coroa de louros em sua própria cabeça. Lula ter chegado ao cargo máximo da nação lhe daria, inegavelmente, motivo de grande alegria. Mas sua alegria e gosto democráticos eram mais radicais. Eram radicalmente ético-político-humanistas. Sua alegria residiria na constatação de que homens e mulheres brasileiras tinham mudado, vinham se politizando desde os tempos do MCP e do SEC, tinham aprendido a dizer a sua palavra, fato pelo qual Paulo empenhou toda a sua vida. Graças a ele e a um grande número de mulheres e homens brasileiros abrimos, em frentes diversas e concepções de mundo diferentes, não tenho a menor dúvida, a maior possibilidade da história brasileira, quicá do mundo, de se construir um novo modo de governar um país e seu povo... Quero e devo, a bem da verdade, reenfatar: Paulo tem muito a ver com isso, foi um dos artífices maiores da democratização da sociedade brasileira (FREIRE, Ana M., 2006, p. 575-576 – aspas da autora - grifos nossos).

A biógrafa, no trecho acima, ainda atribui a Paulo Freire parte do processo de democratização do país, qualificando ainda mais suas teorias, seus feitos, sua participação direta na consolidação de uma nação mais igualitária, ou seja, mais uma vez o biografado ganha um status de *extraordinariedade* quanto aos seus feitos, assumindo mais uma vez, uma dimensão heroificada.

Vilas Boas (2008), ao refletir sobre as narrativas biográficas as estruturam em torno de seis *tópicos*⁷⁸. Um deles é a condição de *extraordinariedade* que alguns seres biografados adquirem ao serem narrados. De acordo com o autor, nenhum ser, ao ser narrado, deve ser colocado na condição de gênio inato.

Ana Maria Freire, ao descrever a vida de Paulo Freire, não o coloca nessa condição de *extraordinariedade*, ele é visto como um ser comum. A biógrafa, ao longo da biografia, sempre destacou que a relevância das ideias e feitos de Paulo Freire só se deram, efetivamente, através de esforço próprio, graças à mentalidade e a experiência vivencial que recebeu dos pais, descartando qualquer referência a um tipo de genialidade inata. Uma possível condição de *extraordinariedade* só é atribuída a Paulo Freire, ao longo da biografia, quando

⁷⁸ Não nos interessa, aqui, discutirmos todos os tópicos que Vilas Boas (2008) elenca para construir suas reflexões em torno das narrativas biográficas, mas, quando necessário, poderemos nos valer deles, caso verificemos algum tópico na obra em análise. Os tópicos são: 1) *Descendência*: relativização da ideia de uma herança familiar explicativa do ser biografado; 2) *Fatalismo*: torna-se fictício qualquer personagem real visto como predestinado vencedor; 3) *Extraordinariedade*: crítica aos preconceitos decorrentes da crença em uma genialidade inata; 4) *Verdade*: desmistificação da biografia como verdade, somente a verdade, nada mais que a verdade; 5) *Transparência*: proposição aos biógrafos que também se revelem ao longo de seus textos e 6) *Tempo*: explicitação de o porquê de uma narração biográfica linear-cronológica é uma limitação tanto filosófica quanto narrativa (p.11).

ele assume a condição de educador que, mantém uma postura ético-crítica em relação aos excluídos socialmente, ao implementar um novo método de alfabetização que visa o despertar da criticidade, é privado de sua liberdade tendo até mesmo que se exilar.

Mais adiante, a biógrafa afirma que “Paulo era cortês, comunicativo, alegre, bem-humorado, sempre atento para tudo que fosse VIDA” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 579). Após enumerar todas essas características, a biógrafa qualifica o biografado como um homem apaixonado por tudo que fosse vivo, descrevendo-o da seguinte forma:

De personalidade simples, falava com os gestos expressivos de suas mãos dando afetividade sobre o que e para com quem falava. Se estivesse ao lado de alguma pessoa quando falava, quase sempre a tocava suavemente no ombro. Mas Paulo escutava mais do que falava, seus alunos e suas alunas sabem disso. Enfim, o olhar, o escutar e o tocar foram os gestos/movimentos com os quais ao lado do observar, do estudar e do pensar/ falar/ escrever Paulo revelava os desejos, os espantos e a esperança de seu ser eternamente apaixonado pela vida. Quem conheceu Paulo dificilmente se esquecerá desses traços que traduziam sua personalidade segura e eterna, bem-humorada e mansa, tolerante e ousada, comunicativa e amiga, eternamente preocupada com o outro e a outra e consigo mesmo, no sentido de aperfeiçoar as suas virtudes e de ser feliz. E assim de fazer os outros e outras felizes (FREIRE, Ana M., 2006, p.579).

Com relação à vaidade, a biógrafa afirma que Paulo Freire teve que desenvolver uma espécie de aperfeiçoamento de seu ser, porque diariamente era alvo de agradecimentos, aplausos e condecorações. No trecho que se segue, a autora ressalta mais um dos aspectos da *personalidade*⁷⁹ do educador:

Tinha uma percepção acurada do que era a sua pessoa frente a si e ao mundo, mas jamais trombeteou isso aos “sete ventos”, nem se deixou invadir pela vaidade. Contou-me: “Quando cheguei à Europa, à Ásia ou aos Estados Unidos e convivi com milhares de pessoas que me diziam a *Pedagogia do Oprimido* mudou a minha vida, a minha leitura de mundo, trabalhei em mim a questão da vaidade, pois é fácil e tentador perder a humildade ouvindo coisas como essa!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 580-581 – aspas e itálicos da autora).

Paulo Freire, ao afirmar que teve que trabalhar em si a questão da vaidade, revela mais uma característica de seu lado humano, a de um indivíduo comum, a

⁷⁹ Destaco a palavra *personalidade* porque nos propomos a falar, nesse subcapítulo, sobre três temas, *virtudes*, *os traços de gente* e *a personalidade* do educador Paulo Freire.

possibilidade de se envaidecer com tantos elogios, afastando-o, então, de uma condição heroificada. Ao mesmo tempo em que a biógrafa, ao narrar vida e obra do educador, expõe fatos que o levam a assumir a condição de *herói*, ela também a desconstrói quando revela medos, anseios e sentimentos de Paulo Freire.

É interessante notarmos que, ao lado do trecho que se fala sobre a falta de vaidade do biografado, é inserida uma foto de Paulo e Ana Maria Freire, em Edimburgo, Escócia. Embora ele conhecesse o mundo inteiro e o mundo também o conhecesse, a vaidade não era uma característica.

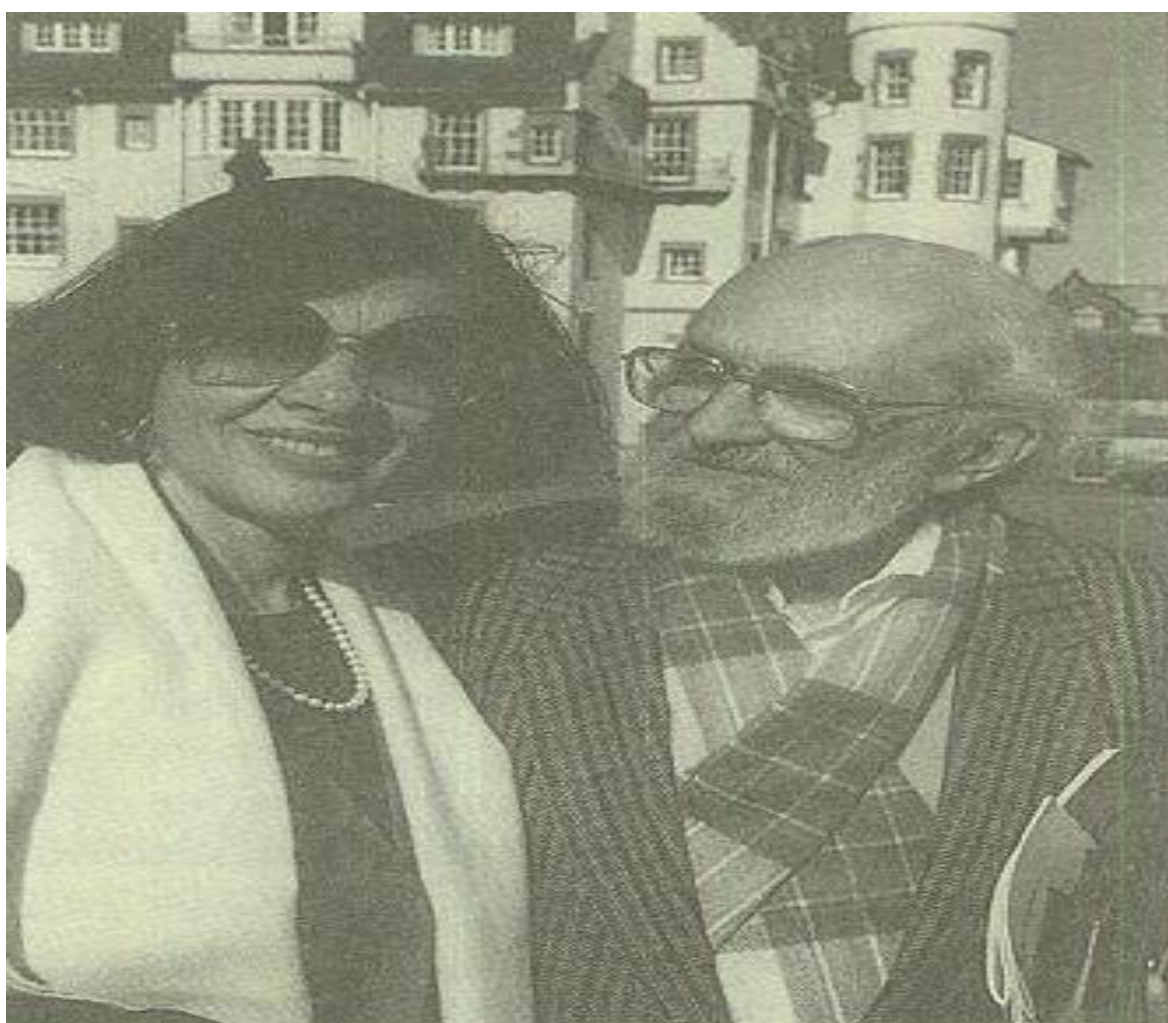


Figura 17: Eu e Paulo, em maio de 1988, em Edimburgo, Escócia – página 580.

Para validar e corroborar ainda mais suas afirmações sobre a falta de vaidade e a tolerância de Paulo Freire diante e para com as fragilidades humanas,

a biógrafa utiliza uma citação do próprio autor, em discurso direto. É sua prova testemunhal do que ela enuncia ao compor o perfil do biografado:

Assim, Paulo sempre dizia de si: “Não sou anjo nem demônio, sou um homem que sabe algumas coisas e que busca seu aperfeiçoamento enquanto ser com o mundo”. Por isso, creio, teve uma capacidade imensa de aceitar as fragilidades humanas, mas, contraditoriamente, essa sua maneira de ser redundou em não se afastar de algumas poucas pessoas que, infelizmente, o procuravam com a intenção apenas de promover-se, de tirar proveito da sua pessoa e de seu prestígio. Não estavam preocupados em usufruir de sua sabedoria ou da verdadeiramente amizade que ele oferecia gratuitamente, com amor. Digo poucas pessoas porque a grande maioria entendeu a sua grandeza, sua inteireza e sua capacidade de ser *gente de verdade* (FREIRE, Ana M., 2006, p.581 – aspas e itálicos da autora).

A biógrafa, ao inserir a voz do educador, exime-se de atribuir um julgamento de valor em relação à *personalidade* e o modo de agir do biografado. Somente a partir do dizer de Paulo Freire que a autora elenca suas percepções em relação ao educador, afirmando que ele foi um homem com grande capacidade de aceitar as fragilidades humanas mas, que mesmo assim, se afastou daqueles que o procurava com a intenção de promover-se através de seu prestígio.

Em outro trecho, a questão sobre o caráter heroificado do biografado retorna. A biógrafa afirma que, mesmo em meio à distorções de caráter das pessoas que estavam ao entorno de Paulo Freire, ele não as julgava, era sempre complacente, característica inerente a sua *personalidade*:

Algumas vezes o alertei para uma necessária delimitação dos limites de aceitar esses e outros comportamentos e coisas que eu julgava inadmissíveis, mas ele sempre respondia aos meus sinais de alerta com a mesma argumentação: “Minha mulher, aceites mais as fragilidades humanas...”. Paulo nunca dizia que uma pessoa era frágil, fraca, que cometia pecados, que mentia, que era incapaz de ser leal, de cumprir algum compromisso... dizia apenas: “É uma pessoa que tem mais fragilidades do que qualidades éticas...” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 581 – aspas da autora – grifo nosso).

Pudemos depreender, portanto, que a imagem que Paulo Freire tinha das pessoas que se afastou era, provavelmente, a de “seres com mais fragilidades, com menos qualidades éticas” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 581). Esse relato

evidencia o quanto o educador era complacente e evitava se colocar em uma condição superior.

A biógrafa afirma também que não teria tido certeza se, nos últimos dias de vida do escritor, ele teria se arrependido da postura que manteve durante a vida, o olhar, quase sempre, benévolo para com os outros. Tais atitudes, por muitas vezes, estiveram na iminência de prejudicá-lo, de manchar seus preceitos e macular os princípios que regiam sua obra:

Não tenho certeza, contudo, de que nos últimos dias de sua vida ele não tenha se perguntado pensando melhor sobre essa sua postura. Algumas pessoas foram além do que ele imaginava e podia suportar. Entretanto, não se culpou, não se martirizou, não se lamuriou, mas explicitamente sofreu e se espantou! Assim, essa qualidade de ser tolerante, radicalmente tolerante, contraditoriamente, expôs uma fragilidade de Paulo: a sua dificuldade de marcar, com mais afinco, os limites. Deixou-se ser, infelizmente, algumas vezes explorado e sua imagem correndo o risco de ser vilipendiada. Assim, pelo triste “equivoco” de algumas pessoas de “confundirem” a extrema dadivosidade de Paulo com fragilidade (FREIRE, Ana M., 2006, p. 581 – aspas da autora - grifos nossos).

No trecho acima, a biógrafa mostra lados opostos. Embora ela relate a dadivosidade de Paulo Freire para com os outros, ela explicita a dificuldade do educador de demarcar limites. Ao mesmo tempo em que esse trecho mostra uma imagem heroificada do educador, ele também mostra as dificuldades e debilidades de um indivíduo comum, evidenciando o transitar do biografado entre esses dois espaços.

Como podemos ver, no trecho abaixo, a complacência de Paulo Freire também atingia a questão religiosa, até sua visão sobre o pecado era um pouco mais benévola, principalmente se levarmos em consideração que era um homem religioso, nascido no início do século XX, onde temas como a religiosidade são considerados tabus, principalmente nesse contexto sócio-histórico.

Sobre a questão do pecado, tão valorizado na Igreja Católica como uma tática para proibir e interditar a autonomia pessoal de cada um dos seres humanos, Paulo julgava ser essa uma das debilidades da Igreja. “Pecado não é roubar quando se tem fome, fazer amor quando os parceiros não são casados, prevenir-se para não ter doenças sexualmente transmissíveis... Pecado é espolar, explorar e oprimir o dominado: o pobre, o esfarrapado, o desesperançado, o órfão, a viúva...” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 581 – aspas da autora).

Outra revelação que surge, ao longo do terceiro subcapítulo, era o ciúme De Paulo Freire em relação à biógrafa:

Paulo foi muito mais do que zeloso a meu respeito, foi extremamente ciumento. Experimentei na minha vida com ele essa difícil ambiguidade de sentimentos no princípio de nossa vida de casados. Para mim os seus ciúmes eram ao mesmo tempo, de um lado, uma atitude lisonjeira e, de outro, possessivamente agressiva à minha pessoa, à minha privacidade, à minha postura de seriedade diante do parceiro escolhido, porque o queria, amava e respeitava. Nós dialogamos muito sobre isso, mas sei, entretanto, que não foi fácil para ele controlar seus impulsos (como eu os controlei), que sabia racionalmente que teria que os inibir porque não os queria, pelo menos não tão intensamente vividos como vivia (FREIRE, Ana M., 2006, p. 582).

Ana Maria Freire elenca uma série de fatos que erigem o biografado, mas ao falar do excesso de ciúmes que Paulo Freire sentia por ela, percebemos que é evidenciada mais uma característica de um indivíduo comum, passível de debilidades. Para Vilas Boas (2008), o ideal na aventura da tecitura biográfica é o destaque que deve ser dado tanto ao que faz parte da *extraordinariedade* quanto ao que pertence à normalidade:

Permitam-me reiterar que a biografia seja também uma metabiografia, e esta leve em conta a normalidade tanto quanto a suposta *extraordinariedade* da pessoa biografável, que, aliás, pode ser qualquer pessoa. Porque normalidade e *extraordinariedade* não são concretas nem objetivas; não são virtudes nem defeitos a priori. Por isso, defendo que o biógrafo apresente facetas diversas de seu herói, e não apenas a extraordinária carreira (VILAS BOAS, 2008, p. 152 – itálicos do autor).

Portanto, a biógrafa, ao relatar os ciúmes do educador em relação a ela, expôs também esse lado pertencente à normalidade de Paulo Freire, embora apresente fatos que tendem para a apresentação de um ser *extraordinário*⁸⁰, visando à construção de uma imagem heroificada.

A biógrafa também descreve a displicência de Paulo Freire no que dizia respeito à automedicação, o fato de tomar remédios em público e a simplicidade do educador em se vestir, revelando assim, aspectos da *personalidade* do biografado:

⁸⁰ O conceito de *extraordinariedade* de Vilas Boas (2008) critica os biógrafos que apresentam o ser biografado como gênios inatos. Uso, aqui, o termo *extraordinário*, no sentido de apresentar os feitos de Paulo Freire como magnânimos, somente, a partir do momento em que ele se tornou educador e engajou-se na luta pela alfabetização dos oprimidos socialmente.

Era displicente no tomar medicamentos em público, quase sempre aspirina, no seu vestir e calçar, mas depois que nos casamos incentivei-o a preocupar-se com sua aparência. Largou o hábito de medicar-se enquanto discursava (FREIRE, Ana M., 2006, p. 582).

Adiante, a autora ressalta a influência que exerceu perante Paulo Freire, conseguindo que ele mudasse também seu comportamento com relação à maneira de se vestir, mas mantendo o gosto pela estética inerente ao educador:

Trocou as roupas e o tênis por terno e gravata. Deixou os cabelos crescerem e acho que de uma certa maneira ficou vaidoso... Aprendeu “a gostar do se vestir e se calçar sem luxo, mas com um estilo que tornava aparente o que ele era intimamente: um apaixonado pela estética” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 582 – aspas da autora).

Dessa forma, a biógrafa afirma não impor suas predileções a Paulo Freire e, de forma indireta, ressalta que é devido à personalidade forte do biografado que as mudanças em seu comportamento ocorreram. É como se a autora suscitasse nos leitores que o biografado não estaria sujeito a ordens/ imposições, mas ela busca revelar, delinear, dar forma a um sujeito paciente, capaz de ouvir, mas que não fugiria a sua essência – a preferência, mesmo que esquecida, pela estética.

A biógrafa relata uma série de episódios que mostram a solidariedade do educador para com os outros. O primeiro fato narrado é a possível venda de seu único patrimônio, a casa onde morava com a família, na época em que ainda era casado com Elza e vivia no Recife:

Lembro-me de que me disse um dia que, nos anos 50, já com filhas nascidas, ia vender a casa onde moravam para que um primo seu tivesse os recursos financeiros para fazer uma operação médica delicada e rara na época. Perguntei-lhe quando me contou essa história: “Paulo, você, Elza e as filhas ficariam sem a casa para morar, seu único patrimônio da família?”. Deu-me como resposta a de sempre, que não deixava dúvidas a quem o ouvia de seu grande, talvez “excessivo”, espírito de generosidade: “Nita, nasci nu e tenho tudo isso que tenho...” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 584-585 – aspas da autora).

Depois, a biógrafa relata uma situação vivida por ambos, na República Tcheca:

Ansioso, com uma sacola de livros seus editados em inglês, levados do Brasil especialmente para Kosik, e sua “capanga”, sua bolsa muitas vezes esquecida em lugares muito pouco propícios, findou deixando-a no táxi, que, tomado na rua em frente ao hotel, nos levou até a casa do

filósofo da *Dialética do concreto*... Quando voltamos ao hotel, a moça da portaria nos avisou que um homem havia telefonado dizendo que tinha achado no seu táxi a bolsa de Paulo e viria no dia seguinte às 6 da manhã para restituí-la. Paulo então lhe pediu para fazer um favor: tirar todo o dinheiro da bolsa e doar ao homem. Ela achou um exagero e eu comentei: “E nós, Paulo, ficaremos só com o cartão de crédito?”. Ele pensou e nos deu razão. Então disse à moça do hotel: “Retire, por favor, 400 francos suíços e lhe dê”. Assim foi feito, mas às 12 horas, na hora em que estávamos saindo para pegar o trem que nos levaria a Viena, estava lá no saguão do hotel o motorista. Nenhuma palavra trocada... apenas um grande aperto de mão e olhares que nos diziam o que ele queria fazer: nos levar até à estação de trem em sinal de agradecimento! Dizer com esse ato o seu muito obrigado, pois naqueles ainda tão difíceis tempos do pós-comunismo para os tchecos a doação de Paulo tinha sido extremamente generosa em seu valor monetário (FREIRE, Ana M., 2006, p. 583-584 – aspas e itálicos da autora).

Outro fato narrado que desvela o lado humanitário de Paulo Freire diz respeito às visitas diárias, no decorrer de um ano, que o escritor fazia à família da biógrafa, por ocasião do falecimento do irmão de Ana Maria Freire, filhos de Genove e Aluizio Araújo:

Paulo teve uma gratidão pelos meus pais, aos quais nunca deixou de visitar, de marcar sua presença amorosa na vida deles. Todos os sábados os visitava com Elza. Muitas vezes após o expediente do SESI ia até lá “tomar uma sopinha” antes de ir dar aulas na Faculdade de Filosofia ou um café, no “caminho para casa”, feito por minha “negrinha Maria”, de quem também ele tanto gostava. Quando meu irmão Paulo de Tarso faleceu vítima de um tiro dentro de um restaurante em Fortaleza, oficial da Força Aérea Brasileira, na época sediado no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, Paulo se solidarizou de maneira ímpar. Meu irmão acabara de voltar depois de quase dois anos como oficial aviador das Forças de Pacificação da ONU no Congo Belga, quando fomos surpreendidos pela sua estúpida e injusta morte. Paulo visitou diariamente meus pais desde o fatídico dia 30.11.1962 até quando completou um ano desse trágico evento. Conseguí viajar para ir a o enterro de meu irmão, no Recife, e foi Paulo quem me buscou no Aeroporto Guararapes e tentou me confortar por aquela perda irreparável (FREIRE, Ana M., 2006, p. 585 – aspas da autora).

Paulo Freire, ao assistir aos jogos dos times populares que torcia e da seleção brasileira, se exaltava muito e, segundo a biógrafa, “em raros momentos, perdia completamente a razão e se deixava tomar pela pura emoção de ser telespectador” (p. 586). A autora, mesmo ao desvelar que o biografado se perde racional e emocionalmente perante aos jogos futebolísticos, apresenta tal característica como sendo positiva, já que ela é capaz de mostrar a brasilidade de um homem que, mesmo pertencendo ao mundo pela grandiosidade de suas

ideias, não se furta aos prazeres ditos mundanos, sem objetivos e fins políticos. A biógrafa ainda ressalta que um dos motivos de Paulo Freire gostar de assistir futebol se dá devido à composição e o delineamento contemporâneo ocorrido no esporte no Brasil.

Paulo “adorava” o futebol e ia aos campos de jogo quando vivia no Recife. No seu retorno do exílio raramente foi ver ao vivo essa emoção e vibrar torcendo por um dos clubes populares – Santa Cruz, do Recife, e Corinthians, de São Paulo, pois nunca se sentiu dentro dos que tinham tradições elitistas. Torcia como menino. Calado, mas tinha muita raiva quando algum dos times populares brasileiros ou a seleção perdia a um jogo. Era um dos raros momentos em que Paulo “perdia completamente a razão” e se deixava tomar pela pura emoção era assistindo um desses jogos. (FREIRE, Ana M., 2006, p. 586 – aspas da autora).

Paulo Freire apreciava piadas de acordo com a biógrafa. Tal fato, a nosso ver, mostra um pouco sobre a *personalidade* do escritor e acaba por revelar, conseqüentemente, características de um indivíduo comum, fazendo com que se diminua a dimensão e o contorno heroificado que se atribui à figura do educador quando se expõe o gosto do mesmo por divertimentos prosaicos.

Logo que casamos queixou-se intrigado com o fato: “Nita, as pessoas não me contam piadas! Por quê? Não sou tão sisudo assim...sou?”. “Paulo, tenho um amigo que sabe um montão delas. Vou pedir a Marco Antônio para matar-lhe a vontade!” Poucos dias depois, convidei Marco e Cândida, sua esposa e uma das minhas melhores amigas, para irem à minha chácara, quando então ele nos brindou com uma sessão de esplêndidas piadas. Picantes e irreverentes, mas nenhuma delas desabonadora das mulheres. Nada preconceituosas quanto à questão de raça ou religião. Dessas, decididamente Paulo não gostava. Paulo riu muito nessa e em outras manhãs com as piadas de Marco Antônio. Deliciava-se com essa capacidade dos brasileiros: rir e fazer humor de nossos próprios defeitos e debilidades... e a dos portugueses também... enfim, eles foram os nossos colonizadores...(FREIRE, Ana M., 2006, p. 588 – aspas da autora).

Mesmo ao expor o gosto pelas piadas, Ana Maria Freire afirma que Paulo Freire jamais admitiria ouvir piadas que fossem desabonadoras das mulheres ou preconceituosas quanto à questão de raça ou religião.

Em outro trecho da obra, a biógrafa afirma que Paulo Freire mantinha fortemente um desejo de infância, mesmo quase aos setenta anos. Esse fato ilustra quão grande era a ingenuidade do escritor:

Paulo esperou pacientemente calado quase setenta anos, exatamente até o Natal de 1995, quando eu descobri que um de seus desejos mais recônditos era “ganhar de presente uma bola de couro”. Uma bola de

“capotão” que seus pais nunca puderam lhe dar. Alegrou-se com o desejo-menino por mim adivinhado que guardava desde os tempos em que a sua meninice pobre não permitia nada mais do que as bolas feitas com meias velhas e rotas para jogar futebol com os amigos pobres nos campos de futebol de Jaboatão (FREIRE, Ana M., 2006, p. 589 – aspas da autora).

A biógrafa insere, na biografia, uma crônica do escritor uruguaio Eduardo Galeano atribuindo vida a um dos personagens que Paulo Freire mais gostava, Tom Mix. O escritor constrói uma história a partir do desejo de Tom de ter uma bola de capotão, fazendo uma analogia ao anseio recôndito do educador:

Tarde após tarde Paulo Freire ia ao cinema do bairro de Casa Forte, em Recife, e sem pestanejar via e voltava a ver os filmes de Tom Mix. As façanhas do cowboy de chapéu de grandes asas, que resgatava as mocinhas indefesas das mãos dos malvados, lhe pareciam bastante entretenedoras, mas do que realmente Paulo mais gostava era o vôo de seu cavalo. De tanto olhá-lo e admirá-lo, se fez amigo; e o cavalo de Tom Mix acompanhou-o desde então, por toda a vida. Aquele cavalo da cor da luz galopava em sua memória e em seus sonhos, sem nunca se cansar, enquanto Paulo andava pelos caminhos do mundo. Paulo passou anos e anos, buscando essas películas de sua infância.

- Tom quê?

Ninguém tinha a menor ideia. Até que por fim, aos setenta e quatro anos de idade encontrou as películas em algum lugar de Nova York. E voltou a vê-las. Foi algo inacreditável: o cavalo luminoso, seu amigo de sempre, não se parecia em nada, nem um pouquinho parecia, ao cavalo de Tom Mix. Paulo sofreu esta revelação nos fins de 1995. Sentiu-se surpreso. Cabisbaixo murmurava:

- Não tem importância.

Neste Natal, Nita, sua mulher, o presenteou com uma bola. Paulo havia recebido trinta e seis doutorados *honoris causa* de universidade de muitos países, mas nunca na vida ninguém lhe havia presenteado com uma bola de futebol. A bola brilhava e voava pelos ares, quase tanto como o cavalo perdido.

Para Nita, com um abraço,

E. Galeano⁸¹

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 589-590).

Ao finalizar o subcapítulo, *Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade*, a biógrafa elenca as qualidades do escritor Paulo Freire descritas nos trechos que se seguem:

⁸¹ Eduardo Galeano, escritor uruguaio, compôs, em maio de 2000, essa crônica, metafórica, logo após ter lido outro livro de Ana Maria Freire, *Nita e Paulo: crônicas de amor*, baseado em duas crônicas do livro referido, *História da bola de “capotão”* e o ídolo infantil *Tom Mix*.

As qualidades de Paulo eram evidentes, estavam expostas na sua corporeidade. Seu corpo pequeno, delgado, sem assombros de petulância ou empavonamento irradiava a leveza e a pureza de sua alma sincera de menino que sempre foi; sua inteligência e perspicácia; sua amorosidade e paz; sua serenidade e aconchego; sua seriedade e bom humor; sua humildade e tolerância traduziam o que se passava em todo o seu ser. Seu corpo pedagogizava. Mostrava por inteiro sua dignidade e simplicidade de Ser com o mundo. Nunca confundiu simplicidade, humildade ou a mansidão com submissão ou servilismo. Tinha medo e ousadia. Nunca se achou mais importante ou mais sabedor das coisas do que os outros e outras, mas tinha a convicção de que sabia “algumas coisas”. Tinha um enorme respeito pelas outras pessoas e pela natureza. Suas qualidades são, indubitavelmente, frutos de sua sabedoria (FREIRE, Ana M., 2006, p. 591).

Assim, a biógrafa atribui ao ser biografado características que apenas o dignificam, aproximando-o de uma figura heroificada. Embora Ana Maria Freire só endosse qualificações que o exaltem, durante a análise dos subcapítulos, pudemos depreender que ela acaba por revelar fatos/ traços que também o aproximam de um indivíduo comum. Acreditamos que, no decorrer do relato, por mais que ela tentasse empreender uma narrativa que tendesse para a heroificação, ela deixa escapar situações que evidenciam um indivíduo comum.

Para finalizar a descrição acerca da pessoa do biografado, a biógrafa, a partir da expressão conclusiva, *em suma*, finaliza as percepções com relação ao biografado:

Em suma, suas qualidades, sua maturidade e sabedoria, sua capacidade de ser gente e de viver apaixonadamente, cumpriram-se integralmente. Desejou também assim morrer, e assim morreu: amando os justos e os oprimidos e oprimidas, trabalhando indignada e apaixonadamente. Amando. Sobretudo amando (FREIRE, Ana M., 2006, p. 592).

2.3.4- Paulo Freire: um homem de fé libertadora

Ana Maria Freire ainda dedicou, nessa última parte, um subcapítulo destinado à fé e à teologia, intitulado: *Sua fé religiosa e a Teologia da libertação*. Nele, a autora conta que Paulo Freire foi um homem que teve, segundo ela, “uma fé religiosa autêntica e profunda” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 593).

Segundo a autora, faz-se necessário ater-se a essa temática porque tanto nos depoimentos quanto nos inquéritos do golpe de Estado de 1964, Paulo Freire sempre mencionava sua fé cristã e a relacionava com o seu trabalho.

Um fato que testemunha a crença de Paulo Freire em Deus é uma carta que ele escreve após assistir a uma entrevista de Darcy Ribeiro a Roberto D’Ávila, a qual foi posteriormente publicada em *Nita e Paulo: crônicas de amor* (1998).

- Quando no céu me encontrar com o Darcy, ele vai me contar o susto danado que levou! E, com humildade, coisa rara nele aqui na Terra, admitirá para mim: “Você, Paulinho? Meu Deus!!! Veja: Deus existe; céu existe; estamos nele, Paulinho! Amamos e trabalhamos tanto à imagem e semelhança d’Ele... existe vida eterna! Louvado seja Deus! Não virei pó, poluindo o cosmos! Estou aqui, com você, no Deus de minha mãe, de todos nós!”...

- Já eu, não. Sei que encontrarei Darcy, como as mulheres e homens que já se foram e que aqui conheci e amei. Rirei, riremos novamente juntos, pensaremos juntos sobre o Brasil, sobre vocês que ainda estiverem por aqui. Não tomarei susto algum porque acredito na vida eterna!”(FREIRE⁸², Ana M., apud FREIRE, A. M., 2006, p. 593).

Ana Maria Freire se vale das palavras do próprio Paulo Freire, acerca de sua religiosidade e fé, para conferir um argumento de autoridade a sua narrativa a partir da entrevista que o biografado concedeu a Zélia Goldfeld⁸³:

Não me sinto um homem religioso, mas sim um homem de fé... Posso dizer, até enfaticamente, que vivo uma fé sem religiosidade. Posicionando-me assim, supero a dimensão mais mesquinha da experiência religiosa, o indiscutível autoritarismo das Igrejas... Na adolescência, continuei indo à igreja, mas houve um pouco de rebeldia aos 19 anos: eu sentia uma diferença radical entre o sermão e o comportamento reacionário da instituição, isto é, a negação da mão estendida e da briga, já na época, em favor da reforma agrária... eu não diria que deixei a Igreja, mas me fiz mais fé do que aparato

⁸² A referência feita à Freire são de uma mesma autora, Ana Maria Freire, porém a primeira indicação é relativa ao livro *Nita e Paulo: crônicas de amor* (1998).

⁸³ Reprodução da nota de rodapé, contida na página 593 da obra em análise, com caráter esclarecedor: “Essa entrevista, publicada originalmente no livro *Encontros de vida*, organizado por Zélia Goldfeld (p.179-187), foi retomada também em *Pedagogia da tolerância*, com o título de *Gostaria de poder afastar, o mais possível, de mim, a morte* (p.295-304)”.

comportamental da religião... (GOLDFELD⁸⁴, Z. apud FREIRE, Ana M., 2006, p.594 – grifo nosso).

No livro, *Aprendendo com a própria história* (2000), Paulo Freire se delonga ao falar de sua fé e religiosidade. A biógrafa se vale novamente das palavras do autor e insere alguns trechos em que o próprio biografado define sua crença.

Eu não tenho porque negar, porque seria uma hipocrisia, seria uma covardia, seria uma traição, negar, por exemplo, a minha convivência com os ideais cristãos. Eu não tenho porque negar, de maneira nenhuma, o bem-estar com que eu acredito em Deus. Agora, o que eu tenho que reafirmar é que jamais esse bem-estar que é o da minha crença, o que ela dá, e não a ciência – me levou a negar a ciência, mas me ajudou muito a criticar e a recusar o cientificismo, essa arrogância, desmoralizada hoje, com que a ciência se pensa esclarecedora de tudo, e não é. A negação que eu fiz do cientificismo, no qual eu fui ajudado pela crença, me fez respeitoso da cientificidade... com relação ao que se chamou no Brasil de praticidade ou não praticidade da religião, quer dizer, se é católico prático, quando na verdade bastava você ser católico... de o sujeito professar uma certa crença, mas não buscar vivê-la em sua plenitude... a questão entre a praticidade ou não, de não buscar vivê-la em sua plenitude... a questão entre a praticidade ou não de minha catolicidade não me leva a uma contradição, por exemplo, entre me dizer ou me pensar de um modo cristão amoroso, de um lado, e de outro, de reduzir a postura humanista a apenas uma certa posição idealista-humanista, em que os cristãos sempre correm o risco de cair...Quando eu falo na não vivência prática, não tem nada a ver com um descompasso ético entre minha fé e o meu comportamento no mundo. Aí eu busco uma grande coerência.... Agora o que não me preocupa hoje – me preocupou antes – é a missa, por exemplo, é o confessionário. Nada disso. Mas o fato de eu não exteriorizar e não viver a experiência do exterior de minha fé não afeta em nada a minha fé. Eu diria: eu vivo a substantividade da fé, mas não a adverbialidade da fé... Eu digo isso até com humildade, porque eu não faço muita força para ter fé, isso é que eu acho fantástico. É que eu tenho fé! ...eu não diria jamais a plenitude – ninguém vive a plenitude de nada -, mas eu vivo a busca dessa plenitude da fé... Isso nunca me atrapalhou o querer bem ao povo, a defesa dos interesses dos oprimidos, dos condenados, dos violentados. Pelo contrário, a fé me empurrou para isso, até hoje (GUIMARÃES, S. apud FREIRE, A. M., 2006, p. 594 – grifos nossos).

Portanto, Ana Maria Freire se vale de outros materiais para explicitar, através da própria voz de Paulo Freire como ele concebia e via sua religiosidade e fé cristã.

Apesar da *brevidade*⁸⁵ do subcapítulo, a biógrafa sintetiza a perspectiva da crença cristã e a religiosidade de Paulo Freire e afirma, categoricamente, que não

⁸⁴ O trecho citado acima foi fruto de uma entrevista que Paulo Freire concedeu à Zélia Goldfeld, a qual foi publicamente, originalmente, no livro *Encontros de vida*, organizado pela própria entrevistadora, nas páginas 179-187 e, posteriormente, foi retomado também em *Pedagogia da tolerância, com o título Gostaria de poder afastar, o mais possível, de mim, a morte* (p.295-304).

tem dúvidas de que o escritor via, segundo palavras da autora, “o rosto de Cristo em cada espoliado, em cada oprimido e excluído do Recife, e depois do Brasil e do mundo” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 594).

A autora também relaciona a ética de Paulo Freire a uma ação libertadora e humanizadora, a qual buscava a desalienação dos menos favorecidos. A biógrafa ainda afirma que Paulo Freire estudou, no princípio dos anos 70, as várias vertentes ideológicas e as diferentes naturezas de atuação da Igreja Católica, tendo contribuído para delinear o papel educativo das Igrejas na América Latina, e assim, para uma sistematização da Teologia da libertação.

Antes de finalizar o subcapítulo acerca da fé cristã de Paulo Freire, a autora reitera que o educador sempre foi um homem de fé desde à infância e que, ao atingir a maturidade, dedicou-se à teologia da libertação, preocupando-se com o ser humano em sua totalidade:

Por esses testemunhos escritos, por suas práxis plenas de buscas de ética de vida, pelos longos anos que acompanhei a distância a vida de Paulo e pelo que presenciei no todo dia da vida dele comigo, afirmo, tranquilamente, que ele nunca deixou de ser um homem de fé. Foi católico fervoroso, “praticamente” na infância e adolescência, fez-se, na maturidade, um teólogo da libertação. O pedagogo da consciência ético-crítica, cuja ética que Enrique Dussel creditou a Paulo se aproxima ou mesmo se identifica com a ética da teologia que impregnou e dirigiu à Igreja Profética, que se preocupa com a totalidade de cada ser humano: seu corpo e sua alma (FREIRE, Ana M., 2006, p. 596).

E, finalmente, a partir da utilização das palavras de Leonardo Boff, escritas em 1998, para a comemoração dos vinte anos da publicação de *Pedagogia do oprimido* (1974), pela Editora Paz e Terra, a autora afirma que elas são suficientes para eximir de qualquer dúvida acerca do posicionamento cristão de Paulo Freire. Para isso, ela se utiliza da voz do outro, alguém com autoridade para exprimir um julgamento tão relevante sobre a perspectiva cristã do biografado, o renomado educador e, também, teólogo, Leonardo Boff:

A teologia da libertação ao fazer a opção pelos pobres contra a sua pobreza assume a visão de Paulo Freire. O processo de libertação implica fundamentalmente numa pedagogia. A libertação se dá no processo de extrojeção do opressor que carregamos dentro e na constituição da pessoa livre e libertada, capaz de relações geradoras de

⁸⁵ O subcapítulo encontra-se nas páginas 593 a 596.

participação e de solidariedade. A teologia da libertação é um discurso sintético, porque junto com o discurso religioso incorpora em sua constituição também o analítico e pedagógico. Por isso Paulo Freire, desde o início, foi e é considerado um dos pais fundadores da teologia da libertação (BOFF⁸⁶, L. apud FREIRE, Ana M., 2006, p. 596).

2.3.5- Extremos: a debilidade física e o auge da consciência crítica do escritor

No penúltimo subcapítulo, *Sua saúde e seus limites físicos*⁸⁷, a biógrafa irá discorrer sobre a saúde de Paulo Freire e as restrições que sofreu durante a vida devido à fragilidade adquirida com a idade.

Ela inicia o subcapítulo falando sobre o retorno do escritor do exílio e a descoberta, quase que imediata, de um quadro grave de hipertensão:

Quando Paulo voltou do exílio, descobriu que estava com a pressão arterial muito elevada. Cuidava-se tomando medicamentos que estabilizavam essa doença (FREIRE, Ana M., 2006, p.596).

Mais adiante, a autora afirma que, após muitas idas ao médico, descobriu-se que fora o excesso de cigarros que Paulo Freire havia fumado que o prejudicou tanto, deixando-o hipertenso e um de seus rins com capacidade de apenas 3%:

Posteriormente, com as nossas idas ao médico – pois eu tinha uma enorme preocupação com a saúde dele – diagnosticou-se que o problema não tinha sido gerado pela “volta ao seu país de origem”, mas pelo excesso de cigarros fumados desde jovem até o ano de 1978, quando parou de fumar. Os exames e as consultas médicas eram, no mínimo, mensais, porque, inclusive, foi constatado que o fumo tinha deixado um dos seus rins com o funcionamento de apenas 3%. Eu cuidava atentamente da sua alimentação e medicação, e para que ele não trabalhasse excessivamente (FREIRE, Ana M., 2006, p. 596 – aspas da autora).

Com tamanhos problemas de saúde, Paulo Freire, aos poucos, foi, segundo a autora, timidamente, exigindo viagens com o conforto que merecia, e o qual precisava. Já casados, Paulo e Ana Maria Freire começaram a recusar

⁸⁶ Não há referência em que local, exato, as palavras de Leonardo Boff se encontram presentes, só há alusão de que ele as escreveu em função dos vinte anos de comemoração da publicação *Pedagogia do Oprimido* (1974) pela editora Paz e Terra.

⁸⁷ Esse subcapítulo também é breve, ele se encontra nas páginas 596 a 603.

convites que exigiam viagens cansativas. A fim de exemplificar a debilidade física do escritor, a biógrafa lembra-se de um fato que ocorreu com o autor antes mesmo de ser casada com ele:

Lembro-me de que eu mesma, desde o tempo em que ele era casado com Elza, lhe disse algumas vezes: “Paulo, por que você não exige passagens de classe executiva ou mesmo primeira classe quando vocês fazem voos de longas distâncias?” Ele, na sua humildade, sempre descartava essa hipótese: “Acho que posso continuar viajando na classe econômica, que não devo pedir mais...” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 596 – aspas da autora).

O fato que se segue, acontecido em Paris, em agosto de 1995, revela um sério problema vivido por Paulo Freire, a isquemia cerebral:

Em agosto de 1995, Paulo teve um sério problema de isquemia cerebral, em Paris, quando iria participar como jurado do comitê que escolhia, a cada ano, as melhores experiências de alfabetização do mundo promovido pela Unesco. Ele foi acometido de um pequeno derrame. De lá viajou, teimosamente, para Genebra, e dois dias depois eu embarquei para a Suíça para ir dispensar os cuidados de que ele necessitava e para buscá-lo de volta ao Brasil. Depois de equívocos de um médico oftalmologista de lá, ele se submeteu a tomografias computadorizadas no Hôpital de la Tour. Felizmente, nenhuma seqüela se revelou, mas foram duas semanas de angústias e dúvidas na Europa até quando foi liberado para viajar de volta. Novos exames foram feitos aqui em São Paulo e como exigência médica Paulo ficou três meses com o mínimo de atividade mental (FREIRE, Ana M., 2006, p. 597 - grifo nosso).

A partir deste fato, Paulo Freire passou a resguardar-se melhor, poupando-se quando não se sentia em suas melhores condições de saúde, deixando de trabalhar no ritmo que vinha praticando desde a sua vida de adulto.

Em meio a tantos problemas de saúde, a biógrafa afirma que Paulo Freire conseguiu ter “uma capacidade de trabalho inusitada”, ressaltando a força e a predisposição do educador para a labuta:

É verdade, sempre e cada dia mais, fico a pensar e digo isso muitas vezes: meu marido teve uma capacidade de trabalho, absolutamente, inusitada. Posso dizer tranquilamente, sem medo de errar ou exagerar, que Paulo foi a pessoa que conheci que mais trabalhou. Trabalhou mansamente, desde muito jovem, sem agitação ou ansiedade, aparentemente sem fazer esforço nenhum, como se as suas decisões brotassem, espontaneamente, de seu corpo e sua mente (FREIRE, Ana M., 2006, p.597).

A biógrafa ainda insere um trecho de uma conversa entre ele e Sérgio Guimarães, em janeiro de 1993 com vistas a elucidar o quanto Paulo Freire era afeito ao trabalho:

“Se você tivesse a vida como um período de 24 horas, você passou quanto tempo trabalhando? Doze?”, Paulo respondeu: “Ah, seriam mais ou menos doze”. No mesmo diálogo, pouco antes dissera “eu tenho uma capacidade de trabalho que assusta Nita... que obviamente diminuiu um pouco nesses últimos dez anos” (GUIMARÃES⁸⁸, S. apud FREIRE, A. M., 2006, p. 597 – aspas da autora).

A autora afirma que Paulo Freire deseja muito viver a partir do que aconteceu com o educador em 1995, em Paris. Assim, ela elenca uma série de cartas que, segundo ela, “são cartas escritas com a convicção de quem queria se poupar para continuar no mundo, escritas com humildade e sinceridade” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 597), com vistas a mostrar o apreço do escritor pela vida e o desejo de manter-se nesse mundo:

A carta, que se segue, mostra o quanto Paulo Freire abriu mão de receber títulos respeitáveis e admiráveis em detrimento da preservação de sua saúde.

São Paulo, 2 de maio de 1996,

Licenciado Fernando M. Peña,

É com real tristeza que lhe comunico minha impossibilidade de ir a Colima para receber o doutoramento *honoris causa* com que vocês me homenageariam. A razão fundamental de minha recusa se acha na saúde que não anda muito bem. Meus médicos sugeririam limitar, neste ano, as viagens ao exterior. Gostaria de deixar claro o quanto me sinto honrado pela decisão da Universidade de Colima e o quanto me sinto frustrado por não poder ir.

Fraternalmente.

Paulo Freire

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 598).

Em outra carta, Paulo Freire, em maio de 1996, retorna a Martin Miguel declinando o convite de um evento que já participaria:

⁸⁸ Tal trecho se encontra no livro *Aprendendo com a história*, V.II, nas páginas 56-58.

São Paulo, 13-05-96

Prezado Professor Martin Miguel,

Acabo de receber seu fax e ainda que possa parecer indelicado de minha parte devo dizer que foi uma surpresa para mim saber através do fax ter já aceito o convite para estar aí com vocês em setembro.

De qualquer maneira, me sinto honrado com o convite, mas, lamentavelmente, razões de saúde me impossibilitam de comparecer ao Encontro. Meu médico sugeriu-me que limitasse ao máximo as viagens por este ano. Esperando sua compreensão, fraternalmente,

Paulo Freire

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 598).

Na carta seguinte, Paulo Freire junto à Ana Maria Freire declinam outro convite, o de irem até à Oceania, porque seria uma longa viagem:

Senhora,

Depois de pensar e repensar acerca da viagem à Austrália, no próximo ano, eu decidi que não deveria ir. Consultando o meu médico ele me recomendou que evitasse esta viagem, sobretudo, pela longa distância, a qual separa o Brasil da Austrália. Então, a despeito a importância do encontro e também pensando no quanto eu ficaria feliz em re-visitar a Austrália, sou obrigado a recusar o convite.

Fraternamente,

Paulo Freire.

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 598).

Uma carta que mostra a vontade de Paulo Freire de trabalhar e de visitar o mundo levando a sua proposta se revela, a seguir, a partir do convite do presidente da Universidade de Columbia para que o escritor recebesse uma grande homenagem honorífica, o *Teacher College Medal for Distinguished Service* de 1995, da Universidade de Colúmbia, em Nova York. Porém, Paulo Freire não teve condições de saúde para viajar e em 11 de abril de 1995, Donald Underwood escreve em nome do reitor do *Teachers College*, Arthur Levine, propondo que ele fosse receber essa medalha no ano seguinte:

Todos nós da Faculdade estamos imensamente felizes e alegres que você estará recebendo a Medalha do *Teachers College* este ano. É uma grande honra para nós que você receba o prêmio. Eu digo uma outra vez muito obrigado por nos permitir esta honra. Eu falo por todo o *College* esperando encontrá-lo e dividir esta honra com você.

Segundo a autora, após uma extensa troca de cartas, tudo ficou acertado para a viagem na noite do dia 12 de maio, voltando de Nova York no dia 17 do mesmo mês. No dia da viagem, entretanto, quando Paulo Freire estava almoçando junto à Ana Maria Freire, ele sentiu-se mal e o Dr. Jorge Mattar fora chamado e o proibiu de viajar mediante um quadro de fragilidade muito grande que ameaçava a saúde já debilitada do escritor. Dessa forma, Ana Maria e Paulo Freire tiveram que desistir novamente e o homenageado volta a escrever à Universidade de Columbia:

Caros Professores
Donald Underwood, e
Lili Rodrigues

Vocês não podem imaginar o quanto eu estou triste porque não posso mais ir para a Universidade Colúmbia devido a problemas de saúde. Vocês devem ter recebido o fax de meu médico, Jorge Mattar.

Eu estou realmente sofrendo por causa disto. Sinto-me frustrado por não receber a medalha da Universidade de Colúmbia, a qual eu admiro e respeito profundamente.

Sinto muito, muito mesmo e peço-lhe que expresse aos professores, alunos e pessoal administrativo a minha tristeza.

Fraternalmente,

Paulo Freire.

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 600).

Todas essas cartas, mostram a amplitude arquivística que a biógrafa detinha. Mas, conforme Arfuch (2010), a carta, quando inserida numa (auto) biografia, deixa de pertencer ao foro de um diário íntimo e se transforma em um produto editorial, possibilitando assim, “a intromissão em um diálogo privilegiado, na alternância das vozes com a textura da afetividade e do caráter - às vezes, das duas vozes -, no tom menor da domesticidade ou no da polêmica” (p. 148).

Outra questão apontada por Arfuch (2010) com relação às cartas, diz respeito à autoria, “a quem pertenceriam os territórios da intimidade, ao assinante

ou ao destinatário” (p.149)? Ela ainda questiona se poderia haver decisão unilateral de publicação porque, de acordo com a autora supracitada, outra situação poderia ser levantada, a venda pública de fragmentos de intimidade.

A biógrafa possuía uma licença por parte do biografado, mas ainda nos restam dúvidas, a de que as publicações se deram de forma unilateral, tamanha seria a dificuldade de se conseguir tantas permissões. Tal fato faz-nos pensar como é difícil construir e representar o percurso de vida de um ser biografado, na contemporaneidade, já que os biógrafos acabam por esbarrar em várias questões que estão muito atreladas à ética e, muitas vezes, passam perto de querelas judiciais.

A partir de todo o exposto acerca da debilidade da saúde de Paulo Freire, percebemos que seu estado de saúde foi agravado pela pressão arterial e pela incapacidade, quase total, de um dos rins, fazendo com que o educador tivesse que rejeitar inúmeros convites a fim de preservar o que lhe restara de bem-estar. Como afirma a autora, tudo isso aconteceu em função de anos de fumo e uma medida desregrada para o trabalho.

2.3.6 – Paulo Freire: seus últimos dias de vida e um legado além-morte

O último subcapítulo é intitulado *Seus últimos dias e sua morte*. A biógrafa inicia-o falando sobre o contrato que Paulo Freire teria acertado com a Universidade de Harvard, a distância, e da necessidade que o escritor sentia em discutir, mais detalhadamente, o curso que daria com Donalddo Macedo, da Universidade de Massachusetts, a quem ele tinha convidado para juntos lecionarem.

Tal proposta surgiu a partir das afinidades, em vários níveis, e instâncias que Paulo Freire sentia por esse sociolinguista de origem cabo-verdiana. Segundo a autora, o educador tinha Donalddo como um filho adotivo, muito querido, e como um dos intelectuais que mais o entendiam entre alguns freireanos norte-americanos.

Em Nova York, quando Ana Maria e Paulo Freire estavam por lá, Donaldo foi encontrá-los e, segundo a biógrafa, tanto ele quanto o escritor brasileiro ficaram horas discutindo táticas de abordagem para desenvolver com os alunos na casa do filho de Ana Maria Freire. De acordo com a autora, o encontro entre os dois possibilitou:

momentos para a troca de conhecimentos para o entrosamento epistemológico e afetivo necessário a um trabalho de duas cabeças pensantes, que tinham em comum o pensar progressistamente, embora tivessem se formado em culturas muito distintas. Foram momentos, sobretudo, para a troca no campo da afetividade (FREIRE, Ana M., 2006, p. 603).

A foto registra e atesta o encontro dos dois pensadores:



Figura 18: Eu e Paulo entre dois grandes amigos: Donaldo Macedo (de paletó branco) e Henry Giroux, em Boston, julho de 1991 – página 606.

Mais adiante, a biógrafa conta detalhes das conversas que Paulo Freire teve com Donaldo Macedo acerca da realidade dos estudantes universitários brasileiros e americanos do final da década de 1990. Ela também conta sobre a viagem que Paulo Freire fez de Nova York a Cambridge, a qual ficou muito admirado e feliz com a atitude dos estudantes norte-americanos que pretendiam frequentar o seu curso, oferecendo-se para prestar todo tipo de ajuda que ia

desde a procura por apartamento para morar, móveis a emprestar, carros para alugar e os tipos de passeios a realizar.

Viajamos depois de um pequeno descanso de Nova York para Cambridge. Nas Ruas da pequena cidade e em Harvard Square vinham falar conosco alguns dos alunos e alunas que pretendiam frequentar o curso, oferecendo-se para prestar toda sorte de ajuda: procurar apartamento para morarmos, móveis a emprestar, carros para alugar, passeios a realizar etc (FREIRE, Ana M., 2006, p. 604).

A autora ainda salienta que Paulo Freire também aproveitou a viagem aos Estados Unidos, em 1997, para comprar uma série de livros que versavam sobre ética a partir da perspectiva de outros autores porque estava muito preocupado, naquele momento, em falar sobre um novo tipo de ética que estava surgindo, “a ética do mercado, aquela que estava a vigorar, a antiética do individualismo exacerbado pelo neoliberalismo e globalização da economia” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 605). Segundo a biógrafa:

Paulo queria dizer com radicalidade e com propriedade científica o que se passava dentro da sociedade global, que negando as ideologias fazia uso delas para convencer o mundo “que nada se pode fazer”. Portanto, Paulo queria muito refletir e escrever sobre ética como esperança, ética como autonomia dos sujeitos, ética como vida digna. Ética que negasse que, inexoravelmente, só haveria lugar para o egoísmo, a malvadez e o cinismo dos neoliberais e dos promotores da globalização da economia que tinham invadido o mundo. Podemos constatar que Paulo nunca desistiu de lutar por um mundo mais justo, menos feio, até o último instante de sua vida. Permaneceu verdadeiramente democrático. Nunca “foi para o outro lado do rio”, como dizia dos que antes progressistas tinham se filiado “à inexorabilidade dos fatos” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 606 – aspas da autora).

Após a viagem a Nova York, Paulo Freire volta ao Brasil, em sete de abril de 1997, cheio de esperanças e, segundo a autora, retorna:

com um otimismo e alegrias que só é possível a quem tem muita vontade de viver. De criar. De contribuir para as mudanças sociais necessárias. De se comprometer de corpo e alma com todos os sujeitos, independentemente de raça, religião, classe social...(FREIRE, Ana M., 2006, p. 606).

Em seguida, no dia 10 do presente mês, Paulo Freire lança seu último livro, *Pedagogia da Autonomia*, no Sesc – Pompéia de São Paulo. Após o lançamento, o escritor e seus amigos foram a uma cantina italiana e ele, entusiasmado,

orgulhava-se de seu livro custar barato e de ser de fácil acesso a todos os tipos de leitores e dizia:

O meu “livrinho” está custando muito barato. Eu acho que todos e todas que quiserem lê-lo poderão comprá-lo. O preço dele é realmente popular, não é, Nita? (FREIRE, Ana M., 2006, p. 606 – aspas da autora).

Percebemos no trecho acima a necessidade que Paulo Freire tinha de que sua obra e seu pensamento fossem acessíveis a todos. No livro *Pedagogia da Autonomia*, o escritor fez um pedido à editora *Paz e Terra* para que seu livro fosse vendido ao público por apenas R\$ 3,00, preço equivalente, na época, a US\$ 1,00. Tal fato revela muito sobre a personalidade e o modo de agir do autor, fazendo-nos reconhecer que seu interesse maior residia na divulgação de seu pensamento a partir de sua obra e, certamente, não era a via do enriquecimento que lhe pertencia, embora ela pudesse ser facilmente alcançada a partir dos axiomas propostos pelo escritor ao longo de sua carreira.

No dia 14, Paulo escreve uma carta a Jesus Gómez, um amigo de Barcelona, agendando um encontro por ocasião de recebimento de um doutoramento *Honoris Causa* no dia 2 de junho de 1997, na Espanha.

Já no dia 17, pela manhã, Paulo Freire deu uma entrevista na biblioteca da casa onde morava junto à Ana Maria Freire, à TV-PUC de São Paulo. Após a entrevista, acompanhou, pela televisão, a Marcha dos Sem-Terra entrando em Brasília, quando ele muito emocionado disse em voz alta:

“É isso minha gente, gente do povo, gente brasileira. Esse Brasil é de todos e todas nós. Vamos em frente, na luta sem violência, na resistência consciente, com determinação tomá-lo para construirmos, solidariamente, o país de todos e todas os/as que aqui nasceram ou a ele se juntaram para engrandecê-lo. Esse país não pode continuar sendo o de poucos... Lutemos pela democratização desse país. Marchem, gente de nosso país...” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 606 – aspas da autora – grifos nossos).

No trecho, reproduzido acima, percebemos o caráter nacionalista do escritor e como ideias de caráter revolucionário mexiam com os anseios pessoais do educador, fazendo com que ele retomasse o princípio norteador de suas obras – o de que as pessoas são capazes de transformar e modificar o mundo ao seu redor.

No dia 18, Paulo Freire deu uma entrevista à Rádio CBN. Já no dia 20 de abril, na casa de campo, em Itapevi, o educador escreve uma carta falando sobre a tolerância, uma das qualidades fundantes da vida democrática em decorrência da morte do pataxó, Galdino Jesus dos Santos, morto no dia 21 de abril, dia do Índio, mas a deixou inacabada. No dia seguinte, Paulo Freire a substitui por uma das cartas que está publicada em *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*:

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos e amorosos da vida e dos outros...(FREIRE, Ana M., 2006, p. 608).

O fragmento acima expõe a indignação de Paulo Freire perante o fato. De acordo com a biógrafa, foram essas as últimas palavras escritas pelo educador.

Já no dia 22, Paulo Freire concedeu uma entrevista ao programa *Caminhos*, da TV *Rede Vida* e de acordo com Ana Maria Freire, “foi, sem dúvida, uma de suas mais bonitas gravações. E que foi, na verdade, a última entrevista de Paulo gravada com imagem e som” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 608). Nesse mesmo dia, segundo a biógrafa, o educador também deu aulas à tarde na PUC-SP.

Três dias depois, no dia 25 de abril, sexta-feira, o educador convidou Ana Maria Freire para irem a uma churrascaria, porém, enquanto aguardavam o trânsito da cidade de São Paulo melhorar, ao assistirem televisão, Paulo Freire passou mal e pediu à esposa para jantarem em casa em função da primeira angina que estava sentindo:

“Tive uma dor no peito, Nita”, disse-me serenamente. “É forte”? “Como é essa dor”? “Você já teve essa dor antes, Paulo”?, perguntei-lhe assustada, muito aflita. “Não é nada... já passou” ... “nunca tive uma dor desta, mas já estou bem” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 609 – aspas da autora).

Conforme a biógrafa, após o jantar, Paulo Freire comeu a sobremesa, mas não se sentou ao lado da esposa como fazia de costume e ela, percebendo que acontecera algo estranho, entrou em contato com o médico Jorge Mattar. Ele logo

solicitou que Ana Maria Freire fizesse uma descrição dos sintomas que Paulo Freire sentiu e pediu para falar com o escritor para saber mais a respeito das dores que o acometia. Após conversar com o médico, Paulo Freire é levado pela biógrafa para o Hospital Sírio-Libanês, onde já se encontrava um médico de plantão à espera do escritor, ciente dos inúmeros problemas que o educador sofrera. De acordo com Ana Maria Freire, os problemas seriam:

Pressão arterial alta, controlada por vários remédios tomados, religiosamente, todos os dias; um rim danificado pelo consumo excessivo de cigarros com possibilidade de filtração de apenas 3% da capacidade normal; um acidente cerebral-vascular, sofrido quando estava em agosto de 1995, a serviço da Unesco, em Paris, com seqüelas de insensibilidade nos pés que muito o incomodava: “Tenho bolões nos pés...e não sinto as plantas de meus pés, é horrível, Nita” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 610 – aspas da autora).

Após inúmeros exames, a biógrafa afirma que foi avisada pela cardiologista Dra. Maristela sobre a gravidade do problema de Paulo Freire e ao saber o quão séria era a situação, Ana Maria Freire declarou:

Fiquei tonta. Um terrível medo de que os anos vividos com ele, amorosamente vividos, estivessem se acabando. Não era fácil aceitar que aquele homem tão amado e desejado, que tanto queria viver, era um ser finito, que a morte poderia vir e roubar-me o seu convívio. Percebi mais claramente do que nunca que a fragilidade do corpo de Paulo ficava escondida na altivez e na dignidade de sua conduta, na sua postura diante do mundo e muito especialmente diante de mim. Que o corpo daquele que pedagogizava por sua simples presença não era coerente com o meu desejo de vê-lo e senti-lo sempre junto a mim. Com o seu desejo biófilo e esperançoso de viver. Paulo amava a VIDA acima de tudo (FREIRE, Ana M., 2006, p. 610 – grifo nosso).

Nesse trecho, revela-se o amor da biógrafa pelo educador. Ainda na noite do dia 25, Paulo Freire recebe alta do hospital, pois não queria dormir lá, mas em sua casa. Tanto Paulo quanto Ana Maria Freire acreditavam que o pior já tinha passado. No dia 27, no fim da tarde do domingo, o educador recebeu visitas de amigos. Paulo Freire sentia-se preocupado, como podemos depreender a partir das palavras da biógrafa, testemunha viva desse momento:

Manso e calmo, ele se entregava aos cuidados meus e dos médicos desde que não fossem por demais proibitivos de seus hábitos de trabalho e dos alimentares, que em verdade eram tão arraigados que, durante muitos anos, não teve o cuidado ou mesmo a intenção de

obedecer a nenhuma das prescrições da ortodoxia recomendada pelos dogmas da medicina (FREIRE, Ana M., 2006, p. 611).

Na manhã do dia 28, Paulo Freire acordou mais tarde e, como de costume, pegou seus remédios e colocou-os na palma de sua mão, voltou em direção à cozinha e ordenou à empregada de sua casa que fritasse dois ovos, mesmo estando ciente de sua restrição alimentar. De acordo com a biógrafa, com toda a ingenuidade do mundo, disse:

“Helena, por favor, frite dois ovos para mim!” “Como, Paulo?!” Você só pode comer dois ovos cozidos por semana!! Aliás, “deixados” pela médica por insistência sua”, disse. Continuei falando me dirigindo à nossa cozinheira: “Helena, não leve a sério este pedido de Paulo. Ele está proibido de continuar com este hábito!”. “Se posso comer dois ovos por semana resolvi comer os dois hoje mesmo!”, retrucou Paulo como se nada contra si estivesse fazendo, como se fora um menino ingênuo. Aceitou mansamente a realidade. Não comeu os ovos fritos! (FREIRE, Ana M., 2006, p. 611 – aspas da autora).

O trecho acima revela a displicência do escritor com relação a sua saúde mesmo diante do iminente risco de morte que o atordoava nos últimos dias e o carinho que Ana Maria Freire dispensava ao zelar pela saúde do marido. Outro fato relatado por Ana Maria Freire diz respeito ao apreço e até, exagero, que Paulo Freire tinha pelo trabalho, apesar de toda debilidade física ainda insistia em trabalhar.

Esperei que ele tomasse o seu café da manhã de acordo com as recomendações médicas. Desci e fui continuar o trabalho de cancelar a agenda dele. De repente ouvi as pisadas de Paulo na escada caracol e ele apareceu no seu escritório e nos diz: “Estou bem, vou trabalhar. Vou continuar a minha Terceira Carta Pedagógica! Não sei ficar na cama ou sentado no sofá esperando o tempo passar!”, escrevo eu agora ouvindo a sua voz mansa e calma dizendo essas palavras. Disse-lhe: “Paulo, vou levá-lo para a sala, pela rampa externa da casa, devagarzinho, onde você precisa ficar me esperando! Esperando seu corpo restabelecer-se. Prometo que depois que acabar de fazer o que é necessário fazer de imediato irei ficar com você no sofá, de mãos dadas com você!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 611 – aspas da autora).

Em outro trecho, a biógrafa expressa a voracidade com que Paulo Freire insistia em produzir, desconsiderando, até mesmo, a própria razão, característica que pautou a vida inteira desse educador e que foi tão admirada por todos mundo à fora.

Não sei se Paulo “adivinhou” que já estava tão perto de sua morte, e assim queria terminar a Terceira Carta Pedagógica... e as outras Cartas

que projetara escrever. Ou se seu gosto por seu trabalho ético-pedagógico-libertador, sendo tão grave, o puxava para essa labuta, tão premente quanto importante, sem que tivesse se permitido usar, nesse momento, a razão (FREIRE, Ana M., 2006, p. 611 – aspas da autora).

Outro fato relatado pela autora é a situação que ela teve que se submeter, dias antes da morte do educador, em 30 de abril de 1997. Ela teve que solicitar à PUC-SP uma guia de exame bastante complicado e oneroso, a pedido da cardiologista, para se fazer um diagnóstico mais claro e detalhado acerca do estado de saúde do escritor, o qual não fora atendido, de imediato, por não ser um dos exames pagos pelo convênio. Tal fato estarreceu á biógrafa, uma vez que Paulo Freire era um exímio colaborador da Instituição e mesmo diante da gravidade de seu estado de saúde, entraves burocráticos e econômicos detinham a melhora de seu estado físico, se não fosse a intervenção de Alípio Casali:

Não consegui o pedido porque este não estava na lista dos possíveis exames pagos pelo convênio... Desci “louca da vida” as escadas do “Prédio Velho” e ia providenciar imediatamente o exame através de “consulta particular”... Então vi Alípio Casali gravando um programa para a TV-PUC. Ele percebeu a minha aflição e angústia e, parando o seu trabalho, perguntou-me o que havia. Não sei se já sabia o que ocorreria no fim de semana com o meu marido, com o seu parceiro de Programa. Providenciou, imediatamente, a autorização, usando de sua influência na PUC-SP (FREIRE, Ana M., 2006, p. 613 – aspas da autora).

Quem providenciou a autorização para o exame que Paulo Freire precisava fazer foi Alípio Casali que, junto à Vera Barreto, prefaciaram a (auto) biografia em análise. A partir disso, podemos perceber a dimensão do relacionamento existente entre o prefaciador, Ana Maria e Paulo Freire, justificando a escolha do mesmo para a escrita do prólogo.

A autora ainda relata que, ao chegar em casa, Julio Wainer estava com Paulo Freire, no terraço de entrada da casa, aguardando-a para que ela junto do marido liberasse a gravação de um vídeo que iria noticiar o estado de saúde do escritor, mas Ana Maria Freire refutou totalmente a possibilidade:

“Por favor..., amanhã... depois de amanhã... quando Paulo estiver em condições!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 613 – aspas da autora).

Ainda segundo a autora, nessa mesma noite, 30 de abril, ao lado de sua filha Madalena e suas netas, ao assistir a uma partida de futebol do Brasil, Paulo sentiu novamente a mesma dor e afirmou:

“É fraquinha, Nitinha, não te preocupes!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 613 – aspas da autora).

Ao saber da dor, Ana Maria Freire logo ligou para a médica e ela disse que não poderia esperar mais. A biógrafa temeu pelo pior e logo foi falar com Paulo Freire sobre a necessidade de sua internação e da provável intervenção cirúrgica para a realização da angioplastia:

A dor dele atingiu todo o meu ser. Fui ao nosso quarto e de lá falei com a médica, que eu já tinha a autorização do exame pedido por ela e a data do exame marcada, mas que Paulo tinha tido uma dor no peito. Ao que ela contestou imediatamente: “Nita, não podemos esperar mais... Paulo precisa se internar num hospital e fazer, imediatamente, uma angioplastia. Preciso de sua autorização para isso. O risco é mínimo... ele terá uma vida muito melhor! Com muito mais disposição e mais força física!”, disse a Dra. Maristela. “Que posso dizer diante disso? Vou falar com Paulo e providenciar a internação”, respondi entre confiante e temerosa. Muito temerosa (FREIRE, Ana M., 2006, p. 613 – aspas da autora).

Após conversar com a médica, Ana Maria Freire se voltou para Paulo Freire e pediu a anuência dele com relação à internação para que a angioplastia fosse feita. De acordo com a biógrafa, o escritor concordou e, pouco tempo depois, ele já estava em um ala especialmente destinada aos problemas cardíacos do Hospital Albert Einstein. Na manhã do dia 1º de maio, o escritor Paulo Freire submeteu-se à angioplastia que fora um sucesso.

“Agora o professor pode marcar até uma viagem para a lua, o senhor está novinho em folha! Foi um sucesso!”, repetia toda a equipe médica em júbilo. Voltamos ao quarto. Paulo foi acomodado na cama. Pediu para dormir. Para ficar sozinho comigo. Disse “até logo” às duas filhas, à minha filha Heliana, a Eli e a Lílian, nossa dedicada e amiga secretária (FREIRE, Ana M., 2006, p. 614 – aspas da autora – grifo nosso).

Logo depois da cirurgia, a biógrafa conta que Paulo Freire a olhou profundamente e declarou todo o seu amor a ela, como se fosse a última vez que poderia dizer aquilo:

De repente, quero dizer outra vez, Paulo olhou-me com a força inigualável de sua mirada: forte, profunda, amorosa, na qual todo o seu ser expressou na imagem que ele expunha do mais dentro de si através de seu olhar, do mais íntimo de sua gentidade, de seu coração extremamente bom e disse-me, com força, com uma força de convicção amorosa que jamais vira: “Nita, te amo muito! Amo-te o mais que se pode amar” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 614 – aspas da autora – grifos nossos).

Até mesmo para evidenciar o caráter sensível, avesso à tragicidade, a biógrafa conta que Paulo Freire se despediu de forma suave, sem alardes, como podemos averiguar no excerto abaixo:

Hoje entendo que naquele momento Paulo pressentia, adivinhava a sua morte e não queria partir sem me dizer com enorme força de expressão o quanto me amava, o quanto tinha me amado por tantos anos de sua vida. Ele me comunicou isso sem alardes. Ele me fez fixar esse momento de despedida sem tragicidade, mas como um momento dramático de nossas vidas: a separação definitiva que ele adivinhava estar tão perto e que ele sentia que mesmo a alta tecnologia da medicina e a vontade dele e de todos e todas nós, não estava podendo evitar (FREIRE, Ana M., 2006, p. 614 – grifo nosso).

Apesar de sentir-se bem após o cateterismo, Paulo Freire às 20h05 teve um enfarte e ele fora submetido a uma nova intervenção cirúrgica para averiguação do quadro. Às 22 horas, Paulo é levado até à sala de cirurgia e os médicos afirmaram que havia ocorrido um pequeno rompimento de artérias na base de seu coração. De forma quase que, lírica, a biógrafa descreve o estado de saúde do escritor:

“Mais solidárias com a vida do que os homens e as mulheres com seus pares, as veias e artérias já tinham voltado a funcionar normalmente”. Fui me refazendo do medo, do terrível medo que invadia todo o meu ser. Do verdadeiro pavor de perder Paulo (FREIRE, Ana M., 2006, p. 615 – aspas da autora – grifo nosso).

Depois dessa nova intervenção cirúrgica, Paulo Freire é levado para a Unidade Semi-Intensiva para que passasse à noite e, aparentemente, apesar do susto a situação era estável, segundo palavras da própria médica que conforta a biógrafa:

“Nita, isso é por um excessivo cuidado que devemos ter com o Professor. Ele está muito bem e tudo se encaminha para seu total restabelecimento. Não tema, está tudo sob controle! Vá descansar!” E se o caso estiver contra nós, se um novo acidente acontecer?! Que garantias há que ele está realmente bem? De que tudo passou?”, perguntei querendo acreditar, mas ainda com medo e desconfiança.

“Não, Nita, lhe garanto que tudo está bem ! Nada acontecerá de ruim com seu marido! Tudo passou!”(FREIRE, Ana M., 2006, p. 615 – aspas da autora – grifo nosso).

Antes de ser sedado, a biógrafa conta que entrou com Paulo Freire na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), o viu ser acomodado e antes que ele dormisse, mantiveram um pequeno diálogo, o último:

“Nitinha, não me deixe morrer! Quero tanto viver!”. Respondi perguntando, mais certa após a conversa com Dra. Maristela de que as dificuldades tinham sido superadas, rindo alegremente “Você quer viver por mim, não é?” Três vezes perguntei e três vezes ele respondeu rindo também e me olhando firme, mas visivelmente muito cansado: “Também!!!” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 615 – aspas da autora – grifos nossos).

Paulo Freire demonstrava uma vontade interminável de vida por parte do educador, mesmo diante da iminência da morte, ele lutou até o fim. Porém, nessa mesma noite, outros enfartes foram aniquilando-o ao longo da madrugada. Para Ana Maria Freire, esposa do escritor e, também biógrafa, Paulo Freire:

Não reagiu a nenhum tratamento. As garantias da medicina são na verdade mais frágeis do que as garantias da vida. E a vida não tem garantias. Paulo morreu dormindo na UTI do Hospital Albert Einstein, de São Paulo, às 6h30 da manhã, do dia 2 de maio de 1997, quando seu coração parou definitivamente de funcionar, após algumas tentativas de reanimação. Morreu de “enfarte agudo do miocárdio, insuficiência coronariana, hipertensão arterial sistêmica” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 615 – aspas da autora).

E a biógrafa ainda continua:

Nada mais eu podia fazer! Lutei, lutamos tantos anos para afastar Paulo da morte. Eu estive por quase todos os minutos dos últimos dez anos de sua vida ao seu lado, cuidando dele, dando-lhe forças, dando-lhe minha alegria, dando-lhe meu amor, num esforço incansável de revitalizar as energias do seu corpo já de longa data tão frágil. Ele não queria morrer, eu queria tê-lo junto a mim por mais muitos anos, mas seu corpo não agüentou (FREIRE, Ana M., 2006, p. 615 – grifos nossos).

Ana Maria Freire, nas últimas páginas da parte VI, faz uma analogia entre a aparência inerte do biografado e de um provável encontro com Deus, “cara mansa, quase sorrindo, parecia que via Deus” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 616). Podemos relacionar tal alusão ao fato de Paulo Freire ter sido um homem muito digno, honrado e, principalmente, dotado de muita fé.

A biógrafa cruza grande parte das informações expressas na biografia e trabalha coadunando-as com algum fato da vida do escritor, por exemplo, relacionando a expressão física do escritor com sua fé religiosa. Outra menção feita com relação à motivação da morte de Paulo Freire diz respeito ao fumo excessivo bem como os tempos de exílio, além das incompreensões e injustiças que o escritor sofrera ao longo de sua vida como afirma a biógrafa:

Se o cigarro tirou-lhe certamente muitos anos de vida, se o exílio contribuiu para diminuir-lhe muito de sua convivência entre nós, não posso deixar de admitir também que tem peso na sua morte algumas incompreensões e injustiças que sofreu (FREIRE, Ana M., 2006, p. 616).

Evidenciando mais ainda a perda do escritor, a biógrafa enaltece a figura do biografado descrevendo a representatividade de sua perda:

A sua vida foi roubada dele mesmo e de nós, prematuramente, seu coração não aguentou. Partiu com sua capacidade crítica, com sua paciência impaciente, com sua coerência de vida. Com seu arrojo e prudência. Com sua mansidão indignada. Partiu deixando saudades imensas. Partiu deixando um patrimônio de grandeza pouco comum: de honradez, de comportamento ético e capacidade de amar que impregna toda a sua obra e práxis, todos os passos de sua vida. O amor, indubitavelmente, norteou e marcou a presença de Paulo como homem, intelectual e militante no mundo. Como pai, como amigo, e, não tenho receio de afirmar, sobretudo como marido (FREIRE, Ana M., 2006, p. 616 – grifos nossos).

É interessante observarmos também que, para a autora, a única coisa que poderia matar Paulo Freire seria o coração e, de fato, o foi, devido à capacidade imensa de amar aos outros, os que não conhecia e, mais ainda, aos que distinguia, segundo a biógrafa:

Paulo morreu da única coisa que o poderia matar: do coração. Seu coração dadivoso nunca tinha se poupado em oferecer-se aos que dele precisavam. Seu coração amoroso não suportou a malvadez e os desrespeitos praticados pelos invejosos e perversos sobre os fracos e oprimidos e oprimidas. Seu coração generoso não aguentou as dores do mundo. Paulo desgastou-se no amor. Por tanto amar. De muito e intensamente amar. Por sua valentia de tanto amar (FREIRE, Ana M., 2006, p. 616).

A autora ainda conta que, Frei Betto, antes de viajar para a Palestina foi até ao Hospital Albert Einstein despedir-se de Paulo Freire e escreveu essa carta, em homenagem ao amigo, intitulada *A leitura do mundo*:

“Ivo viu a uva”, ensinavam os manuais de alfabetização. Mas o professor Paulo Freire, com o seu método de alfabetizar conscientizando, fez adultos e crianças, no Brasil e na Guiné Bissau, na Índia e na Nicarágua, descobrirem que Ivo não viu apenas com os olhos. Viu também com a mente e se perguntou se uva é natureza ou cultura.

Ivo viu que a fruta não resulta do trabalho humano. É Criação, é natureza. Paulo Freire ensinou a Ivo que semear uva é ação humana na e sobre a natureza. É a mão, multi-ferramenta, despertando as potencialidades do fruto. Assim como o próprio ser humano foi semeado pela natureza em anos e anos de evolução do Cosmo.

Colher a uva, esmagá-la e transformá-la em vinho é cultura, assinalou Paulo Freire. O trabalho humaniza a natureza e, ao realizá-lo, o homem e a mulher se humanizam. Trabalho que instaura o nó de relações, a vida social. Graças ao professor, que iniciou sua pedagogia revolucionária com trabalhadores do SESI de Pernambuco, Ivo viu também que a uva é colhida por bóias-frias, que ganham pouco, e comercializada por atravessadores, que ganham melhor.

Ivo aprendeu com Paulo que, mesmo sem ainda saber ler, ele não é uma pessoa ignorante. Antes de aprender as letras, Ivo sabia erguer uma casa, tijolo a tijolo. O médico, o advogado ou o dentista, com todo o seu estudo, não era capaz de construir como Ivo. Paulo Freire ensinou a Ivo que não existe ninguém mais culto do que o outro, existem culturas paralelas, distintas, que se complementam na vida social.

Ivo viu a uva e Paulo Freire mostrou-lhe os cachos, a parreira, a plantação inteira. Ensinou a Ivo que a leitura de um texto é tanto melhor compreendida quanto mais se insere o texto no contexto do autor e do leitor. E dessa relação dialógica entre texto e contexto que Ivo extrai o pretexto pra agir. No início e no fim do aprendizado é a práxis de Ivo que importa. Práxis-teoria-práxis, num processo indutivo que torna o educando sujeito histórico.

Ivo viu a uva e não viu a ave que, de cima enxerga a parreira e não vê a uva. O que Ivo vê é diferente do que vê a ave. Assim, Paulo Freire ensinou a Ivo um princípio fundamental da epistemologia: a cabeça pensa onde os pés pisam. O mundo desigual pode ser lido pela ótica do opressor ou pela própria ótica do oprimido. Resulta uma leitura tão diferente uma da outra como entre a visão de Ptolomeu, ao observar o sistema solar com os pés na terra, e a de Copérnico, ao imaginar-se com os pés no Sol.

Agora Ivo vê a uva, a parreira e todas as relações sociais que fazem do fruto festa no cálice de vinho, mas já não vê Paulo Freire, que mergulhou no Amor na manhã de 2 de maio. Deixa-nos uma obra inestimável e um testemunho admirável de competência e coerência.

Paulo deveria estar em Cuba, onde receberia o título de *Doutor Honoris Causa*, da Universidade de Havana. Ao sentir dolorido seu coração que tanto amou, pediu que eu fosse representá-lo. De passagem marcada para Israel, não me foi possível atendê-lo. Contudo, antes de embarcar, fui rezar com Nita, sua mulher e os filhos, em torno de seu semblante tranqüilo. Paulo via Deus.

Nessa carta, observamos a percepção de um homem religioso quanto à vida e aos feitos de Paulo Freire. Frei Betto, a partir de sua carta, constrói um perfil do ser biografado, fazendo alusão ao método de Paulo Freire, tido como

inovador na medida em que usa *palavras geradoras*⁸⁹, como algo maior que apenas a educação formal, fruto de um conhecimento amplo, ancorado no contexto social e cultural a fim de formar e alfabetizar para a vida os menos favorecidos e oprimidos socialmente.

Aludindo ainda mais ao método de silabação do educador Paulo Freire, entre o início da carta de Frei Betto e sua continuação é inserida um cartum de autoria de Lailson, o qual foi publicado no Diário de Pernambuco, homenageando Paulo Freire, por ocasião de seu falecimento.

⁸⁹ Paulo Freire elegia algumas palavras que faziam parte do contexto do alfabetizando e a partir delas, dividindo-as em sílabas, dava início ao processo de alfabetização a partir da silabação e de seu desdobramentos.



Figura 19: Cartum, de autoria de Lailson, publicado no Diário de Pernambuco que homenageia o educador Paulo Freire – página 617.

Antes do fim da carta de Freio Betto, são transcritas *manchetes*⁹⁰ que noticiavam a morte do escritor Paulo Freire, com cenas de seu velório, cujo título enaltecia o como *educador dos oprimidos*. Já os jornais internacionais o tratavam como *El pedagogo de La liberación*, tamanha era a notoriedade de Paulo Freire.

⁹⁰ Não se faz oportuno reproduzir as manchetes aqui, mas elas se encontram, na obra, na página 618.

Após as manchetes e o fim da carta, a biógrafa enumera, quantitativamente, o número de pessoas que assinaram a lista de condolências no velório, realizado no *hall* do Teatro da PUC de São Paulo (Tuca), as coroas de flores que foram enviadas como sinal de pêsames à família do educador e os familiares e amigos que estiveram presentes na cerimônia. Ao listar números e as pessoas que se faziam prestimosas no momento do velório é como se a autora atribuísse mais valor à honra, mesmo que pós-morte, a imagem do educador fosse sublimada.

Assinaram a lista de condolências no velório, no Hall do Teatro da PUC de São Paulo (Tuca), cerca de setecentas pessoas e foram apostas junto ao seu corpo 59 coroas de flores. Após a missa de corpo presente co-celebrada por Pe. Júlio Lancelotti, Pe. Patrick Clark e o frei Gilberto Gorgulho o seu corpo saiu de sua antiga morada pedagógica – onde foi velado durante toda a noite por mim; os filhos dele, pelos meus filhos Ricardo e Heliana (os que viviam no Brasil), meus irmãos Miryam, Bel e José Antônio, que nunca me faltaram nas horas de alegria, mas sobretudo nessas de dor profunda; amigos; colegas de trabalho da PUC; correligionários do PT; educadores e educadoras e autoridades - num carro de bombeiros. O então governador de Pernambuco, Miguel Arraes, decretou luto oficial, em Pernambuco, por três dias, e o do Distrito Federal, Cristóvão Buarque, também o fez, pelo menos três dias. O ataúde estava coberto por duas bandeiras, a do Brasil e a do Partido dos Trabalhadores, e em suas mãos tinham-lhe colocado uma pedra de giz, como uma homenagem ao grande professor/educador que ele foi. Paulo foi sepultado no fim da manhã do dia 3 de maio de 1997, no Cemitério da Paz, em São Paulo, na Quadra 185, Sepultura 22 (FREIRE, Ana M., 2006, p, 619 – grifos nossos).

A biógrafa termina a biografia do educador falando sobre a escritura da lápide que Paulo Freire mandou colocar logo após a morte de sua primeira mulher, Elza Freire, a qual dizia:

Elza,

Quem me dera que eu pudesse
 Passar de um tempo ao outro
 Com a pressa e a maciez
 Com que as nuvem andam
 No fundo azul do céu

Paulo, 22-11-86.

Ainda de acordo com Ana Maria Freire, o educador, após conhecê-la, faz uma outra lápide e a coloca no túmulo de Elza Freire, dizendo a ex-esposa sobre o seu recomeço e a necessidade de se refazer, falando especificamente sobre a

continuidade que deu a sua vida casando-se com Ana Maria Freire, biógrafa do livro em análise.

Elza,

Corte fundo
 Dor intensa
 Noites sem amanhã
 Dias sem sentido
 Tempo coisificado, imobilizado
 Desespero, angústia, solidão.
 Foi preciso aceitar tua ausência
 Para que ela virasse presença
 Na saudade amena que tenho de ti
 Por isso voltei à vida
 Sem te negar.

Paulo, 24/10/91.

A biógrafa ainda salienta que embora a nova lápide date do ano de 1991, desde 1988 ela e Paulo Freire já viviam juntos. Ana Maria Freire ressalta que apesar da vontade do educador de inserir a segunda lápide, tal fato só acontecera três anos depois. De acordo com a autora, embora não o tenha feito, a placa que gostaria de por no jazigo que Paulo Freire fora enterrado é a que se segue, escrita no dia que o educador completaria 81 anos de idade.

Paulo,

Infância juventude maturidade
 Afetos sempre presentes
 Fascinação que se fez amor
 Paixão intensa profunda
 Carinhos trocados desejos nutridos
 Desejos vividos saciados
 Fascinação paixão maturidade
 Oferecemo-nos um ao outro nas
 Profundezas mais intensas do amor
 Da fascinação, da paixão que se fez amor
 um novo amor da fascinação nascido
 nascido do mais profundo de nossos seres
 Amantes de todos os tempos de
 Todas as horas de
 Todos os encontros
 Amantes na lua no sol
 No corpo da Vida
 Eternamente fascinação paixão amor

Nita.

Em 19.09.2002.

As palavras finais da biógrafa exprimem o que Paulo Freire significou para ela, revelando sua percepção acerca do biografado, negando qualquer valor que relegue a importância do educador, dando contorno a uma imagem heroificada, próxima à figura de um mito. É claro que, não negamos a importância e relevância de Paulo Freire para o cenário nacional e mundial, mas destacamos, nesse trecho final, como a figura do biografado foi construída de forma imaculada a fim de que seu vulto possa ser elemento balizador da conduta do que foi um grande homem, especialmente, dentro do cenário da educação.

Paulo morreu com toda a grandeza e inteireza do homem que foi: acreditando no povo, na esperança da construção de um Brasil melhor, na utopia da Justiça e da Paz, na libertação de todos os povos, com toda a sua pureza-menina, que só os homens, que regem suas vidas pela ética e pela dignidade, os sábios e os profetas, são. No gosto, no dom e na graça que é a VIDA, como sempre a entendeu e a sentiu, apesar das dores, das decepções e dos espantos que essa lhe determinou. No amor, que marcou a sua presença entre nós e deu, por fim, a face risonha, resignada e feliz ao Senhor. Finalizo, assim, esta biografia de Paulo Freire, tão dolorosa que foi para mim, permeada de momentos de extrema alegria, ao relembrar fatos, momentos, sentimentos e emoções e escrever sobre eles, com palavras dele, alegres palavras dele, porque mesmo falando de sua própria morte ele falava do mais fundo da sua alegria-menina de ter podido “voltar para casa”, de ter voltado ao seu querido país. De meninamente estar aberto à VIDA. De com gosto menino estar vivo. Paulo falava da alegria menina que norteou toda a sua vida até o dia de sua morte, de toda a sua *história de Vida*:

Puxa rapaz! A alegria menina continua vivíssima e menina ainda. Acho que ainda vou viver muito e morrer no Brasil. Pois bem, quando eu morrer, esta alegria ainda estará menina!

(FREIRE, Ana M., 2006, p. 621 – aspas e itálicos da autora – grifos nossos).

Embora a biógrafa afirme que Paulo Freire morreu com toda a grandeza e inteireza do homem que foi a partir de sua utopia de Justiça e de Paz, agindo diante da vida com pureza, ética e dignidade, somente como sábios e profetas os são, dando contorno a uma imagem heroificada, averiguamos que o seu dizer é entrecortado por outra voz.

Uma voz que reitera que essa imagem heroificada também apresenta traços de um indivíduo comum, embora a biógrafa queira, como vimos na *introdução*, apresentar a história de um ser que apresenta um tipo especial e singular de trajetória, como se essa pudesse representar um referencial de vida a

ser seguido, desconstruindo assim, qualquer possibilidade de erro ou fracasso, afastando a figura do biografado dos moldes da condição humana, do ser comum.

Ao reconstruirmos, ao final da análise, nossa tabela comparativa de fatos/relatos que aproximam o biografado de uma imagem heroificada a de um indivíduo comum, observamos que há um equilíbrio entre uma e outra:

IMAGEM HEROIFICADA	INDIVÍDUO COMUM
<p>1) Quero sublinhar aqui alguns traços de gente, as qualidades maiores de Paulo que faziam parte intrínseca da radicalidade de seu ser, de seu inteligir e do seu viver: sua generosidade; sua amorosidade; sua fé e crença nos homens e nas mulheres; sua esperança; sua simplicidade; sua curiosidade e ousadia no pensar; no fazer e no agir; seu constante bom humor e senso de justiça; sua capacidade de ser leal com tudo e com todos e a si próprio, sem se afastar do comportamento radicalmente ético; sua mansidão e forma respeitosa de estabelecer as relações de horizontalidade e de “brincar” com outro e a outra (p.565).</p> <p>2) Assim, foi dessa capacidade invulgar de <i>escutar</i> o povo, isto é, ouvir, acolher e elaborar as ideias, as razões, as necessidades, as aspirações, as dores e as alegrias dos homens e das mulheres comuns, que Paulo criou uma teoria do conhecimento tão concreta e engajada e tão revolucionária e rigorosamente científica (p.569-570).</p> <p>3) Esse estado de discernimento ético de Paulo alongou-se na sua teoria e práxis, marcando-as com seu <i>corpo consciente</i> e com sua alma dadivosa e lúcida (p.572).</p> <p>4) “Só exagerei quando Elza morreu e me sentia vazio, oco...sem perspectivas de vida. Somente por alguns meses...”, dizia com uma certa dose de censura a si próprio (p. 573).</p> <p>5) Ousado e forte, tinha medo de viajar de avião, mas isso não o impediu de voar pelos cinco continentes falando de sua obra, de seus sonhos democráticos, de que todos e todas fossem verdadeiros cidadãos de sua cidade e de seu país, de sua vontade de mudar o mundo..., enfatizando que mudar é difícil, mas é</p>	<p>1) Presenciei uma única vez Paulo ser vaiado em público, certamente a única em sua vida. Foi numa reunião com educadores e educadoras da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no Parque Anhembi (p.570).</p> <p>2) Paulo jamais desculpou aquele homem por sua capacidade de trair o povo, de se submeter ao poder, por considerá-lo covarde e maledicente, porque sei o quanto Paulo sabia amar, por isso mesmo mergulhar fundo na raiva (p.571).</p> <p>3) Não desculpou nunca os que foram para o “outro lado do rio”, expressão que usava para dizer dos que tinham negado os sonhos utópicos de justiça e democracia (p.571).</p> <p>4) Trabalhou intensamente desde muito jovem e dormia muito pouco até a sua maturidade. Na sua “velhice” sentiu necessidade de descansar, de diminuir, nunca de abandonar, o seu ritmo de trabalho (p.572).</p> <p>5) Assim, a comida típica do Nordeste, cujo sabor guardava na memória, era quase exclusiva em seu cardápio. Não trocava por nada uma “galinha de cabidela” servida com feijão ou um “peixe ao leite de coco” servido com feijão temperado com coentro e leite-de-coco” (p.573).</p> <p>6) Gostava de uma “cachacinha”, sobretudo da mineira, amarelinha; de um bom uísque e de uma maneira muito especial dos vinhos tintos que aprendera a beber e a apreciar nos tempos do Chile (p.573).</p> <p>7) “Quando cheguei à Europa, à Ásia ou aos Estados Unidos e convivi com milhares de pessoas que me diziam a <i>Pedagogia do Oprimido</i> mudou a minha vida, a minha leitura de mundo, trabalhei</p>

<p>possível (p.574).</p> <p>6) Tornou-se, por isso, verdadeiramente o “andarilho do óbvio”, o “caminhante da esperança”. Poderíamos considerá-lo um profeta, um “advinho” do amanhã, porque como ele mesmo dizia “profeta não é o homem de barbas brancas que vagueia pelas ruas com o seu cajado na mão, profeta é todo homem ou toda mulher que, porque vivendo radicalmente o hoje, pode prever o amanhã” (p.574).</p> <p>7) Sei que Paulo tampouco diria: “Fui eu que instiguei desde os anos 50 do século passado o povo a ir para as ruas lutar por seus direitos, pela democratização de nosso país”. Por que nunca se outorgou o direito de trazer para si as conquistas políticas de nosso país. Nunca colocou a coroa de louros em sua própria cabeça (p.575).</p> <p>8) “Minha mulher, aceites mais as fragilidades humanas...”. Paulo nunca dizia que uma pessoa era frágil, fraca, que cometia pecados, que mentia, que era incapaz de ser leal, de cumprir algum compromisso... dizia apenas: “É uma pessoa que tem mais fragilidades do que qualidades éticas...” (p.581).</p> <p>9) Ansioso, com uma sacola de livros seus editados em inglês, levados do Brasil especialmente para Kosik, e sua “capanga”, sua bolsa muitas vezes esquecida em lugares muito pouco propícios, findou deixando-a no táxi, que, tomado na rua em frente ao hotel, nos levou até a casa do filósofo da <i>Dialética do concreto</i>... Quando voltamos ao hotel, a moça da portaria nos avisou que um homem havia telefonado dizendo que tinha achado no seu táxi a bolsa de Paulo e viria no dia seguinte às 6 da manhã para restituí-la. Paulo então lhe pediu para fazer um favor: tirar todo o dinheiro da bolsa e doar ao homem (p.583).</p> <p>10) Poucos dias depois, convidei Marco e Cândida, sua esposa e uma das minhas melhores amigas, para irem à minha chácara, quando então ele nos brindou com uma sessão de esplêndidas piadas. Picantes e irreverentes, mas nenhuma delas desabonadora das mulheres. Nada preconceituosas quanto à questão de raça ou religião. Dessas, decididamente Paulo não gostava (p.588).</p> <p>11) As qualidades de Paulo eram evidentes, estavam expostas na sua corporeidade. Seu corpo pequeno, delgado, sem assombros de petulância ou empavonamento irradiava a leveza e a</p>	<p>em mim a questão da vaidade, pois é fácil e tentador perder a humildade ouvindo coisas como essa!” (p.581).</p> <p>8) Paulo foi muito mais do que zeloso a meu respeito, foi extremamente ciumento. Experimentei na minha vida com ele essa difícil ambiguidade de sentimentos no princípio de nossa vida de casados. Para mim os seus ciúmes eram ao mesmo tempo, de um lado, uma atitude lisonjeira e, de outro, possessivamente agressiva à minha pessoa, à minha privacidade, à minha postura de seriedade diante do parceiro escolhido, porque o queria, amava e respeitava (p.582).</p> <p>9) Lembro-me de que me disse um dia que, nos anos 50, já com filhas nascidas, ia vender a casa onde moravam para que um primo seu tivesse os recursos financeiros para fazer uma operação médica delicada e rara na época. Perguntei-lhe quando me contou essa história: “Paulo, você, Elza e as filhas ficariam sem a casa para morar, seu único patrimônio da família?”. Deu-me como resposta a de sempre, que não deixava dúvidas a quem o ouvia de seu grande, talvez “excessivo”, espírito de generosidade: “Nita, nasci nu e tenho tudo isso que tenho...” (p. 584-585).</p> <p>10) Paulo adorava o futebol e ia aos campos de jogo quando vivia no Recife. No seu retorno do exílio raramente foi ver ao vivo essa emoção e vibrar torcendo por um dos clubes populares – Santa Cruz, do Recife, e Corinthians, de São Paulo, pois nunca se sentiu dentro dos que tinham tradições elitistas. Torcia como menino. Calado, mas tinha muita raiva quando algum dos times populares brasileiros ou a seleção perdia a um jogo. Era um dos raros momentos em que Paulo “perdia completamente a razão” e se deixava tomar pela pura emoção era assistindo um desses jogos (p.586).</p> <p>11) Logo que casamos queixou-se intrigado com o fato: “Nita, as pessoas não me contam piadas! Por quê? Não sou tão sisudo assim...sou?”(p.588).</p> <p>12) Paulo esperou pacientemente calado quase setenta anos, exatamente até o Natal de 1995, quando eu descobri que um de seus desejos mais recônditos era “ganhar de presente uma bola de couro” (p.589).</p> <p>13) Quando Paulo voltou do exílio, descobriu que estava com a pressão arterial muito</p>
---	---

<p>pureza de sua alma sincera de menino que sempre foi; sua inteligência e perspicácia; sua amorosidade e paz; sua serenidade e aconchego; sua seriedade e bom humor; sua humildade e tolerância traduziam o que se passava em todo o seu ser (p.591).</p> <p>12) Desejou também assim morrer, e assim morreu: amando os justos e os oprimidos e oprimidas, trabalhando indignada e apaixonadamente. Amando. Sobretudo amando (p.592).</p> <p>13) Lembro-me de que eu mesma, desde o tempo em que ele era casado com Elza, lhe disse algumas vezes: “Paulo, por que você não exige passagens de classe executiva ou mesmo primeira classe quando vocês fazem voos de longas distâncias?” Ele, na sua humildade, sempre descartava essa hipótese: “Acho que posso continuar viajando na classe econômica, que não devo pedir mais...” (p. 596).</p> <p>14) É verdade, sempre e cada dia mais, fico a pensar e digo isso muitas vezes: meu marido teve uma capacidade de trabalho, absolutamente, inusitada. Posso dizer tranquilamente, sem medo de errar ou exagerar, que Paulo foi a pessoa que conheci que mais trabalhou. Trabalhou mansamente, desde muito jovem, sem agitação ou ansiedade, aparentemente sem fazer esforço nenhum, como se as suas decisões brotassem, espontaneamente, de seu corpo e sua mente (p.597).</p> <p>15) Partiu com sua capacidade crítica, com sua paciência impaciente, com sua coerência de vida. Com seu arrojo e prudência. Com sua mansidão indignada. Partiu deixando saudades imensas. Partiu deixando um patrimônio de grandeza pouco comum: de honradez, de comportamento ético e capacidade de amar que impregna toda a sua obra e práxis, todos os passos de sua vida. O amor, indubitavelmente, norteou e marcou a presença de Paulo como homem, intelectual e militante no mundo. Como pai, como amigo, e, não tenho receio de afirmar, sobretudo como marido (p.616).</p> <p>16) Paulo morreu da única coisa que o poderia matar: do coração. Seu coração dadivoso nunca tinha se poupado em oferecer-se aos que dele precisavam. Seu coração amoroso não suportou a malvez e os desrespeitos praticados pelos invejosos e perversos sobre os</p>	<p>elevada. Cuidava-se tomando medicamentos que estabilizavam essa doença (p.596).</p> <p>14) Posteriormente, com as nossas idas ao médico – pois eu tinha uma enorme preocupação com a saúde dele – diagnosticou-se que o problema não tinha sido gerado pela “volta ao seu país de origem”, mas pelo excesso de cigarros fumados desde jovem até o ano de 1978, quando parou de fumar (p.596).</p> <p>15) Tive uma dor no peito, Nita”, disse-me serenamente. “É forte”? “Como é essa dor”? “Você já teve essa dor antes, Paulo”?, perguntei-lhe assustada, muito aflita. “Não é nada... já passou” ... “nunca tive uma dor desta, mas já estou bem” (p.609).</p> <p>16) Um terrível medo de que os anos vividos com ele, amorosamente vividos, estivessem se acabando. Não era fácil aceitar que aquele homem tão amado e desejado, que tanto queria viver, era um ser finito, que a morte poderia vir e roubar-me o seu convívio (p.610).</p> <p>17) “Nitinha, não me deixe morrer! Quero tanto viver!” (p.615).</p>
--	--

<p>fracos e oprimidos e oprimidas. Seu coração generoso não aguentou as dores do mundo. Paulo desgastou-se no amor. Por tanto amar. De muito e intensamente amar. Por sua valentia de tanto amar (p.616).</p> <p>17) <u>Paulo morreu com toda a grandeza e inteireza do homem que foi: acreditando no povo, na esperança da construção de um Brasil melhor, na utopia da Justiça e da Paz, na libertação de todos os povos, com toda a sua pureza-menina, que só os homens, que regem suas vidas pela ética e pela dignidade, os sábios e os profetas, são.</u> No gosto, no dom e na graça que é a VIDA, como sempre a entendeu e a sentiu, apesar das dores, das decepções e dos espantos que essa lhe determinou. No amor, que marcou a sua presença entre nós e deu, por fim, a face risonha, resignada e feliz ao Senhor (p.616).</p>	
--	--

Figura 20: Tabela comparativa relativa a todos os relatos do capítulo XXII, parte VI, que aproximam Paulo Freire de uma imagem heroificada em oposição ao indivíduo comum.

No prefácio, os prefaciadores ressaltam as qualidades da biógrafa, primeiramente, ao negar⁹¹ que ela tenha heroificado a figura do biografado. Embora, quantitativamente, a voz da biógrafa seja entrecortada por um outro dizer, a de que Paulo Freire também era um indivíduo comum, percebemos que ela tendeu a escrever uma história que o heroificasse, especialmente se levarmos em consideração o *último excerto*⁹² destacado, porque ela o coloca como alguém grandioso, digno, até na condição de *sábio* e *profeta*, como vimos no último excerto analisado.

⁹¹ Reprodução do excerto que nega o caráter heroificado da biografia: As biografias de grandes figuras dificilmente escapam de deslizes num certo estilo épico, destinado a consagrar o caráter heroico do sujeito. Isso é inteiramente previsível, até porque, em geral, não se relata a vida de pessoas comuns. Poderíamos esperar esse mesmo roteiro desta biografia de Paulo Freire, que foi indiscutivelmente um dos grandes nomes da educação brasileira e mundial. Mas não é bem isso que acontece (FREIRE, Ana M., 2006, p.19 - Prefácio).

⁹² O último excerto encontra-se na página 171 do presente estudo.

Considerações finais

No primeiro capítulo apresentamos a figura de Paulo Freire, quem foi, sua origem, suas contribuições, seus feitos e livros e a relevância adquirida pelo educador no cenário nacional e internacional. Logo depois, expusemos os sujeitos discursivos que tecem a biografia a partir de suas vozes e discutimos a noção de *contrato de comunicação*.

Fez-se necessário, ainda no primeiro capítulo, que dedicássemos um subcapítulo para descrevermos a composição da obra a fim de situar o leitor e justificar a escolha de apenas alguns textos para a análise ao invés da obra em sua totalidade. Fizemos uma espécie de catalogação das partes constituintes da biografia, a partir de um panorama geral que contempla desde à capa até a quarta capa da obra. Propusemos, também, que nos textos *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução* se dá o estabelecimento da noção de *contrato de comunicação* proposta por Charaudeau (2008).

Para que esse contrato seja instituído, partimos do pressuposto de que o ato comunicativo estabelecido nesses excertos “envolve uma espécie de pacto entre as instâncias interlocutivas” (Mendonça, 2008, p.2), fazendo com que ali se veja os princípios reguladores e limítrofes do que pode e deve ser dito dentro de uma biografia escrita pela viúva do educador Paulo Freire, como a biógrafa mesmo atesta: “Como autora desta biografia decidirei o que dizer, como dizer, onde dizer, por que dizer, por que não dizer, consciente de que aquele que é lembrado nem tem chance de escolher a moldura nem o retrato emoldurado” (FREIRE, Ana M., 2006, p. 24).

Com o estabelecimento desse *contrato de comunicação*, tudo o que é expresso ao longo da obra está assegurado a partir dos *textos iniciais*⁹³, especialmente com o que foi dito na *Introdução*. Qualquer crítica que venha a ser construída com relação à obra e, principalmente, ao trabalho da biógrafa esbarra na proposição inicial desses textos.

Temos também outro ponto favorável com relação à *Apresentação* e ao *Prefácio*, uma vez que são assinados por pessoas que conviveram com o biografado e biógrafa e por apresentarem-se altamente valorativos com relação ao trabalho desenvolvido por Ana Maria Freire, ajudando a resguardar e a eximi-la de eventuais críticas quanto à obra, especialmente pelo caráter (auto) biográfico que ela assume, principalmente, na última parte do livro, *A gentidade de Paulo*.

Após a descrição de todos os aspectos composicionais da obra, apresentamos os conceitos referentes à *biografia*, *autobiografia* e *metabiografia* na visão de Viana Filho (1945), Vilas Boas (2008), Lejeune (2008) e Arfuch (2010) e discutimos também como se dá a construção do *espaço (auto) biográfico* na contemporaneidade, levando-se em consideração uma adoção mais ampla do caráter intertextual e interdiscursivo das narrativas.

O segundo capítulo destinou-se à análise dos textos que compõem o material de análise, *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução* a partir de uma perspectiva discursiva e sob a ótica do espaço (auto) biográfico a partir da perspectiva dos autores supracitados.

⁹³ Consideramos como textos iniciais a *Apresentação*, *Prefácio* e *Introdução*.

Ainda nesse mesmo capítulo, fizemos uma análise do *Discurso de posse de Paulo Freire* sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua proposta por Ascombe & Ducrot (1987), tendo como foco central a noção de *polifonia*. Dedicamos um subcapítulo ao estudo desse texto porque ele é o único em que é dada voz ao biografado. Ao analisá-lo, percebemos que tanto Paulo Freire quanto seu discurso são polifônicos, na medida em que, ao discursar, acaba por desvelar os vários papéis sociais assumidos ao longo de sua vida, dando voz a diversos enunciadores. Em todos os outros trechos da obra, sempre são feitas citações de fragmentos de entrevistas, pensamentos e livros do educador, mas nenhum é apresentado na íntegra e que seja possuidor de tanta representatividade quanto esse discurso.

O último excerto a ser analisado é referente à última parte do livro, capítulo XXII, intitulado *A gentidade de Paulo*, onde a autora se coloca, explicitamente, como biógrafa e também, personagem, caracterizando assim, uma narrativa do tipo homodiegética. Sabemos que no decorrer do processo biográfico há um movimento de transferência e contratransferência como bem nos alerta Vilas Boas (2008), mas temos consciência também que, apesar da existência dessa situação, esse texto é marcado por altas doses de subjetividade e o papel de biógrafa se funde com o de biografada também, corroborando assim, a nossa ideia inicial de pesquisa, a dimensão autobiográfica de um livro que se apresenta como biográfico apenas.

A partir das discussões teóricas e das análises implementadas ao longo desse trabalho, pudemos perceber que o *espaço (auto) biográfico* na atualidade é resultado de confluências múltiplas e que, na contemporaneidade, não há como situar as escritas/narrativas de vida a partir de amarras definidoras, tentando definir a que gênero pertence. Essa não identificação se dá tanto pela influência da indústria cultural que rege o mercado editorial bem como da pluralidade de públicos existentes e, também, pela própria constituição das matizes que perpassam tais registros.

Outro motivo que nos leva a pensar nessa incipiente reconfiguração do *espaço (auto) biográfico* diz respeito também à própria constituição do sujeito, multifacetado, clivado, exposto a essa *nova ordem global* cultural como salientou

Burke (2008). Como já foi dito, os sujeitos contemporâneos romperam com tantos paradigmas que buscam, hoje, nas *narrativas de vida*, elementos norteadores para balizarem suas vidas, espécies de *âncoras temporais* para que possam viver nesse mundo fluido e inconstante que surge junto ao processo de globalização social, econômico e principalmente, cultural.

Após discutirmos as questões relativas ao *espaço (auto) biográfico* e aos sujeitos desses discursos a partir das marcas linguístico-discursivas apreendidas na biografia, outro aspecto se faz presente para que o levemos em consideração, os movimentos dialógicos.

Todos os textos levam a assinatura de pessoas diferentes, ou seja, vozes plurais (com exceção da *introdução* e da *parte VI*, que são de autoria da própria biógrafa) que faz com que a biografia se desenhe a partir da perspectiva do outro, mesmo que essa seja constituída por uma infinidade de materiais historiográficos sobre vida e obra do biografado.

O último do texto do material de análise, *A gentidade de Paulo*, nos permite afirmar que, à medida que a biógrafa constrói o ser biografado ela acaba por revelar-se, fazendo com que, ao final da biografia conheçamos não só Paulo Freire, mas também Ana Maria Freire, tamanha é a riqueza de detalhes que ela fornece de sua vida para que conheçamos também o biografado.

Percebemos também que, ao revelar a vida do biografado, ela mostra uma parte de si fundamental para que a biografia se desenvolvesse, o seu caráter *pesquisadora*, mas em meio a tantos documentos e materiais historiográficos que se multiplicam na constituição do todo biográfico, reforçando o caráter *acadêmico* da biógrafa, alguns deslizos, até mesmo num certo estilo épico, tendem a heroificar o biografado, desvelando também, a porção admiradora, quase que, fã, da biógrafa. Podemos fazer tal afirmação, especialmente, se considerarmos o *último excerto*⁹⁴ analisado, o qual também finaliza a obra, que só denota qualificações que edificam a figura do biografado, aproximando-o de uma imagem heroificada.

Em contrapartida, embora tenhamos percebido que a biógrafa tente criar uma imagem heroificada do ser biografado, ela também expõe fatos/ traços que

⁹⁴ Estamos chamando de *último excerto*, a transcrição do trecho da obra que se encontra na página 171 desse trabalho.

dão contorno a um indivíduo comum como pudemos perceber na tabela comparativa feita ao final da análise. Se considerarmos que a biógrafa tenha tentado construir um relato próximo de uma figura heroificada, conseguimos perceber que outros discursos que a entrecortavam se fizeram presentes na tecitura biográfica, a de que Paulo Freire era também um indivíduo comum, revelando o movimento de *transferência* e *contratransferência* que Villas Boas (2008) enunciou nas narrativas de vida.

A partir do exposto, devemos ficar atentos com relação ao *processo (auto) biográfico* já que se trata de uma espécie de aperfeiçoamento na qual, o biógrafo (a) deve ter consciência da natureza subjetiva de suas próprias ações e reflexões. Os biografados não são tão consistentes, lógicos, simples e diretos como afirma Villas Boas (2008), a maioria dos biógrafos “tentam nos fazer crer pela via da ostentação de seus perdidos e achados a partir dos gigantescos arquivos de informações, suas memórias prodigiosas e suas ideias fixas” (p. 163) como pudemos perceber a partir da biografia em estudo.

Tudo isso nos faz pensar que essas novas concepções sobre a identidade de um indivíduo fragmentado e multifacetado (Hall, 2001) bem como esse novo arquétipo que se delinea acerca das *narrativas de vida* envolve uma articulação entre “o que é objetivo e subjetivo, entre a particularidade de uma experiência e a impressão de uma coletividade, entre marcas de uma tradição e posições cambiantes de sujeito” (Arfuch, 2010).

Em suma, é sob o signo da multiplicidade do *espaço (auto) biográfico* na contemporaneidade quanto de vozes que a *(auto) biografia Paulo Freire: uma história de vida* se constitui.

Referências Bibliográficas

- ALBANO, Adriana Helena de Oliveira. *No rastro dos Boitempos: considerações sobre poética memorialista em Drummond e dois contemporâneos seus*. (Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, São João del-Rei, 2005).
- AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAHIENSE, A.C. M. *Marguerite Duras: Do romance autobiográfico à autoficção*. (Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2010).
- BAKHTIN, Mikhail. *La poétique de Dostoievski*. Paris: Seuil, 1970.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1995.

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAUMAN, Sigmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Ed. Rocco, 2000.
- BARROS, Ana Thaís M. Portanova. *Jornalismo, magia e cotidiano*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2001.
- BARROS, Ana Thaís M. Portanova. *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano*. (Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2003).
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.
- BERGSCH, K. *Poder e saber em Michel Foucault*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo. Editora Unisinos, 2008.
- CALLADO, Ana Arruda. Apresentação. In: FREIRE, Ana M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006, p.15-17.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito* (com Bill Moyers). 21 ed. São Paulo: Palas Atenas, 2003.
- CASALI, Alípio & BARRETO, Vera. Prefácio. In: FREIRE, Ana M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006, p.19-22.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso. Modos de Organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- COURA-SOBRINHO, Jerônimo. Discurso, sujeitos da linguagem e contrato de comunicação. In: MACHADO, Ida Lúcia; MARI, Hugo e MELLO, Renato de (org.). *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do

Discurso, Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003.

CUNHA, Luiz & GOES, Moacyr. *O golpe na Educação*. 3 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

DRUMMOND, Thaís Ferreira. Ensaio biográfico e crítica da cultura. In: ANTELO, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luíza; ALMEIDA, Teresa Virgínia de (Org.). *Declínio da Arte e Ascensão da Cultura*, Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998. p. 97-109.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FREIRE, Ana M. *Crônicas de Amor: Nita e Paulo*. São Paulo: Olho D'água, 1998.

FREIRE, Ana M. Introdução. In: FREIRE, Ana M. A. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006, p.23-29.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: Editora: Unesp, 2005.

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1989.

GOLDFELD, Zélia. *Encontros de vida*. São Paulo: Record, 1997.

GUIMARÃES, Sérgio & FREIRE, Paulo. *Aprendendo com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, v. II.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HORTON, Myles & FREIRE, Paulo. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Trad. Vera Lúcia Mello Josceline. Prefácio e notas de Ana Maria Araújo Freire. Petrópolis: Vozes. 2002.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumento, mídia*. Trad. Sérgio Alcides. Seleção Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOCH, I.G.V.O A construção dos sentidos no texto: intertextualidade e polifonia. In: *Texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002.

- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Jovita Maria Gerheim Noronha (org.). Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LIMA, Venício. *Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.141.
- LIMA, Tereza Gomes de Almeida. *O pacto autobiográfico e os álbuns fotográficos*. Maringá, 2010 - ANAIS – ISSN 2177-6350, 2010.
- LYZARDO-DIAS, Dylia. *Um estudo discursivo de perfis biográficos*. Maringá, 2010 - ANAIS – ISSN 2177-6350, 2010.
- MACHADO, Ida Lúcia. Uma teoria de análise do discurso: a semiolinguística. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso- Fale/UFMG, 2001.
- MAZIERO, José Carlos. *Paulo Freire: um homem do seu tempo*. In: *Comunicação & Sociedade* n.25, 1996. p.95-113.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.
- MENDONÇA, Ricardo F. *Contratos comunicativos e ação situada: uma abordagem pragmática*. In: *Revista Compós*. Brasília, v.11, n.2, maio/agosto, 2008.
- MORAES, Carla R. Athayde. *Linguagem Verbal, argumentação e polifonia*. In: *UNIMONTES CIENTÍFICA*. Montes Claros, v.1, n.1, março, 2001.
- ROJAS, Carlos Antonio. La biografia como gênero historiográfico. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p.9-48.
- RONDELLI, Elizabeth & HERSCHMANN, Micael. *Os media e a construção do biográfico: a morte em cena*. In: *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v.12, n.1, maio 2000, p.10-18.
- SCHMIDT, Benito Bisso. *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANA FILHO, Luiz. *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografias & biógrafos*. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

Obra analisada:

FREIRE, Ana M. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006.

Site consultado:

Fonte: Instituto Paulo Freire. Acesso em: 21/11/2011 -

<http://w3.ualg.pt/~aalmeida/bibliografiagreire.pdf>

Livros de autoria de Paulo Freire:

- *Educação e atualidade brasileira*. Recife, Universidade Federal do Recife, 1959, 139 p. – Tese de concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação de Belas Artes de Pernambuco.
- *Alfabetização e conscientização*. Porto Alegre, Editora Emma, 1963.
- *prática da liberdade*. Introdução de Francisco C. Weffort. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, 150p.
- *Pedagogia do Oprimido* (manuscrito em português de 1968). Publicado com prefácio de Ernani Maria Flori. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1970, 218p.
- *Extensão ou Comunicação?* Prefácio de Jacques Chonchol e tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1971, 993p.
- *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- *Cartas a Guiné-Bissau*. Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977, 173 p.
- *Educação e Mudança*. Prefácio de Moacir Gadotti e tradução de Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979, 79 p.
- *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Moraes, 1980, 102 p.
- *A importância do ato de ler*. Prefácio de Antonio Joaquim Severino. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1982, 96 p.
- *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 168 p.
- *A educação na cidade*. São Paulo, Cortez, 1991, 144 p. Com prefácio de Moacir Gadotti.
- *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.

- *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo, Olho D'Água, 1993, 127 p.
- *Política e educação: ensaios*. São Paulo, Cortez, 1993, 119 p.
- *Cartas a Cristina*. Prefácio de Adriano S. Nogueira; notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo, Paz e Terra, 1994, 334 p.
- *À sombra desta mangueira*. São Paulo, Olho D'Água, 1995, 120 p.
- *Pedagogia da Autonomia*. Prefácio de Edna Castro de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Prefácio de Balduino A. Andreola. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

Livros escritos com outros autores:

- & CECCON; Claudius OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, OLIVEIRA, Miguel Darcy de. *Vivendo e Aprendendo. Experiências do IDAC em educação popular*. São Paulo, Brasiliense, 1980, 127p.
-& GUIMARÃES, S. *Sobre educação* (Diálogos), Vol. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, 132 p. (Educação e Comunicação).
-& GUIMARÃES, S. *Sobre educação* (Diálogos), Vol. 11. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
-& GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo, Cortez, 1985, 127p. (Educação contemporânea).
-& NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora. *Fazer escola conhecendo a vida*. Campinas, SP, Papyrus, 1986, 102 p. (Coleção Krisis).
-& MACEDO, Donald. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 167 p.
-& SCHOR, Ira. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 (5ª ed, 1995), 224 p. (Educação e Comunicação).
-; NOGUEIRA, Adriano; MAZZA, Débora, (org.). *Na escola que fazemos: uma reflexão interdisciplinar em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1988. 109 p.
-& NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1989, 68 p. (4ª ed, 1993).
-& D'ANTOLA, Arlete. *Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo*. São Paulo, EPU, 1989, 89 p.
-; DAMASCENO, Alberto; ARELARO, Lisete Regina Gomes. *Educação como ato político partidário*. 2 ed., São Paulo, Cortez, 1989, 247 p.

REPRODUÇÃO DO SUMÁRIO

Sumário

Apresentação

Uma biografia rigorosa/amorosa
Ana Arruda Callado 15

Prefácio

Alípio Casali e Vera Barreto 19

Introdução 23

Parte I – O SEU MAIS AUTÊNTICO CONTEXTO DE ORIGEM

1 Infância e adolescência 33

Sua primeira família 33

Sua leitura da palavra 42

Jaboatão: “Era como se estivesse morrendo um pouco. Hoje sei” 44

Sua escolarização secundária: a importância do Colégio Osvaldo Cruz,
do Recife, na sua formação humanística 48

Sua formação em nível superior: a Faculdade de Direito, do Recife 55

2 As primeiras experiências profissionais e seu gosto em ser professor 59

O professor de língua portuguesa, no Recife 59

- Sua práxis no SESI-PE 62
- Algumas outras práxis pedagógicas importantes, no Recife 84
- O professor universitário, na Universidade do Recife 92
- O técnico do Serviço de Extensão Cultural (SEC),
da Universidade do Recife 104
- 3 O educador revolucionário: II Congresso Nacional
de Educação de Adultos 115
- Os relatórios pernambucanos 116
- O relatório preliminar do Tema III, de Pernambuco 118
- O relatório final do Tema III, de Pernambuco 119
- Análise crítica 123
- 4 O educador político dos movimentos
socioeducacionais no Brasil 127
- O Movimento de Cultura Popular (MCP) 128
- A experiência de Angicos 137
- O Programa Nacional de Alfabetização (PNA) 143
- 5 O conflito ideológico brasileiro dos anos 60 153
- 6 Prisão 165
- O inquérito da Universidade do Recife 169
- O inquérito policial-militar no Quartel da 2ª Companhia
de Guardas do Recife 181
- O chamamento para um inquérito policial-militar no Rio de Janeiro 200

Parte II – O SEU CONTEXTO DE EMPRÉSTIMO

- 7 Exílio 205
- Bolívia 208
- Chile 210
- Estados Unidos 215
- Suíça 218
- África 224
- 8 O sonho da volta para o seu contexto de origem 237
- O pedido de *habeas corpus* 238
- Entrevistas dadas na Suíça antes da vinda ao Brasil 244
- A carta de Henfil ao general Geisel 254
- A luta pela “Anistia ampla, geral e irrestrita” 256

Parte III – O RETORNO AO SEU CONTEXTO DE ORIGEM

- 9 A volta para o Brasil 261**
 - Visitando São Paulo 262
 - Visitando o Rio de Janeiro 265
 - Visitando o Recife 269
 - O retorno definitivo ao seu contexto de origem 270

- 10 O educador político: novamente na academia 273**
 - Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 273
 - Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) 277
 - Outras atividades acadêmicas 282
 - A necessidade de desincompatibilização 284

- 11 O político educador 287**
 - Na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) 287
 - No Partido dos Trabalhadores (PT) 317
 - Vice-presidente, ministro da Educação, senador 320
 - No Instituto Cajamar (INCA) 324
 - Na Unesco 327

Parte IV – O SEU FAZER TEÓRICO

- 12 O “Método Paulo Freire” de alfabetização da palavra e do mundo dentro da sua compreensão de educação 331**
 - Como se constituiu o Método 336
 - A proposta ético-político-epistemológica 341
 - Seus passos cognitivos 343

- 13 As influências sobre sua vida e sua obra 349**

- 14 A sua compreensão do ato de ler/escrever e o modo como escrevia 365**

- 15 Sua obra teórica 375**
 - Algumas palavras sobre seus livros individuais 380
 - Os livros falados: diálogos com outros autores 392
 - Uma breve análise sobre sua literatura 393

- 16 Prefácios e outros papéis diversos 399**

- 17 Algumas cartas importantes 417
 Cartas recebidas 417
 Cartas enviadas 429
- 18 Influência, repercussão e atualidade de sua obra
 e sua práxis pelo mundo 451

Parte V – O RECONHECIMENTO PÚBLICO NO MUNDO

- 19 Homenagens ao homem e ao educador Paulo Freire 473
 Títulos de Doutor *Honoris Causa* 473
 Outros títulos acadêmicos honoríficos 479
 Títulos de Doutor *Honoris Causa* não recebidos por doença ou morte 480
 Títulos de cidadão/Reconhecimento fraterno 481
 Prêmios 484
 Homenagens diversas 486
 Estabelecimentos de ensino no Brasil com o nome de Paulo Freire 498
 Estabelecimentos de ensino no exterior com o nome de Paulo Freire 500
 Teatros, anfiteatros, auditórios e salas com o nome de Paulo Freire 500
 Diretórios e centros acadêmicos com o nome de Paulo Freire 501
 Praças, avenidas, ruas e conjuntos habitacionais
 com o nome de Paulo Freire 502
 Bibliotecas com o nome de Paulo Freire 503
 Cátedras com o nome de Paulo Freire 503
 Centros de pesquisas, documentação, informação, divulgação
 e estudos sobre Paulo Freire 504
 Bolsas de pesquisa de pós-graduação com o nome de Paulo Freire 507
 Monumentos, estátuas e pinturas 507
 Presidente honorário de instituições pelo mundo 511
 Letra de música popular brasileira 511
 Enredo de Escola de Samba do carnaval paulistano 512
 Medalhas, condecorações e prêmios com o nome de Paulo Freire 515
- 20 O educador para a paz 517
 Indicação para o Prêmio Nobel da Paz 517
 Prêmio Príncipe de Astúrias 520
- 21 Convites para lecionar em universidades pelo mundo 523
 Cornell University: Cátedra Andrew D. White 523
 Loyola University, em New Orleans 524

- University of Delaware, Newark 524
- Union Theological Seminary: Henry W. Luce Professorship 525
- University of California, Los Angeles 527
- Universitat de Girona: Cátedra Ferrater Mora de Pensament Contemporani 529
- Harvard University: Robert F. Kennedy Visiting Professorship 530
- Universität Hamburg: Cátedra Ernest Cassirer 532
- Stanford University: Cátedra Joaquim Nabuco 535
- British Columbia University 537

Parte VI – A GENTIDADE DE PAULO

- 22 O mais autêntico deste homem nordestino 541**
 - Sua vida com Elza e com Nita 541
 - Sua recifencidade 557
 - Suas virtudes, seus traços de gente, sua personalidade 565
 - Sua fé religiosa e a Teologia da libertação 593
 - Sua saúde e seus limites físicos 596
 - Seus últimos dias e sua morte 603

- Bibliografia de Paulo Freire 623**
 - Seus livros 623
 - Livros em parceria ou co-autoria 627

- Bibliografia citada 629**

Apêndice I

- Escolas inauguradas por Paulo Freire como secretário Municipal de Educação (SP) 631

Apêndice II

- Estabelecimentos de ensino no Brasil, por unidade federativa, com o nome de Paulo Freire 635

Apêndice III

- Praças, avenidas, ruas e conjuntos habitacionais com o nome de Paulo Freire 653

REPRODUÇÃO DA CÓPIA DO DISCURSO DE POSSE

"Eu tenho a impressão que se espera de quem toma posse de qualquer coisa um discurso que, de modo geral, se volta muito para o sujeito que toma posse de uma coisa qualquer e faz um discurso para quem não vem, faz um discurso dando uma série de explicações, defendendo-se, também, antes do tempo. E, afinal, ele não fala para quem veio, eu diria que ele não fala para o mundo inteiro, que justifica diretamente o seu discurso, ele fala para o outro mundo que também não pode ser de maneira nenhuma, desprezado.

O que eu queria agora era romper essa dicotomia entre os dois mundos e dizer a vocês que a fala que eu vou fazer aqui agora, precisamente porque se dirige ao mundo inteiro com o qual eu vou me dar, que vamos lidar nessa Secretaria, nesta casa, precisamente porque esta fala vai tocar diretamente neste mundo, toca também no outro.

Então, eu inverteo um pouco os papéis. Em lugar de fazer um discurso para o outro público que não esteja aqui, eu faço a esse público através de quem aqui está, através das educadoras, dos motoristas, dos zeladores, dos fazedores de merenda, com quem nós vamos trabalhar. Por isso, então, essa minha fala não vai ser muito metódica, muito didática, muito cheia de análises seguida de propostas, não. Uma fala que sendo afetiva como toda fala séria, também se faz rigorosa.

A primeira coisa que eu quero dizer a esse nosso primeiro mundo, o mundo da Secretaria da Educação, que portanto seria dito ao outro mundo necessariamente, a primeira coisa que eu quero dizer como anúncio de como a gente será ou de como estará sendo a Secretaria, é que nós chegamos aqui não como quem assalta, como

quem se apodera de algum espaço, de alguma coisa, não como quem se julga cheio de saber e que messianicamente, guiado por este saber, vai salvar o que a gente, *a priori*, considere perdido, não. Nós chegamos aqui e estamos chegando aqui, nessa casa, para humildemente cumprir com gosto um dever que nos fascina, um dever de educadores e, por isso, de políticos, com uma certa opção, é claro, por que não há educador neutro, por que não há educação neutra.

Eu costumo dizer que a única diferença entre mim e o educador que se diz neutro, é que ele sabe que não é e diz que é, e eu sei que não sou e digo que não sou. Esta é a única diferença porque na verdade, objetivamente, os dois não somos neutros.



Paulo sendo empossado como secretário da Educação da cidade de São Paulo, tendo à sua esquerda a prefeita Luiza Erundina de Souza.

Evidentemente que nós chegamos com nossas opções, nós chegamos a esta casa com uma certa clareza e fases de nossos sonhos. Isto é uma coisa que eu gostaria de insistir; às vezes a gente vê e se sente em certos intelectuais, até bons, um medo horrível em falar em sonho. Nós não temos esse medo. Nós estamos absolutamente convencidos de que a transformação da sociedade implica sonhar. Eu nunca esqueço a advertência de um grande líder africano, revolucionário, assassinado um pouco antes de que o seu povo ganhasse a luta, Amílcar Cabral, quando um dia falando a seus guerrilheiros, e às suas guerrilheiras, a seus companheiros de luta na floresta, num dos seminários que ele costumava fazer, de avaliações do trabalho, da luta, ele falou em sonho e um companheiro seu perguntou assustado se na verdade era possível pensar ou falar em sonho e revolução, sonho e transformação, sonho e libertação. E ele disse: "Ai das revoluções que não sonham porque estas estão fadadas a não fazer-se".

É isso mesmo, a transformação, o que ela tem de resposta a direitos negados de retificação das estruturas da sociedade, isto em si é um sonho a ser feito, por ser vivido, por ser realizado. A questão que se coloca a nós, os ideais com que sonhamos, é de só sonharmos os sonhos possíveis, e alguns que são agora impossíveis, para por eles lutar a tal ponto que ele se viabilizem. Então eu queria falar de alguns sonhos com que temos sonhado de imediato, por sonhos que temos sonhado neste mês em que nos reunimos, nos preparamos para chegar aqui hoje.

Por exemplo, o sonho de que a própria Secretaria de Educação se transforme pouco a pouco, se refaça e dê origem a um espaço de reflexão crítica e pedagógica. Talvez alguém dissesse que isso é um sonho bobo e que é até um sonho menor. Eu pessoalmente acho que isso é um sonho maior, é um sonho que tem que ver com a reformulação e com a re-compreensão da própria prática educativa dentro de uma Secretaria, quer dizer, que espaço é esse e o seu porquê.

Evidentemente que ao pensar assim e ao sonhar este sonho nós não estamos pensando em anular, e quero então deixar bem claro aos companheiros que estão aqui e que trabalham na burocracia desta casa, que nós estejamos pretendendo substituir os secretários, as secretárias, as datilógrafas, por técnicos em educação. Não, não é isto. Nós sabemos que o papel burocrático é absolutamente indispensável, nós precisamos da burocracia exatamente para viabilizar a reflexão. Mas o que nós precisamos é que essa burocracia jamais se alongue em burocratismo. Por exemplo, eu estou muito preocupado em acompanhar desde o momento da entrada de um papel qualquer, que eu não sei qual seja, dentro desta casa, para saber quantos dias ele leva para chegar ao Secretário. Eu quero saber como ele anda de mesinha em mesinha, como esses despachos provisórios, ouça-se a SEPLAN, ouça-se não sei quem. Eu quero ver se a gente diminui essa quantidade de gente a ser ouvida, se a gente dinamiza, se a gente diminui o tempo dos espaços dos papéis.

Não é possível que uma pessoa que precise de uma coisa qualquer com relação ao interesse de seu filho, e que o Secretário vai saber... Em primeiro lugar o Secretário não precisa estar despachando tudo. Nós vamos mudar isso porque eu quero é ir para a rua, não para a Av. Paulista propriamente que é até uma avenida de que eu gosto, mas eu quero ir é para o mundo da escola, é pra lá que eu quero ir. É claro que eu não posso ficar lá todo dia porque aí nós teríamos que pedir a nomeação de um outro secretário e aí não dá, com a crise que essa Secretaria se encontra, não dá para fazer dois secretários. Mas, o que eu quero é tempo para caminhar nos espaços desta cidade, nos espaços educativos, culturais, políticos desta cidade.

Então é um sonho fundamental o de a gente diminuir o poder da burocracia. Eu até diria a vocês, sem medo de errar, que o que a gente quer é respeitar, porque o que está acontecendo é o seguinte: quando a burocracia, se mitifica ela nos desrespeita e quando chega alguém que pretende romper com a mitificação da burocracia, a gente minimiza a burocracia. Não, o que a gente quer é reconhecer o trabalho importante que a buro-

cracia tem que cumprir mas freando a burocracia e não permitindo que ela se faça burocratismo.

Esse sonho tem necessariamente que ver com uma compreensão da escola, da rede, com a descentralização de uma série de coisas. Por exemplo, eu confesso a vocês eu não entendo como é que o secretário ou o diretor, a diretora de um departamento qualquer aqui neste edifício, precisa ser chamado atenção por que está faltando uma torneira em uma escola. As escolas têm que ter uma autonomia, não apenas à nível da materialidade mas as escolas precisam ser centros também, como o secretário desta casa, centros de reflexão. Lá estão mais ainda, sobre a prática que se dá na escola, isso faz parte da própria formação permanente da educadora. Então, a tentativa de diminuir a burocracia sem extingui-la, tem que ver com a nossa compreensão, e não única, do espaço da escola.

Outro sonho nosso que eu acho absolutamente viável e que tem que ver com isso que eu acabo de falar é o sonho da formação constante da educadora e do educador. Eu espero que já esta semana comecemos a discutir internamente sobre isso. Estou totalmente convencido pela própria prática a que eu me tenho dado durante todos esses anos, que a melhor forma que a gente tem de se inferir num processo permanente de formação é pensar a prática que a gente tem, é compreender a prática da gente inserida numa prática maior. Descobrir pensando sobre a prática da gente, distanciando-nos da prática da gente, objetivando a prática da gente, tomando-a nas mãos e descobrir a teoria embutida nela.

A questão que se coloca a nós, por exemplo, não é simplesmente a de convocar as professoras que trabalham com alfabetização de crianças e dar um curso a elas sobre Emilia Ferreiro, e dar um curso a elas sobre Ester Grossi. Falar de Emilia Ferreiro é claro, Emilia é uma das grandes pesquisadoras deste fim de século, eu tenho gosto até de ser pessoalmente camarada de Emilia. Para mim ela é uma enorme pesquisadora, mas não propriamente uma prática docente do campo da pedagogia. Claro que vamos continuar falando de Emilia, falando de Ester, que inclusive é hoje Secretária de Educação do PT em Porto Alegre. Eu estou tentando inclusive trazer para dentro desta equipe uma ex-orientanda minha, da Universidade de Campinas, que escreveu uma tese muito bonita de doutoramento sobre isso. Um trabalho de dois anos em que ela estudou toda a questão da tarefa, do papel da educadora diante dos meninos populares, fazendo a transição da sua oralidade e alcançando a escrita.

Mas a formação para mim melhor está em sentar, por exemplo, com as professoras que estão dando-se a uma experiência de alfabetização em uma certa área, para que cada uma fale dos obstáculos que está encontrando, como vem respondendo aos obstáculos e aí então se discute o que há de teórico no próprio processo de buscar a explicação do problema, e isso pode se dar em todos os ramos da atividade didática.

Nós não sabemos se vamos fazer exatamente assim, e isso é um pormenor, eu diria que nós não temos medo de dizer que não sabemos, porque sabemos exatamente o que vamos poder saber, partindo do que não sabemos.

Dentro deste campo de formação permanente, se coloca uma questão de que eu venho falando não a partir de hoje, não a partir de quando fui convidado por Erundina, mas há muito tempo, só que muita gente só está vendo agora e o que os jornais dizem ou não dizem é que esta questão está dando essa discussão que eu acho formidável inclusive, que é a questão da linguagem. Eu gostaria de dizer aqui, a este mundo interno da Secretaria, de dizer às professoras que não se preocupem porque eu não vou passar carão em professora nenhuma porque corrige. Eu nunca disse isso e até tenho razões filosóficas, epistemológicas muito sérias para dizer uma coisa dessas. É que eu sei que não há existência, e eu agora diminuiria até a amplitude do conceito, eu diria não há vida sem processo de autocorreção e correção, não há vida sem intervenção, não há crescimento sem intervenção, e a educadora, para cumprir bem seu trabalho tem que intervir e a intervenção implica também em corrigir.

A questão a que eu me referia não era essa. É que é preciso também saber corrigir, é que há também uma pedagogia da correção, isso sim. Então as professoras minhas amigas da Rede Municipal não se preocupem porque, pelo contrário, eu vou cobrar que corrijam. Agora, vamos saber *o que corrigir, como corrigir, para que corrigir*. E a questão tem que ver exatamente com esse problema da linguagem. Eu recentemente li também que Paulo Freire, demagogicamente, insiste em que as crianças populares devem ficar no erro “a gente cheguemos”.

Não, eu nunca disse isso porque acho que tenho um certo conhecimento que não me permitiria dizer uma coisa dessas que é muito infantil, não, infantil é uma ofensa aos meninos, que é uma incompetência enorme.

O que eu disse há muito tempo nesse país e fora dele é que não é possível entender linguagem sem corte de classe social, e ou problema das classes sociais não é uma invenção diabólica de Marx, quanto mais de Erundina. É preciso a gente ser um pouco curioso historicamente para saber que não é uma invenção demoníaca. Essa danada dessa classe social existe mesmo independentemente de quem quer que ela não exista ou de quem quer esconder sua existência. Ela existe de qualquer jeito e está presente na linguagem e não só na linguagem mas na cultura, no gosto de vestir, no gosto das cores, no gosto de um som mais alto ou menos alto de um alto-falante. Isso tudo tem a ver com a experiência de classe social e não é pecado reconhecer isso, pelo contrário, é seriedade.

Então, o que eu dizia é que a sintaxe, quer dizer, a estrutura de pensamento do menino, da menina popular, não é a mesma, a sua linguagem não é a mesma linguagem de minhas netas – quatro das quais estão aqui e eu até mando um beijo para elas que agora vão se acostumando a ver o avô diferente – e o que eu dizia, então, e vou dizer agora mais claro ainda, é que na verdade nós todos que trabalhamos na Secretaria da Educação não vamos pretender que os meninos proletários, os meninos das favelas, não tenham o direito de dominar o chamado padrão culto; é interessante, se ele é culto é porque existe um que não é, e eu me perguntaria: quem é que disse que o outro não é?

A nossa intenção é que os meninos dominem essa sintaxe também, que aprendam essa sintaxe, mesmo porque eles precisam e têm o direito de aprender. Agora, o que eu disse, vou repetir e é por isso que eu vou lutar, e foi por isso que eu disse a um chefe de jornal “eu vou brigar”, vou me empenhar, vou fazer de tudo para convencer as professoras de que essa coisa de estrutura de pensamento existe, para que então não continuemos a dar traços vermelhos nos trabalhos das crianças quando elas dizem “a gente fomos”. O por quê? Outro dia um grande lingüista da Universidade de Campinas, professor Wanderley, que vem nos ajudar com sua equipe extraordinária da Unicamp que se juntará a alguém da USP, para ele essa coisa é óbvia, não é demagogia, é ciência e é política. Ele me dizia: “Paulo, li sua entrevista e acrescentaria ao que tu disseste um ponto a mais, que eu vou repetir aqui e que eu acho excelente do ponto de vista pedagógico também. Paulo, no ensino das classes populares, no ensino da língua portuguesa, da sintaxe, o educador deve se preocupar ao máximo no sentido de evitar por dentro do corpo consciente do menino popular a noção castradora do erro, que o inibe de criar depois. É de tanto ouvir que “a gente fumos” não vale nada, é feio, é de tanto ouvir que se fala errado – vocês imaginem que há uma expressão que se usa para corrigir a linguagem popular, uma palavra horrível, corruptela, é até em si feia; feiúra, é isso corruptela – me dizia ele que quanto mais se insiste nisso tanto menos coragem de criar e de aventurar-se no próprio processo de aprendizagem a criança tem”. É isso que a gente está querendo, quer dizer, é tratar o menino popular carinhosamente, é mostrar que a sua linguagem também é bonita mas que ela não existe sozinha, que há uma outra forma de falar e de escrever e que essa outra forma também tem sua boniteza, por exemplo, agorinha mesmo eu estou falando esta outra forma que é na verdade a que eu domino e não há dúvida sobre isso, eu quando moço era professor de sintaxe mesmo e isso até que eu sei um pouco.

Então é isso, é ajudar ao menino popular a dominar a sintaxe outra, o chamado padrão culto, sem porém inferiorizá-lo porque fala o outro.

Então, eu acho que isso até merecia um certo elogiozinho e não uma crítica. Eu acho que está havendo uma pouca de incompreensão, de um lado e uma falta de leitura das coisas que eu digo há muito tempo, porque as críticas que fazem revelam ou dão a impressão de que eu estou falando pela primeira vez dessas coisas demagogicamente. Não meus amigos, eu falo disso há muito tempo, vocês é que não me liam, também porque não tinham necessidade disso, não precisavam. Quer dizer, esse é outro sonho que está ligado à esse da formação permanente da educadora, do educador, a que nós vamos na verdade nos dedicar.

O outro sonho que tem que ver com esta visão global que a gente vem tendo da educação é o da participação de toda a gente que se envolve na prática educativa. Mas não da participação para fazer favor a nós, não é isso, nós temos um enorme respeito pelos movimentos populares, e os movimentos populares não existem, do nosso ponto de vista, para respaldar nossa administração. Nós queremos e precisamos aprender com eles e ensinar também. Nós precisamos de uma participação direta do povo nas nossas escolas, uma participação das famílias que têm seus filhos na escola.

Nós queremos voz, afinal de contas, de quem tem que ver com a educação. E para nós, e o Moacir insiste muito nisso, para nós o homem ou a mulher que limpa o prédio da escola, que distribui a merenda é também educador, educadora. Não porque tenha feito curso nenhum mas há assim uma espécie de contaminação da prática educativa de dentro. Quanto mais nós, os chamados educadores, os chamados intelectuais educadores distanciamos quem está dentro da escola da tarefa educativa, tanto menos, como educador, essa pessoa fica no trato normal com os meninos.

Eu quero conversar com os zeladores, talvez vocês digam: "Paulo, dessa maneira você não vai ter tempo para outra coisa", mas eu quero conversar com os motoristas, é preciso saber ao final de contas como está composta a Secretaria, porque há uma Secretaria que não cito porque até já esqueci, que tem 175 motoristas para 60 carros, eu fico perguntando como se explica isso?... Eu estou curioso para saber como é aqui, quantos motoristas a gente tem aqui... – até que essa lista nós já temos – e quantos carros a gente tem aqui, para saber o que fazer como os motoristas.

Em última análise, minhas amigas e meus amigos, nós estamos chegando a esta casa hoje humildes, mas não com uma humildade tática, por que para nós ou a humildade é substantiva ou não é, e nós não estamos taticamente humildes. Nós optamos por criar em nós essas virtudes, quer dizer, nós precisamos ser humildes não para agradar aos outros, mas porque esta é a forma fundamental de se ser um educador progressista.

Nós estamos dispostos a evitar qualquer tentativa de ser impaciente com esta casa, como também rejeitamos ser só pacientes. Nós nos damos, de hoje em diante, à mudança desta casa, à mudança da educação da cidade de São Paulo, nós nos damos de forma impientemente paciente. Eu vou fazer um apelo para que nós pensemos sobre uma série de virtudes ou de qualidades que são fundamentais a educadores e educadoras que pretendem uma mudança com relação a uma série que se dão neste país.

Para terminar, claro que eu não vim aqui hoje, como disse, fazer um discurso pro mundo de fora, mas para este mundo, então alcançar também o de fora. Eu não vim fazer a exposição do plano de educação mas vim trazer propostas, que já temos parte na cabeça, para serem discutidas com as bases, nós não somos autoritários. Fica aqui esta conversa, mas para afetividade que para outra coisa, mas para deixar claros alguns aspectos de como somos e de como estaremos sendo.

Agora para terminar, de forma um pouco diferente, eu gostaria de trazer a vocês a minha robusta indignação diante da irresponsabilidade ou de uma irresponsabilidade a mais neste país, que resultou nesse assassinato no Rio de Janeiro anteontem.

Minha mulher dizia a mim isto hoje, esse país todinho devia ficar de pé, protestando contra essa irresponsabilidade total, absoluta. Quer dizer, nosso país alcançou níveis de irresponsabilidade política, social e pública. O descaso da coisa pública é contra quem nós precisamos na verdade lutar.

Muito obrigado, era isso que eu queria dizer como começo de conversa.”